



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V  
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL**

**DISPUTA PELO PODER EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS (BA):  
BEIJA-FLORES E JACU EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO POLÍTICA  
(1976 -1988)**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS**

**MARCOS SOUZA BATISTA**

**DISPUTA PELO PODER EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS (BA):  
BEIJA-FLORES E JACU EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO POLÍTICA  
(1976 -1988)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local do Departamento de Ciências Humanas – Campus V, Santo Antônio de Jesus, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientação: Profa. Dra. Sara Oliveira Farias.

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS  
2021**

**Marcos Souza Batista**

**DISPUTA PELO PODER EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS (BA):  
BEIJA-FLOR E JACU EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO POLÍTICA  
(1976 -1988)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local do Departamento de Ciências Humanas – Campus V, Santo Antônio de Jesus, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2021.

Banca Examinadora

---

Prof. Dra. Sara Oliveira Farias  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Alex Andrade Costa  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Examinador

---

Profa. Dra. Cristina Monteiro de Andrada Luna  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Examinadora

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

B333 Batista, Marcos Souza

Disputa pelo poder em Santo Antônio de Jesus (BA): Beija-flor e Jacu em tempos de transição política. / Marcos Souza. --- 2021.

191 f. : il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sara Oliveira Farias

Dissertação (mestrado) Universidade do Estado da Bahia- (UNEB) - Campus V, 2021. Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local.

1. História política – Santo Antonio de Jesus. 2. Grupos políticos. 3. Disputa política. 4. Beija-flor – Jacu. I. Farias, Sara Oliveira. II. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. III. Título

CDD: 981.42

Para Marinalva Souza Batista, minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelas bênçãos recebidas e por estar a todo o tempo ao meu lado, me dando sabedoria, conforto e me conduzindo.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sara Oliveira Farias, por cruzar meu caminho, “iluminado” meus pensamentos, e acreditar no meu potencial. Ela a todo momento me auxiliou com suas necessárias sugestões, de forma paciente e de nenhuma maneira impositiva.

Também agradeço a professora Sara, por não deixar que nossa relação fosse só uma mera formalidade acadêmica, mas ter dado oportunidade de construir e consolidar uma amizade que será para toda vida.

À professora Cristina Monteiro de Andrada Luna, que faz parte da minha vida acadêmica desde da graduação e Iniciação Científica; pessoa muito especial, que também acreditou em meu potencial e sempre me motivou nos momentos de conflitos, com dedicação, colaboração e paciência. Assim como a professora Sara, também permitiu-se consolidar uma amizade que ultrapassou os muros da UNEB.

Ao professor Alex Andrade Costa, por aceitar fazer parte da banca examinadora e agregar a este trabalho grandes contribuições.

À minha mãe (Marinalva), que esteve ao meu lado e, com orgulho, me deu o apoio que precisava para seguir em frente. Aos meus irmãos Jorge Filho, Robson, Daniel, André; que me incentivaram e acreditaram que eu conseguiria.

Agradeço a todos os meus amigo(a)s que me apoiaram nessa jornada. Sou grato em particular a Anna Paula Carvalho, Prof.<sup>a</sup> Angela Cristina G. Santos, Cloildo Fonseca, Francisco Assis (Chico do Colegiado de História), Nailson Nascimento, Helder Geovane, Milena, Roberto Mercês, e outros; que sempre estiveram comigo.

Agradeço às amigas, Fabiana Nunes, Jackeline Póvoas e Ana Paula de Jesus (Paulinha), fundamentais no processo de pesquisa e escrita da dissertação.

A Jackeline Póvoas Santos de Andrade, que acreditou na minha pesquisa e, concedeu documentos raríssimos de seu arquivo particular.

A Rosangela Machado, por também acreditar no meu trabalho e me ceder documentos particulares.

Aos colegas do Mestrado, em especial a Sandra Santos e Gerluce, que sempre esteve comigo nessa caminhada.

À secretaria do mestrado, Ane e Helder, muito obrigado!

Aos funcionários da Câmara de Vereadores de Santo Antônio de Jesus.

Ao Arquivo Público Municipal.

À CAPES, pela concessão da Bolsa, que me deu maior tranquilidade para concluir a pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que passaram em minha vida e, de alguma forma, deixaram suas marcas.

## RESUMO

Conhecido como a capital do Recôncavo Baiano, devido à pujança de seu comércio e setor de serviços, Santo Antônio de Jesus é um município marcado em sua história política da segunda metade do século XX por um fenômeno político comum a outras cidades do interior baiano e nordestino: a disputa de duas agremiações de direita conhecidas por nomes de pássaros – a Beija-flor e a Jacu. Constituídos no início da década de 1960, esses grupos tinham lideranças oriundas de um mesmo segmento socioeconômico e pertencentes aos mesmos partidos políticos, contudo, devido a questões privadas, acabaram rivais na política do município já naquela década, mas ainda hoje. O recorte temporal da pesquisa (1976-1978) coincide com o início da decadência da Ditadura Civil-Militar implantada no Brasil em 1964. Nesse período, a política local assistiu ao surgimento de dois líderes, colegas de profissão (médicos): do grupo Beija-Flor, Renato Machado (1935-1997); do Jacu, Ursicino Pinto de Queiroz (1937-2007). Em diferentes momentos, cada um conseguiu levar sua agremiação ao poder no município e, em articulação com o líder do grupo político hegemônico do Estado – Antônio Carlos Magalhães (1927-2007) –, apoiador dos militares à frente do governo nacional, mantê-lo em sua posição até as eleições de 1985 quando, já em pleno processo de Redemocratização, ascendeu ao governo da Bahia o grupo anti-carlista. Nesse contexto, no nível local, ambos os grupos criaram estratégias discursivas e práticas políticas populares (clientelismo e populismo) para chegar ou permanecer no poder.

**Palavras-chave:** Santo Antônio de Jesus: 1976-1985. Grupos políticos: disputas e articulações. Beija-flor e Jacu.



## ABSTRACT

Known as the capital of the Bahian Hollow, cause of the strength of its trade and third sector, Santo Antônio de Jesus is a municipality marked in its 20<sup>th</sup> century second half political history by a political phenomenon common to other cities in the interior of Bahia and the Northeast: the dispute between two right-spectrum associations named as of birds – *Beija-flor* 'hummingbird' and *Jacu* 'guan'. Established in the early 1960s, these groups had leaders from the same socioeconomic segment and from the same political party, however, due to private issues, they became rivals in the city's politics that time, but still today. The period of the research (1976-1978) coincides with the beginning of the decay of the Civil-Military Dictatorship implemented in Brazil in 1964. During this period, local politics saw the emergence of two leaders, professional colleagues (doctors): from the Beija-flor group -Flor, Renato Machado (1935-1997); from Jacu, Ursicino Pinto de Queiroz (1937-2007). In different times, each one managed to bring his association to the City Hall and, in articulation with the State hegemonic political group leader – Antônio Carlos Magalhães (1927-2007) –, supporter of the military at the head of the national government, to keep it in his position until the 1985 elections when, already in the middle of the process of Redemocratization, the anti-Carlist group rose to the government of Bahia. In this context, at the local level, both groups created discursive strategies and popular political practices (clientelism and populism) to reach or remain in power.

**Keywords:** Santo Antônio de Jesus: 1976-1985. Political groups: disputes and articulations. Beija-flor e Jacu.

## LISTA DE SIGLAS

ACM	– Antônio Carlos Magalhães
ADS	– Aliança Democrática Santantoniense
AI	– Ato Institucional
AI-2	– Ato Institucional número dois
AI-5	– Ato Institucional número cinco
ALER	– Academia de Letras do Recôncavo
AME	– Atendimentos Médicos
AP	– Ação Popular
ARENA	– Aliança Renovadora Nacional
ASL	– Academia Santantoniense de Letras
BNB	– Banco do Nordeste do Brasil
CERIN	– Centro Regional Integrado
CNM	– Confederação
CHESF	– Companhia Hidroelétrica do São Francisco
CPC	– Centro Popular de Cultura
CPDOC	– Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DCH	– Departamento de Ciências Humanas
EMBASA	- Empresa Baiana de Águas e Saneamento
ESG	– Escola Superior de Guerra
FGV	- Fundação Getúlio Vargas
FFPSAJ	– Faculdade de Formação de Professores de Santo Antônio de Jesus
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
(P)MDB	– (Partido) Movimento Democrático Brasileiro
PCB	– Partido Comunista Brasileiro
PDS	– Partido Democrático Social
PFL	– Partido da Frente Liberal
PL	– Partido Liberal
PP	– Partido Progressista
PSDB	– Partido da Social Democracia Brasileira
PR	– Partido Republicano
PTB	– Partido Trabalhista Brasileiro
IBAD	– Instituto Brasileiro de Ação Democrática
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	– Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
ITR	– Imposto Territorial Rural
SAJ	– Santo Antônio de Jesus
TCU	- Tribunal de Contas da União
TSE	– Tribunal Superior Eleitoral
UDN	– União Democrática Nacional
UFBA	– Universidade Federal da Bahia
UNEB	– Universidade do Estado da Bahia
URMEC	– Urgências Médica Cirúrgicas
UVB	– União dos Vereadores da Bahia

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Localização de Santo Antônio de Jesus, 17 .....	28
Imagem 2: Praça da feira: Santo Antônio de Jesus, BA – 1957 .....	42
Imagem 3: Entrada da UNEB .....	62
Imagem 4: Diploma da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de 1959 ....	72
Imagem 5: Ursicino Pinto de Queiroz .....	78
Imagem 6: Renato M. G. Machado .....	78
Imagem 7: Algumas zonas rurais do município (1960 e metade de 1970) .....	81
Imagem 8: Campanha eleitoral de 1976 .....	87
Imagem 9: Inauguração de um posto de saúde .....	93
Imagem 10: Chegada de ACM no Estádio Municipal em maio de 1980 .....	94
Imagem 11: Jegue-trio em uma das suas apresentações .....	103
Imagem 12: Distribuição dos grupos políticos nos bairros em Santo Antônio de Jesus em 1982 .....	106
Imagem 13: Anfiteatro na Praça Padre Matheus .....	115
Imagem 14: Foto da formatura de Lourdes .....	122
Imagem 15: Praça da Sé, São Paulo, 1984 .....	137
Imagem 16: Discurso de Renato Machado na Praça Evangelista .....	146
Imagem 17: Carta Aberta - Jornal A TARDE, 1986 .....	151
Imagem 18: Ademário dando entrevista à Rádio Clube AM .....	161

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resultado da eleição para governador em 1962 .....	30
Quadro 2: Dados da população de Santo Antônio de Jesus no ano de 1970 ...	36
Quadro 3: Vereadores eleitos para legislar os anos de 1963 a 1966 .....	37
Quadro 4: Eleição de 1972, em três cidade do Recôncavo Baiano .....	60
Quadro 5: Convenção do diretório de 1976 .....	63
Quadro 6: Censo demográfico de 1960 na Bahia .....	71
Quadro 7: Boletim Eleitoral nº 340 .....	91
Quadro 8: Rendimento médio mensal da população economicamente ativa por sexo, 1980 .....	97
Quadro 9: Vereadores eleitos para legislar os anos de 1983 a 1988 .....	109
Quadro 10: Posicionamento dos grupos Beija-flor e Jacu no interior de seus partidos durante as eleições municipais entre 1967 e 1982 .....	154
Quadro 11: Ocupações do vereador Ademário Francisco dos Santos na Câmara .....	163

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	12
2 - GRUPOS POLÍTICOS: RUPTURAS E CONSTRUÇÕES NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1960 .....	23
2.1 Um breve panorama histórico do município de Santo Antônio de Jesus .....	23
2.2 O cenário político dos primeiros anos da década 1960 no Brasil e na Bahia	26
2.3 Beija-flor: Grupo político surgido de uma dissidência .....	31
2.4 Da divergência ao rompimento: Jacu como grupo político de oposição ao Beija-flor .....	41
2.5 Grupos Políticos e Partidos Políticos: “duas faces da mesma moeda” .....	44
3 - ELEIÇÕES E DITADURA: AS CONTRUÇÕES DOS DOIS LÍDERES EXPRESSIVOS DO BEIJA-FLORE E DO JACU (1976 A 1988) .....	50
3.1 A adesão dos grupos políticos ao governo militar .....	50
3.2 De amigos a rivais: Ursicino Pinto de Queiroz X Renato Machado na luta pelo poder . .....	64
3.3 “O povo vai mudar”: com o Ursicino Pinto de Queiroz, o Jacu tem sua primeira vitória em 1976 .....	78
3.4 “Estou voltando pra casa”: nem Jacu, nem PMDB, o povo quer de volta o Beija-flor (1983-1988) .....	100
4 - MEMÓRIAS COMO CONSTRUTORAS BASILARES DAS AGREMIÇÕES E EVENTOS POLÍTICOS MARCANTES NA DÉCADA DE 1980 .....	119
4.1 O Jacu é da elite e o Beija-flor é do pobre? Discursos construídos sobre os dois grupos políticos .....	119
4.2 Da Ditadura à Democracia: mudam os sistemas, permanecem os grupos.	136
4.3 O discurso-adeus do grande Beija-flor: da disputa da presidência da Câmara de Vereadores ao rompimento do Beija-flor e o falecimento de Ademário Francisco dos Santos em 1987 .....	159
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	176

## REFERÊNCIAS

## 1 - INTRODUÇÃO

“Longe de ser simplesmente reprodução do passado, o conhecimento histórico é a reelaboração deste, porque passa inevitavelmente pela conceptualização. Conhecer historicamente, é com efeito substituir um lado bruto [...]”  
Henri Marrou (1975)

O retrato mais frequente que ainda presenciamos em tempos de eleições municipais em Santo Antônio de Jesus, na Bahia, é a divisão dos candidatos em duas agremiações políticas de **direita**<sup>1</sup> com nomes de pássaros. De um lado está o Beija-flor com suas cores azul, vermelho e branco; do outro, o Jacu, colorido de vermelho, amarelo e branco. São heranças políticas que tiveram suas construções iniciadas nos primeiros anos da década de 1960. Quem nasceu em Santo Antônio de Jesus, sabe que a cada quatro anos o local sai de seu cotidiano natural, evidenciando acirramentos de conflitos que acabam inevitavelmente dividindo o município no período eleitoral. Bares, farmácias, barbearias, padarias, feira-livre, em suma, locais públicos viram espaços de polarização, saindo até mesmo da esfera política e adentrando em discussões de foros íntimos.

Como habitante da cidade, por várias vezes, presenciei com meus irmãos, amigos, primos e outros conhecidos, no início da década de 1990, discussões de pessoas defendendo ou o Beija-flor ou o Jacu. Meus pais, por exemplo, no ambiente do lar, reproduziram a divisão política dos santoantonienses, já que meu pai (Jorge) era de uma família que se considerava Jacu de ninho (termo que, no linguajar popular, define eleitores que nunca mudaram de lado), que além de apoiar, fazia campanhas políticas para o grupo; já minha mãe (Marinalva) se diz Beija-flor até morrer, afirma ser Beija-florista desde quando nasceu, ou seja, em seu entender é “Beija-flor de raiz”. Isso implica dizer que inevitavelmente nós, os filhos, estávamos no meio de duas bandeiras opostas e fortemente rivais por décadas.

Pertencer a algum desses dois grupos naquele momento era fazer parte de uma família política e brigar sempre que necessário para defender seus

---

<sup>1</sup> Viés político que, de maneira geral, preocupa-se com a defesa da propriedade privada, da tradição, da herança e dos costumes conservadores.

irmãos (integrantes e eleitores) e principalmente seus pais (líderes políticos), geralmente os senhores conhecidos pelos seus *status* na cidade. Em contrapartida, as agremiações uniam indivíduos, famílias, etc., que tinham objetivos particulares e coletivos, provenientes do setor político.

A política do Beija-flor e do Jacu sempre estiveram presentes na minha vida, já que nasci, me criei e vivo no município santo-antoniense. Muitas curiosidades sobre essas agremiações já circundaram minha mente, porém, no passado, não procurei entendê-las como um dos componentes estruturais da sociedade local.

A minha curiosidade saiu do campo da especulação e foi para o universo da pesquisa real, quando entrei na UNEB, onde fiz minha graduação com bolsa de Iniciação Científica, tendo como objeto de pesquisa as duas agremiações políticas, o que se desdobrou na minha monografia, apresentada no ano de 2016, para a obtenção do título de licenciado em História.

Foi a partir de minha pesquisa sobre esses dois grupos políticos que observei resistências e incômodos de muitos historiadores em estudar agremiações e políticos de direita. Em eventos fora de Santo Antônio de Jesus, quando apresentava meu trabalho, percebia que alguns integrantes (apresentadores de pesquisas) viam com estranheza esses grupos com nomes de pássaros e o meu desejo de estudá-los. Sabe-se que por muito tempo a história política ficou fora das prioridades das discussões acadêmicas. Contudo, apesar destas concepções, com o advento da Nova História Política, a partir da década de 80, a discussão sobre o poder retornou com novas abordagens, destacando, inclusive, as relações políticas e sociais com o surgimento de novos objetos de estudo e novas teorias e conceitos.

Outra resistência que percebi foi em relação à temporalidade do trabalho, ou seja, na “história do tempo presente”, a qual vem se constituindo gradativamente como campo de estudo para alguns pesquisadores, pois, como se sabe, esse tempo histórico por um longo período foi marginalizado e pouco valorizado. Ferreira (2001) salienta, que “historiadores [...] durante muito tempo alimentaram desconfianças em estudar períodos mais recentes”. Isso porque a noção de história do tempo presente remete a uma noção ao mesmo momento banalizada, questionável e ainda inconstante, como diz Ferreira (2002), uma baliza móvel.

O presente trabalho se propõe a fazer uma reflexão histórico-política dos grupos Beija-flor e Jacu no município de Santo Antônio de Jesus (Bahia), agremiações que conseguiram dividir a cidade em partes geográficas, econômica, em grupos sociais e principalmente em espaços eleitorais, com forte aparato do governo estadual e dos militares à frente do poder executivo nacional desde 1964, fato que favoreceu a manutenção das duas agremiações no poder de forma alternada por mais de duas décadas, especificamente vinte e seis anos.

O recorte temporal foi delimitado entre os anos de 1976 a 1988, período que abarca a ditadura, a transição política e a redemocratização. Com esse cenário político nacional, do qual Santo Antônio de Jesus não estava isolada, assistiu às duas únicas facções políticas de direita e apoiadoras do regime ditatorial vigente, dominar o governo local de forma revezada. De um lado, o Beija-flor era liderado pelo médico Renato Maximiliano Gordilho Machado (Renato Machado), prefeito de 1983 a 1988 pelo Partido Democrático Social (PDS); do outro, o Jacu, fruto de uma ruptura do Beija-flor, foi liderado pelo também médico Ursicino Pinto de Queiroz, prefeito pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), de 1977 a 1983. Com a ascensão dessas lideranças, a cidade teve maior visibilidade política e econômica na Bahia e em particular na região do Recôncavo Sul baiano.

A História Política é a norteadora desta dissertação e a principal orientação nesse campo é a organizada por Rémond (1988), que contém artigos de diversos autores que trabalham nesse campo. Na introdução, o organizador defende a relevância do campo, visto na França daquela época como algo menos importante em comparação com a História Cultural, das Mentalidades, com a Microhistória, etc. Contudo, a obra atrela aquele campo de conhecimento ao advento do que ficou conhecido como Nova História e de uma Nova História Política, a partir da década de 80, quando vemos discussões significativas sobre o **poder**<sup>2</sup>, dando um novo enfoque a esses debates com pesquisas fundamentadas na compreensão de que o político não está só na dimensão do Estado, mas nos vários domínios sociais: “o político se estende também as coletividades territoriais e outros setores que hora dilata

---

<sup>2</sup> Entende-se como poder a capacidade de controlar indivíduos, eventos ou recursos, atendendo aquilo que a pessoa quer, a despeito de obstáculos, resistência ou oposição.



e hora escolhe o campo do político. Praticamente não há setor ou atividade, que em qualquer momento da história não tenha tido uma relação com o político” (REMOND, 1997, p. 44), o que provocou a ressignificação do sujeito político e principalmente na reconstrução da própria história política.

Com relação ao entendimento da política local e suas facções, utilizamos para direcionamento do trabalho produção organizada por Palmeira e Heredia (2010), um conjunto de artigos e ensaios enredados por uma abordagem em comum: percepções e práticas políticas no Brasil. Eles expõem as relações entre representatividades e atos políticos; nessa situação, a política é analisada através de costumes, como os comícios, de contendas entre facções e no seu cerne, as relações colocadas entre políticos e eleitores, sua presença dentro das famílias; divisões que desenham dentro das comunidades.

Devido à semelhança com a nossa pesquisa, destacamos o artigo de Camargo (2014), que descreveu as configurações e práticas dos grupos políticos em um município do sertão de Pernambuco, a partir de uma pesquisa de campo, além de elucidar a diferença entre grupos políticos e partidos políticos, como, por exemplo, uma agremiação local, sem institucionalidade, ou seja, sem qualquer programa ou regulamentação sobre sua composição, o exercício e também sobre seus componentes.

No que tange ao cenário político nacional, que se refere aos anos da ditadura civil-militar, destacamos Skidmore (1988), que apresenta a história brasileira com ênfase no autoritarismo e na transição democrática. O livro é significativo para compreensão do regime autoritário, ao abordar o papel das Forças Armadas e as conjunturas da época, com destaque para a política, a economia e a sociedade, a partir de minuciosas pesquisas, além de sentidos e limites para a abertura política, inclusive antecipando possíveis cenários futuros. Também para entender a política nacional a partir de 1964, mas com destaque na estrutura partidária, em especial a Arena, fez-se necessário trabalhar com Grinberg (2009). A obra analisa o processo de construção da Arena e sua imagem através de fontes avaliadas, localizando sempre os atores desse processo, caracterizando os indivíduos, suas experiências, redes de relações e estratégias políticas; pretende também enfatizar uma história política das possibilidades e escolhas que mostre as perspectivas e atitudes dos políticos frente aos acontecimentos.

Referente à política baiana, dialogamos com Dantas Neto (2006), que se fixa na reconstrução da trajetória política de Antônio Carlos Magalhães<sup>3</sup> (doravante, ACM), respondendo três questões: como se deu sua inserção na sociedade política, seu estilo no mundo administrativo e suas relações políticas com o mercado e conseqüentemente com as **elites**<sup>4</sup> econômicas. O capítulo quinto delinea um cenário da política nacional com a estadual, colaborando para o entendimento dos acordos políticos locais.

Para entender as relações paternalistas evidenciadas na política de Santo Antônio de Jesus, dialogamos com Thompson (1998), que objetiva analisar hábitos dos setores populares britânicos, em especial, a economia moral desses setores, baseada nos costumes tradicionais da sociedade em paralelo ao avanço social tipicamente capitalista, através do diálogo com a antropologia, o direito e a economia. No início, o autor analisa a dinâmica entre a *gentry* e os demais trabalhadores pobres, entre os “patrícios e plebeus”. Ele considera tecer uma crítica a partir dos termos paternalismo e patriarcalismo, inclinando-se prioritariamente a discutir sobre a não passividade dos trabalhadores em relação as imposições da *gentry*, havendo nesse espaço um campo de disputas.

Outra obra que faz a discussão desse período (1964-1985) é Carvalho (2012). A narrativa lança luzes sobre os tortuosos caminhos que a cidadania no Brasil tem percorrido, resultando numa democracia fragilizada, bem diferente da pensada desde 1789 com a Revolução Francesa. No capítulo três, o autor fala da iniciativa do governo militar em torno da volta de direitos civis e políticos; com isso, nos aponta para a abolição do bipartidarismo em 1979, quando surgiram cinco novos partidos: o Partido Democrático Social (PDS) em substituição à ARENA; o Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) em substituição ao antigo Movimento Democrático Brasileiro (MDB); o Partido

---

<sup>3</sup> Mais poderoso e polêmico político baiano do século XX, líder de um grupo político personalista direita extremamente relevante para a política nacional e estadual em seu tempo e estadual, ainda hoje, o médico e empresário das comunicações soteropolitano Antônio Carlos Peixoto de Magalhães (1921-2007) foi Deputado Federal (1959-1967, 1970-1971 e Senador por duas legislaturas (1995-2001 e 2003-2007); três vezes Governador da Bahia (1971-1975, 1979-1983 e 1991-1994) e Ministro das Comunicações (1985-1990). Deixou por herdeiro político o neto, homônimo. (LEMOS, 2019).

<sup>4</sup> Compreende-se como um pequeno grupo de pessoas com posições de destaque em seus respectivos espaços sociais.

Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido dos Trabalhadores (PT).

Para entender o mundo urbano e o mundo rural dentro de uma relação política, utilizamos Holanda (1995), cujo assunto principal é, basicamente, a transição do modo rural para o urbano que se apresentava nas primeiras décadas do século XX e no Brasil, além de mostrar um cenário de centralização administrativa que alterou o lugar dos grupos de poder local e regional, principalmente depois da Revolta de 1930. No capítulo quatro, “Herança Rural”, Holanda enfatiza que toda estrutura na sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos, fato a levar em consideração, pois abarca exatamente as condições de relações que ainda hoje temos com o mundo rural.

A fim de entender a forma da administração pública do município, usamos Costa (2012), que foca a administração pública do município na duração de 132 anos. O texto traz algumas abordagens, como os primeiros passos da fundação do município e seu fundador, o padre Matheus Vieira de Azevedo, além de abordar a história da linha de trem que vinha de Nazaré e os mandatos e de Renato Machado e Ursicino Queiroz.

Para tentar compreender os aspectos da política e dos políticos de modo geral, partimos de Weber (2011 [1985]), que faz uma abordagem das diferenças entre os tipos políticos e as dominações para se chegar ao poder. Nesse livro, entendemos a política como o conjunto de valores que visam à participação do poder ou à tomada de decisão do poder, seja entre Estados, ou no interior de um único Estado. Ainda nessa obra, Weber define três tipos de políticos: o de ocasião, que somos todos nós; os semiprofissionais, aqueles homens de confiança e diretores de associações políticas partidárias que exercem essa atividade em casos de necessidade na política, a exemplo de ministros, secretários, assessores e outros; e os profissionais, aqueles que vivem da política ou para ela. Também a partir dessa discussão sociológica, entendemos quais são as dominações capazes de entrar em cena, no nosso caso foram a carismática e a por tradição.

Sobre a questão do **populismo**<sup>5</sup>, utilizamos o livro organizado por Ferreira (2001). Através desse trabalho podemos refletir sobre o conceito de populismo, muitas vezes controverso, com significados ambíguos, utilizado de forma genérica para denominar fenômenos históricos muito diferentes, como os dois grupos políticos no município de Santo Antônio de Jesus. O livro também esclarece que o conceito de populismo vem sendo objeto de debates e críticas realizadas, especialmente, por cientistas do campo das humanidades.

No que se refere as conquistas dos votos, sobretudo, os votos dos pobres, analisamos Barbosa (1988), que nos revela que o eleitorado político composto pela maioria dos pobres constitui um terreno fecundo nos aspectos de sensibilidade. Os pobres, segundo a autora, adaptam-se no universo específico composto de valores e aspirações a imagem real do político, apostam em candidatos, como num jogo, e procuram obter nas campanhas eleitorais o máximo de vantagem possíveis, escolhendo aquele que o coração manda. A partir dessa consideração, podemos perceber como foi possível os dois grupos tirarem vantagens das camadas populares.

Para compreender o conceito de elite, para além de algumas obras, usamos com maior intensidade Keller (1967). A abordagem da sua obra procura analisar a chamada elite estratégica, que se diferencia pelo raio de seu alcance, a exemplo, da econômica, da militar e da política, essa última nos deu norte para entender como é a seleção de seus membros, a sua operação e a influência na sociedade santoantoniense. Keller lança luz sobre a história das elites e a principalmente o seu papel nas atuais sociedades industriais.

Trabalhamos amplamente com fontes memorialísticas, que entendemos como importante ferramenta para a reflexão da história política local, pois elas compreendem um dos principais registros das dinâmicas sociais e políticas no recorte com que trabalhamos. Sales (2006) abarca registros das dinâmicas sociais e políticas no recorte que trabalhamos, ainda *reserva* espaços para alguns perfis biográficos, sobretudo de pessoas ligadas ao corpo político local.

Outras obras memorialísticas consultadas foram Valadão (2005, 2016). A primeira aborda a história santoantoniense, sobretudo, a partir dos intendentes e prefeitos do período entre 1880 e 2000, fazendo uma cronologia

---

<sup>5</sup> Ideologia ou um movimento social que deposita fé na sabedoria do homem comum, por isso mesmo, desconfia das elites.

de todas as pessoas que dirigiram o município desde o século XIX até os dias atuais, dando ênfase também para as origens familiares dos políticos. A segunda, uma autobiografia, procura delinear a vida do autor da infância até sua chegada no município de Santo Antônio de Jesus, além de enfatizar as lideranças do Beija-flor e do Jacu, a eleição vitoriosa de Ursicino Pinto de Queiroz em 1976, os conflitos na Câmara de Vereadores e outros acontecimentos.

Os Arquivos Públicos foram pesquisados de forma constante para construção desta dissertação, a exemplo do Arquivo Municipal de Santo Antônio de Jesus, do Arquivo da Câmara de Vereadores de Santo Antônio de Jesus, com seus documentos, como o livro de registro diário, portarias e decretos, integrantes do arquivo municipal e as atas e fichas dos vereadores da cidade. Esses documentos, especialmente as portarias, demonstraram-se fontes importantes para o estudo, pois é a partir delas que comprovamos nomeações e demissões de funcionários de menor categoria, quando mudavam os grupos políticos. Além disso, recorreremos ao Arquivo Público do Estado da Bahia e à Biblioteca Central da Bahia, no setor de periódicos, onde pesquisamos o jornal “A Tarde” e jornais raros como “O Paládio”, “Tribuna Liberal”, que noticiaram acontecimentos da cidade e região, foram fontes muito importantes para a investigação do governo do Jacu, liderado por Ursicino Pinto de Queiroz. Assim também como o jornal “A Tarde”, que relatou muitos eventos políticos no município, principalmente entre os líderes Renato Machado e Ursicino Queiroz.

As fichas de assentamento individual de vereador com os dados pessoais (identificação, filiação, profissão, grau de instrução), indicação dos cargos que ocuparam na legislatura a que eram vinculados durante os mandatos permitiram compreender os acordos e as dissidências político – partidárias dos vereadores nos pleitos de 1962 até 1988.

Pesquisamos no arquivo online do CPDOC (Documentação de História Contemporânea do Brasil), da Fundação Getúlio Vargas, fundamental para melhor entendimento do contexto político no objetivo de alcançar, através de uma interseção das fontes, discursos políticos santo-antonienses e baianos apoiadores à ditadura civil-militar e verbetes de pessoas públicas que atingiram o alto escalão da república federativa brasileira (deputado federal).

Considerando que a pesquisa teve como objeto suscitar discussões acerca das duas facções políticas Beija-flor e Jacu no período em que o Brasil passava por uma transição política, foi possível e importante trabalhar com fontes orais, uma vez que testemunhas narraram acontecimentos, conjunturas, aspectos e outros pontos até então desconhecidos daquele contexto de 1976 a 1988. Thompson (1998, p. 37) defendeu o uso da metodologia da História Oral, ao afirmar que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história [...]”; ou seja, as fontes orais não podem ser utilizadas como simples elementos para compor um determinado trabalho de investigação histórica. Portelli (1998) reafirma a importância das fontes orais quando explica que elas revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser precisa, mas evidencia dados que, às vezes, um documento escrito não apresenta.

Testemunhos de sujeitos que vivenciaram aquele momento em Santo Antônio de Jesus, como vereadores, professores, estudantes, donas de casas, comerciantes e outros, foram relevantes, pois tiveram importância quando participaram ativamente ou não, da dinâmica política dessa época e, a partir de suas memórias, puderam proporcionar visões mais aprofundadas. Esses depoimentos permitiram entender com o suporte de outras fontes a construção desses dois grupos na década de 1960, além de toda disputa política entre ambos no decorrer de 26 anos, como também entender as trajetórias e as ascensões de líderes políticos no município.

Para dialogar com as memórias desses sujeitos utilizamos, ainda, Halbwachs (2013), que objetiva afirmar que o fenômeno da recordação e das lembranças não podem ser alcançados e analisados se não forem levados em consideração os contextos sociais que servem de base para a restauração da memória.

Outra obra que empregamos foi Nora (1993), que trata a noção de “lugar de memória”, inserida nas discussões acerca de um novo método de análise para a questão nacional francesa, a partir do início dos anos 1970 e decorrer dos anos 1980, que passou a valorizar novos objetos, até então ignorados pelos estudos históricos.

Ainda trabalhamos Pollak (1989), que apresenta os vários tipos de memória, fazendo alusão aos métodos durkheimianos e citando autores como Halbwachs. Enfatiza esse texto o enquadramento da memória, que estuda as memórias coletivas intimamente formadas, uma intervenção coletiva dos episódios e das interpretações do acontecido que se quer proteger, em tentativas mais ou menos conscientes de decidir e de reforçar anseios de pertencimento e limites sociais entre coletividades de dimensões díspares.

Esta dissertação está dividida em três seções, além desta e da de Considerações Finais: a primeira, intitulada “Grupos políticos: rupturas e construções, no início da década de 1960”, descreve o panorama histórico de Santo Antônio de Jesus, desde sua formação e faz um recuo da temporalidade central para apresentar o cenário político brasileiro do início dos anos 1960, momento esse, que ocorreu a Guerra Fria entre os EUA e URSS, conflito que interferiu de forma marcante nas disputas pelo poder no Brasil. Mostra também o cenário da Bahia que, assim como muitos estados do país, recebia as influências e as articulações implantadas pelo sistema capitalista **liberal**<sup>6</sup>, cruciais na eleição de 1962 para governador, que deu a vitória ao candidato do PL, Antônio Lomanto Júnior, contra Waldir Pires<sup>7</sup>, do PSD. No município de Santo Antônio de Jesus, percebemos, nesse mesmo momento, uma dinâmica diferente do que ocorreu na maior parte do país e do estado, o surgimento de dois grupos políticos que mudaram o contexto local, não de maneira ideológica ou estrutural, mas por meio da ruptura de uma tradição de famílias políticas no poder que perdurou toda a primeira metade do século XX, precisamente com a implantação dos governos de intendentess em 1905. Por fim, o capítulo aborda a diferença de partidos e grupos políticos, para além de enfatizar algumas agremiações políticas que surgiram e foram ganhando espaço no Brasil, na segunda metade do século XX, como as agremiações políticas Vermelho e Azul, em um município do sertão de Pernambuco, localizado no Vale do Pajeú,

---

<sup>6</sup> Entende-se por liberalismo a doutrina econômica vinculada aos interesses vitais de uma classe social (a burguesia) que prega a pouca intervenção do Estado na condução da produção econômica e distribuição de riquezas.

<sup>7</sup> O advogado acajutibense Francisco Waldir de Souza Pires (1926-2018) foi Deputado Federal (1959-1963, 1991-1995, 1999-2003), Consultor-Geral da República (1963-1964), Ministro da Previdência e Assistência Social (1985-1986), Governador da Bahia (1987-1989); Ministro do Controle e Transparência (2003-2006), Ministro da Defesa (2006-2007), tendo sofrido exílio político durante a Ditadura Militar (1964-1970). Encerrou sua carreira como Vereador por Salvador (2013-2016) (VELASQUÉZ, ARAGÃO, CORREIA, 2019)

chamado Monsanto; Beija-flor e Jacu, objeto desta dissertação; a Carcará, no município de Jacobina, região norte da Bahia; a Jacu e Cocar, de Caetité, Sudoeste do Estado; e a Beija-flor e Jacu, do município de Dom Macedo Costa, vizinho de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano.

Com o título “Eleições e ditadura: as construções dos dois líderes expressivos do Beija-flor e do Jacu (1976 e 1988)”, a segunda seção está dividida em quatro subseções: a primeira tem por finalidade apresentar a adesão dos dois grupos políticos ao regime do governo civil-militar, em especial na década de 1970. Já a segunda traz a trajetória dos dois médicos amigos que chegaram ao município na década de 1960 e, alguns anos depois, tornaram-se rivais e maiores líderes políticos das agremiações adversárias da cidade. A terceira descreve a primeira vitória do Jacu, desde sua criação em 1964, meses antes do golpe civil-militar. E, por fim, a subseção que mostra o retorno do grupo Beija-flor em 1982, depois de quatro anos fora do poder local, agora sob a liderança de Renato Machado.

A terceira seção, que nomeamos “Memórias como construtoras basilares das agremiações e eventos políticos marcantes na década de 1980”, é composta de três subseções e objetiva reconstruir, através das memórias e cruzamentos com outras fontes, a fim de tentar entender se o Beija-flor é uma agremiação das classes populares e o Jacu representa as elites de Santo Antônio de Jesus, como é dito por grande parte da população local. A seção traz o comportamento dos dois grupos na mudança de sistema do país, no qual a ditadura civil-militar sede espaço para democracia. Nessa situação, mudam-se os sistemas, mas os grupos políticos em Santo Antônio de Jesus continuam os mesmos. Na última subseção, apresentamos o rompimento entre o prefeito Renato Machado e seu grande amigo e estrategista político Ademário Francisco Santos.



## 2 - GRUPOS POLÍTICOS: RUPTURAS E CONSTRUÇÕES NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1960

### 2.1 Um breve panorama histórico do município de Santo Antônio de Jesus

Antes de entendermos o surgimento das disputas entre os dois grupos políticos em Santo Antônio de Jesus, nos anos de 1976 a 1988, deseja-se apresentar ao leitor informações do município, que está localizado na região do Recôncavo da Bahia, nomeadamente Recôncavo Sul, às margens da BR-101, a 187 km (por via terrestre) e a 90 km (via mar) de Salvador, capital da Bahia. Possui extensão territorial de 252Km<sup>2</sup>. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (doravante, IBGE), com base no censo de 2010, Santo Antônio de Jesus teria uma população de 90.985 habitantes, estimada, em 2014, em 101.512. Devido a sua centralidade geográfica a cidade tem importância como núcleo comercial e de serviços em todo o recôncavo baiano, sendo assim considerada a "capital do Recôncavo".<sup>8</sup>

No início, esta localidade era composta somente por descendentes dos índios Cariris e Sabujos, originários dos Tupinambás da Pedra Branca<sup>9</sup>, que viviam da caça, da pesca e também de pequenos roçados. Seduzidos pelas matas e a produtividade das terras, foram chegando os primeiros colonos.

Nesse mesmo período, já havia sido recomendada à relação da Bahia proteção aos indígenas e, por Carta Régia datada de 1663, foi estabelecida reserva de uma légua quadrada de terra, para aldeamento e sustento dos nativos. Dentre os que obtiveram patrimônios territoriais, constam os índios da Aldeia de Santo Antônio. Deve-se ressaltar a relevante atuação do padre Mateus Vieira de Azevedo<sup>10</sup>, na história da colonização, pois foi a partir de sua

---

<sup>8</sup> Termo designado pelos comerciantes através da Associação dos comerciários para atrair compradores de outras cidades.

<sup>9</sup> Tupinambá é o nome de um grupo indígena do tronco linguístico tupi, que viveu em uma extensa faixa territorial da costa do Brasil.

<sup>10</sup> Padre Mateus Vieira de Azevedo é uma das figuras que mais se destacaram no processo de "desbravamento" do município de Santo Antônio de Jesus. Sua residência, nas proximidades do rio Sururu, foi transformada no primeiro povoado do município, onde foi erguido o oratório consagrado a Santo Antônio de Jesus.

residência que teve origem o primeiro povoado, formado em torno de um oratório por ele criado em homenagem ao santo de Pádua.

Em 23/09/1777, este mesmo oratório transformou-se em capela, filiada à Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré, em cujas "roças" estavam situadas as terras da Aldeia de Santo Antônio. Segundo Valadão (2005, p. 40),

A capela foi construída durante o período de 1777 a julho de 1779, com paredes de taipa, caídas por colunas de madeira de lei, cobertura de telhas, piso de lajotas de barro cozido; frente voltada para o poente, onde a porta localizada no meio da fachada principal, permitia o acesso a nave em que sitiava a pia batismal e ao altar mor, este também, de boa madeira da região, lado do qual ficava aquele caixão de madeira em que se guardavam os santos óleos, tudo perfazendo uma área edificada de 200 m<sup>2</sup>.

Existia um antigo desejo do Padre Mateus em fazer uma capela naquela localidade em que morava para a utilidade daquele povoado já que ali, a cada tempo, chegavam pessoas naquele espaço e, conseqüentemente ia se tornando um canal de ligação e de abastecimento alimentício do Alto Sertão ao Recôncavo, por tropeiros e mercadores. Ao falar das redes de abastecimentos na Bahia, Moreno (2016, p. 123) conclui que:

A ligação entre Salvador, Recôncavo e Sertão, ou seja, entre a capital e os centros abastecedores, era feita por antigos caminhos que partiam de Cachoeira para o norte, via Jacobina, descendo em seguida para Maracás, de Caetité e Rio das Velhas, eram trilhados por carros de boi, animais carregados e também boiadas.

Santo Antônio estava no mapa das rotas de abastecimentos alimentícios de grande parte do Norte, via Jacobina, descendo em seguida para Maracás, de Caetité e Rio das Velhas, eram trilhados por carros de boi, animais carregados e também boiadas (idem, p. 147). Assim como a rede de fornecimento, esse período na região se diferenciava por não seguir os padrões econômicos tradicionais, ou seja, da produção de açúcar como era realizado fielmente em São Felix, Cachoeira, Santo Amaro e outras vilas do Recôncavo, sua economia era de subsistência:

A região de Santo Antônio de Jesus não se destacou pela produção açucareira, as referências à sua produção agrícola remontam aos coletivos da mandioca, do fumo e do café, não obstante se tenha registrado também a presença de engenhos, todavia, estes não foram

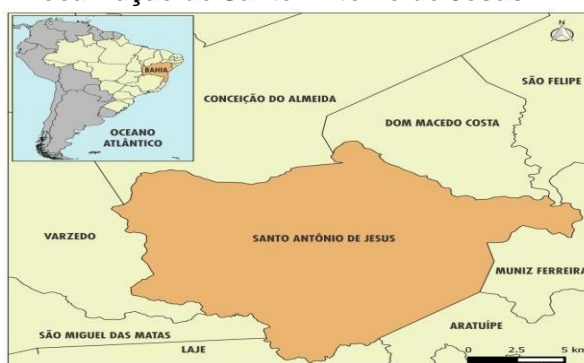
tão preponderantes quanto no modelo clássico, atribuído a agroindústria açucareira do Recôncavo. Considerando que os cultivos agrícolas levaram a produção de gêneros alimentícios que abasteciam principalmente o mercado local, regional e da capital, [...] (OLIVEIRA; apud COSTA, 2010, p. 11)

Oliveira nos revela que Santo Antônio de Jesus teve um papel importante na economia do Recôncavo com essa rede de abastecimento influenciada pela geografia. Portanto, construir o tão sonhado oratório atrairia várias pessoas das roças de Nazaré, de outras vilas e da capital; que teriam ali, um ponto de orações para todas as causas, como agradecimentos de um milagre de um indivíduo, conquistas de belas colheitas e especialmente orações para Santo Antônio. Assim também, como um espaço estratégico para as paradas de descanso, de encontro, de negociações de tropeiros, de carregadores de mercadorias e outros, que acontecia nesse espaço.

O nome Santo Antônio de Jesus prevaleceu até 1931, quando foi reduzido para Santo Antônio. Por volta de sete anos depois, voltou a vigorar o primeiro título. Quanto à formação administrativa, o distrito de Santo Antônio de Jesus foi criado pela Lei Provincial n.º 448, de 19/06/1852, e o município, pela Lei nº 1.952, de 29/05/1880, desmembrado de Nazaré. Contudo, o desmembramento de fato ocorreu em 4/03/1883, sendo o novo município composto por dois distritos: Santo Antônio e Vargem Grande (hoje Varzedo). Santo Antônio consistiu-se juridicamente em cidade em 1891. (RAMOS, 2008)

Segue abaixo o mapa atualizado de Santo Antônio de Jesus e seus municípios limítrofes: ao Norte, Conceição do Almeida e Dom Macedo Costa; ao Sul, Laje, São Miguel das Matas e Aratuípe; a Leste, Muniz Ferreira e São Felipe; e a Oeste, Varzedo:

**Imagem 1: Localização de Santo Antônio de Jesus**



Fonte: ANDRADE, Neilton Argolo - IBGE

## 2.2 Cenário político dos primeiros anos da década 1960, no Brasil e na Bahia

As eleições municipais do Brasil de 1962 foram marcadas por particularidades que mexeram de forma profunda com a estrutura do cenário político, sobretudo nos onze estados que as realizaram, entre eles a Bahia. Essa mudança, em parte, se deve ao conflito advindo da Guerra Fria, polarizada pelos Estados Unidos da América (EUA) contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na qual o primeiro defendia a ideologia capitalista “liberal” e o segundo, a ideologia socialista. Sabe-se que essa “guerra” polarizou o mundo e o Brasil sofreu influências ideológicas das duas partes, porém os partidos de **esquerda**<sup>11</sup> como o Partido Comunista Brasileiro (doravante, PCB)<sup>12</sup> ou centro-esquerda, como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)<sup>13</sup>, amargaram uma verdadeira “caça às bruxas” por parte da direita conservadora, com o apoio fiel do capitalismo. As perseguições aos setores da esquerda foram oficializadas em 25/08/1961, quando o presidente Jânio Quadros (1917-1992), do Partido Trabalhista Nacional<sup>14</sup> (PTN), renunciou ao governo e o vice, João Goulart (Jango) (1919-1976), do PTB, tentou assumir a Presidência da República levando as alas conservadoras ao “pânico”, pois ele era o herdeiro político de Getúlio Vargas (1882-1954) e principal líder de seu partido no período. Além disso, outro fator contrariava os golpistas: a aproximação de Jango com setores da esquerda, o que fez com que o golpe fosse apresentado como uma “salvação do país” pela direita conservadora e por importantes setores da sociedade brasileira:

Com a renúncia aceita, o vice João Goulart deveria assumir autenticamente. Porém, houve muita resistência dos partidos conservadores, principalmente de Carlos Lacerda e de parte das forças armadas, e uma constitucional foi criada. Como o vice-

---

<sup>11</sup> Espectro político que tem por ideologia a negação da herança natural da condição humana e prega a igualdade social em todos os aspectos.

<sup>12</sup> Partido ligado à III Internacional Comunista, o PCB foi fundado em 1922 e teve por principal líder o gaúcho Luís Carlos Prestes (1898-1990).

<sup>13</sup> Fundado por Getúlio Vargas em 1945, o PTB tinha por base eleitoral os trabalhadores urbanos.

<sup>14</sup> Fundado por Romeu Campos Vidal em 1945, o PTN reunia dissidentes do PTB.

presidente João Goulart se encontrava na China, houve um movimento militar respaldado pelas elites conservadoras para impedir a sua posse. (ROCHA SOBRINHO, 2010, p. 113)

A não aceitação de Goulart como Presidente, conforme mandava a Constituição, era ilegal, mas os conservadores de alguma maneira tencionaram não deixá-lo tomar posse. As Forças Armadas não estavam coesas, assim também como os centralistas como Partido Social Democrático<sup>15</sup> (PSD), que temiam beneficiar de forma ilegal a União Democrática Nacional<sup>16</sup> (UDN) pela sua postura golpista desde o governo Vargas. Todavia, com o apoio do III Exército, do Rio Grande Sul, à posse presidencial, os opositores tiveram de negociar, o que resultou na Emenda Constitucional que instituiu a República Parlamentarista, arranjo aceito por Jango, que assumiu a presidência em 7/09/1961, tendo o sistema de governo retornado ao presidencialismo, precisamente em janeiro de 1963.

Com esse e outros episódios, o cenário político brasileiro se encontrava instabilizado. Os partidos e os políticos de esquerda agora eram alvos da elite conservadora, dos políticos de direita (UDN, principalmente) e dos militares (em sua grande maioria), de institutos como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e outros, tutelados pelos Estados Unidos, que estavam em pleno vapor para não deixar a esquerda governar.

Dreifuss (1981) enfatiza que a deflagração do golpe e a instauração da Ditadura Militar foi em decorrência de uma extensa articulação política entre setores civis e militares, abalizada por uma dimensão essencialmente classista e empresarial, resultado da ação coordenada entre o IPES e o IBAD. O “complexo IPES/IBAD”, nas palavras de Dreifuss (1981, p. 361), utilizou-se do apoio militar das forças armadas e de setores civis conservadores e tomaram o poder através de um golpe de Estado que já se ensaiava desde 1961.

Naquela conjuntura do país e, em especial, do mundo capitalista, era inconcebível admitir como presidente um dos discípulos de Getúlio Vargas, ligado aos trabalhadores e sindicalistas. Diante disso, deixar Jango assumir o

---

<sup>15</sup> Fundado por aliados de Getúlio Vargas, em 1945, o PSD concentrava as alas mais conservadoras aliadas a seu fundador.

<sup>16</sup> Partido de orientação conservadora de direita, fundada em 1945, a UDN reunia antigos políticos de oposição ao Governo Vargas.

governo como Presidente parecia uma afronta sem precedência aos opositores que trabalhavam por trás dos bastidores para barrar os avanços dos movimentos populares no Brasil. Por isso, ele quase não assumia, de fato, a Presidência e só o fez depois de vencer muitas operações, inclusive por meio de um manifesto dos militares, como aponta Skidmore (1988, p. 22):

Antes que Goulart pudesse voltar, os três ministros militares, tendo à frente o ministro da Guerra, marechal Odílio Denys, anunciaram que não lhe seria permitido assumir a presidência. Alegavam que, na condição de ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, João Goulart havia entregue cargos-chave nos sindicatos a "agentes do comunismo internacional". O manifesto dos ministros terminava expressando o receio de que uma vez na presidência Goulart promovesse a infiltração das forças armadas, transformando-as assim em "simples milícias comunistas".

A assombração do comunismo estava sempre rondando os grupos conservadores do país; era com essa retórica anticomunista que a esquerda em geral era perseguida. E a concretização de varrer qualquer vestígio que viesse do campo esquerdista aconteceu em 31/03/1964 com a deflagração do golpe civil-militar.

O Estado da Bahia iniciou a década de 1960 com uma administração de caráter tradicional-conservador e ao mesmo tempo liberal, tendo como meta buscar as mudanças necessárias para atingir os caminhos da modernização industrial. Esse era um programa comum a vários segmentos sociais, como as elites políticas, os empresários, a imprensa baiana, intelectuais e outros, todos empenhados em discutir os caminhos da modernização do estado.

Todavia, essa forma de progresso deveria ter seus limites quanto às estruturas sociais implantadas no Estado há séculos. A modernização era pensada na perspectiva econômica, urbana e administrativa, pontos que deveriam ser modernizados, ou seja, uma modernização conservadora. Foi com esse projeto de governo que Juracy Magalhães, da UDN, se elegeu a governador em 1958.

Além de a Bahia ser um Estado conservador e com forte interferência dos acontecimentos nacionais de cunhos ideológicos políticos, as eleições municipais e estaduais mostraram como se encontrava o cenário político baiano. Da mesma maneira, poderia entender como estavam as "cruzadas" a

esquerda e direita locais, fato esse, que se desenrolava em outros estados brasileiros.

Nas eleições para o governo da Bahia, realizadas em 7/10/1962, duas frentes políticas se destacaram, a de Antônio Lomanto Júnior, do Partido Liberal(PL) (DANTAS JR., 2006, p. 162) e a de Waldir Pires, do PSD, cada um com sua forma bem peculiar de fazer política. Dantas Neto (2006, p. 163) explica que “O quadro político baiano, na época das eleições para governador, em 1962, poderia ser descrito, simplesmente, como de polarização [...]”. De fato, essas foram as duas frentes que brigaram de maneira visível para estar no comando do executivo do Estado.

Lomanto Júnior representava a ala conservadora da direita baiana, Waldir Pires traduzia o centro, como candidato do PSD, partido de centro a nível nacional. Entretanto, na Bahia, Waldir Pires foi julgado um comunista de sangue puro pelos opositores. Diante dessa circunstância, os dois principais candidatos empregaram táticas bem variadas para chegar ao governo. Lomanto Júnior, por exemplo, pôde fazer articulações com políticos e partidos opostos no cenário nacional, mas que, no local, descartavam qualquer possibilidade de unir-se Waldir Pires. Dantas Neto (2006, p. 162) explica que para chegar ao poder:

O vencedor teve, além da sua base municipalista original, sustentação de partidos rivais nos planos nacional e local, o PTB e a UDN. Candidato comum de Juracy e Jango, foi também apoiado pelo PR de Manoel Novais, por quase toda tradição autonomista [...]. Já Waldir contou com o PSD, isento de dissidências formais na hora eleitoral, mas enfraquecido por divergências internas e depurado por quatro anos relativamente à margem do governo estadual.

Dantas Neto apresenta um panorama das alianças políticas bem controversas na Bahia, ao comparar com o cenário federal. O PTB de Jango sofria forte perseguição da UDN de Carlos Lacerda desde o governo Vargas. Entretanto, o que estava em jogo era a conservação do poder político baiano nas mãos das elites econômicas e velhos políticos da direita. Dantas Neto (2006, p. 169) salienta que, nessas eleições, a elite política baiana, no poder desde a Revolução de 30, “ainda estava umbilicalmente ligada à elite econômica do lugar [...]”, com destaque para Juracy Magalhães (UDN) que, embora no último ano (1962) de seu governo, já fora interventor federal na

Bahia de 1931 a 1937. Nesse pleito, por pragmatismo político, Juracy apoiava Lomanto Júnior, também coligado ao PTB baiano. Tal fusão partidária estava alinhada em favor de um continuísmo da elite política do estado.

Já Waldir Pires sofreu o que a maioria dos candidatos da esquerda ou centro passou naquele pleito, pois, mesmo estando no PSD (centro), suportou inúmeros ataques desleais em campanha eleitoral, por parte do conservadorismo baiano, a exemplo de empresários, grandes ruralistas, religiosos (católicos, protestantes e outros), assim como de parte significativa da Igreja Católica, que descrevia o lado de Waldir Pires como o do mal e o de Lomanto como o do bem. A imprensa baiana deflagrou inúmeras manchetes contra o pessedista, para enfraquecer sua campanha.

O que estava ocorrendo na Bahia, especialmente nas eleições de 1962, foi um retrato em menor escala do que acontecia no país e essa “onda” de anticomunismo chegava a vários interiores do estado, edificando mais ainda as tradições dos municípios e, se fosse uma cidade de menor porte, talvez, seriam maiores as influências, uma vez que aparentemente eram dependentes do governo estadual. Porém, o resultado das urnas mostrou uma eleição apertada, revelando que nem tudo produzido sobre o comunismo simbolizava a verdade. Essas mensagens não chegavam da forma como eram esperadas pelos disseminadores do anticomunismo ou os acordos feitos pelos partidos e caciques de grande parte dos interiores da Bahia não seguiam as articulações do plano estadual. Abaixo, o resultado da eleição:

**Quadro 1: Resultado da eleição para governador em 1962**

<b>CANDIDATOS AO GOVERNO</b>	<b>COLIGAÇÃO</b>	<b>VOTAÇÃO</b>	<b>PERCENTUAL</b>
Lomanto Júnior (PL)	PL, PR, UDN, PTB	396.051	50,92%
Waldir Pires (PSD)	PSD, PST, PTN, PSP	362.428	46,60%
Aristóteles Góes (MTR)	MTR (sem coligação)	19.300	2,48%

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Entende-se que o resultado da vitória de Lomanto Júnior, mesmo não sendo expressiva em 1962 e, consecutivamente as vitórias de partidos e grupos de direita na Bahia na década de 1960, fazem parte do que Veyne (1995, p. 21) chama de trama. Para ele, “os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana [...]”. A trama não constitui como um espetáculo teatral



em que tudo segue cronologicamente. Houve diversos eventos em tempos diferentes que a trama, “as articulações contra esquerda”, se apresentavam no mundo político de maneira orquestrada por vários segmentos sociais. Certamente, existiram inúmeras tensões e estratégias para não deixar o candidato Waldir Pires chegar à vitória.

Era nesse cenário político que se encontrava o Brasil no início da década de 1960, e foi nele que as eleições municipais na Bahia aconteceram: partidos de esquerda ou centro, em sua maioria, deveriam coligar-se a grupos e lideranças tradicionais locais para conseguirem chegar ao poder.

### **2.3 Beija-flor: um grupo político de origem dissidente**

Nessa mesma década, Santo Antônio de Jesus viu surgir um grupo político que mudou o contexto local, não na disputa ideológica entre esquerda e direita, mas numa ruptura de uma tradição que já perdurava desde a primeira metade do século XX, precisamente com a implantação dos governos de intendentes em 1905, pois, a partir dessa governança, a administração pública (executivo) se encontrava nas mãos de famílias com sobrenomes de muito prestígio, o que não era anomalia em se tratando de uma cultura patriarcal, como a brasileira. Freyre (2004 [1931]) salienta que, “a família patriarcal é a dominação primeira do Brasil e se pode perceber a sobrevivência desse grande patrimonialismo até hoje na política brasileira”. Famílias como Almeidas, Araújo, Felix, Bitencourt, Barretos, Silvas, Fragas e outras rivalizaram ou se aliaram para dominar a política local. Camargo (2014, p. 21) afirma que:

De maneira geral existe uma família central que promove alianças políticas com outras da cidade para compor o grupo político. Essas que se colocam no centro do grupo são descritas como famílias tradicionais ou famílias políticas. [...] famílias tradicionais que visam compor forças para realizar os interesses políticos de seus membros. Tais alianças são concebidas como estratégias ou particularidades da política local [...].

De fato, as famílias sempre buscavam alianças para estar no poder local. O último clã a estar no poder político de Santo Antônio de Jesus foi o dos Fragas, sob a liderança do empresário Antônio Magalhães Fraga, considerado por muitos moradores do município, principalmente os maiores de 65 anos,

~~como~~ a maior liderança de todos os tempos. Valadão (2005, p. 84) o denomina “o galinho de ouro”, por sua força política no município e na região.

Fraga fez parte de uma elite muito bem estruturada economicamente em Santo Antônio de Jesus e no Recôncavo Sul. Substituiu seu pai como empresário de armazém de compra e venda de produtos rurais, principalmente fumo, localizado no centro da cidade. Também foi administrador de uma fábrica de moinho, a “Moinho Leone”, localizada às margens do Rio da Dona (que hoje abastece o município), muito forte na produção de amido e mandioca.

O político iniciou sua vida pública como prefeito em 1947 pelo PSD; em pouco tempo, passou para o Partido Republicano (PR), que liderou por quase duas décadas. Fraga governou a cidade duas vezes, fez dois sucessores, ambos do PR: Justiniano Rocha Galvão, de 1951 a 1955, e seu cunhado Antônio Olavo Galvão, de 1959 a 1963. Além disso, elegeu-se Deputado Federal, a um filho, José Fraga, Deputado Estadual (1959-1963) e ao outro, Haroldo Fraga, Vereador (1959-1963), também pelo PR. É importante salientar que até 1973, eleições municipais e estaduais eram no mesmo ano.

Pode-se pensar que o grupo liderado por Fraga teve dois filhos e seu cunhado em destaque na política local, além de outros parentes em posições secundárias. Esse quadro mostra como a política era controlada por famílias da localidade. Camargo (2014, p. 21) enfatiza que a cobiça pela política brota como um elemento que se imprime a partir do aparelhamento familiar, tanto refletido como transmitido por meio de um laço biológico, como pela convivência próxima de parentes que participam desta atividade.

Todavia, como é de praxe na política, insatisfação popular e conflitos internos são comuns nesse meio. Assim, Antônio Magalhães Fraga entrou em colisão com alguns membros de seu grupo, quando quebrou o acordo interno, através do qual promera apoiar Humberto Guedes<sup>17</sup>, para tentar reeleger-se Deputado Estadual na eleição de 1958.

Entretanto, meses antes do lançamento das candidaturas em 1958, Fraga não cumpriu o combinado, fazendo de seu filho, José Fraga, o candidato

---

<sup>17</sup> Formado em 1930, o advogado santantoniense Humberto Guedes de Araújo (1907-2000) exerceu a advocacia em sua cidade-natal de 1930 a 1954, período em que também foi diretor e advogado da EMBASA. Foi eleito Deputado Estadual pelo PR (1955-1959), depois, suplente no mesmo cargo e partido (1959-1963), efetivando-se na legislatura seguinte (1963-1967). Foi reeleito pela ARENA (1967-1971), voltando à condição de suplente na eleição seguinte (1971-1975), efetivando-se em novembro de 1974. (BAHIA. ALBA, 20[??])

pelo PR. Com isso, Guedes e alguns amigos, como Faustino de Almeida Cunha, político veterano do município, e outros, de diferentes partidos, até então aliados de Fraga, como o vereador e líder da Aliança Democrática Santo-antoniense (ADS)<sup>18</sup>, Valdemar Pinto de Queiroz, recusaram-se a apoiar a indicação, criando uma dissidência que escolheria Humberto Guedes candidato à Assembleia Legislativa.

Ao romper com Fraga, os dissidentes reunidos em torno de Guedes juntaram-se com lideranças de oposição a Fraga há mais de uma década, a exemplo de Gorgônio José de Araújo (PSD), pertencente a “um grupo mais sofisticado” (CUNHA, 2014), ou seja, uma elite econômica oriunda de famílias tradicionais dedicadas quase integralmente à política, próxima ao tipo descrito por Weber (2000) como “político profissional”. Assim, em sua maior parte, o grupo era composto de comerciantes, médicos, fazendeiros, entre outros, detentores de grande parte da riqueza da região, que viram na dissidência de Guedes a possibilidade de assumir o poder político no município.

Reunidos em torno de Guedes na eleição municipal de 1962, os dissidentes escolheram José Trindade Lobo (Zeca Lobo) candidato a prefeito pela UDN contra Antônio José Gonçalves do PTB e Antônio Veiga Argolo do PR, cirurgião dentista, cunhado e candidato de Fraga. Segundo Cunha (2014), “a eleição foi bastante acirrada”, pois as disputas eleitorais foram quentes, com embates ocorrendo no centro, nas ruas e vielas, além das zonas rurais do município. O povo dava saudações em dias de visitas, aplausos de moradores e muita folia por quem seguia os comícios, além de trocas de farpas feitas por políticos e eleitores de ambas as partes.

Os três candidatos faziam sua propaganda política na cidade por meio de carros de som que tocavam muitas canções. Entretanto, segundo Cunha (2014), o grupo de Zeca Lobo gostava muito de tocar “Meu Beija-flor”, sucesso nos topos das paradas do compositor Onildo<sup>19</sup>, interpretado por Marinês, a rainha do xaxado<sup>20</sup>, o qual “grudou na boca do povo como chiclete”:

---

<sup>18</sup> Agremiação política de orientação conservadora que congregava os políticos locais, sobretudo, os ligados à UDN.

<sup>19</sup> Onildo de Almeida, poeta e músico de rara sensibilidade, nasceu em Caruaru (PE) em 13/08/1928. No começo da carreira, integrou conjunto vocal de muito sucesso em seu Estado, o Cancioneiros Tropicais, depois chamado de Vocalistas Caetés.

<sup>20</sup> Inês Caetano de Oliveira nasceu em 1935 no sertão pernambucano, mas a Paraíba, para onde se mudou com a família ainda criança, foi o lugar onde realmente criou raízes. Foi o Rei

Meu Beija-flor, eu beijei, beijei, beijei  
 Meu Beija-flor, olha eu beijei e torno a beijar

Moça velha que ainda tem  
 Esperança de casar  
 Se agarre a Santo Antônio  
 Pra ver se jeito ele dá  
 Reze logo uma novena  
 Nove noites sem parar  
 E no fim uma centena  
 De rapaz você terá

Beijo de menina nova  
 Tem o gosto de manjar  
 E beijo de solteirona  
 Arde e queima pra danar  
 Beijo de mulher viúva  
 É meio desenchavido  
 Beijo de mulher casada  
 É beijo comprometido

Vi primeiro uma moça  
 Quando tava pra casar  
 Só via o namorado  
 Na hora de importar  
 Hoje a coisa mudou muito  
 Veja só como é que  
 O cabra namora tanto  
 E no fim deixa pra lá

Já falei das moças velhas  
 De mulher namoradeira  
 Já falei de muita gente  
 Mas foi tudo brincadeira  
 Vamos agora minha gente  
 Cair dentro do salão  
 Festejando Santo Antônio  
 Meu São Pedro e São João (ALMEIDA, 1962)

Marinês foi a primeira artista a ~~que~~ aparecer no Brasil cantando forró e ocupou um lugar ao lado de Luiz Gonzaga, motivo pelo qual ganhou o título de Rainha do Xaxado. A cantora lançou grandes sucessos conhecidos em todo o Brasil, ajudou a consolidar o forró no país e serviu de inspiração para outras cantoras do ritmo, ou seja, deu maior visibilidade às mulheres. Além da voz peculiar, o jeito autêntico da cantora foi outra razão que a fez se destacar. Em 1962, ela gravou de Onildo Almeida, as modas de roda "Siriri, sirirá" e "Meu Beija-flor"; com muito êxito no município, porque falava de Santo Antônio, padroeiro da cidade, além das festas, principalmente do São João, forte

---

do Baião quem conferiu o título de Rainha do Xaxado àquela que também passou a ser chamada de "Luiz Gonzaga de saias".

manifestação folclórica cultural local. Portanto, essa música também traz consigo um sentimento de pertencimento ou identidade popular dos nordestinos e principalmente dos grupos populares da cidade que, segundo Bauman (2003), à medida que a relação dos sujeitos sociais, a estrutura social e cultural os vão es cercando, as definições de identidades se concretizam de maneira efetiva. Sabe-se ainda, que a música tem esse papel transformador e aglutinador no campo cultural, principalmente no Brasil, com o gênero popular:

[...] para pensar a questão das transformações identitárias, parece-me fundamental resgatar o papel dos criadores do que veio a denominar-se Música Popular Brasileira, na formação de uma identidade plural, híbrida, em que se articulam o popular, o massivo e o culto; o próprio e o alheio; o local e o global. (NERCOLONI, 2006)

Interpretada por Marinês, a canção “Beija-flor” não só marcou a eleição de 1962, como ajudou a criar um novo tipo de relação identitária, uma nova busca de assimilação com símbolos e elementos locais, sobretudo para a população que fazia parte das camadas populares advindas dos bairros periféricos de Santo Antônio de Jesus.

Cunha (2014) afirma que as pessoas não conseguiam mais separar a música do grupo e, ao mesmo tempo, os dissidentes souberam se apropriar do entusiasmo e a da ligação que a população estava fazendo. Segundo o entrevistado, se os dissidentes estivessem no bairro do Cajueiro, “a população dizia: vamos para visitação do Beija-flor no Cajueiro; se tivesse no São Benedito o povo dizia: bora ver o Beija-flor no Bené”. Percebemos que Faustino conta esse episódio dentro de sua ótica. Para Bosi (2012, p. 89), “Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da sua história [...]”. O narrador vai fazendo sua comunicação do acontecido, na perspectiva de sua vivência daquele momento.

A canção foi empregada como o *jingle* da empreitada política e utilizando-a em seus discursos de cunho popular, José Trindade Lobo e aliados foram crescendo e ganhando eleitores do seu maior adversário, Veiga Argolo (PR). Sua maior ascensão foi quando seus adversários o apelidaram de forma pejorativa como candidato tabaréu, ou seja, caipira, sujeito do interior, normalmente visto como detentor de pouca instrução, modos rudes e facilmente enganável. Porém, esse apelido preconceituoso fortaleceu Zeca

Lobo, que, aproveitando-se do ensejo, abraçou essa caracterização em sua campanha. Os eleitores de Fraga, pobres e humildes, em sua maioria, lhe transferiram simpatia, principalmente os da Zona Rural, de grande importância política no município, na medida em que era apenas 16,87% menor do que o da Zona Urbana, se considerarmos tabela populacional relativa a 1970, portanto oito anos depois das eleições em pauta:

**Quadro 2: Dados da população de Santo Antônio de Jesus no ano de 1970**

ANO	NÚMEROS DE PESSOAS NA ZONA URBANA	NÚMEROS DE PESSOAS NA ZONA RURAL	TOTAL DE PESSOAS
1970	21.609	18.208	39.817

Fonte: PASSOS (2010, P. 106, 117)

A zona rural no Brasil sempre foi um espaço populoso, cujos habitantes eram vítimas de preconceitos por parte do mundo urbano, sendo taxados de analfabetos por escreverem errado; e muitos não tinham intimidade com a dinâmica política, porém, em tempos eleitorais, eram convocados ou aliciados para colocar políticos no poder:

Os camponeses, sendo e de longe os mais numerosos, deveriam normalmente exercer sobre a vida política das sociedades um contrapeso determinante, sobretudo a partir da adoção do sufrágio universal. Enquanto a vida política continuava a construir atividade de círculos restritos, em geral urbanos, é fácil descobrir por que as sociedades rurais tenham permanecido à parte. (RÉMOND, 2002, p.129)

Rémond nos mostra que “a partir do momento em que começa a prevalecer o princípio da soberania popular, o sufrágio universal, o axioma da igualdade de votos, as massas rurais eram chamadas a se tornar o árbitro supremo da vida política” (idem). Os homens do campo eram convocados para participar da vida pública, mas só quando para promover a escalada de grupos políticos urbanos.

A 07/10/1962, Santo Antônio de Jesus conhecia o seu novo chefe do executivo, José Trindade Lobo, eleito pela UDN. Derrotando o candidato Antônio José Gonçalves, do PTB e, principalmente o candidato de Fraga, Antônio Veiga Argolo, do PR. Sabe-se que, desde sua entrada na vida pública, em 1947, Fraga jamais tinha conhecido uma derrota.

Mota (2013) destaca que a vitória de Zeca Lobo foi consequência, também, do apoio das elites econômico-políticas do município, que ganhara grande impulso no comércio a partir das décadas de 1950 e 1960, em meio ao contexto **desenvolvimentista**<sup>21</sup> do país, período de implantação da indústria petrolífera, da abertura de rodovias e da expansão da energia elétrica à região, viabilizada pela construção da Companhia Hidrelétrica, do desenvolvimento nacional. Esse contexto se refletiu em vários setores de Santo Antônio de Jesus, o que fez com que muitos empresários aderissem ao grupo adversário do PR, apoio que ajudou consideravelmente Zeca Lobo a ganhar a eleição municipal de 1962, acabando com a hegemonia dos Fraga.

Ao falar da derrota do candidato de Antônio Fraga, Valadão (2005, p. 86) afirma que “Pela primeira vez, Antônio Magalhães Fraga conheceu uma derrota total e insofismável. Nenhum de seus candidatos venceu. O povo manifestou nas urnas o seu repúdio por tantos anos de engodo e desprezo”. Em alguns momentos, Valadão parece ter aversão a forma de governo de Fraga. Ele utiliza as palavras “repúdio, engodo e desprezo” para justificar a derrota de Antônio Luiz Argolo (PR) nas urnas, entendendo que o antigo apoio das pessoas a Fraga havia desaparecido, visto que nenhum candidato por ele apoiado venceu a eleição. Entretanto, isso parece uma interpretação errada, pois, Fraga não apoiou só o candidato a prefeito, mas também candidatos à vereança do PR e coligações, alguns vitoriosos no pleito. Abaixo, o Quadro 3 mostra a composição da Câmara de Vereadores:

**Quadro 3: Vereadores eleitos para a legislatura 1963-1966**

ELEITOS	PARTIDO	GRUPO	PROFISSÃO
Adalicio José de Almeida	PTB	sem grupo	funcionário público
Ademário Francisco dos Santos	PSD	Beija-flor	funcionário público estadual
Deraldo Félix de Jesus	PR	Fraguista	comerciante
Domício Francisco de Andrade	PR	Fraguista	comerciante
Durval Samuel de Souza	PSD	Beija-flor	funcionário p. estadual
Edvaldo Oliveira Souza	ADS	Beija-flor	comerciante
João José das Mercês	PL	Fraguista	comerciante
José Pereira Reis	PSD	Beija-flor	advogado
Manoel José de Souza	ADS	Beija-flor	motorista
Maria do Carmo Nogueira Amâncio	PR	Fraguista	professora
Misael M. Matos	PR	Fraguista	comerciante
Waldemar Pinto de Queiroz	ADS	Beija-flor	servidor público

Fonte: Arquivo da Câmara de Vereadores.

<sup>21</sup> Política de desenvolvimento adotada por Juscelino Kubitschek entre 1956 e 1961 e posteriores a seu governo.

O quadro mostra que, mesmo com a derrota de seu candidato a prefeito, Fraga não foi totalmente suprimido do campo político, pois dos doze vereadores eleitos, quatro deles eram fraguistas, ou seja, 1/3 do legislativo municipal ainda continuava ligado à velha liderança. Isso mostra que “o galinho de ouro” ainda “respirava” nesse cenário e que o PR não dependia só do comando local, já que o partido era uma das grandes forças na Bahia e tinha como liderança Manoel Cavalcanti de Novais, um dos fundadores do partido na Bahia e que o presidiria até sua extinção em 1964. Manoel Novais conseguiu ter uma boa articulação com os parlamentares e ter relações muito próximas com os governadores, angariando recursos para o partido no interior da Bahia. Cunha (2014) assegura que o PR de Santo Antônio de Jesus recebia verbas significativas por intermédio de Fraga e Manoel Novais e segue afirmando que:

Quem radiava mais dinheiro público na época era Fraga, porque tinha como chefe dele, Manoel Novais, que mandou no governo da Bahia, Manoel Novais era um chefe político que tinha dez deputados federais e doze estaduais. Então, é um forte! Quando chegava na Bahia, o governador ia receber no aeroporto. Ele decidia a eleição na Bahia [...].

Isso evidencia como o PR local manteve certa força na eleição de 1962, pois, mesmo com o desgaste político de Fraga, os ímpetos de Manoel Novais e do partido foram capazes de eleger candidatos no município. Entretanto, o grupo Beija-flor junto e outros opositores fizeram a maior bancada da Câmara de Vereadores, diminuindo significativamente o poder de Fraga em Santo Antônio de Jesus.

José Trindade Lobo (Zeca Lobo) era um pequeno fazendeiro e representava a Almerindo Portugal, armazém de fumo localizado na Avenida Barros e Almeida, no centro de Santo Antônio de Jesus. Provedor da Santa Casa de Misericórdia, além do trabalho, Zeca Lobo assumira desde março de 1950 a consultoria da Congregação Mariana (da Igreja Católica), na qual orientava, aconselhava e controlava os trâmites burocráticos quando necessário; além de ser provedor da Santa Casa de Misericórdia; Zeca Lobo pertencia a classe média do município e não estava ligado diretamente à



política partidária, diferente de seu tio Zuca Lobo, que assumira o papel de guardião do Beija-flor desde sua construção.

Segundo os entrevistados, diferente de alguns políticos do passado no município, Zeca Lobo fez uma gestão simples, honesta e dentro da legalidade, como a regulamentação do pagamento de salários dos servidores<sup>22</sup> (Portaria de nº 12/63 de 24/04/1963), a regulamentação do salário em data exata, Zeca Lobo dobrou-lhes o salário (Portaria 125, de 16/01/1963), que tinha perdido o poder de compra, pois a tabela do governo Vargas para regulamentar o salário em diferentes regiões, que dava aos estados e municípios autonomia de reajuste, fez com que alguns municípios não pagassem o estipulado pelo Estado. Outro fator importante que popularizou Zeca Lobo foi a Portaria de nº 127 de 15/03/1963, através da qual aumentava o salário família de Cr\$ 25,00 (vinte e cinco cruzeiros) para Cr\$ 250,00 (duzentos e cinquenta cruzeiros). Segundo o prefeito era “ínfima a quantia destinada ao salário família dos funcionários municipais” (SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Prefeitura, 1963c), parecendo mostrar preocupação com os servidores. As regulamentações e benesses concedidas pelo gestor certamente construíram lealdades do funcionalismo municipal, como também de setores sociais de Santo Antônio de Jesus para com Zeca Lobo e o Beija-flor.

Quando realizou esses atos na forma da lei, o prefeito se eximiu de estar praticando uma política em benefício de si ou o grupo Beija-flor. Todavia, essa ação representa o que convencionam chamar **clientelismo**<sup>23</sup> contemporâneo, que não difere muito das práticas clientelistas exercidas em outros momentos. Graziolino (apud BOBBIO et al, 2004, p. 178) diz que “É importante observar como esta forma de clientelismo, à semelhança do clientelismo tradicional, tem, por resultado, não uma forma de consenso institucionalizado, mas uma rede de fidelidades pessoais [...]”. Deduz-se que esses benefícios concedidos fizeram com que o Beija-flor fosse se consolidando a cada momento, o que não ocorria em outras gestões.

---

<sup>22</sup> Sabe-se que o salário não tinha data certa para entrar, fazendo os funcionários as vezes não honrarem com suas contas feitas. Diz a portaria: “O prefeito municipal de Santo Antônio de Jesus, no uso de suas atribuições, resolve determinar ao Sr. Tesoureiro municipal que a partir do mês de maio próximo, o pagamento do funcionalismo municipal será feito no dia 30 de cada mês [...]” (SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Prefeitura, 1963).

<sup>23</sup> Forma de relação entre diferentes atores políticos, com concessão de empregos, benefícios públicos e fiscais, vantagens econômicas, obras, donativos, etc. a aliados.

Zeca Lobo fez obras urbanas (calçamentos de ruas, jardins), valorizou o campo com a abertura e manutenção de estradas e, agraciou os ruralistas, suspendendo o lançamento e a cobrança de Imposto Territorial Rural (ITR), por meio da portaria nº 129/64 (SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Prefeitura, 1964), permitida pela Emenda Constitucional nº10, de 10/05/1964, para o planejamento econômico nacional. Portanto, a portaria não foi um presente de Zeca Lobo, todavia, com essa forma de trabalho, o grupo criava uma relação muito próxima com diversos setores sociais de Santo Antônio de Jesus. Valadão (2016, p. 120) frisa que:

Zeca fez uma administração sem alardes, cumpriu o seu dever que foi muito proveitoso. O povo compreendeu, então, que a vida simples e que o gerenciamento de uma cidade poderia ser feito por qualquer um, desde que fosse honesto, honrado e a amasse. Foi um bom prefeito. Não fez milagres, mas fez aquilo que era possível.

Percebe-se que, ao descrever José Trindade Lobo, Valadão constrói a imagem de um bom homem e um exemplar político, o que se enquadra no que chamamos de memória seletiva, pois o memorialista estava ligado de alguma forma àquele grupo político na época. Além disso, ele tinha proximidade com os familiares do gestor. Halbwachs (1990) defende que os indivíduos tecem memórias a partir das diferentes formas de interação que mantêm com outros indivíduos. Por outro lado, aventamos que ações negativas de Zeca Lobo possam não ter sido mencionadas por Valadão por motivo de tática. Pollak (1989) explica que o silêncio da memória individual pode não ser uma falta de lembrança, mas em alguns casos, uma estratégia pessoal de gerir a memória.

A agremiação era bancada economicamente em grande parte pelos ruralistas locais; logo, era um grupo urbano, porém com enorme influência cultural advinda do campo. O advogado e ex-vereador (ARENA, 1976; PL 1976-1982, 1989-1992) José Reis Filho em entrevista, narra que o grupo do Beija-flor quem fez a primeira cavalgada de Santo Antônio de Jesus:

Eu me lembro a primeira cavalgada que teve em Santo Antônio, que saiu todo mundo de chapéu de palha, de cavalo, de jegue, de mula, enfim, é, virou uma tradição do Beija-flor essa cavalgada né ou passeata de cavalo como se denominava na época e isso ficou como uma marca do grupo. (REIS FILHO, 2014)

Acredita-se que essa cavalgada virou tradição porque o município, no início da segunda metade do século XX, atrelava-se fortemente com o mundo rural, assim como em vários outros, o campo era um vetor significativo da cultura local. Pensar Santo Antônio nos anos 1960 e 1970 era perceber a força e influência da zona rural em todos os aspectos no município.

No seu primeiro momento (1963 a 1976), o Beija-flor ficou no poder político por mais de uma década, longevidade que só não ultrapassou a do grupo fraguista que durou dezesseis anos, sem contar os cargos das esferas estaduais e federais alcançados pelo grupo. Entretanto, os fraguistas não tiveram outro grupo tão coeso como o Jacu para fazer frente nas disputas.

#### **2.4 Da divergência ao rompimento: Jacu como grupo político de oposição ao Beija-flor**

Em pouco mais de um ano de governo, o Beija-flor já percebera que sua base política, sobretudo, os chamados “sangue puro” estavam de alguma forma descontentes com o governo de Zeca Lobo. Por outro lado, os ligados ao fraguismo e ao PR, como a professora Maria do Carmo Nogueira Amâncio (Maritamâncio), o comerciante Deraldo Félix de Jesus e outros aproveitaram a tímida fissura no grupo governista para intensificarem suas oposições.

Seu apoio político interno começara a ter problemas quando o prefeito iniciou algumas obras de modernização, principalmente na praça-matriz, que leva o nome de um dos fundadores do município, Padre Matheus Vieira de Azevedo. Além de ser uma praça recreativa, comum nas cidades do interior, era também onde ocorria a feira livre. Muitos comerciantes desse local estavam ligados à política, especialmente com o grupo que agora estava no poder.

Na época, os principais recursos federais alocados no município eram os *royalties*. Segundo Valadão (2005, p. 120), Zeca Lobo “vendeu os *royalties* que a prefeitura recebera da Petrobrás por Cr.\$ 250.000.000 (duzentos e cinquenta milhões de cruzeiros)” e, com esse dinheiro e recursos próprios do município, construiu um belo jardim na Praça Padre Mateus, afastando os comerciantes dali. Outras obras foram feitas em sua gestão com esse mesmo recurso.

Cunha (2014) afirma que essa reforma em 1963 não foi satisfatória para os comerciantes, pois retirou da praça um galpão popular de décadas,

substituindo-o por uma arquitetura menos rústica para modernizar a o espaço, o que gerou revolta entre os admiradores do antigo galpão, que lá negociavam, pois o local era o centro da economia e transporte do município – que ganhara forte pujança com o fim da estação de trem – e onde aconteciam os negócios comerciais da cidade e adjacentes. Em tom saudosista, Cunha (2014) indica que “Zeca Lobo não precisava tirar aquele galpão do centro da praça, era para aproveitar aquelas pilastras e fazer restaurante ali. Ia ficar muito bonito aquilo”. Afirma ter sido esse o motivo pelo qual o prefeito começou a perder apoio. Em sua narrativa, percebemos que existe fortemente uma correlação entre o apoio político e o cunho econômico na praça, porém ele narra com maior ênfase as ações políticas do prefeito, que contribuiram para um significativo prejuízo. Abaixo encontra-se a foto de 1957, com o mercado municipal instalado na Praça Padre Mateus antes de sua demolição na década de 1960:

**Imagem 2: Praça da Feira: Santo Antônio de Jesus, BA – 1957**



Fonte: Acervo Fotográfico do IBGE

O entrevistado vai relembando os lugares da praça para narrar os acontecimentos que levaram a um rompimento de parte do grupo Beija-flor, fazendo um caminho, chamado por Nora de “lugares de memória”, onde esta “se ancora, se cristaliza e se refugia” (NORA, 1993), ou seja, lugares materiais em que a memória social se fundamenta e pode ser apreendida pelos sentidos. Cunha (2014) se abriga na transformação da Praça Padre Matheus para explicar o rompimento com a agremiação política Beija-flor. O narrador também

relata esse episódio com muita emoção e saudade. Nessa perspectiva, pode ser entendida como história da saudade, pois, é através da nostalgia que pode existir maneira de reelaborar ou recobrar determinados parâmetros de orientação temporal:

A saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história. (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 79)

No momento em que evoca a saudade de uma classe social que perdeu historicamente sua posição e testemunhou os símbolos de seu poder entalhados no espaço, Albuquerque Jr. traduz de forma lúcida a narrativa de Cunha (2014), uma vez que acredita que essa reforma enfraqueceu os comerciantes. E como o dinheiro os tornava mais poderosos que alguns outros grupos sociais de Santo Antônio de Jesus, no momento da restauração da praça, o prefeito acabou tirando de alguns proprietários o poder político que eles exerciam naquele espaço.

Nesse mesmo ano, segundo alguns entrevistados, o Beija-flor sofreu uma ruptura liderada por Faustino de Almeida Cunha, que contou com feirantes e políticos que não aceitaram essa reforma feita sem uma discussão ampla do assunto. Ainda com o governo de Zeca Lobo em andamento, os opositores do Beija-flor juntaram-se ao antigo líder político Rosalvo de Almeida da Fonseca e começaram a traçar estratégias políticas para vencer as eleições de 1966. Os encontros dos adversários do então prefeito aconteciam no bairro de São Benedito (um dos mais tradicionais da cidade), especificamente no sobrado de Fernando José Araújo, filho de doutor Araújo, que pertencia a uma família da elite da cidade de Santo Antônio de Jesus.

Entusiasmado, Cunha (2014) salientou que “o sobrado era uma casa de dois pavimentos, era coisa rara, não existia!”. O ilustre sobrado de doutor Araújo era famoso por parecer um sítio no meio da cidade, onde criava alguns bichos, dentre eles um casal de jacus, que circulavam livremente pela praça como dois animais domesticados. Portanto, tendo ocorrido a maioria dos

encontros da oposição no sobrado de Fernando Araújo, ao notar diversas reuniões nessa residência, a população denominou o grupo de Jacu, em oposição direta àquela outra agremiação identificada como Beija-flor. Cunha (2014) afirma que “ficou o nome de Jacu. Então, quando a gente perde a eleição o Jacu perdeu, quando ganha o Jacu ganhou”. Desse modo, essas duas facções dominaram o cenário político de Santo Antônio de Jesus durante quase três décadas, sendo ambos de ideologia direitista, o que para a população, local era algo totalmente aceitável, pois acredita-se que a direita está sempre preocupada, acima de tudo, em resguardar os costumes tradicionais da cidade.

O primeiro candidato da agremiação Jacu foi o médico Rosalvo de Almeida Fonseca, no ano de 1966 pela Aliança Renovadora Nacional<sup>24</sup> (ARENA), em que ocupou a sublegenda ARENA 2, sendo derrotado pelo comerciante Florentino Firmino de Almeida, da sublegenda ARENA 1, a agremiação Beija-flor.

## **2.5 Grupos Políticos e Partidos Políticos: “duas faces da mesma moeda”**

Vários grupos políticos surgiram e foram ganhando espaço no Brasil na segunda metade do século XX, o que levou acadêmicos de diferentes campos das ciências a fazer estudos sobre as agremiações existentes, em especial no Nordeste, como as agremiações políticas Vermelho e Azul, em Monsanto, um município do sertão de Pernambuco localizado no Vale do Pajeú, criados na década de 1980, rivais de direita até hoje (CAMARGO, 2014).

Na Bahia, além dos grupos Beija-flor e Jacu, existem outras cidades que as agremiações políticas de direita têm papéis protagonistas. Citamos aqui o grupo Carcará, de Jacobina, na região norte do Estado, no centro-norte da Chapada Diamantina, a 330 quilômetros de Salvador. Esse grupo com nome de ave de rapina foi pesquisado por Araújo (2012), segundo a qual, em meados dos anos 1960, aconteceu uma ruptura dos Rochas, uma família tradicional na política local. Mas só com a vitória na eleição municipal de 1970 dos dissidentes, essa agremiação com nome de pássaro se consolidou.

---

<sup>24</sup> Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido situacionista fundado em 1966 como consequência do Golpe Civil-militar de 1964.

Aqui também pontuamos as agremiações da cidade vizinha, Dom Macedo Costa, apelidadas pelos mesmos pássaros Beija-flor e Jacu. Alguns anos mais tarde, foram estudados e apresentados por Moreira (2018).

Também podem ser apontadas as agremiações políticas Chapéu Branco e Chapéu Preto, de Serrolândia, na Chapada Diamantina, à 339km da capital, Salvador. Todos esses grupos de cunho populista e seguindo uma ideologia de direita e ancorados radicalmente em partidos igualmente de direita.

Agremiações políticas não podem ser confundidas com partidos políticos, o que muitas vezes acontece nas cidades onde existem tais grupos. Por muitas vezes encontrei entrevistados chamando o Beija-flor ou o Jacu de “meu partido político”. Essas confusões não acontecem apenas com os eleitores, pois tais erros foram também cometidos por líderes políticos. Bonavides (2011) enfatiza que “de início, os escritores políticos da literatura antipartidária não estabeleciam distinção entre partido político e facção (séculos XVII e XVIII)”. De fato, para muitos, partido é o mesmo que agremiação política: um grupo organizado, validamente desenvolvido, com base em configurações espontâneas de participação associativa dirigida a atingir o poder político.

Diferente de grupos, os partidos políticos brasileiros estão pautados em legislação específica da Constituição Federal de 1988, no Capítulo V, art. 17, na Lei Orgânica dos Partidos Políticos (Lei 9.096/95) e em resoluções do TSE. Além disso, um partido deve obter a assinatura de 101 fundadores, distribuídos em pelo menos nove estados. Em seguida, deve registrar sua legenda no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Esse registro é provisório e se concretiza com o apoio formal da quantidade de eleitores correspondente a 0,5% dos votos dados na última eleição a toda a Câmara dos Deputados, sem os brancos e os nulos. São necessários em torno de 430 mil eleitores para o registro. Cumpridas ainda outras formalidades, o partido deve participar de eleições, receber dinheiro do fundo partidário e ocupar o horário político no rádio e na TV. (BRASIL. Senado Federal, 2019)

Teoricamente, a sociologia descreve os partidos políticos como aparelhamentos em busca do domínio local, regional ou nacional que, para chegar lá, utilizam canais democráticos, as eleições ou nomeações, segundo Johnson (1997, p. 171). Encontrando-se no poder, o partido tem uma grande

força de influência para estabelecer o elo dos cidadãos (eleitores do partido) e o Estado. Ainda no campo da sociologia, Weber (2011) define os partidos políticos, em particular, como organizações constituídas e fundamentadas em livre recrutamento e que faz oposição a todas as corporações constantemente delimitadas pela lei ou pelo contrato e tem como principal objetivo a aquisição de votos nas eleições para os cargos políticos. Essas são algumas definições interpretadas por boa parte de sociólogos no campo político.

Na historiografia, o partido político pode ser analisado também na perspectiva da ciência política americana, como bem enfatiza o historiador francês Serge Bernstein, quando diz que um partido deve durar mais que seus fundadores, esse ponto ele chama de “duração do tempo”, ainda precisa existir uma hierarquia e uma rede permanente de relações e estruturas nacionais, o que o autor denomina de “extensão territorial”, assim como, ter um projeto abrangente, isso significa, de nível nacional que possa incorporar quase toda população de um país, o qual é chamado de “aspiração ao exercício do poder”, e por fim, Bernstein (apud REMON, 1997, p. 62) sinaliza que precisa ter o apoio da população. Diante disso, deve recrutar militantes e atrair votos dos eleitores. É a partir desse conceito de partido político que intentamos diferenciar as agremiações políticas locais.

Na contemporaneidade, entende-se que é impossível a democracia viver sem os partidos políticos, uma vez que os governos representativos não poderiam funcionar como acontece. Portanto, os partidos são inevitáveis, principalmente nos grandes países onde a liberdade impera. Rémond (1997, p. 75) acredita que os partidos políticos, no estado atual, desempenham funções além do puramente eleitoral: eles se transformaram em centro de reflexão, formularam doutrinas, ideologias e propagam a educação política.

Os partidos são concebidos para atender diferentes ideologias e podem ser classificados de maneira bastante alternativa, como de esquerda, direita, centro, entre outros. No Brasil, dotado de um sistema multipartidário, eles atendem as diferentes classes e setores sociais, como as massas, os patrões e outros. Hume (1985, p. 27-28), acredita ser adequado existirem partidos com “[...] alguma diferença real de sentimentos ou interesse”, sua a natureza real.

Por outro lado, as agremiações políticas são descritas como coletividade que têm como um dos objetivos agregarem sujeitos e famílias que são



envolvidas diretamente ou não. O federalista James Madison Jr. (apud WEFFORT 2010, p. 263) salienta que uma “[...] facção política é um grupo de cidadãos, representado quer a maioria, quer a minoria do conjunto, unidos e agindo sob um impulso comum de sentimentos ou de interesses contrários aos direitos ou aos interesses prementes e coletivos da comunidade”.

A Antropologia Política enfatiza que só se percebe grupos políticos de vários municípios em período eleitoral, momento em que a cidade se divide geralmente em duas partes, como em Santo Antônio de Jesus, onde só se discute a política das agremiações rivais nesse momento. Palmeira e Heredia (2010, p. 20) afirmam que “a política para essas populações não é uma atividade permanente e nem se constitui em um domínio discreto de atividades. Política é identificada a eleições e, sintomaticamente, o período eleitoral [...]”. Na verdade, após as eleições, os eleitores em sua maioria não sacrificam as duas agremiações políticas por erros vindos de políticos das duas agremiações: suas cobranças geralmente ficam por conta de políticos ou os partidos que sustentam as organizações políticas locais nas eleições.

Camargo (2014, p. 23) justifica que um grupo político se diferencia de um partido principalmente por não ser regulamentado, ou melhor, por não existir qualquer código ou regulamentação sobre sua composição, atividade e componentes. Entretanto, o grupo não se coloca contra as leis externas dos programas eleitorais, ou seja, não se opõe às legalidades burocráticas de um partido. Cada grupo político tem sua liderança ou chefe político, por sua vez filiados a um partido de sua ideologia ou preferência. No caso dos grupos políticos Beija-flor e Jacu, suas alianças sempre estiveram voltadas à direita. Isso se deve aos atos praticados no tempo da política, por exemplo, aos compromissos dos candidatos para com os eleitores, enquadráveis “no modelo do favor/ajuda”, algo em grande parte rejeitado pelos políticos de esquerda, contribuinte para muitos resultados eleitorais catastróficos. Todavia, se o candidato tivesse fascínio, o resultado poderia ser diferente, no meio de uma política tão clientelista. Palmeira e Heredia (2010, p. 20), salientam que:

A menos que o autor da consigna tenha um **carisma**<sup>25</sup> verdadeiramente extraordinário – que faça com que sua recomendação seja percebida como uma ordem tão legítima que se possa sobrepor aos critérios correntes de legitimidade e honra pessoal, embutidos na palavra empenhada [...] (grifo e nora nossos)

Nesse período, não existiram lideranças carismáticas de esquerda em Santo Antônio de Jesus para fazer oposição às duas agremiações, pelo menos dentro do recorte temporal pesquisado. O município até o início dos anos 1990 era em sua maior parte de formação católica, conservadora e sempre prezou pelos “bons costumes tradicionais”. O médico Luiz Alberto Cravo Pinto de Queiroz (apud SALES, 2006, p. 23) salienta que “Santo Antônio era uma cidade muito pequena que tinha uma mentalidade muito arcaica, conservadora e provinciana [...]”. Nesse momento, as famílias se engajavam de alguma forma na política local, rivalizavam de tal maneira que a cidade era demarcada geograficamente pelas cores de suas facções políticas de preferência.

Os grupos políticos têm outras peculiaridades que os diferenciam dos partidos políticos. Distintos dos partidos, ao término do tempo eleitoral, eles não terão uma estrutura, isto é, sobrarão apenas as lideranças e alguns “apaixonados” (seguidores), pois os seus eleitores quase nunca são os de **votos-escolhas**,<sup>26</sup> preferindo a adesão, já que esse “é um processo que vai comprometendo o indivíduo e a família, ou alguma outra unidade social significativa, ao longo do tempo, para além do tempo da política” (PALMEIRA; HEREDIA, 2010, p.19). Este é um critério mais favorável para as facções políticas, já que o município se divide em dois polos.

Também existe um jogo de clientela entre representantes (empresários, médicos, advogados, políticos entre outros) que patrocinam os grupos e eleitores, que ao longo dos quatro anos anteriores do tempo da política, constroem relações de trocas de variadas necessidades. Palmeira e Heredia (2010, p. 19-20) afirmam que:

---

<sup>25</sup> Carisma é uma qualidade pessoal considerada extra cotidiana e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extra cotidianos específicos, ou então se a toma como pessoa enviada por Deus, como exemplar, portanto, como “líder”.

<sup>26</sup> Voto-escolha é um termo utilizado pela Antropologia política para designar uma decisão individual e que é tomada com base em certos critérios.

Via de regra, estão em jogo ajudas ou pequenos favores, que vão sendo saldados ao longo do tempo e que permitem a inversão frequente das posições de quem dá ou recebe. Mas há também grandes favores ou ajudas maiores, que são buscados fora, junto a quem tem condições de fazê-los, por dispor de dinheiro, prestígio ou de um capital de relações pessoais suficiente para mobilizar recursos de diferentes espécies de modo a atender às solicitações feitas. Esses favores como, por exemplo, emprego público para um membro da família; atendimento gratuito num hospital privado ou atendimento especial num hospital público; um grande empréstimo em dinheiro, serviços advocatícios gratuitos ou coisas que tais, não têm como ser repostos no dia a dia.

Pode-se pensar que essas dívidas feitas no intervalo de uma eleição para outra não são pagas integralmente, mas são possivelmente amortizadas na política através de seu voto e de seus familiares, no que denominam de voto leal ou de favor. Entretanto, nem sempre essa lealdade pode ser concretizada em todas as eleições, o que pode ser motivo de traição e perseguições no dia-a-dia pós tempo da política.

Esses são alguns critérios distintivos de grupos e partidos políticos. Entender as dessemelhanças é fundamental para não arriscar construir uma narrativa errônea sobre ambos. Todavia, é bom perceber que sempre partidos e agremiações vão confluir para realizar o jogo político. Bluntschli (1886, p. 347) assegura que “[...] todo partido político há um pouco de facção, e vice-versa, sendo manifesto esse conteúdo na medida em que o partido se governa pelo interesse público (espírito estatal) e a facção pelo interesse privado (espírito particularista)”. De modo geral, o que se percebe nas diferenças entre ambos é o grau burocrático alcançado pelos partidos desde o século XIX.

Desde sua formação, no início da década de 1960, Beija-flor e Jacu se entendiam como grupos políticos locais, sem as regras instituídas aos partidos. Todavia, eles não poderiam chegar ao poder se não estivessem vinculados a alguns dos partidos existentes. Pode-se pensar que os grupos não tinham fidelidade a nenhuma agremiação partidária, suas lealdades estavam nas ideologias de direita conservadoras e na luta pelo domínio político. Entenderemos com mais profundidade as dinâmicas e os posicionamentos dos dois grupos ao longo deste trabalho.

### **3 - ELEIÇÕES E DITADURA: A CONTRUÇÃO DOS DOIS LÍDERES EXPRESSIVOS DO BEIJA-FLOR E DO JACU (1976 a 1988)**

### 3.1 Adesão dos grupos políticos ao governo civil-militar

Em 31/03/1964, com o golpe deflagrado pelos militares e apoiado por uma parcela da sociedade civil, o Brasil veio a ser governado pelos militares por 21 anos. Os militares estabeleceram uma nova forma de administrar o Estado, um modelo autoritário que não atendia a soberania popular. Segundo Mathias (2004, p. 59):

[...] introduziram, [...] um novo modo de relacionamento político, abandonando os ideais democráticos para abraçar o caminho fácil do desenvolvimento econômico pela via do autoritarismo político. Nesse caso, encontraram terreno fértil na cultura mandonista que ainda prevalece no Brasil.

Com esse novo modelo de gerir o Estado, o Brasil teve uma mudança brusca na estruturação burocrática, a começar pelos ministérios, distribuídos de maneira orquestrada para que os cargos supostamente mais importantes ficassem nas mãos dos próprios militares ou de políticos civis de sua total confiança. Era através dessa estratégia e outras, que seus governos conseguiram se estabelecer no poder por mais de duas décadas. Entretanto, não se pode dizer que os militares não tinham experiência de gestão pública. Mathias (2004, p. 59) afirma que “A ocupação de cargos na administração civil não é, portanto, uma novidade inaugurada em 1964”; isto é, eles já participavam há muito dos cargos administrativos, em especial no executivo do país.

Uma certeza a historiografia já deixou registrada: o regime nada tinha de homogêneo. É conhecida a existência de diferentes correntes políticas e posicionamentos no cerne do governo militar desde o golpe de 1964. Não à toa os militares se dividiram em correntes com pensamentos divergentes, como, por exemplo, os sorbonistas ou castelistas, liderados pelo marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, junto com o “seu importante conselheiro, o general Golbery do Couto e Silva”<sup>27</sup>, oriundos da ESG (Escola Superior de Guerra) e intelectuais veteranos da segunda guerra mundial, assim como também a participação civil, além do alinhamento com os EUA, adotando um sistema liberal e anticomunista. Skidmore (1988, p. 40)

---

<sup>27</sup> Golbery do Couto e Silva (1911-) militar e político brasileiro, foi Chefe do antigo Serviço Nacional de Informações (1964-1967) órgão de inteligência da Ditadura Militar, Ministro do Tribunal de Contas da União (1967-1969) e chefe do Gabinete Civil da Presidência da República (1974-1981). (RAMOS, 2009)

afirma que: “Este grupo, mais moderado do que a linha dura, defendia a livre iniciativa (embora considerando também necessária a existência de um governo forte), uma política externa anticomunista [...]”. A linha dura por sua vez, foi liderada por Emílio Garrastazu Médici e Costa e Silva, com apoio dos generais Olímpio Mourão Filho, Sílvio Frota e outros, era também anticomunista, sem aproximação direta com os EUA, nacionalistas, avessos a qualquer tipo de político (civil) e democracia, além de ser uma corrente que defendia o uso dos instrumentos repressivos com maior vigor.

A linha dura representava de fato, a extrema direita com o aforismo de exterminar a esquerda em todos os aspectos. Mesmo com esse pensamento radical, essa corrente assim como qualquer outro grupo não era homogênea, porque nesse contexto de radicalismo um membro poderia ser mais agressivo do que o outro, o que talvez poderia ser mais complicado. Para Zirker (2014, p. 329), os “Oficiais da linha dura foram muitas vezes caracterizados como intelectualmente superficiais e agressivos, comandados primeiramente pela emoção, ao invés de pela estrutura intelectual”. A compreensão da pouca intelectualidade pode ser um dos fatores para impor o autoritarismo, ao invés do diálogo.

Humberto de Alencar Castello Branco (1897-1967), o primeiro dos militares a governar o Brasil após a deflagração do golpe civil-militar, assumiu a Presidência da República a dia 15/04/1964. O seu governo foi de acordo com os princípios que nortearam o movimento político-militar de 31 de março, Castelo procurou empreender nos primeiros meses de governo a reorganização econômica do país e a desarticulação das entidades de esquerda, visando a punir sobretudo as lideranças comprometidas com o governo Goulart. Nesse quadro, o pensamento da ESG, baseado no binômio segurança e desenvolvimento, foi decisivo no processo de legitimação de uma nova ordem política. (CASTRO, 2019)

Integrado ao resto do estado e do país, Santo Antônio de Jesus viu as maiores lideranças políticas aderirem ao regime civil-militar e, especialmente o grupo Beija-flor, no poder há quase dois anos, com José Trindade Lobo, fazia oposição radical a João Goulart que, quando ministro do Trabalho de Getúlio Vargas fez uma aproximação do governo com o movimento sindical, algo mal visto pelos direitistas da cidade. Além disso, Jango se comprometeu a fazer as reformas de base, nelas incluída a reforma agrária, o uma afronta às

oligarquias locais que, mesmo com muitas terras ociosas, não queriam abrir mão de um centímetro de suas propriedades, que lhe rendiam riquezas, poder e controle sobre pessoas, ou seja, criou-se uma teia de relações socioeconômicas e políticas, com o sistema de compadrio, ou seja, obediência dos afilhados aos padrinhos (donos de terras). Skidmore (1988, p. 33) resume essa relação da seguinte maneira, “[...] o afilhado procurava o padrinho para lhe pedir proteção e favores. Este sistema canalizava as aspirações do inferior para papai grande de quem não se duvida que atenderia de boa vontade seu tutelado moral”. Com o sistema harmônico, raramente se usava a violência e, os fazendeiros tinham os votantes em quase todas as eleições.

O prefeito José Trindade Lobo, em saudação à revolução (como era chamado o golpe pelos simpatizantes), a homenageou com um projeto de lei, que decretou a mudança do nome da rua 24 de Agosto – data do suicídio de Vargas – para rua 31 de Março, data da instalação do golpe civil-militar. Segue o projeto de lei nº 34, abaixo:

Santo Antônio de Jesus – Bahia, lei nº 34, junho de 1964.  
Artigo 1º - Fica denominada 31 de março, a atual rua 24 de agosto, nesta cidade de Santo Antônio de Jesus.  
Artigo 2º - Fica o Snr. Prefeito Municipal autorizado a efetuar as despesas decorrentes com a modificação da placa, etc.  
Artigo 3º - Revogam-se as deposições em contrário. (SANTO ANTÔNIO DE JESUS, 1964)

Esse projeto de lei também foi trabalhado por Mota (2013, p. 40), segundo a qual “em 27 de maio de 1964, em menos de dois meses de golpe foi discutido na Câmara de Santo Antônio de Jesus o Projeto de Resolução nº 3/1964 que tratava da mudança do nome da Rua 24 de Agosto para 31 de Março”. Valadão descreve que “A revolução militar de 1964 exigiu que todas as cidades brasileiras tivessem um logradouro denominado "31 de março" a fim de perpetuar na memória de todo país aquela "inesquecível" data” (VALADÃO, 2005, p. 96). É importante salientar que 24 de agosto é a data da morte de Getúlio Vargas; diante disso, pode-se crer que a modificação é extremamente simbólica, pois, tira-se a homenagem a Vargas e a substitui pela homenagem ao golpe que destituiu o seu herdeiro político.

Não se sabe o autor do projeto, se foi o prefeito, algum vereador ou moradores das respectivas ruas, simpatizantes do golpe; sabe-se que foi bem

aceito pelos políticos e em pouco tempo (três meses) aprovado e a lei resultante, sancionada por José Trindade Lobo.

Outras ruas tiveram os nomes mudados a fim de homenagear políticos que ajudaram a orquestrar o golpe de 64, como o ex-Governador da Bahia Juracy Magalhães, da extinta UDN, e de militares que assumiram o posto de Presidente da República após o golpe. Mota (2013, p. 50) afirma que, “Nesse mesmo dia, sancionou também a lei que mudou o nome da Rua Forte de São José para Avenida Juracy Magalhães. Em 1971, outra rua foi denominada Presidente Médici e, em 1975, a transversal da Rua São Bento no Bairro São Benedito mudou para Presidente Costa e Silva”. Isto pode ser um dos fatores que evidencia a posição dos políticos do local e de parte significativa da população a favor do regime militar.

Na Câmara de Vereadores de Santo Antônio de Jesus, os simpatizantes da intervenção militar eram bastante ativos na tentativa de cooptar os ainda sem opinião formada sobre a “Revolução de 1964”. Diante disso, muitas manifestações ocorreram por parte de vereadores com intenção de mostrar a todos que o legislativo municipal apoiava integralmente a “revolução”. Como salienta Mota (2013, p. 39), “as palavras, “patriótica”, “paz”, “ordem” e “prosperidade”, [...] fizeram parte dos discursos cotidianos dos vereadores. As propostas e propagandas políticas exaltavam um nacionalismo ufanista, pregando a ordem e a paz”. Esses discursos refletiam a estreita relação favorável dos dois grupos, Beija-flor e o Jacu, que nesse momento ainda não estava tão organizado organicamente como seu rival, em relação ao golpe de 1964, já que a vereança representava os referentes grupos políticos local. Faustino de Almeida Cunha, um dos criadores das duas agremiações políticas, afirma que, “na revolução esses dois grupos ficaram no mesmo lado, tanto o Jacu como Beija-flor” (CUNHA, 2014); o entrevistado enfatiza porque os grupos tinham de caminhar juntos com a ditadura:

Não teríamos chance mesmo, porque naquela época a revolução foi assim mesmo entendeu? Então não tinha como romper, se fizesse isso, ia sofrer. Tinha que acompanhar a revolução, a não ser aqueles mesmos fanáticos que acompanhava a oposição, eles ficaram por baixo há mais de vinte anos, é, esse pessoal ficou a vida toda na oposição e ficou por baixo.

Na atualização de sua memória no tempo presente, Cunha (2014) atribui sua permanência no poder, ao apoio fiel que era dado ao governo ditatorial, pois se fizesse oposição, o destino seria ficar por “baixo”, em outras palavras, o entrevistado quer dizer em posição inferior ou situação de menor importância. Na verdade, para estar no poder político naquele momento, de alguma forma, tinha que acompanhar a “revolução”, pois só os fanáticos (palavra de Cunha para os opositores da Ditadura) não estavam com os militares.

Diante da narrativa de Faustino, entende-se que a resistência ao golpe foi pequena no município e os poucos cidadãos contrários eram taxados de subversivos. Para o entrevistado, opositores, como o comerciante José de Almeida Sampaio (Quito) e Geraldo Martins Santos (Geraldo da Bicicleta), além de Gorgônio Neto e outros poucos, não tiveram êxitos. Alguns deles, inclusive, a exemplo do senhor Quito chegaram a ser detidos, enquanto outros tiveram de abandonar a cidade.

Reis Filho<sup>28</sup> (2014) afirma que “A Revolução de 64 quebrou as lideranças de esquerda, porque se você fosse uma liderança contra a revolução ia ser desaparecido ou exilado”. Reis Filho traz uma narrativa quase parecida com a de Faustino de Almeida Cunha, um discurso comum para a coletividade depois da instalação da ditadura civil-militar no Brasil, uma construção da memória, podemos denominar coletiva. Segundo Halbwachs (1990), a memória teoricamente mais particular remete à de um grupo, ou seja, o sujeito carrega em si os momentos dos passados (lembranças), porém está sempre se comunicando com a sociedade, seus grupos e instituições. Então, é na totalidade destas relações que chegamos as nossas memórias.

As perseguições relatadas por Reis Filho ocorriam em quase todo o país, sendo que o clima repressivo com o posterior endurecimento da ditadura iria piorar, levando alguns, inclusive, a na ilegalidade, integrar a ação armada ou a partir para o exílio, o que pouco aconteceu no município, pois durante o governo de Luiz Viana Filho (1967-1971), alguns dos antigos opositores ao golpe de 1964 foram cooptados pelo poder dominante em Santo Antônio de Jesus que, então, apoiava o regime autoritário. Segundo Reis Filho (2014),

---

<sup>28</sup> O advogado santotoniense José Reis Filho foi presidente da União dos Vereadores da Bahia (UVB) e vereador por dois mandatos, o primeiro pela ARENA (1976), o segundo pelo PL, durante o qual foi Presidente da Câmara (1983-1985). Atualmente é líder do PTB.



[...] todo mundo depois passou a conviver com o poder, passou a ser liderado de Luiz Viana. **Gorgônio**<sup>29</sup> mesmo foi assim, um dos liderados fortes de Luiz Viana Filho, que era governador, inclusive se elegeu deputado né, com o apoio de Luiz Viana Filho, primeiro deputado estadual, depois deputado federal, foi assim, o último deputado da terra antes do Ursicino. (grifos e nota nossos)

Acredita-se que grande parte dos políticos locais passaram para o lado do governo que servia ao regime civil-militar; entretanto, outros opositores permaneceram com suas posições e ideologias, como o professor Pedro Barroso Sobrinho<sup>30</sup>, que se afirma comunista na entrevista, deixando claro sua concepção ideológica: “minha formação política é marxista e leninista, minha filiação política é totalmente afinada com o Partido dos Trabalhadores” (BARROSO SOBRINHO, 2016). De fato, ele não se filiou a nenhum dos dois partidos existentes na Ditadura, só vindo fazer parte de agremiação partidária quando candidato pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), em 1982, partido que substituiu o MDB, a “alternativa mais viável da esquerda aqui em Santo Antônio de Jesus no início da década de 1980” (idem), segundo ele. Além do entrevistado, outros opositores não partidários também se negaram a passar para o lado dos militares, é o caso do já mencionado em parágrafo anterior, senhor Quito.

Com o golpe consolidado, os militares concentraram-se em censurar violentamente setores e organizações ligadas às esquerdas, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), as Ligas Camponesas, além das juventudes católicas (JAC, JEC, JOC, JUC e a Ação Popular (AP)). Também de forma discricionária e irregular, milhares de indivíduos foram encarcerados e vários outros foram submetidos a tortura, prática comum aqui também no Nordeste.

---

<sup>29</sup> Gorgônio de Araújo Neto cursou o secundário no Colégio Estadual da Bahia, em Salvador. Formou-se em Direito pela UFBA, em 1963. Em sua vivência acadêmica, foi presidente do Centro Popular de Cultura (CPC) e da União dos Estudantes da Bahia (UEB). Em 1964, foi preso por comandar o movimento estudantil de esquerda. Após sair da cadeia, regressou a Santo Antônio de Jesus, onde se juntou ao amigo médico Ursicino e passou a fazer política local no grupo Beija-flor, passando, em seguida, para o Jacu. Talvez fazer parte da direita do município não lhe tenha causado grandes constrangimentos, uma vez que sua família tinha tradição política: seu avô fora intendente de 1912 a 1915 e seu pai, prefeito de 1939 a 1945.

<sup>30</sup> Natural de Nossa Senhora do Socorro, Sergipe, Pedro Barroso Sobrinho (54 anos) é escritor, professor de oratória, dramaturgo, poeta, ator e diretor teatral, com Bacharelado pela UFBA (1979) nessa área, tendo idealizado e fundado a Academia de Letras do Recôncavo, da qual faz parte, e vereador pelo PMDB de 1983 a 1987.

Para combater de forma eficaz as ditas organizações de esquerdas, os militares contaram com o Serviço Nacional de Informações (SNI), órgão da Presidência da República criado em 13/06/1964 pela Lei nº 4.341 com o escopo de superintender e ordenar nacionalmente as atividades de informação e de contrainformação, em particular aquelas de interesse para a segurança nacional. Esse órgão, com o passar dos anos, objetivou principalmente identificar e eliminar os “inimigos internos”, ou seja, todos que questionavam e criticavam o regime estabelecido e, antes de tudo, comunista:

Durante a ditadura, além dos casos óbvios de perseguição, prisão, tortura e morte de militares e quadros organizados, praticados pela polícia política, milhares de pessoas foram espionadas, julgadas e prejudicadas pela comunidade de informações. (FICO, 2017, p. 181)

Desta maneira, as espionagens conduzidas por diferentes órgãos da Ditadura serviam para a manutenção da ordem social aos moldes militares. Testemunha-se que a partir de 1969, o sistema de coleta e análise de informações e de cumprimento da repressão tornou-se maior com a criação da Operação Bandeirantes (OBAN), em São Paulo, um mecanismo combinado e desenvolvido por oficiais das três Forças Armadas e por policiais civis e militares, que coletava dados com investigação e intervenções de combate.

Santo Antônio de Jesus também teve espaço específico para esses tipos de operação, não de forma oficial, como as citadas, mas clandestinamente. Políticos de oposição ou mesmo cidadãos comuns eram diariamente vigiados. Mota (2013) afirma que na “[...]ditadura as pessoas não podiam conversar com ninguém, que os policiais “mandavam abrir”, quer dizer, dispersar, já que pensavam que qualquer grupo conversando podia se tratar de uma conspiração contra o governo”.

Nas cidades vizinhas também houve muitas perseguições, lideradas por políticos locais, agentes do exército e com apoio de santoantonienses, entre eles Faustino de Almeida Cunha que, segundo Mota (2013, p. 63), fez de sua casa no bairro do São Benedito o quartel general dos agressores.

A governabilidade dos militares e o estabelecimento de um regime de exceção foi pautado em uma série de atos institucionais e complementares que atingiram todos os opositores ao regime. Muitos sofreram torturas, foram

perseguidos, censurados e receberam outras punições. Entre os atos institucionais, nos interessa destacar o AI-2, de 27/10/1965, durante o governo do Marechal Castello Branco (1964-1967), que teve como ponto principal a adoção do bipartidarismo que, colocando fim ao multipartidarismo existente, autorizava a existência de dois únicos partidos, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), fundado em 24/03/1966, e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), instituída em 4/04/1966. Enquanto o primeiro era de oposição controlada, o segundo representava os militares e os apoiadores da Ditadura. As medidas adotadas no AI-2 podem ser entendidas como uma construção que visava a controlar diversos setores, tanto do Executivo como do Judiciário, como bem explica Alves (1964, p. 80):

As medidas adotadas no AI-2 podem dividir-se em três categorias: aquelas destinadas a controlar o Congresso Nacional, com o conseqüente fortalecimento do Poder Executivo, as que visavam especialmente o Judiciário, e as que deveriam controlar a representação política. No primeiro caso, podemos citar o retorno do poder de cassar mandatos e suspender direitos políticos, no segundo a extensão do foro militar aos civis nos crimes contra a segurança pública e no terceiro, a extinção dos partidos políticos e adoção de eleições indiretas para a Presidência da República.

Constata-se que o objetivo de Castello Branco e de seus comandados era não deixar qualquer espaço para a oposição. Como bem salienta Skidmore (1988, p. 102), “o principal propósito do AI-2, com duração prevista até 15 de março de 1967 (fim do mandato de Castelo), era tornar mais difícil qualquer vitória eleitoral da oposição”. O presidente, o vice e todos os governadores seriam a partir de agora eleitos indiretamente, sendo aqueles, pelo Congresso Nacional e esses, pelas Assembleias Legislativas.

Assim, com os poderes controlados e os partidos dissolvidos, militantes outrora ligados a partidos de esquerda, como o PCB e o PCdoB, que, antes do AI-2 tinham abrigo no PTB ou, em menor proporção no PSD, partido fundado por aliados conservadores de Vargas em 1945, que perderam as vias legais de oposição política. Dessa maneira, indivíduos mais moderados acabaram se filiando ao MDB, enquanto alguns outros aderiram a movimentos de luta armada pouco depois.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> A luta armada ou guerrilha é um conjunto de ações organizadas, lideradas por militantes de esquerda com o intuito de derrubar um governo ditatorial. No Brasil, a luta armada foi contra a

Contudo, os dois grupos políticos do município de Santo Antônio de Jesus, Beija-flor e Jacu, optaram sem titubear por integrar a Aliança Renovadora Nacional (Arena), já que a maioria dos políticos do município festejou o golpe de 1964 e apoiava a implementação do regime autoritário. Em entrevista, Barroso Sobrinho narrou:

Os dois serviam ao mesmo senhor, eu falava que eles eram capachos, caudatários serviçais da ditadura militar. Beija-flor e Jacu foram grupos criados pela ditadura militar, eles se dividiam de forma artificial e o povão achava que eles eram inimigos. (BARROSO SOBRINHO, 2014)

Essa declaração de Barroso Sobrinho mostra de alguma maneira como as duas agremiações Beija-flor e Jacu estavam relacionadas com a ditadura civil-militar, ao ponto de o professor enfatizar que os dois grupos políticos foram construídos no governo dos militares a partir de 1964. Com as duas facções políticas no mesmo partido, foi necessária uma divisão interna, capaz de mostrar a diferença entre ambas. Desta maneira, o partido se dividiu em sublegendas, ou seja, ARENA 1 E ARENA 2, porém a disputa desta vez seria para ver quem ficaria na 1, já que para muitos candidatos locais, ela tinha mais prestígio a nível estadual e nacional. Grinberg (2009) descreveu que:

[...] Em um grande número de municípios, [...] não houve propriamente eleição, mas um plebiscito, porque havia apenas candidatos da Arena, sem concorrentes do MDB, em outros municípios, não houve competição entre os dois partidos, mas “apenas” entre sublegendas da Arena.

Os grupos não iam divergir com os governos estaduais, pois suas dependências financeiras, de poder local, desenvolvimento dos municípios e outros; estavam ligados de maneiras estreitas com os governantes do momento. E a Bahia como se sabe, em sua maioria, aderiu ao golpe de forma orquestrada; Grinberg (2009) afirma, que “tais situações foram entendidas como vitórias indevidas, porque seriam uma consequência da dependência dos grupos políticos locais diante dos governos controlados pela Arena”.

---

ditadura civil-militar e os militantes em sua maioria eram influenciados pelas ideias socialistas. As estratégias de luta dos grupos armados eram diversas, (panfletagem, comícios relâmpagos) e táticas de guerrilha urbana (a desapropriação de bancos, o sequestro de embaixadores, o roubo de armas em quartéis, etc.), além de planos de guerrilha rural.

Considera-se que desde o golpe efetuado em 1964 e, conseqüentemente com o AI- 2, o Beija-flor e o Jacu não estiveram desligados da Arena, partido que por muito tempo ficou conhecido como agremiação submissa aos militares. Grinberg (2009, p. 223) reforça que:

No final da década de 1970, a Arena era conhecida como o “partido do sim, senhor”. Na leitura dos anais da Câmara dos Deputados e dos anais do senado, pode-se observar que essa designação começou a ser usada nos debates que datam dos anos posteriores a 1974, quando a competição eleitoral tornou-se bastante acirrada, e o MDB passou a ameaçar, eleitoralmente a ditadura.

Para além da submissão do partido afirmada por alguns pesquisadores, a ARENA também foi construída com inúmeros políticos reunidos em cada município, derivados tanto da UDN, quanto do PDS, cuja organização em todo o território nacional era um dos seus preciosos capitais políticos. Sobre o ponto de vista de que a Arena se estabeleceu também como herdeira do PDS, reafirma a sua condição de partido ligado ao Estado, ao governo e mostra que a Arena foi um partido da continuidade daqueles que estavam ligados ao governo há décadas. (GRINBERG, 2009, p. 27)

Na eleição de 1972, por exemplo, a Arena dominou ainda mais o cenário político do município, até porque não existiu candidato a prefeito disputando pelo MDB. Mota (2013, p. 63) assegura que “em poucos municípios, a disputa pelos cargos eletivos estava colocada em termos de Arena e MDB [...]”. De fato, poucas cidades da Bahia tiveram o MDB como oposição ao regime. Entretanto, os setores das cidades que aderiram ao partido, mostraram que não estavam satisfeitos com a forma de governo dos militares. Entre esses municípios estavam Cruz das Almas e Nazaré. No quadro seguinte, podemos observar a configuração da eleição de 1972, nessas duas cidades e em Santo Antônio de Jesus.

Quadro 4: Eleição de 1972, em três cidade do Recôncavo baiano

CIDADE	ARENA	MDB	BRANCOS	NULOS	TOTAL	ELEITORADO	%
Cruz das Almas	2.949	4.048	150	105	7.252	9.652	24
Nazaré	3.069	2.489	129	174	5.861	7.941	26
SAJ	5.769	–	2.619	94	8.482	12.752	33

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE)-1988.

O quadro apresenta importantes indicativos da eleição de 1972 para prefeito, ela mostra que a maioria dos eleitores votantes da cidade de Cruz das Almas elegeram o candidato do MDB com 57,85% dos votos, tendo uma diferença de 15,7% sobre o candidato da Arena. Já em Nazaré, o candidato do MDB perdeu por uma diferença de 10,38% dos votos. Aqui não estamos levando em conta os votos em branco e nulos. Nossa proposta é confrontar os sufrágios dos dois partidos.

Diante do que foi registrado na eleição de 1972, parece que o MDB fez uma verdadeira oposição a ARENA nessas cidades, a ponto de ser vitorioso em Cruz das Almas. Isso pode ser compreendido por alguns fatores, como, a existência de candidatos do MDB não opositores ao regime, mas, usavam essa legenda para se eleger.

Também não podemos descartar uma oposição real por parte do MDB nessas cidades, pois possivelmente existiam grupos de resistência contra o governo militar. Jacobina (2010) delinea a identificação das populações em alguns municípios baianos da seguinte maneira:

[...] certa identificação de grupos urbanos com segmentos do MDB como o grupo autêntico, ou, por exemplo, a Ala Jovem do MDB, seja uma interpretação menos extrema, que busca em segmentos da sociedade, identificação com divisões internas MDB. Essa nos parece ser uma interpretação mais precisa-

Cruz das Almas tivera posições políticas de resistência e maior embate de cunho progressista, devido em parte, a sua relação com o mundo acadêmico, falamos na verdade da Escola de Agronomia que existe na cidade desde 1943 e, que depois, em 1968, foi incorporada à UFBA. Isso significa que o município, sobretudo no espaço urbano, tinha parte de sua sociedade talvez com uma visão mais politizada no que se refere à oposição, diferente de outras cidades da região. Jacobina (2010, p. 93) salienta que “Nos centros urbanos do Brasil como um todo, setores do MDB se aproximaram de forças advindas da sociedade civil organizada. Entre esses grupos e segmentos da população nós pudemos perceber uma forte identificação com a oposição ao regime militar”. Constata-se que, quanto mais existir em uma cidade locais de construção de conhecimento político, terá uma população politizada.

Em relação à vida acadêmica no município santoantoniese como um dos espaços de politização, só pôde ser realizado ainda em passos muito tímidos nos anos 1980 com a chegada da Faculdade de Formação de Professores (FFPSAJ) que, segundo Oliveira (2019), veio colaborar muito na cidade em relação às Humanidades. Hernane Mercês de Oliveira<sup>32</sup> ainda salienta:

No momento que a universidade chega, ela contribui de forma bem acentuada para que se expandisse o conhecimento. Apesar de ser tímida a época. Ela também não poderia sair rompendo o tradicional-cultural ali naquele momento né, ela não podia rasgar isso. Então ela vem com bem calma através do aprendizado de todas vertentes ideológicas e, isso contribuiu de forma significativa. (OLIVEIRA, 2019)

O discurso de Oliveira é de que a Universidade teve um papel importante na contribuição de ideias múltiplas, especialmente em sua primeira formação de docentes, na área de Estudos Sociais, em que só na primeira turma de 1983, formaram-se 200 professores advindos dos magistérios de várias cidades da região, que ampliaram o olhar acerca de diversas temáticas entre elas a política.

A FFPSAJ teve suas instalações provisórias no Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes. Inicialmente com dois cursos técnicos com duração de um ano (Técnicas Agrícolas e Técnicas Comerciais) de 1981 a 1982. Em 1983, a instituição inaugurou seu prédio no bairro Jardim Bahia e dois anos mais tarde (1985), implantou o curso de Estudos Sociais. Em 1997, no ano de reestruturação das universidades estaduais da Bahia, passou a ser designada Departamento de Ciências Humanas (DCH) (UNEB, 2019), vindo contribuir para o aprofundamento crítico da sociedade santantoniense. Segue abaixo imagem do prédio da faculdade quando foi inaugurado:

**Imagem – 3: Entrada o DCH do campus V da UNEB**

---

<sup>32</sup> Santo-antoniense de 62 anos, oriundo de família tradicional, Hernane Mercês de Oliveira é formado em Educação Física e Direito. Foi Chefe de Gabinete de Renato Machado durante o terceiro ano de mandato (1985) e vereador Beija-florista de 1982 a 1992.



Fonte: arquivo da UNEB, campus V

Voltando à hegemonia da Arena em Santo Antônio de Jesus na década de 70, observamos que havia um conflito para ver quem conseguiria ficar na Arena-1, pois como salienta Mota (2013, p. 61), “mesmo com as divisões partidárias, o corpo político da cidade procurou evidenciar o apoio ao governo estadual e nacional. Esses gestos podem ser interpretados como uma demarcação de espaço no poder político local”. Diante disso, convencionou-se reunir todo o diretório da ARENA local, que votava nas duas sublegendas: a mais votada ficava com a ARENA 1 e a outra, com a ARENA 2. Como exemplo, segue um quadro da convenção em 1976, que demonstra como ficaram as eleições na cidade a partir do governo civil-militar:

**Quadro 5: Convenção do Diretório da ARENA em 1976**

<b>PARTIDO</b>	<b>GRUPO</b>	<b>NÚMERO DE SUFRÁGIOS</b>	<b>CANDIDATOS ESCOLHIDOS</b>	<b>ELEITOS NA CONVENÇÃO FINAL</b>
ARENA 1	Jacu	39	21	18
ARENA 2	Beija-flor	30	18	15



Fonte: Dados concedidos por José Reis Filho.

O processo de escolha causava muitas agitações na Câmara, gerando disputas consideradas desleais pelos competidores, uma vez que o bem relacionado politicamente possivelmente teria vantagens sobre os demais. José Reis Filho, por exemplo, não deveria ser candidato em 1976, pois, segundo a contagem do diretório, em 19º lugar, não alcançava a última vaga na sublegenda ARENA 2, com direito só a 18 candidatos. Contudo, Chico Mendonça, na 16ª posição e casado com a sobrinha de Faustino Cunha, desistiu e passou a sua inscrição para Zé Reis, que finalmente concorreu a uma vaga na Câmara de Vereadores, atitude que causou desconfiança e comentários da oposição e do próprio grupo (REIS FILHO, 2014).

As disputas no diretório local ultrapassavam as lutas internas. Entravam também nesse jogo as relações de afinidades, privilégios e interesses. Como os pais de José Reis Filho faziam parte da classe média do município e tinham muita influência, acredita-se que interessava a Chico Mendonça, Faustino Cunha e outros, agradá-lo. Mosca (1968, p. 66), sinaliza que “seja por afinidade de interesses ou por outros motivos, os membros da classe dirigente constituem um grupo homogêneo e solidário entre si”. De fato, Zé Reis é de uma linhagem política, pois seu pai foi um dos criadores do Beija-flor, participou do grupo Jacu e foi vereador do município. Nesta situação, sua posição lhe favoreceu junto aos correligionários, possibilitando articulações.

Esse enredo vivido por José Reis Filho mostra muitas vezes que os políticos não eram tão fiéis aos grupos como se pensava, levando a crer que esses eram uma espécie de suporte para alcançar um lugar na legislatura. Grinberg (2009, p. 30) chama atenção para os candidatos pela ARENA, entendendo que “[...] o voto não é orientado apenas pela legenda, mas, em grande parte, pelo reconhecimento do candidato pelo eleitor”, ou seja, muitos já possuíam votos antes mesmo da legenda e, no caso de Zé Reis, seu pai já tinha uma clientela de eleitores bastante significativa.

### 3.2 De amigos a rivais: Ursicino Pinto de Queiroz X Renato Machado, na luta pelo poder político

Santo Antônio de Jesus nos anos 60 do século XX foi sempre lembrada por romancistas, memorialistas ou saudosistas como a típica cidade interiorana, pacata, que resguardava as suas tradições. O cearense e tenente do Exército Geraldo Pessoa Sales, que veio exercer o seu ofício no município em 1965 e aqui ficou, salienta, “[...] a cidade que encontrei em junho de 1965 era ainda acanhada, embora fosse, já naquela época, uma das melhores da região” (SALES, 2006, p. 23). O que ele descreve como umas das melhores cidades da região talvez possa ser melhor explicado sob a ótica ampliada da geografia, através dos estudos feitos de Santos (2012, p. 18), as particularidades positivas do espaço territorial onde o município está situado:

Analisando as influências dos aspectos geográficos contidas nesse espaço, verifica-se que o nível de acessibilidade encontrado na região, em função das facilidades de entrada e saída, tanto por via terrestre como marítima, aliado as questões naturais, [...] contribuíram para a constituição regional de modo bastante peculiar. O conjunto evidenciado no Recôncavo possui uma diversidade socioeconômica, política e cultural que diferencia das demais regiões do Estado da Bahia.

O que Santos destaca não pode passar despercebido, principalmente no que tange ao nível de acessibilidade de Santo Antônio de Jesus, cidade bem centralizada que dinamizava a economia da região do Recôncavo Sul, de forma a referendar o município como um potencial centro urbano.

Quadros (2009) afirma que na metade do século XX, a microrregião era composta por um mosaico de subáreas combinadas por distintas atividades que, para além da subsistência dos produtores, estavam incumbidos dos fornecimentos das feiras locais e, também ajudavam a abastecer a cidade de Salvador e até mesmo mantinham relações com mercados externos.

Até a década de 1960, assim como boa arte dos municípios brasileiros, Santo Antônio de Jesus era composto por uma população bastante rural. Isso significa que as demandas básicas para a população local urbana, como educação, saúde, energia, água encanada e outros, não existiam ou não supriam as necessidades almejadas na cidade. Sales (2006, p. 23) afirma que

ao chegar à cidade, “[...] Ainda não tinha água encanada e o fornecimento de luz elétrica era feito precariamente. [...]”. Esse ainda era o retrato de Santo Antônio de Jesus em plena década de 1960.

No que se diz respeito a educação, não só em Santo Antônio de Jesus, como em todo o país, parece que esse objetivo não estava na escala das prioridades dos governantes. Já na metade da década de 1950, no governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960), do PSD, ao elaborar “O Plano de Metas”, o presidente não priorizou a educação como parte da estrutura desenvolvimentista de uma nação, pois investiu no setor apenas 3,4% das aquisições inicialmente previstas nas metas. (SILVA, 2019)

JK já encontrara o país em um quadro crítico. O Censo de 1940 revelava que a taxa de analfabetismo do país escalava mais de 50%, era exatamente 56,17% da população com idade superior a 15 anos, número assustador para um país que corria em direção ao desenvolvimento. Esse mapeamento do analfabetismo era alvo de intensas condenações por parte de educadores, entre eles Anísio Teixeira<sup>33</sup> e Fernando de Azevedo<sup>34</sup>, os quais lançaram em 1959 um manifesto assinado por 189 pessoas com cabedal na educação:

O manifesto de 1959 foi divulgado em meio a um debate sobre o ensino básico que não era novo, mas se tornou mais intenso por uma série de razões. Além de se estar vivendo uma situação crítica, era preciso definir o papel do Estado diante da educação. A Constituição de 1946 previa a elaboração de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional [...]. (BOMENY, 2019).

O manifesto não tinha só direcionamento para o Estado, mas toda uma sociedade, em especial as instituições, como as religiosas. Elas por questões particulares atendiam uma pequena parcela da sociedade, além de sua educação que era voltada com cunho bastante religiosa. Bomeny (2019) salienta que, por esse ato, “[...] o educador Anísio Teixeira acabou sendo perseguido pelos bispos católicos, que em 1958 lançaram um memorial acusando-o de extremista [...]”. De fato, fora requerida ao governo a exoneração de Anísio Teixeira da Coordenação do Aperfeiçoamento de

---

<sup>33</sup> O educador Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) foi pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis, que refletiam seu objetivo de oferecer educação gratuita para todos.

<sup>34</sup> Fernando de Azevedo foi um professor, educador, crítico, ensaísta e sociólogo brasileiro.

Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP).

Em Santo Antônio de Jesus, o ensino estava voltado ao primário desde a metade do século XIX, quando foi constituída a primeira escola pública na cidade. Esses espaços de educação atendiam a um número bem pequeno de alunos e os professores vinham de Nazaré a “capital imediata” para atender as necessidades da região naquele momento:

No ano de 1832 surgiu a primeira escola pública de Santo Antônio de Jesus criada através do decreto legislativo de junho do mesmo ano, sancionado pela Regência, em nome do Imperador Dom Pedro II, na Capela denominada “Pe. Matheus”, quando foi nomeado pelo Conselho Geral da Província seu primeiro professor, Manoel Antônio do Vale, que assumiu a cadeira um ano depois, em 1833. Este professor lecionava em Nazaré desde 1824 onde tinha grande conceito junto à população [...]. (COSTA, 2012, p. 12)

As primeiras décadas do século XX, o nível educacional em Santo Antônio de Jesus, encontrava-se apenas o primário:

Em 1947, chegaram a esta cidade duas irmãs Mercedárias: a Madre Maria do Rosário de Almeida e a Irmã Trindade Vaz, com o objetivo de procurarem uma casa para alugar, a qual seria a Casa de Formação da Congregação das Mercedárias na Bahia [...]. (SANTOS, SANTANA, 2002, p. 5)

Entretanto, deveria ter a permissão do executivo, na ocasião ocupado pelo prefeito do PSD, Antônio Magalhães Fraga.

Santos e Santana (2002, p. 5) afirmam que “o prefeito, [...] fez um insistente apelo às Irmãs que ficassem na cidade e que fundassem aqui uma escola, porque era a maior carência da localidade naquele momento [...]”. Na verdade, Fraga não só queria ampliar o número de escolas no município, mas também fazer com que as pessoas analfabetas aprendessem a assinar e a escrever seu próprio nome para votar nele nas eleições. Em entrevista a Silva (2010), dona Raquel, professora da época, afirma que “pegava na mão para aprender a fazer o nome e aprender votar”. A professora tinha três turmas nesse período, o que leva a entender que a escola tinha um número significativo de alunos, assim como eleitores. Como mencionado, Santo Antônio de Jesus era um município bastante rural e, mesmo com um pequeno

número de escolas no campo, como a de Mina do Sapé, o índice de analfabetismo era bastante alto, o que proibia grande parte da população de votar, conforme estabelecido pelo decreto nº 3.029, de 9/01/1881, conhecido como Lei Saraiva. Desse modo, fazer o santoantoniese saber pelo menos escrever o seu nome e o de Fraga não era só um compromisso de Estado, mas também um dos fatores de permanência no poder.

A partir da chegada das Mercedárias e, conseqüentemente sua permanência, em especial a de Madre Maria do Rosário, a educação de Santo Antônio de Jesus comparada à de algumas cidades da região, teve um avanço interessante. Por esse fato, a religiosa recebeu diversas homenagens de jornais, da Igreja Católica, do próprio município e também de memorialistas, como Sales (2006, p. 35):

Queremos evidenciar, para que a posteridade traga sempre presente à memória, o imenso serviço educacional prestado a esta cidade por Madre Maria do Rosário Almeida durante toda sua vida. Antes de Madre Rosário, como carinhosamente a chamávamos, o ensino fundamental e de segundo grau não existiam na cidade das Palmeiras. Os poderes públicos ainda não tinham acordado para educação em Santo Antônio de Jesus, salvo para o ensino primário. Um ginásio público ainda não tinha sido inaugurado em nossa cidade. Madre Rosário foi a pioneira, liderando, junto à iniciativa privada, o movimento educacional de Santo Antônio de Jesus que culminou com a construção do Colégio Santo Antônio.

A Madre Maria do Rosário, de fato, foi uma das colaboradas centrais para a implantação do Ensino Fundamental e do 2º Grau. Entretanto, esse avanço educacional só veio ocorrer conforme Santos e Santana (2002, p. 6), em 1949, pois os autores afirmam que “houve a necessidade de se criar um Ginásio, o qual foi fundado em 27 de novembro de 1949”. Já o 2º Grau, com ênfase em cursos técnicos, na década de 1960, só podia ser frequentado por mulheres da classe média. Então, em 1961, Madre Maria do Rosário, outros membros da igreja, as mercedárias e o próprio município fundaram a Escola Técnica Nossa Senhora de Fátima.

Para muitos jovens de décadas passadas, essas modificações no cenário educacional no município chegaram tarde demais para atender as suas necessidades. Diante disso, um número importante de filhos de família da alta sociedade e da classe média, foram obrigados a deixar sua terra natal para

estudar na capital (Salvador), entre esses, muitos filhos de políticos do Beija-flor e do Jacu, em sua maioria conhecidos como “descendentes do Beija-flor”.

Já formados em sua maioria com nível superior e técnico, regressam ao município nas décadas de 1960 e 1970. Para além deles, havia outros profissionais de diferentes regiões e até de fora do Estado, como Frederico Araújo,<sup>35</sup> doutor Samuel Cerqueira de Oliveira,<sup>36</sup> Hélio Valadão,<sup>37</sup> Geraldo Pessoa Sales,<sup>38</sup> Renato Maximiliano Gordilho Machado, Ursicino Pinto de Queiroz, entre outros. Esses dois últimos se destacaram por serem médicos, sócios e tornaram lideranças expressivas do Beija-flor e do Jacu a partir da segunda metade da década de 1970.

Assim, serão produzidas nessa seção duas minibiografias em que apresentaremos somente os aspectos mais relevantes, como os fatos marcantes e as principais contribuições de Ursicino Pinto de Queiroz e Renato Maximiliano Gordilho Machado, a partir de suas chegadas ao município de Santo Antônio de Jesus, na metade da década de 1960.

Renato Maximiliano Gordilho Machado (Renato Machado) nasceu em 31/03/1935, no Nordeste do Estado de Minas Gerais, na cidade de Medina, localizada na região do Vale do Jequitinhonha, mais especificamente médio Jequitinhonha, nordeste de Minas. Filho do médico Max Veloso Machado e Olga Gordilho Machado, cursou o primário na Escola Municipal de Medina e na Escola Nossa Senhora do Carmo; já o secundário, no 2 de Julho e no Colégio Estadual da Bahia. Também na capital baiana fez o seu curso superior em Medicina. Entretanto, para ajudar nas questões financeiras trabalhou em tempos vagos, em atividades não tão prestigiosas, como salienta Amorim<sup>1</sup> (1998), “Renato trabalhou na juventude como gari da prefeitura de Salvador”

---

<sup>35</sup> O advogado santantoniense Frederico Werner Castro Araújo foi integrante do grupo Jacu.

<sup>36</sup> O médico Samuel Cerqueira de Oliveira foi servidor da SESP (Serviço de Saúde Pública), participou da implantação da melhoria da saúde pública da cidade e trouxe Renato Machado para cidade.

<sup>37</sup> Hélio Valadão é mineiro do município de Prata, localizado na região do Triângulo Mineiro. Chegou a Santo Antônio de Jesus em 1966 e tornou-se contador de algumas empresas do município e corretor imobiliário. Foi Presidente do Lions Clube Internacional e colunista do quinzenal “Folha das Palmeiras”, em 1989. Escritor, foi membro da Academia Santantoniense de Letras e fundador da Academia de Letras do Recôncavo (ALER). Na política, foi vereador entre 1979 e 1981 pelo PDS, no grupo Beija-flor. Incomodado, minutava cartas ao Presidente da Câmara e ao Prefeito, apresentando desacordos e dúvidas referentes às contas públicas.

<sup>38</sup> O memorialista cearense Geraldo Pessoa Sales foi Tenente do Exército Brasileiro.

para ajudar a manter-se na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, curso muito caro e concorrido na época.

Para além de muitas outras atividades na área, foi assistente da cadeira clínica de propedêutica (curso de orientação profissional, aspectos vocacionais, disponíveis, técnicas de aprendizagem), da Escola Bahiana de Medicina, plantonista do Hospital Santa Isabel, médico da Fundação Especial da Saúde Pública (FUSEB), médico credenciado pelo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS).

Foi trabalhar no município de Santo Antônio de Jesus em 1963, a pedido de Aloisio Sanches, Secretário de Saúde do Estado da Bahia, no governo de Lomanto Júnior da ARENA (1963-1967), na reabertura do Centro Cirúrgico do Hospital e Maternidade Luiz Argolo. Foi professor contratado nível I, fundador e coordenador do curso científico do Colégio Técnico Santo Antônio de Jesus; promotor de transformações do Ginásio Santo Antônio de Jesus para a categoria de colégio (o primeiro de Santo Antônio de Jesus); professor de Biologia e Educação Moral e Cívica do curso Científico do referido colégio.

Além disso, foi promotor do 1º e do 2º encontro de Expansão Cultural Universitária do município e membro fundador do Lions Clube de Santo Antônio de Jesus, sendo presidente de 1967 a 1968, vice-governador do Distrito 1-2 Lions Internacional de 1970 a 1971 e de 1973 a 1974. Também foi convidado para ser assessor para expansão cultural do Distrito 1 e 2 do Lions Internacional em 1974 a 1975; em que promoveu a instalação do Centro Regional Integrado (CERN) no município, colocando-o em pleno funcionamento como o primeiro centro instalado no estado da Bahia.<sup>39</sup>

Fundou juntamente com alguns amigos o primeiro pronto-socorro médico da cidade, a Urgência Médica Cirúrgica Ltda (URMEC), proporcionando maior visibilidade à sua profissão, principalmente com a classe dirigente da cidade e da região. Teve como amigos fundadores da URMEC, Raimundo Walter de Almeida, Fernando Pinto de Queiroz e Ursicino Pinto de Queiroz, este último virou seu grande amigo.

Por sua vez, Ursicino Pinto de Queiroz é natural de Santo Antônio de Jesus (BA), pertencia à classe média do município e é filho de Waldemar Pinto

---

<sup>39</sup> Biografia concedida do arquivo particular de Rosangela Machado Freitas Rodrigues

Queiroz e de Eunícia Ribeiro Queiroz. Teve uma boa formação educacional, estudando medicina na UFBA. Seu pai pertencia a uma elite política local e foi presidente da Câmara de Vereadores por dezenas de vezes. Mota (2013, p. 35) afirma que “Waldemar Queiroz, eleito presidente da câmara municipal no pleito de 1963 a 1967, foi um líder de influência na política da cidade”. Além de ser um dos fundadores do grupo Beija-flor, e viver na agremiação até sua morte em 1975.

Ursicino Queiroz, como era chamado, ao terminar seus estudos em medicina foi para o estado do Paraná e exerceu a profissão por um bom período. Em 1964, voltou para Santo Antônio de Jesus já casado com Edina Maria. Assumiu a diretoria da Santa Casa de Misericórdia, onde também começou a clinicar. Em entrevista, seu filho informa que Ursicino tinha visão hospitalar, porém o Hospital Luiz Argolo não lhe dava condição de colocar em prática o seu desejo. Queiroz (2019) salienta que “O Hospital Luiz Argolo era muito debilitado, muito ruim a Santa Casa de Misericórdia”. A partir disso, ele se empenhou para reformar o hospital e atender os munícipes da melhor maneira possível.

Foi na Santa Casa de Misericórdia que Ursicino conheceu Renato Machado, com quem começou uma amizade. Com isso os dois construíram a URMEC e uniram forças para modernizar o Hospital Luiz Argolo. Segundo Queiroz (2019),

Ele se une a doutor Renato Machado que era um médico da Fundação SESP em Santo Antônio de Jesus, que já morava em Santo Antônio de Jesus. E essas cabeças digamos assim, que tinham uma visão da medicina mais moderna, de uma medicina inclusiva e operatória começam a transformar rapidamente o Hospital Luiz Argolo da Santa Casa de Misericórdia.

Para Queiroz, antes de Ursino e Renato Machado, o hospital vivia em profundo abandono em quase todos os aspectos. Para ter uma pequena ideia, nem oxigênio para atender as demandas tinha com frequência, “na época tinha que pegar oxigênio na oficina mecânica de seu Nogueira” (QUEIRÓZ, 2019), localizada ao lado do hospital e, muitas vezes socorria a Santa Casa. Entende-se que esse grupo fez um trabalho bastante inovador no hospital. Valadão (2005, p.91) afirma que:



Essa equipe assumiu a responsabilidade da direção do Hospital Maternidade Luiz Argolo e fez um trabalho excepcional. Graças à base implantada por ela, aquele nosocômio tornou-se famoso em todo o Estado, atraindo clientes de todas cidades vizinhas. Novos médicos surgiram, novas clínicas foram fundadas. Santo Antônio de Jesus que já era líder da região em atividade comercial, passou a ser o centro médico do Recôncavo, com aparelhagem e instalações sofisticadas e confortáveis.

De fato, o município até os dias atuais é referência também na saúde e no comércio no Recôncavo. Ursicino Queiroz, além de assumir a direção do hospital, também esteve como chefe dos 3º e 8º centros dos executivos de Saúde de Santo Antônio de Jesus entre 1967 e 1974, seu primeiro cargo público. Depois tornou-se membro do Conselho Assessor da Associação de Hospitais do Estado da Bahia entre 1973 e 1976.

Entretanto, a saúde que começou a melhorar no município, não chegava a todos os munícipes santo-antonienses na mesma década em que Renato e Ursicino iniciaram mudanças no quadro de atendimento médico-hospitalar público, isso se deve pela grande necessidade de atendimentos e a pouca oferta concedida pelo Estado. Abaixo seguem os dados referentes à assistência médico-hospitalar na Bahia:

**Quadro 6: Censo demográfico de 1960 na Bahia Assistência médico-hospitalar**

	<b>QUANTIDADE</b>	<b>PERCENTUAL</b>
<b>POPULAÇÃO</b>	5.918. 872	100%
<b>ATNDIMENTOS</b>	4.168	0,07%

Fonte: IBGE.

O quadro mostra que menos de 1% da população baiana recebia assistência médico-hospitalar pública nos anos 1960, situação não exclusiva da Bahia, em razão que desde os anos 1920, o país encontrava-se em um modelo de atendimento que só priorizava algumas categorias como ferroviários, marítimos e outras. Além da assistência à saúde, tinham alguns benefícios e a aposentadoria. Anos depois, todos os trabalhadores inseridos no mercado formal tinham direito a fazer consultas, exames e cirurgias. Esses direitos estavam salvaguardados pelo Ministério da Previdência e Assistência Social, que no período militar havia duas instituições ocupadas da saúde: o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), criado em 1966, substituído em 1974

pelo Instituto de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS). Diante disso, as pessoas que não tinham carteira assinada, não gozavam de acesso a consultas, exames e cirurgias. (MATHIAS, 2019)

O Hospital e Maternidade Luiz Argolo e Santa Casa de Misericórdia tinham como sua maior demanda os pacientes que estavam vinculados a Previdência e Assistência Social, ou seja, aqueles que tinham carteira assinada e também pessoas que faziam parte da Irmandade<sup>40</sup>, estes possuíam carteirinhas de irmãos da Santa Casa de Misericórdia. O ex-vereador do grupo Beija-flor, Flomario Santos (2019), ressaltou que “lá em casa todo mundo era irmão, meu pai botou os filhos tudo”. Na irmandade, um irmão indicaria outro irmão e os membros davam o aval, a partir desse procedimento o novo componente recebia a carteirinha e contribuía mensalmente com o hospital. Segue na próxima página a imagem do diploma de irmandade:

**Imagem 4: Diploma da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de 1959**



Fonte: documento do arquivo pessoal de Ademário Francisco dos Santos.

<sup>40</sup> A Irmandade era um grupo de pessoas que se juntaram para ajudar no custeio da Santa Casa, além de participarem das discussões em prol do melhoramento do hospital.

Ursicino Queiroz e Renato Machado, junto com a nova equipe, começaram a reestruturar o Luiz Argolo e liberar de maneira controlada o atendimento às pessoas não contempladas pelos benefícios da carteira assinada. Assim, a população de todas as classes passou de alguma forma a idolatrar os dois doutores.

A relação de Renato e Ursicino ultrapassou as vias profissionais, pois passaram de grandes colegas de trabalhos a amigos íntimos, participando de almoços nas casas um do outro, as suas famílias em datas festivas estavam sempre juntas, uma relação de compadres. A filha de Renato Machado, Rosangela Machado Freitas Rodrigues, 50 anos, afirmou que:

Eles tinham realmente um laço de amizade, eles frequentavam lá em casa, meus pais também frequentavam a casa de Ursicino, existia sim uma amizade, é tanto que meu pai e minha mãe são padrinhos de um dos filhos de Sicino, se eu não me engano, eu acho que é Beto. (RODRIGUES, 2019)

Além de criar vínculos de apadrinhamentos, como afirmou Rosangela Machado, os dois amigos passaram a ter ampla popularidade em Santo Antônio de Jesus, o que também interessava ao grupo Beija-flor, uma vez que Ursicino era “sangue puro Beija-florista” e já estava na vida política desde a universidade, tendo se filiado ao PSB em 1956. Já Renato conhecia bem o mundo político porque o seu pai além de também ser médico, participava da política partidária de Medina, os dois médicos foram cooptados pelos caciques do grupo Beija-flor. Entre eles se destacam Ademário Francisco Santos, Waldemar Queiroz<sup>41</sup>, Zuca Lobo<sup>42</sup>, Florentino Firmino de Almeida, Zeca Lobo, José Pereira Reis<sup>43</sup>, dentre outros.

O Hospital Luiz Argolo começara a ser um termômetro de popularidade entres os dois médicos, e essa medição era feita através dos singelos presentes com os quais a população atendida no hospital presenteava ambos. Amorim<sup>1</sup> (1998) afirmou que “[...] A população era sinônimo de agradecimento, onde este era praticado com presentinho de aves domésticas, frutas cítricas

---

<sup>41</sup> Waldemar Pinto de Queiroz foi vereador por longos anos, em levantamento feito nos arquivos da prefeitura, durante as quinze vezes em que foi presidente da câmara, assumiu o cargo de prefeito municipal por vinte vezes e um dos criadores do grupo Beija-flor.

<sup>42</sup> Zuca Lobo, primo de Zeca Lobo, era o decano e estrategista do Beija-flor.

<sup>43</sup> José Pereira Reis, vereador em 1964 pela União Democrática Nacional (UDN), advogado e uma das lideranças do Beija-flor nos anos 1960.

como laranja, sacas de farinha de mandioca indo até o voto [...]”. O que fazia o Beija-flor aumentar o seu arsenal de votos entre os populares e o seu único rival, o Jacu, ter os seus eleitores vindos das velhas oligarquias conduzidos pelo seu líder do momento, Rosalvo de Almeida Fonseca.<sup>44</sup>

Renato Machado estava sempre entre os corredores da Santa Casa, o que lhe rendia contatos com os pacientes e seus familiares. Diferente do Ursicino Queiroz que assumira a direção da Santa Casa de Misericórdia em 1964, uma posição que era menos “corpo a corpo” como a do Renato Machado. Rodrigues (2019) salientou que “dizem que o meu pai começou a se destacar como médico aqui no Luiz Argolo”, a evidência de Renato o tornava um cidadão menos mineiro e mais santoantoniense.

Ursicino Queiroz ia se especializando em questões técnicas na área da saúde e galgando conquistas pessoais e profissionais. Ao mesmo tempo ele não deixava sua popularidade cair. Porém, o que possivelmente diminuiu sua notoriedade em relação a Renato foi quando recebeu o convite do então governador da Bahia Roberto Santos (Arena 1975-1979) para ser subsecretário de saúde do Estado da Bahia, no cargo de presidente da FUSEB (Fundação de Saúde do Estado da Bahia). Queiroz (2019) enfatizou que “a cidade ficou empolvorosa porque há muito tempo um santo-antoniense não era lembrado para um cargo tão importante”. De fato, o último cargo mais importante no que se refere à política alcançado por um natural de Santo Antônio de Jesus, foi com Landulfo Alves de Almeida, como interventor da Bahia (1938-1942) e senador pelo PTB, nos anos de 1951 a 1954.

Esse convite feito a Ursicino Queiroz gerou desconforto no hospital, sobretudo com o seu amigo, pois ele alegava que o afastamento do diretor iria desfalcocar a equipe completamente, uma vez que, o quadro trabalhava sobreaviso de cirurgias, ou seja, revezava todo final de semana e, sem um componente como Ursicino, ficaria sobrecarregado para os demais, no qual eram os únicos médicos públicos que operavam na cidade. Segundo alguns entrevistados, Renato Machado deu o ultimato ao amigo, o que criou um verdadeiro mal-estar abalando os laços de amizade.

---

<sup>44</sup> Rosalvo de Almeida Fonseca (1913-1980) foi intendente de Santo Antônio de Jesus, de 1925 a 1928 e 1929 a 1930 e líder do Jacu nos anos 1960.

Ursicino, então, convocou uma assembleia extraordinária com a equipe da Santa Casa para fazer uma consulta sobre a posição de todos em respeito ao convite recebido. Renato Machado, mais uma vez deixou claro que se Ursicino saísse, ele também sairia. Diante da situação, Ursicino permaneceu no cargo do hospital e demitiu Renato Machado em 1975.

Ao convocar a reunião com toda equipe, Ursicino não tomava posições monocráticas, o que elevou sua liderança diante do grupo, já que sua decisão democrática para a maioria foi essencial nessa conjuntura. Azambuja (1989, p. 56) enfatizou que “[...] o poder para ser obedecido, precisa absolutamente do consentimento da maioria dos membros [...]”. Por certo, naquele momento poderia até ter entre a equipe alguns descontentes com a demissão de Renato, porém, a decisão teve o consentimento da maioria.

Demitido do hospital, o médico recebeu convite para trabalhar na Santa Casa de Nazaré. Em 1976, inaugurou com alguns colegas, a Clínica AME (Atendimento Médicos), em Santo Antônio de Jesus.<sup>45</sup> Com a nova clínica hospitalar pública, a população de baixa renda poderia ter outro espaço de saúde para ser atendida. Esse fato levou a uma divisão entre a comunidade médica e o capital político local.

A situação entre os dois se agravou depois desse episódio, levando ao rompimento que criou o antagonismo entre os médicos, provocando um “tremor” no grupo Beija-flor, uma vez que eram duas lideranças que surgiram nos últimos tempos na cidade e muito ajudaram a fortalecer ainda mais a agremiação.

Os médicos construíram suas lideranças no município a ponto de movimentar o cenário médico local e da região, como também no panorama político, isso quer dizer, que os dois não caberiam mais no mesmo espaço. É como responde a metafísica com a teoria da impenetrabilidade, quando é comprovada que dois corpos não ocupam o mesmo lugar ao mesmo tempo.

A saída de Renato Machado do Luiz Argolo agitou parte significativa da sociedade santo-antoniense, principalmente as classes populares. Além de alguns integrantes do Beija-flor, como Ademário Francisco Santos que acusava

---

<sup>45</sup> Dados biográficos concedidos do arquivo particular de Rosangela Machado Freitas Rodrigues.

Ursicino Queiroz de invejoso e ditador, não considerando o fato de Renato crescer dia a dia, tanto no hospital como no município.

Dentro do próprio grupo Beija-flor, Ursicino já fazia oposição aos caciques. O médico se interessava pela política desde muito jovem e, quando chegou à cidade, com uma nova mentalidade (de política de cunho desenvolvimentista) para a agremiação, agradou a elite econômica local. Segundo seu filho Luiz Queiroz (2019), o seu pai tinha uma “visão política inovadora e progressista para a época”, essa visão era compartilhada com outros amigos, o médico Gorgônio José de Araújo e o advogado Frederico Araújo. Esses três já faziam política juntos quando moravam em Salvador. Essa política paralela feita por Ursicino no grupo e na cidade era vista como gesto de rebeldia pelos velhos políticos Beija-floristas.

Waldemar Queiroz, um dos criadores do grupo e pai de Ursicino, nesse período estava enfermo (câncer de bexiga) e foi afastado do grupo Beija-flor por não estar contribuindo como no passado. Diante disso, O médico Ursicino Pinto de Queiroz não aceitou a conduta e rompeu com a agremiação.

Para a facção isso foi uma deslealdade profunda, já que o médico era uma das grandes novas lideranças políticas e o seu pai contribuía muito para a solidez do grupo. Santos (2019) salienta que “ele rompeu com o Beija-flor porque queria ser candidato de qualquer jeito por cima de pau e pedra, e a maioria do grupo decidiu por Renato”. Diante desse quadro, Ursicino se alia ao Jacu e se torna o inimigo “mortal” de Renato Machado e do Beija-flor.

A maioria dos Beija-floristas junto com as velhas lideranças, na casa (ninho dos Beija-flores) do “decano” do grupo, Zuca Lobo, em 1975 escolheu Renato Machado para ser candidato na eleição municipal de 1976. Hélio Valadão, como um dos integrantes, escolhera o médico:

Um dia, O Sr. Zuca Lobo fez uma pesquisa entre nós do grupo. Ele perguntou-me; – “Valadão, você que é um rapaz inteligente, observador e sincero, diga-me uma Coisa; entre Zeca Lobo e Renato Machado, quem você escolheria, para prefeito? Não resta dúvida que eu escolheria Renato Machado. O senhor Zeca já foi prefeito duas vezes, nós precisamos revezar os nossos valores. Apesar de Sr. Zeca ter sido um excelente prefeito. O Dr. Renato Machado é um homem imbuído da máxima boa vontade de servir à nossa cidade. Tenho certeza que ele, também, será um bom prefeito. (VALADÃO, 2016, p. 126)

O revezamento como sinaliza Valadão já ocorria no grupo por mais de uma década, entre Zeca Lobo e Florentino Firmino de Almeida. Renato Machado seria um outro candidato na permanência do Beija-flor, dentro de um sistema de continuação da agremiação. Essa prática de alternância não é inovação do Beija-flor, a historiografia brasileira há muito tempo explora esse tipo de rodízio de governo do mesmo grupo ou de ideologias semelhantes. Na Primeira República (1889-1930), por exemplo, com a política de revezamento entre os estados de Minas Gerais e São Paulo, a chamada política do café com leite, controlada pelos latifundiários do país, se desdobrou por longos anos.

Voltando ao racha e a rivalidade entre os médicos, o que ficou demonstrado era que o Jacu abraçou Ursicino e sua causa, para competir contra o seu ex-amigo nas próximas eleições. Já que seu atual líder Rosalvo de Almeida Fonseca desde a criação do Jacu não ganhara uma única vez.

Tanto o Beija-flor quanto o Jacu criaram nos rivais credibilidade que poucas vezes se viu no município. O ex-vereador Antônio Luiz Coelho Oliveira (2018) afirma que Renato Machado, “tinha um carisma do povo santoantoniese pelo tratamento que ele dava as pessoas que os acompanhava”; Luiz Coelho também sinaliza que “Ursicino Pinto de Queiroz na época era um grande líder” (idem). Observamos, portanto, uma mistificação em torno dos dois líderes. Bourdieu (2000, p. 188) destaca que:

O homem político retira a sua força política da confiança que um grupo põe nele. Ele retira o seu poder propriamente mágico sobre o grupo da fé na representação que ele dá ao grupo e que é uma representação do próprio grupo e da sua relação com os outros grupos. Mandatário unido aos seus mandantes por uma espécie de contrato racional o programa, ele é também campeão, unido por uma relação mágica de identificação àqueles que, como se diz, “põem nele todas as esperanças”.

Compreende-se que os médicos tinham o poder mobilizador de líderes políticos. Os dois tinham o que Bourdieu chama de “capital político”, ou seja, já tinham conhecimento político, pois seus pais eram homens públicos e assumiram cadeiras na política de suas cidades, o que lhes agregou conhecimentos de prática, além de o “capital pessoal”, notoriedade e popularidade, no que os tornaram conhecidos e reconhecidos. Por fim, Bourdieu realça que todo homem político deve possuir um certo número de

qualificações específicas que são a condição da obtenção e de amparo de uma “boa reputação”. O que parece não ter faltado a Ursicino Pinto de Queiroz e Renato Maximiliano Gordilho Machado, pois os dois eram médicos:

O hospital guardava os profissionais de branco sustentando o estetoscópio ao pescoço, onde mesmo ao apresentar-se como médico ao enfermo no leito retraía a dor enfrentada por ele. Identificavam-se, pois, o poder dos médicos sob domínio dos “colibris”. (AMORIM, 1998, p. 58)

Ser médico, nesse período, deu a ambos grande visibilidade no campo político, principalmente porque existia uma grande fidelidade dos atendidos. Diante disso, Renato Machado e Ursicino Pinto de Queiroz foram as prioridades das duas agremiações. Seguem abaixo as imagens dos líderes:

**Imagem 5: Ursicino Pinto de Queiroz**



: O explorador: O pioneiro, O Melhor

**Imagem 6: Renato M. G. Machado**



Fonte: O explorador: O pioneiro, O Melhor

### **3.3 “O povo vai mudar”: com o Ursicino Pinto de Queiroz, o Jacu tem sua primeira vitória em 1976**

O Beija-flor esteve no poder do executivo por mais de uma década, exatamente quatorze anos governando, até o Jacu obter sua primeira vitória. Nesse tempo a governabilidade foi de forma alternada entre dois políticos, José Trindade Lobo (Zeca Lobo) e Florentino Firmino de Almeida. Essa permanência de dois candidatos do mesmo grupo à frente da prefeitura de Santo Antônio de



Jesus era feita de maneira em que as duas partes, candidatos e eleitores do grupo acabassem lucrando com esse rodízio.

Para manter-se no poder o Beija-flor se utilizou de algumas práticas bastante peculiares, como as escolhas de candidatos estrategicamente, que visavam atingir a maior parte da população. Para isso, os políticos beija-floristas deveriam ser “sujeitos simples”, homens de popularidade, que não titubeassem na hora de resolver problemas particulares de seus eleitores.

Outras práticas muito comuns dos membros do Beija-flor foram as negociações ou as permutas realizadas nos seus governos. Os seus eleitores e aliados foram agraciados com cargos da prefeitura, como, por exemplo, o de serviços gerais de escolas, cargos de diretores, garis, guardas municipais, colaboradores na área da saúde, na infraestrutura, jardineiro, cargos de confiança diversos e entre outros. Com esse método, o grupo ficava em posição bem confortável, porque o maior cabide de emprego do município se encontrava na prefeitura, o que lhe permitia construir suas teias de relações de poder visando à permanência do grupo no controle da política municipal.

Os seus eleitores também recebiam doações da prefeitura como terrenos em novas ruas do município, barracas na feira livre, além de melhorias nos bairros considerados ninhos dos Beija-floristas, que abarcavam o calçamento de suas ruas, o melhoramento ou instalação de rede de esgoto e água encanada. Porém, para os jacuristas, apelidados de “jacus baleados”, os Beija-floristas reservavam a perseguição política e a ausência de benefícios. Entendemos que esses atos dos Beija-floristas podem ser considerados como clientelismo, conceito sobre o qual Carvalho (1998, p. 229) aponta que, “ De modo geral, indica um tipo de relação entre atores políticos que envolvem concessão de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto”. Essa prática eleitoreira de certos políticos que consistiam em privilegiar sua clientela marcou (e ainda marca) quatro longos séculos da história do Brasil, desde o período colonial até a República, ou seja, ela faz parte da nossa cultura política. Pois, o que tudo leva a crer, é que esta prática seria uma das formas mais fáceis e eficientes de solucionar problemas de ordem pessoal e até mesmo coletiva, tal tipo de conduta personalista que assegurava a estabilidade política aparente no

país. Conseqüentemente, essas ações foram bastante utilizadas pelo grupo Beija-flor durante esses governos nos anos 60 e na metade da década de 70.

Para além da prática clientelista estabelecida, a agremiação como “irmandade”, tinha seus tentáculos em vários setores estratégicos do município. Na área da educação, por exemplo, muitos professores faziam parte do grupo, como a professora Marizete Brito Reis, esposa do ex-vereador Beija-florista José Pereira Reis, além do próprio Renato Machado, médico, professor e promotor de desenvolvimento educacional, como já mencionado anteriormente. A saúde, até o rompimento do Ursicino Queiroz nos anos 1970, era também controlada pelo grupo Beija-flor e a Igreja Católica, que não enfrentava ainda a forte concorrência dos pentecostais e neopentecostais na cidade concentrava sua maior parte dos fiéis como eleitores da agremiação, assim como um maior número da ala admirativa e o próprio corpo do clero.

No comércio, o Jacu também não levava vantagem, uma vez que, seus financiadores eram comerciantes de outras gerações, digam-se aqueles donos de armazéns e comerciantes mais envelhecidos da cidade, “uma elite antiga” (REIS, 2014). De outro modo, o Beija-flor vinha de uma nova geração que compreendia empresários da década de 1960, objetivando o crescimento em toda região.

Pode-se pensar que a zona rural definia a eleição em Santo Antônio de Jesus até a metade dos anos 1970. Informações do IBGE mostraram que os indicadores da população residente, considerando a taxa de urbanização e densidade demográfica de 1970 era um total de 39.817 mil habitantes, sendo urbana 21.609 e rural 18.208 (PASSOS, 2010, p. 106, 117).

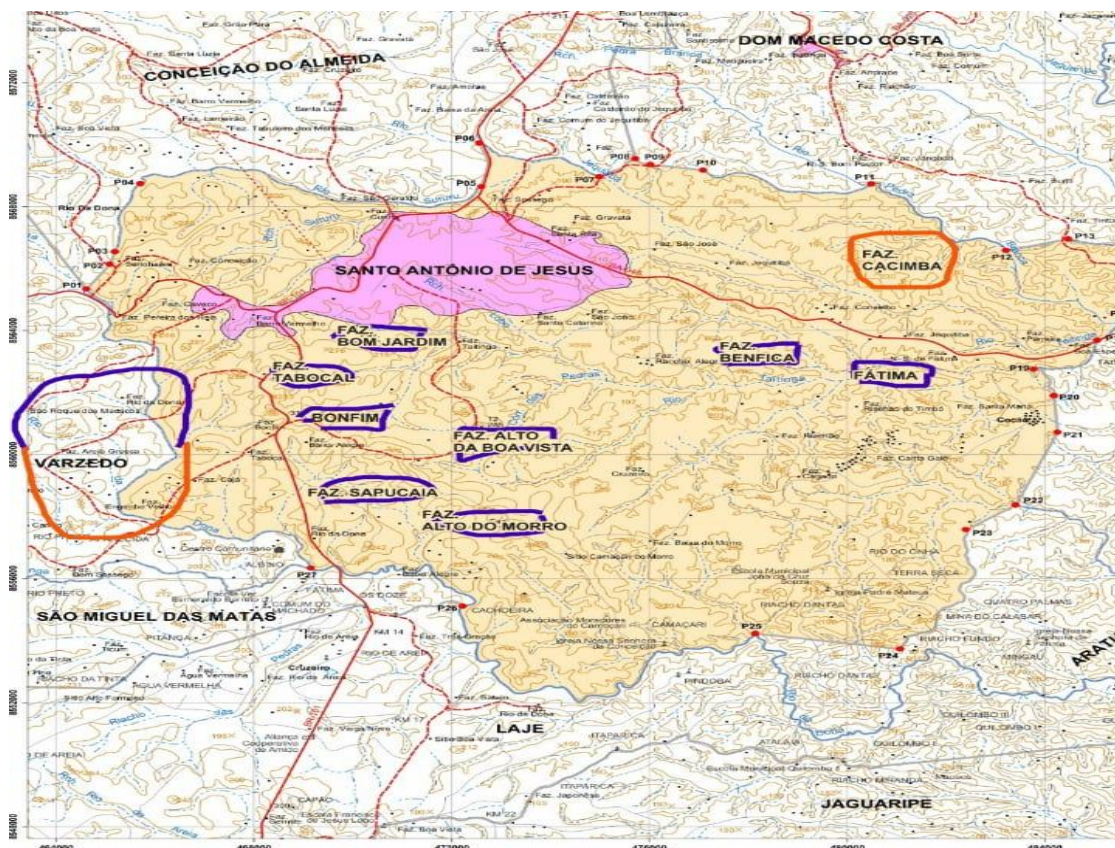
Os donos de terras e líderes ruralistas articulavam cabos eleitorais da agremiação: o vereador Ademário Francisco dos Santos, em prol do Beija-flor no distrito de Vargem Grande (atual Varzedo, emancipado em 1989), Carlos Piropo e Rufino Rosa de Lima, em Bom Jardim, Mario Bispo dos Santos, no Rio da Dona, além de outros. Reis Filho (2014) enfatiza a relação política entre o Beija-flor e as zonas rurais: “o pessoal de fazenda, o grande fazendeiro e o tabaréu, que era o fiel da balança nas eleições, até 1988. A zona rural era majoritariamente Beija-flor. Isso porque os cabos eleitorais, em sua maioria, também eram”. O compromisso entre poder público e donos de terras, aliás, é visto como normal na história do Brasil. Janotti (1992, p. 57), assegura que:

Solidamente enraizada na proteção e na lealdade, a sociedade rural repousava na troca de favores, de homem para homem. O coronel oferecia proteção e exigia irrestrita adesão. Em algumas localidades isoladas, o chefe comportava-se como um pequeno senhor feudal, chegando alguns a ter força armada própria e até a cunhar moedas.

Janotti traz em sua análise um Brasil praticamente nas mãos de coronéis (donos de terras), até os anos de 1930. Porém, os vestígios praticados e estabelecidos nesse período, chegaram também, nas eleições ocorridas na década de 1960 no município de Santo Antônio de Jesus, onde trocas de favores entre políticos e o homem do campo faziam parte do jogo político.

Os cabos eleitorais eram uma espécie de liderança política local e portavoz das respectivas comunidades. Considera-se que eles dependiam da prefeitura para conseguir pontes, estradas, etc. e por esse motivo, estiveram fiéis ao Beija-flor. Então se avalia que a maior parte do campo estava ligada ao grupo durante o revezamento de mandato entre Zeca Lobo e Florentino de Almeida. Abaixo, o mapa de algumas zonas rurais de Santo Antônio de Jesus:

**Imagem – 7: Algumas zonas rurais do município (1960 e metade de 1970)**



Fonte: Mapa concedido por Neilto Andrade (IBGE)

Nele, as zonas rurais em azul representam o Beija-flor e as em vermelho, o Jacu. Com as localidades rurais pintadas com essas cores, teremos uma breve noção das distribuições dos eleitorados, onde aponta o predomínio dos Beija-floristas nas zonas rurais. Rémond (1997, p. 444) realça que o poder político “se estende também às coletividades territoriais e outros setores [...]”. Na verdade, a política partidária se encontra em todos os espaços sociais e o mundo rural naturalmente é uma parte desse espaço.

Verificamos que as relações entre o meio rural e o urbano se encontram no espaço comum como relações de complementaridade e interdependência. Isso quer dizer que, o mundo rural foi a estrutura basilar desde o período da formação do Brasil, enquanto a zona urbana estava parcialmente integrada a ele, não como elemento principal. Holanda (1995, p. 73) analisa nossa base social rural da seguinte maneira:

Toda estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos. É preciso considerar esse fato para se compreenderem exatamente as condições que por via direta ou indireta, nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagam ainda hoje.

Assim, igual ao país, Santo Antônio de Jesus era condicionada quase totalmente à zona rural, especialmente no campo político. Nesse sentido, a facção utilizava seus eleitores para chegar e se manter no poder, aproveitando-se da máquina pública para o seu próprio favorecimento e para a realização dos interesses do grupo social e econômico ao qual estava ligada, a despeito da sua propaganda de cunho popular.

Sob a ótica dos militares, a eleição de 1976 em Santo Antônio de Jesus não teve grandes problemas. Primeiro porque os dois grupos, ou melhor dizendo, seus políticos, estavam filiados à ARENA, diferente do que aconteceu na eleição parlamentar de dois anos antes, na qual o MDB obteve uma vitória significativa, conquistando 16 das 22 cadeiras do Senado. Muito disso se deve também às ações do presidente Ernesto Geisel, consentindo maior abertura à oposição (MDB). Carvalho (2012, p. 175) afirma que:

Seja como for, em 1974 o general Geisel permitiu propaganda eleitoral mais livre para eleições legislativas desse ano. A oposição teve acesso a televisão e pôde falar com alguma liberdade. O resultado surpreendeu a todos, ao governo e à própria oposição. O governo foi amplamente derrotado nas eleições para o Senado [...]. Com isso o governo perdeu a maioria de dois terços, necessária para aprovar emendas constitucionais.

A derrota dos candidatos da situação justificou as reclamações e o posicionamento mais enérgico da linha dura, fazendo os castelistas retrocederem no processo de abertura. Carvalho (2012, p. 175) aponta ainda que Geisel “suspendeu o Congresso por 15 dias e decretou mudanças salvadoras”. A postura do presidente se deve à imposição dos radicais e a uma possível derrota nas eleições municipais de 1976 e estaduais de 1978.

Não restava dúvida de que o governo militar castelista temia a vitória do MDB e o crescimento de seus candidatos nas eleições municipais em todo país, situação quase difícil no município, devido à cultura conservadora e à própria fraqueza do MDB, que, conforme muitos pesquisadores do período, consistia num partido de ideologia classista e tipicamente urbano. Jacobina (2010, p. 95) enfatiza que “o MDB autêntico era aquele que tinha maior penetração eleitoral, especialmente nas áreas mais urbanas”. O partido de oposição ao governo nem candidatura a prefeito colocou na eleição de 1976, o que confortava o exército brasileiro na região do recôncavo sul baiano.

O Jacu não participou da eleição de 1972, nem fez oposição ao grupo que dominante do executivo por mais de uma década. Porém, no pleito de 1976, a agremiação teve como candidato “o filho da terra” e médico Ursicino Pinto de Queiroz, que parece ter traçado caminhos para ser a liderança política capaz de fazer frente ao Beija-flor.

Ursicino Pinto de Queiroz já vinha agradando os santoantonienses, principalmente os comerciantes, por sua postura política quanto às alianças feitas com líderes estaduais e federais, antes mesmo de fazer parte da política partidária. O seu grande vetor de credibilidade para aproximação com os empresários locais e a nova geração de eleitores aconteceu quando ele, junto com os outros dois amigos Gorgônio José de Araújo Neto e Frederico Araújo, conseguiram trazer para Santo Antônio de Jesus a BA-046 ligando-a a Nazaré, na primeira metade da década de 1970. O pedido foi feito ao deputado federal Luís Viana Neto, da legislatura 1967-1971, que, no mesmo período, tinha o seu

pai como Governador da Bahia. O deputado era amigo de Ursicino e, com maior intensidade, de Gorgônio, uma relação que favoreceu ao trio (Ursicino, Gorgônio e Frederico) na política local e estadual.

A proposta de Ursicino de fazer uma política diferente dos caciques Beija-floristas, rompendo com governanças próximas a modos provincianos e iniciando gestões desenvolvimentistas em todos os espaços sociais, especialmente no setor econômico, já acontecia em vários municípios baianos desde os anos 1950. Em outras palavras, a Bahia parecia estar se libertando de políticos conservadores na economia e em outras esferas. O advento de políticos baianos com pensamento modernizador era só um pequeno retrato da política do Estado. Dantas Neto (2006, p. 35) ressalta que “no início dos anos 50, as elites políticas baianas haviam se tornado mais plurais [...], expressavam interesses mais amplos que os arranjos agromercantis, podendo conhecer por tudo isso, um projeto modernizador”. Era necessária uma reorganização do fazer política na Bahia, além da cultura do cacau, controlada pelos coronéis.

Na pré-disputa, Ursicino e o Jacu ganharam o direito de concorrer pela sublegenda ARENA 1, o que indicava um resultado positivo já nas prévias para tentar ganhar a eleição do Beija-flor. Naquela conjuntura, era muito difícil ganhar do grupo rival, porém, acredita-se que em política não existe eterna consolidação. Rémond (1997, p. 443) sinaliza que “o campo político não tem fronteiras fixas, e as tentativas de fechá-las dentro de limites traçados para todo e sempre são inúteis”. Por isso, entendemos que a busca do poder político pelo agente não se finda ou esgota nos primeiros obstáculos.

A eleição em Santo Antônio de Jesus no período entre 1960 e 1988 era entendida pela população, especialmente pelos grupos populares, como momento de **cidadania plena**<sup>46</sup>, em que todas as classes, gêneros, raças, a zona urbana e a zona rural poderiam fazer os mesmos exercícios: indicar os candidatos e votar. De fato, exercer o voto poderia ser considerado um momento de conquista no campo da cidadania, pois, como mostra a narrativa histórica, o sufrágio nem sempre foi amplo como o que possivelmente ocorrera no município nesse período. Para Rémond (1997, p. 62), “[...] o estabelecimento do sufrágio universal foi por etapas, mais ou menos

---

<sup>46</sup> Coexistência, dentro de uma sociedade, de direitos civis, políticos e sociais. Uma sociedade só contempla a cidadania plena quando articula esses três direitos.

numerosa, mais ou menos espaçadas”, isto é, a participação popular nas eleições e o direito ao voto, nem sempre foi para todos.

Carvalho (2012) afirma que a cidadania deve estar centrada no direito civil, no direito político e no direito social, estando incompleta, ausente um dos três, posto que todos são fundamentais para uma vida justa e democrática.

As campanhas políticas de 1976 na cidade foram realizadas como de costume com carros de sons, visitação aos bairros, ruas, vielas e em todos os cantos possíveis. Os dois candidatos (Ursicino e Renato) faziam comícios constantes, distribuindo durante toda a campanha beijos e abraços às pessoas simples, mais uma vez agraciadas pelos médicos, desenvolvendo talvez um sentimento de pertença ao mesmo mundo dos “doutores”. A prática do beijinho, do abraço suado, do aperto de mão com muito fervor, seduzia os eleitores, que retribuía com banquetes, jogavam pétalas de rosas, alguns choravam como se fossem um parente em primeiro grau dos candidatos.

A visita de políticos a localidades afastadas restaurava o contato com os bairros populares, confirmando a imagem do representante que não “esquece” especialmente das pessoas materialmente distantes dos benefícios citadinos. Não por acaso há uma alusão feita nos discursos de candidatos aos eventuais trabalhos ou visitas de políticos realizadas no bairro, recordando ligações corroboradas de antigos compromissos. (BARREIRA, 2006)

A campanha, além de momento de busca pelos votos, para muitos eleitores é uma ocasião de festa, uma quebra da rotina de um pacato interior: “O caráter sazonal da política, ao contrário de sugerir a sua falta de importância, afirma a importância que tem nas representações e práticas sociais dessa sociedade” (PALMEIRA, HEREDIA, 2010, p. 34). Esse momento de escolha decide um período crucial no calendário da população. O tempo da política era um ciclo marcado na cidade, igual ao Natal ou o São João, aguardados dentro da sua data exata.

Para agradar os eleitores dos bairros visitados ou aqueles comprometidos com as agremiações, eram realizados comícios grandiosos. Dois trios elétricos para cada grupo serviam de palcos de grandes cantores, de variados gêneros musicais, contratados durante toda eleição para fazer as festas da população, como Genival Lacerda, as mulatas do Sargentelli, Trio Parada Dura, etc. Para Palmeira e Heredia (2010, p. 34), era muito importante

a utilização dessa categoria no jogo político, uma vez que, “é o peso social dos artistas que faz com que sua presença, mais do que a de outros notáveis, seja lida pelo público [...]”. Na verdade, os grupos políticos transformavam esses momentos em uma competição de quem mais agradava aos eleitores, principalmente aqueles que circulavam nos dois grupos, os eleitores sem raiz.

Essas visitas de quatro em quatro anos muitas vezes eram alvo de crítica de candidatos de fora das duas agremiações políticas, a saber, os políticos do MBD, que alegavam que os demais só se lembravam dos eleitores em datas políticas. Esforçava-se dissimuladamente para se aproximar da realidade que não era a sua, a fim de conquistar empatia e, acima de tudo, os votos capazes de garantir a sua vitória. O sambista Bezerra da Silva, na canção “Candidato caô caô”, faz uma reflexão crítica dessas práticas eleitoreiras que acontecem em todos os tempos de eleições:

Ele subiu o morro sem gravata,  
dizendo que gostava da raça,  
foi lá na tendinha bebeu cachaça,  
até bagulho fumou,  
entrou no meu barracão  
E lá usou lata de goiabada como prato,  
eu logo percebi é mais um candidato  
Ele fez questão de beber água da chuva,  
foi lá no terreiro pedir ajuda,  
bateu cabeça no gongá [...]. (BUTINA; MENIN, 1988)

A canção representa de maneira quase fiel o comportamento dos dois candidatos nessa eleição, pois não tinha lugar na cidade onde eles e suas comitivas não entrassem, bebendo e comendo nas casas mais humildes que encontravam em suas passagens pelos bairros santo-antonienses.

Nas fachadas de suas casas, os moradores estampavam as bandeiras dos seus respectivos grupos: se fossem Beija-flor, azul, vermelho e branco, cores do Estado da Bahia; se Jacu, vermelho, amarelo e branco, as da flâmula do município. Até então, só o Beija-flor tinha bandeira, o Jacu então achou necessário colocar nessa campanha. Reis Filho (2014) revela que Ursicino, Belmiro (um dos coordenadores da campanha) e Gorgônio pensaram e colocaram a bandeira do município para representar o grupo: “Ursicino quando foi candidato disse: se eles são Bahia, a gente é filho da terra, então vamos colocar a nossa bandeira”. Entendemos que essas bandeiras não se



restringem a singelos pedaços de tecido com finalidade de tremular; mas que tinham um sentido de ser, simbolizando e condensando elementos representativos dos grupos, melhor dizendo, suas identidades políticas.

Em seus discursos, Ursicino Pinto de Queiroz e seu candidato a vice, Faustino de Almeida Cunha, com os membros do Jacu, desqualificavam a administração do grupo Beija-flor, no poder há mais de uma década e, apontavam a falta de desenvolvimento do município, responsabilizando os Beija-floristas por essa inexistência progressista na vida dos santoantonienses. O candidato jacurista pregava mudanças na cidade a partir de sua vitória. Seu *slogan* de campanha colocava o povo como solução do problema ao mudar o governo, conforme observamos na imagem que segue:

**Imagem 8: Campanha eleitoral de 1976**



Fonte: Arquivo pessoal do Ex-prefeito Eivaldo de Almeida Rosa

Na imagem estão ao lado esquerdo o candidato a vice-prefeito Faustino de Almeida Cunha, no meio Ursicino Pinto de Queiroz e ao lado direito, o governador Roberto Santos. O encontro ocorreu no Palácio de Ondina (residência oficial do Governador da Bahia). Segundo Santos (2019), a reunião foi noticiada e casou um forte impacto na eleição, pois mostrava a sólida ligação do Ursicino com o governador do estado baiano.

Por outro lado, o Beija-flor utilizava persistentemente a sua já conhecida música de campanha: “Meu beija flor, se eu beijei, beijei”, além do *jingle* do próprio candidato, assim como articulava intensamente com seus cabos eleitorais, candidatos e vereadores eleitos em todos os cantos do município, a fim de eleger Renato Machado e permanecer no poder.

Oliveira (2018) afirma que as duas campanhas foram muito custosas, com grandes investimentos por parte dos dois grupos, algo bastante peculiar em cidades com divisões políticas como a de Santo Antônio de Jesus e também por um crescimento da inflação nesse período. Reis (1985, p. 25) descreve que a carestia das campanhas ocorrera também porque:

[...] as restrições à propaganda pela “Lei Falcão” ao transporte e alimentação pela “Lei Etelvino”, os candidatos são obrigados a dispender forte soma de recursos com os custos “confessáveis” de uma eleição, como, por exemplo, a impressão de cartazes, volantes e “santinhos” (pequenos panfletos com retrato do candidato, seu nome), contratação de serviços de som fixos e volantes. Afora os outros gastos “não confessáveis”.

Essas restrições do governo federal aproximaram ainda mais Renato Machado e o Beija-flor da elite rural que sempre bancou economicamente o grupo através de Zuca Lobo (primo de Zeca Lobo), uma espécie de patriarca do grupo. Valadão afirma que “o Sr. Zuca Lobo morava na casa mais movimentada da cidade, situada à Rui Barbosa, nº 88, cognominado “ninho dos Beija-flores”, porque lá os principais líderes e simpatizantes se reuniam diariamente” (VALADÃO, 2005, p. 89). Zuca Lobo era também um sujeito com posses e bem quisto na sociedade local.

Ursicino (Jacu) foi patrocinado pelo novo grupo de emergentes naquele momento, já que Santo Antônio de Jesus deixava de ser um município quase que totalmente rural, para entrar na era de um comércio de porte médio. E as articulações aconteciam na casa do vice-prefeito Faustino de Almeida Cunha, que assim como Zuca Lobo, fazia de sua casa “o ninho dos Jacus”.

Constatamos, então, que, por trás das elites políticas do local, existem as “elites do dinheiro” (SOUZA, 2017), que patrocinam os grupos políticos da classe média da cidade e necessariamente demandantes de grandes recursos financeiros para ascender ou permanecer no poder. Por outro lado, as elites do dinheiro precisam da relação estreita com os políticos para aumentar suas

riquezas e, conseqüentemente, suas influências. Souza (2017, p. 114) salienta que, “[...] a elite do dinheiro, que detém o capital econômico e, por conta disso, manda na economia, passa a mandar de modo indireto também no mundo social e político pela construção, colonizada pelo dinheiro [...]”. No Brasil, a classe média sempre foi subserviente às elites econômicas. Os políticos em sua maioria vieram da classe média e alcançavam o aparelho do Estado com o patrocínio de grupos privados e, em troca, atendiam as demandas dos donos do dinheiro.

Nessa campanha, a divisão geográfica do município ficou mais evidente, sobretudo com o aumento da violência, segundo alguns entrevistados. O ex-vereador beija-glorista Flomario Santos, na ocasião com 22 anos, filho do candidato a Vice-prefeito, Ademário Francisco dos Santos, afirma ter sido vítima de tentativa de homicídio por parte de integrante do grupo Jacu. Ainda segundo ele,

A eleição foi muito violenta, era briga todos os dias, guerra, trocas de tiros e o escambau. Tiro mesmo, inclusive eu mesmo me livrei de vários tiros me escondendo atrás do poste e o povo vindo me ajudar. No outro dia, o pistoleiro amanheceu morto e ninguém sabia se esse pistoleiro veio de fora. (SANTOS, 2019)

Para Flomario, esse atentado foi mandado por alguém do grupo Jacu, pois, a política estava bem violenta e as divisões eram evidentes, isso quer dizer que quem era Beija-flor virou inimigo quase mortal do Jacu: “Eram inimigos mesmo, de se olhar na rua e quebrar o pau” (idem), parece que efetivamente virou conflito para além de político, adentrando a lutas corporais.

Valadão aponta um episódio ocorrido também nessa eleição. O memorialista fala do tiroteio ocorrido nas quatro esquinas (Centro da cidade), em que um homem que se dizia Beija-flor atirou contra eleitores do Jacu e, em seguida, levou facada, vindo a óbito mais tarde. O fato provocou alvoroço na cidade. Valadão (2016, p. 131) diz que esse atentado foi orquestrado pelo Jacu e que Ursicino o aproveitou para promover sua candidatura:

Todavia, a fim de não perder o “imbróglio”, depois do assassino fugir no carro, todo ensanguentado e terem levado a vítima, indubitavelmente já morta, o Dr. Ursicino subiu a um veículo, rasgou a camisa, ajoelhou-se ao piso do mesmo, convidou os asseclas para irem á igreja rezar pelas vítimas dos Beija-flores”.

Procuramos os boletins de ocorrência na delegacia da cidade sobre os dois episódios, porém não encontramos nenhum registro. O delegado de plantão que nos atendeu, afirmou a ausência de registro de brigas de cunho político nos arquivos da delegacia. Diante disso, os fatos ficam somente nos lastros das narrativas, o que nos impede de aprofundar os relatos das brigas com registros judiciais, inquéritos e outros.

Como observamos, a eleição foi a mais disputada desde o estabelecimento das duas agremiações, a começar pela população residente, maior que a dos anos 1960 e início dos anos 1970, especialmente entre os de 15 a 39 anos (61,6% do total), segundo estimativa do IBGE. Isso se explica porque o maior eleitorado do Beija-flor estava no grupo acima dos 40 anos (38,3%), já o Jacu ficou com parte significativa do abaixo dessa faixa.

Outra condição foi o tempo ininterrupto da agremiação no poder. Como dito, o Beija-flor ficou quase uma década e meia no domínio político. A permanência de só um grupo no poder pareceu diminuir as expectativas dos eleitores, principalmente dos mais jovens que saíam das zonas rurais e vinham para o centro estudar ou trabalhar.

O Hospital Luiz Argolo também fez com que a disputa se elevasse, pois sabe-se que a maioria dos santoantonienses nasceu no local, onde os dois médicos eram os principais obstetras. Zé Reis salienta que em 1988 fez um pequeno levantamento impressionístico da população municipal e descobriu que dos 400% nascidos no hospital, “40% da população veio ao mundo pelas mãos de Renato, e os outros 40% veio pelas mãos de Ursicino” (REIS FILHO, 2014), o que talvez possa explicar a aproximação dos munícipes com os dois políticos, principalmente as mulheres-mães. Assim também se dava com pessoas que curadas de algum tipo de doença pelos dois médicos. Amorim (1998, p. 57) descreve que “a ascensão da medicina passou a ser encarada como prioridade, principalmente devido ao hospital e maternidade Luis Argolo, receber diariamente enfermos conduzidos dos recônditos locais [...]”. Conseqüentemente, essas ações traziam votos para as agremiações.

Em 1976, pela primeira vez, depois de quatro mandatos continuados do Beija-flor, o grupo Jacu conseguiu eleger sua chapa ligada à ARENA 1, formada por Ursicino Pinto de Queiroz ~~e~~ (Prefeito) e Faustino de Almeida

Cunha (Vice-prefeito). De um eleitorado de 14.670 votantes, Ursicino Queiroz venceu com a diferença de 92 sufrágios, mostrando como essa eleição foi extremamente apertada, não só porque o Jacu colocou na disputa uma nova liderança e articulada politicamente de forma intensa, mas também, por causa de números importantes de votos em branco, nulos e abstenções. O quadro abaixo mostra os números:

**Quadro 7: Resultado das eleições municipais de 1976 em Santo Antônio de Jesus**

ARENA	MDB	Branco	Nulos	Total	eleitorado	abstenções %
11.280	293	966	273	12.821	14.670	12

Fonte: Boletim Eleitoral n. 340.7 (TSE)

O quadro nos ajuda a configurar em parte a eleição do município no ano de 1976, pois, diante das divisões entre Beija-flor e Jacu, existiu um número razoável de eleitores que não comungaram de nenhuma das agremiações. A abstenção foi um dos pontos que colaborou com a vitória do Ursicino, já que ela chegou a 12% do eleitorado de 14.670 votante. Nesse caso, parece que a abstenção foi fruto de um desencanto com a política local que, somada aos votos em branco e nulos, causaram uma mudança no cenário político.

Os Beija-floristas não aceitaram essa derrota e levantaram inúmeras acusações contra o rival, uma das mais graves uma denúncia de fraude no dia da eleição. Amorim<sup>1</sup> (1998, p. 67) afirmou que “os secretários de Renato [...] descobriram votações duplas de uma única pessoa em seções distantes”. Outras denúncias foram feitas durante semanas após a eleição, entretanto, a justiça não as validou e os inquéritos foram arquivados para desânimo do grupo Beija-flor. Em entrevista, um senhor que preferiu não se identificar por medo de represália, disse que no período da eleição chegou um juiz para conduzir o processo por intermédio de Luiz Viana Neto a pedido de Ursicino, o que possivelmente ajudou também nessa vitória.

Denúncias sobre fraudes eleitorais foram registradas em muitos locais nas eleições da década de 1970 e métodos fraudulentos de apuração ocorreram de fato, como o **mapismo**<sup>47</sup>, a modificação de votos em branco e nulos em favor de partidos ou candidatos ou a transferência de cédulas de um

<sup>47</sup> Muito praticada em eleições com apuração manual dos votos, o mapismo é a adulteração dos mapas eleitorais, com desvio de votos para uma direção.

candidato para o outro do próprio partido sem prejuízo a votação. Neste caso, foi ainda mais fácil porque existiam as sublegendas (REIS, 1985).

A expectativa popular gerada pelas mudanças no cenário político, em especial na gestão do novo prefeito, era grande: garantias de um novo tempo, após o período do Beija-flor, marcado por um de revezamento entre dois políticos em quatro eleições.

Em 1977, o prefeito eleito tomou posse e o seu primeiro ato foi pintar todos os órgãos públicos com as cores vermelho e amarelo, que agora simbolizavam também o Jacu, talvez para registrar visualmente a conquista do primeiro triunfo da agremiação após mais de uma década da sua criação.

Ursicino Queiroz e outros políticos baianos de direita tinham como referência ACM que, em 1967, assumiu como prefeito biônico de Salvador, indicado pelo governador Luiz Viana Filho (ARENA) teve como ponto condutor de sua gestão as obras modernizantes e as reformas administrativas. Talvez por isso a Câmara de Vereadores o diplomou “Prefeito do Século”. Julga-se que, a partir de sua administração, ACM se tornou referência de líder político carismático da direita baiana. Dantas Neto (2006, p. 49) enfatiza:

[...] a combinação entre tradição e carisma não esgota a explicação do poder pessoal acumulado por Antonio Carlos Magalhães. Sem considerar a ordem institucional autocrática que lhe permitiu o exercício despótico do poder não se entende como se engendraram as condições para aquela combinação acontecer, durante o processo de modernização.

Tornar-se um político como ACM em Santo Antônio de Jesus e no Recôncavo parecia o caminho de Ursicino Queiroz. Por isso, seus discursos modernizantes ao pensar Santo Antônio como “a capital da região” eram tão enfáticos. Zé Reis realça que Ursicino sonhava em ver sua cidade-natal em destaque no cenário estadual e dizia que a tornaria “Capital do Recôncavo”.

Com gestão pautada em ações desenvolvimentistas, ele buscou com os governadores Roberto Santos (1975-1979, ARENA) e ACM (1979-1983, PDS), recursos para modernizar e desenvolver a cidade. Obras de menor densidade foram realizadas com recursos do município e projetos aprovados pela Câmara de Vereadores, onde o prefeito tinha oito das 13 cadeiras, o que facilitava a governabilidade. Abaixo, foto de inauguração de unidade de saúde:

**Imagem 9: Inauguração de um Posto de Saúde**



Fonte: Arquivo pessoal do ex-prefeito Euvaldo de Almeida Rosa

Além de unidades de saúde, o prefeito eleito também realizou obras de calçamento na cidade, especialmente em bairros considerados “ninhos eleitorais dos jacus”, como o Andaiá. O “Tribuna Liberal”<sup>48</sup>, periódico da época, noticiou em seu espaço popular “Na Boca do Povo” o seguinte informativo: “Encontra-se em fase de conclusão a pavimentação da Rua Teodoro Dias Barreto, no Bairro do Andaiá. Beleza de calçamento. O povo daquele bairro anda rindo à toa. De parabéns a Administração Pública Municipal” (MENEZES, 1979). Assim como o Beija-flor, o Jacu priorizava seus considerados bairros natos. Porém, não deixava de trabalhar em outros talvez como uma estratégia para cooptação de cabos eleitorais de seu rival. Contudo, para José Reis Filho, sua política foi voltada para o desenvolvimento do município.

Em 1979, o Presidente João Batista Figueiredo aboliu o bipartidarismo imposto desde o AI-2 de 1965, suprimindo a ARENA e MDB, dando espaço a seis novos partidos. A ARENA transformou-se em PDS, o MDB, em PMDB; o antigo PTB dividiu-se em PTB e PDT, este comandado pelo velho líder Leonel Brizola, recém-retornado do exílio. Os moderados do MDB agruparam-se em

---

<sup>48</sup> O “Tribuna Liberal” foi um jornal que surgiu na cidade nos primeiros anos do século XIX, depois parou de circular. Em junho de 1979 voltou à ativa e sob a direção de Raul Menezes fez um grande noticiário da administração de Ursicino, além de homenagear o criador do “O Paládio”, Antônio Mendes, e noticiar outros acontecimentos da cidade e região.

torno do PP, mais adiante refundido ao PMDB. Mas a novidade do momento foi a criação do PT, em 1980 (CARVALHO, 1998, p. 176).

Desse modo, o prefeito e os vereadores do Jacu seguiram a caminhada partidária de seu grande líder ACM, filiado em fevereiro de 1980, ao PDS, o qual congregou as forças políticas direitistas advindas da ARENA baiana.

A relação de Ursicino com o Carlismo e, especificamente, com ACM e Luiz Viana Neto, o favoreceu para contemplar o seu desejo, já que os dois eram, respectivamente Governador e Vice-governador da Bahia. Diante disso, no terceiro ano de prefeitura e no centenário do município, Ursicino Queiroz foi agraciado com um pacote de obras estaduais, inclusive a FFPSAJ, um núcleo habitacional com unidades e 100 lotes urbanizados, a ampliação do estádio municipal, a construção do Fórum e da sede regional de saúde, a inauguração das instalações da 11<sup>o</sup> Ciretran e da Rádio Patrulha, com três veículos, a doação do terreno com 10 mil m<sup>2</sup> para a construção do complexo da polícia e do quartel da 5<sup>a</sup> Companhia do 2<sup>o</sup> Batalhão da Polícia Militar da Bahia, a instalação do polo regional da EMBASA e outros. Esse pacote foi anunciado pelo governador, o vice e sua comitiva<sup>49</sup> ao prefeito, ao presidente da Câmara de Vereadores, e outros, que lotavam o Estádio Municipal José Trindade Lobo:

**Imagem 10: Chegada de ACM ao Estádio Municipal em maio de 1980**



Fonte: DIARIO OFICIAL DO ESTADO DA BAHIA (30 de maio de 1980).

---

<sup>49</sup> Comitiva formada pelos deputados federais Gorgônio Neto (filho da terra), Ângelo Magalhães e Orlando Spínola; os secretários de Saúde, de Transportes, Trabalho e Bem-Estar Social, de Segurança Pública e de Justiça, além de prefeitos do Recôncavo



Depois de anunciar o pacote de obras para a população, o governador e sua comitiva foram para o Clube dos 100, espaço da elite local, onde foi realizada a principal solenidade, quando ACM assinou a mensagem a ser enviada para Assembleia Legislativa da Bahia e vários documentos de inauguração. Como essa data marcava o centenário do município, muitos oradores a utilizaram para enriquecer seus respectivos discursos, como o Vice-governador, Luiz Viana Neto, que afirmou sua satisfação de participar da data festiva, “[...]plenamente consciente da importância desta data para o Estado onde nasci” (VIANA NETO, 1980), ressaltando, ainda, que “Santo Antônio de Jesus terá uma posição de maior relevo, de maior presença, de maior prestígio no futuro da Bahia” (idem) destacando os atos assinados pelo Governador nessa oportunidade, que colocará a cidade em outro patamar no Estado. ACM, por sua vez, fez um discurso longo e enérgico. A seguir parte da sua exposição verbal na solenidade:

Esta cidade, há cem anos nascia em torno de uma capela, nascia sob o signo de Deus, sob o signo de Deus tem vivido, sob o signo de Deus tem progredido, e é Deus quem me traz aqui nesse instante para como governador, comemorar o seu Centenário. Aqui estou para inaugurar obras e criar uma infraestrutura indispensável ao progresso de Santo Antônio de Jesus. Aqui estou eu com todo o meu governo e posso apontar, neste instante, atos significativos aqui assinados que vão representar, em futuro bem próximo, o desenvolvimento maior desta grande cidade. Prometi-lhes e cumpro com um ano de governo; estou enviando para a Assembleia para que seja aprovada em tempo rápido [...]. (MAGALHÃES, 1980)

ACM começou o seu discurso exaltando o nome de Deus, porque a cidade de Santo Antônio era (e é) bastante católica e se apropriou da história de sua fundação, quando se referiu à formação em torno da capela de Santo Antônio de Pádua<sup>50</sup>. Seu discurso direcionava de que ele conhecia a história da cidade e tinha uma relação íntima com os moradores. Ele sabia se utilizar da fala nesses contextos. Azambuja (1989, p. 56) acentua que “[...] o meio normal de exercício do poder é a linguagem, que compreende todos os meios de comunicação do pensamento [...]”, isto é, não só ACM como muitos políticos, utilizavam uma linguagem de fácil entendimento para suas conquistas em seus determinados colegiados eleitorais. Além disso, havia a ligação de ACM com

---

<sup>50</sup> Nascido Fernando de Bulhões, Santo Antônio de Pádua ou de Lisboa (1195-1231) foi um santo português, canonizado pelo Papa Gregório IX em 30/05/1232.

as religiões, em especial a católica. Apesar de defender a modernização, era um político conservador e isso ajuda também a explicar a linguagem.

O programa de governo desenvolvimentista do prefeito trouxe um ar de grandeza ao município e à região. Dentro desse projeto, foi elaborado o plano diretor urbano, que distensionou o Centro, ou melhor, puxou a cidade para as periferias, levando a Estação Rodoviária para o bairro do Andaiá, num extremo, e o Fórum e o Complexo Policial para o São Paulo, no outro.

Além disso, Ursicino seguia calçando diversas ruas, levando água a bairros desprovidos desse recurso, saneamento básico, manutenção de bens públicos, ampliação de ruas, reformas de praças e outras. Para o ex-prefeito Euvaldo Rosa, Ursicino defendeu os interesses públicos, intermediando política com outras esferas do poder, garantindo aprovação, veto e elaboração de projetos de leis que estavam de acordo com a câmara municipal e com os interesses da população, buscava parcerias junto à iniciativa privada.

Pode-se pensar que o depoimento do ex-prefeito Euvaldo Rosa é composto de elogios, inclusive sinalizou que essa era a melhor forma de governar. Contudo, Errante (2000, p. 140) salienta “que precisamos ser mais críticos em relação ao significado que há por trás de memórias particulares [...]”. Ao trabalharmos com relatos orais, devemos entender a posição social, política e econômica de quem fala, bem como suas relações sociais, sua experiência passada e suas expectativas de futuro, conforme destaca Koselleck (2006). Assim, devemos destacar que Euvaldo Rosa era aliado político de Ursicino Pinto de Queiroz e como tal tinha interesses e entendimentos específicos que se reproduzem em sua fala.

Valadão (2005, p. 91) afirma que “como prefeito, Ursicino proporcionou à cidade uma aura de entusiasmo, otimismo, jovialidade e projeção política em todo estado. Fez Santo Antônio tornar-se viva, respeitada e conhecida”, caracterizando Ursicino pela realização das obras inauguradas com carlismo.

Para muitos entrevistados, seu mandato nos quatros anos inicialmente previstos (1977-1980), foi um período de desenvolvimento do município. O ex-Vice-prefeito, Faustino de Almeida Cunha, por exemplo, afirma que Ursicino “como prefeito, [...] fez tudo por Santo Antônio de Jesus, pegou a cidade adormecida e transformou na rainha do recôncavo” (CUNHA, 2014). Faustino, provavelmente, faz uma narrativa gloriosa da gestão de Ursicino e do Jacu dos

quatro anos regulares de mandato. Entretanto, o governo foi prorrogado por mais dois anos, até 1982, dando ao Jacu uma permanência de seis anos no controle do Executivo porque não teve eleição em 1980, prorrogando por mais dois anos, o chamado “mandato tampão”. Isto serviu para o fatiamento das eleições, fazendo com que as eleições municipais não coincidissem com as estaduais e federais, moldes mantidos até hoje, alternadas a cada dois anos.

Contudo, nestes dois anos finais da administração de Ursicino, a gestão ficou aquém do realizado nos quatros anos anteriores. Segundo Euvaldo Rosa (2016), “Ursicino se empolgou tanto com sua bela administração durante os quatros anos que esqueceu que restavam mais dois”. A gestão do Jacu começou a desandar e o povo, principalmente os mais simples, em sua maioria, a cada dia criava aversão ao prefeito, pois ele não mantinha as relações com as quais o povo estava acostumado, sobretudo com aqueles que viam no Prefeito a possibilidade de resolução de seus problemas pessoais. Devia explorar mais isso e não se ater somente as entrevistas. Isso não poderia ter ocorrido por Ursicino desenvolver uma administração mais tecnoburocrática e menos clientelista?

O desenvolvimento na gestão de Ursicino pode ser considerado um avanço se comparado aos outros governos. Entretanto, para os trabalhadores que viviam do salário mensal, não aconteceram bons resultados. Em pesquisa sobre o rendimento médio mensal da população economicamente ativa de ambos os sexos em 1980, o IBGE confirmou que 34,22% recebiam no máximo um salário mínimo (SM) e 48,09% não tinham remuneração mensal fixa:

**Quadro 8: Rendimento médio mensal da população economicamente ativa em 1980**

<b>Rendimento médio mensal</b>	<b>Total</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
Até ½ SM	6472	2807	3665
Mais de ½ a 1 SM	6117	4098	2019
Mais de 1 a 2 SM	3470	2808	662
Mais de 2 a 5 SM	2089	1736	353
Mais de 5 a 10 SM	560	503	57
Mais de 10 a 20 SM	220	203	17
Mais de 20 SM	78	78	---
Sem rendimento	17688	4853	12835
Sem declaração	84	17	67
<b>Total</b>	<b>36788</b>	<b>17103</b>	<b>19675</b>

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE – Santo Antônio de Jesus

Além dos homens que, em sua maior parte, não recebiam mais do que um salário mínimo, as mulheres quando estavam inseridas no mercado de trabalho, também não tinham bons rendimentos mensais, suas ocupações em grande maioria se concentravam em casas domésticas, lavadeiras de roupas de ganhos, feirantes, manocagem de fumos<sup>51</sup> autônomas, isto é, domésticas e as enfiadoras de fumos dos armazéns, que tinham a função de fazer a elaboração do fumo para a produção de charutos e outros provenientes. Sobre essa última ocupação Assis (2015, p. 5) afirma que:

Transitando entre a casa e os armazéns, entre a carência econômica e social encontramos outras tantas mulheres trabalhadoras que relembram suas trajetórias de vida, muita pobreza e exploração. O trabalho das mulheres, porém, não se restringia aos armazéns. Muitas trabalhadoras, ao se aposentarem ou se afastarem temporariamente dos armazéns por licença médica, ficarem desempregadas ou paralelamente ao trabalho nos armazéns, tornavam-se charuteiras domésticas ou “tiravam” trouxas dos armazéns para realizarem o beneficiamento em suas residências.

Assis demonstra a importante fonte de emprego e renda para a população pobre e carente da cidade e da região, oriunda dos armazéns de fumos. Porém, ressalta que os trabalhos não remuneravam de forma adequada os seus trabalhadores. Diante do cenário, era no novo gestor que a população apostava nas possibilidades de melhores empregos e conseqüentemente bons salários. Contudo, para o ex-vereador Flomario Santos, não houve resultados positivos para todos, o que provocou decepção nos eleitores trabalhadores vindos dos segmentos populares, que acreditaram em novas perspectivas oriundas do grupo Jacu e, por conseguinte, do seu novo líder.

A solução política de alcançar para a maioria dos santo-antonienses mais emprego e, por conseguinte, melhores salários, não foi realizada de forma ampla no governo de Ursicino. Azambuja (1989, p. 228) afirma que “Os fatos políticos são, antes de tudo, fatos humanos, e o homem, ser inteligente [...], pode encontrar sempre soluções novas [...]”. Todavia, nem esse problema e nem alguns outros, incidentes sobre o cotidiano dos grupos populares do município, foram resolvidos. Talvez esses fatos possam explicar também a

---

<sup>51</sup> Manoca é quando reúne várias folhas de tabaco, para secagem e cura, atadas por outra folha enrolada. É uma das mais usuais maneiras artesanais de preparar o fumo.

reaproximação das massas com o Beija-flor na próxima seção. Bonavides (2011, p. 600) acentua que “A massa se rege por sentimentos, emoções, como a psicologia social já demonstrou exaustivamente. A opinião das massas formando a opinião pública será por consequência irracional”. Isso quer dizer que muitos eleitores se afastaram do grupo Jacu devido a não resolução imediata de suas necessidades.

Ursicino poderia ser considerado, como dizem Palmeira e Heredia (2010) “um bom prefeito, mas um mau político”, ao não dialogar especialmente com aqueles que viam no filho da terra melhoria para suas vidas como trabalhadores assalariados no momento crucial de sua gestão. O político e, especialmente o Prefeito, de uma cidade como a de Santo Antônio de Jesus, interfere de maneira profunda na vida de seu povo. Rémond (1997, p. 442), lembra que “o político [...] é também a coisa mais concreta com que todos se deparam na vida, algo que interfere na sua atividade profissional ou se imiscui na sua vida privada”. Acredita-se que, de alguma forma, Ursicino poderia dialogar com a população, evitando arranhões no Jacu naquele momento.

Também podemos analisar como um dos pontos de desequilíbrio de seu governo o envolvimento do Prefeito em outras atividades, além da prefeitura. Por ter se destacado como Prefeito em seus quatro primeiros anos de gestão, entre 1980 e 1981, foi Vice-presidente da Confederação Nacional dos Municípios (CNM). Ainda em 1981, fez palestra no Seminário Internacional de Administração Pública, realizado em Salvador e outros locais, e em 1982 participou do Seminário Internacional sobre Administração Municipal de Desenvolvimento Local, na Alemanha Ocidental. (ARAGÃO, 2009). Essas suas viagens e atividades foram utilizadas pela oposição e por um pequeno grupo da situação como ferramenta para atacá-lo, o que inflamou ainda mais a população, já queixosa de sua falta de aproximação durante a gestão, prática que não ocorria em governos do passado em Santo Antônio de Jesus.

Pode-se acreditar que seu maior erro foi não pagar os funcionários públicos em dia durante dez meses, fato que também atingiu órgãos estaduais de prestação de serviços no município como EMBASA, TELEBAHIA e COELBA. Ao não efetuar os ordenados corretamente, o governo municipal entrou em descrédito com parte dos credores e o funcionamento da administração refletiu negativamente na região. Reis Filho (2014) afirma que

“ele deixou a desejar no fim do mandato de quatro anos, professor atrasado e tal. Aí funcionário público se revoltou e todo mundo queria outro prefeito que não fosse Ursicino, porque ele não estava pagando as contas”. Essa narrativa parecia ser a reflexão de muitos jacuristas sobre os dois anos finais do mandato de Ursicino Pinto de Queiroz.

### **3.4 “Estou voltando pra casa”: nem Jacu, nem PMDB, o povo quer de volta o Beija-flor (1983 a 1988)**

No começo dos anos 1980, o Brasil vivia ainda uma Ditadura civil-militar, presidida por João Baptista de Oliveira Figueiredo. Porém, sabe-se que o ex-presidente Ernesto Geisel (1907-1996), já desde 1974, acenava para a criação de condições de uma abertura política “lenta, gradual e segura”, a qual deveria levar o país, futuramente, ao fim do militarismo ou algum tipo aparentemente de governo civil.

Por outro lado, parte significativa da sociedade brasileira e a comunidade internacional pressionavam os militares com o intuito de participações democráticas no país. Muitos intelectuais, artistas, pessoas ligadas à Igreja (e outras religiões), partidos políticos (que se formaram como o PT e PMDB), marcharam juntos em favor de todos os direitos e participação no que tange ao campo da democracia.

A Bahia vinha seguindo o seu *script* de sempre, com suas velhas e novas lideranças no poder ou articulando nos bastidores do estado. Nomes como Juracy Magalhães e Luiz Viana Filho, ainda davam suas cartadas políticas e lideranças da centro-esquerda, como Waldir Pires, começaram a ter ascensão na Bahia, além de ACM, já consolidado no cenário político brasileiro. Outros aspirantes à carreira parlamentar, geralmente com escassos recursos pessoais, dependeram do suporte transferido por estruturas coletivas (partidárias ou de grupos políticos).

Como dito, a maioria dos políticos santo-antonienses trocou a ARENA pelo PDS local, dividindo o novo partido em sublegendas, como fizeram com o antigo. A novidade dessa década, na cidade, ficou por conta da fundação do PMDB pelo tenente Geraldo Pessoa Sales, a pedido de Rômulo Almeida, que

[...] era naquela época presidente do PMDB e veio a Santo Antônio de Jesus fazer política. Naquele dia ele almoçou conosco e pernitoiu em nossa casa do Bairro Santa Teresinha, onde funcionou por muitos anos a Rádio Recôncavo. Após conversarmos sobre amenidades, Rômulo Almeida ligeiramente perguntou-me: Sales aceita fundar em Santo Antônio de Jesus o PMDB? Afeito a desafios desde tenra idade, a resposta veio rápido, aceito! (SALES, 2006, p. 253)

No município, falar de oposição fora do partido onde estavam o Beija-flor e Jacu nunca foi bem-vindo desde 1965. Sales afirmou que “[...] falar de oposição à ARENA ou ao PDS que a substituiu era assunto indigesto” (idem). Entretanto, o tenente não desistiu da tarefa e depois de 90 dias, registrava o diretório municipal do PMDB, já que com o fim do MDB, o partido substituto ainda não fora lançado formalmente em Santo Antônio de Jesus.

O Beija-flor seguia fazendo rivalidade ao Jacu e mostrava a ingerência de Ursicino Queiroz e do seu grupo na prefeitura. Suas políticas eram realizadas nos bastidores e, diante disso, os beija-floristas denunciavam as supostas injustiças contra a população, afirmando que o Jacu era da elite e que, por isso, só visavam a seus próprios interesses, deixando os verdadeiros necessitados à mercê da sorte. Renato Machado, embalado pelos tropeços do seu ex-amigo, ganhou terreno na política local, anunciando ajuda aos necessitados e “levantando bandeira” a favor dos pobres. De acordo com alguns relatos, o “doutor Renato” apresentava-se como o “salvador da pátria”, nessa conjuntura, o homem que viria para tirar a população das mãos do grupo que pouco ligava para os santo-antonienses de menor poder aquisitivo.

O Jacu, por sua vez, viu o prestígio construído durante quatro anos “descendendo ladeira abaixo” com os dois anos finais do mandato do doutor Ursicino. O filho da terra, como era chamado, fez o que parecia ser quase impossível, tomar o poder executivo do grupo Beija-flor e, por falta de consistência, já no final do mandato, manchar politicamente o grupo Jacu, segundo o advogado Zé Reis.

Mas não só de denúncia vivia o Beija-flor, também vinculado com práticas estratégicas capazes de propiciar alianças com as camadas populares do município. Dessa vez, eles recorreram a questões culturais, como fizeram em 1962, com a canção “Meu Beija-flor”. Por isso, logo foi trazido para o grupo o vereador tido pelos moradores como o mais folclórico e popular, Antônio

Bomfim Mercês para atrair para o Beija-flor o apoio de parte significativa da população mais humilde. Mascarenhas (2011) traça o perfil de Bomfim Mercês da seguinte maneira:

[...]ele era detentor de algo diferenciado no meio político: o denominado “cheiro de povo”. Simples, humilde e bem relacionado com as classes menos favorecidas, principalmente, nos bairros periféricos, o ex-vereador tinha o poder de arrastar multidões em eventos que necessitavam de mobilização popular, a exemplo de comícios e caminhadas. Esse era seu grande mérito [...].

De fato, ele era um homem de origem popular, residente em Santa Madalena, bairro periférico do município, técnico em eletricidade que sempre atendia as pessoas quando podia ajudar. Porém, sua maior visibilidade foi quando criou o Jegue Trio, que, segundo Amorim (1998, p. 64), era composto por “uma bateria de 12 volts, dois projetores de som, um guitarrista, um baterista e a presença indispensável de um folclórico jegue [...]”. Esse trio bem típico atraía muita gente em todos os cantos onde o Beija-flor fazia comícios, além de ser uma das atrações das micaretas de Santo Antônio de Jesus. Paulo Cezar Mercês, funcionário público municipal e filho do criador do Jegue-Trio, participava das apresentações e conta que “o Jegue-Trio se expandiu de uma forma que em toda micareta que tinha na região era contratado, como, por exemplo, em Valença, em Amargosa e outros lugares” (MERCÊS, 2016).

Mercês (2016) também salienta que na Feira do Interior, em Salvador, o Jegue-Trio era presença indispensável: “em Salvador ele tocava na feira dos interiores que existia. Aí cada interior tinha que representar sua cidade, com comida típica ou com o que fosse. O Jegue-Trio todo ano estava presente” (idem). A Feira do Interior teve início em 1988 e foi extinta em 2004. Era realizada em outubro, no Parque de Exposições de Salvador, apresentando a cultura e o costume das cidades do interior do Estado.

A seguir, reproduzimos a imagem do famoso Jegue-trio, que virou símbolo cultural de Santo Antônio de Jesus. A frente do Jegue Trio está Bomfim Mercês, que o acompanhava em todos os lugares onde era convidado; no fundo seguiam os músicos tocando seus instrumentos e fazendo a festa dos seguidores nos eventos e comícios.



### Imagem 11: Jegue-trio em uma das suas apresentações



Fonte: Site TV SAJ- blog Antonio Mascarenhas.

Os jacuristas entenderam que também deveriam ter um hino do grupo para fazer frente ao seu adversário. Então, utilizaram a canção “Quando Jacu sair, meu amor, eu quero ir”, do compositor Walter Queiroz Jr.<sup>52</sup>, composta para o bloco Jacu Afoxé, de Salvador, em 1981:

Quando o Jacu sair, meu amor eu quero ir  
 Eu quero ir, meu amor eu quero ir  
 Aonde o Jacu for, meu amor eu vou, eu vou  
 Se o Jacu for pro Japão, eu vou de avião  
 Se o jacu for de pé, eu vou de afoxé  
 Afoxé, afoxé ilê, a gaiola do jacu é coração de uma mulher  
 Afoxé, afoxé de novo a gaiola do jacu é coração do nosso povo.  
 (QUEIRÓZ JR. 1981)

Um trecho da canção ~~música~~ traz uma metáfora que diz: “Se o Jacu for pro Japão, eu vou de avião”; essa metáfora foi utilizada para se referir ao bairro do Andaiá, à época (1981) muito distante do Centro. Então, as pessoas, em tom meio cômico, diziam que “morar no Andaiá era o mesmo que morar no Japão”. Como esse bairro tinha uma relação de amor com o grupo Jacu, o trecho caiu muito bem na época.

O Beija-flor não desprezou a zona rural durante os seis anos em que ficou fora do poder político; todavia, começou a construir maior vínculo com os bairros periféricos da cidade, já que a população cresceu em 12,911 mil habitantes. A tática era a mesma usada nos espaços rurais, ou seja, cooptava

<sup>52</sup> Walter Pinheiro de Queiroz Júnior é compositor, instrumentista (violonista), cantor e advogado. (ALBIN, 2019).

líderes das suas respectivas comunidades. Entretanto, mesmo com o desgaste político advindo dos dois anos finais, o Jacu tinha construído bases eleitorais sólidas em alguns bairros periféricos da cidade.

Em 1982, nas prévias das eleições, o Beija-flor ficou com o PDS 1, encabeçado por Renato Machado e Florentino Firmino de Almeida (prefeito por dois mandatos), chapa considerada muito forte e bem popular na época. O Jacu lançou como candidato Faustino de Almeida Cunha e como vice Carlos Galvão, um tabelião com boa popularidade no município, pelo PDS 2. Diferente do que ocorreu na eleição de 1976, quando o Jacu ficou na sublegenda 1, dessa vez foi o Beija-flor, isto é, agremiação azul-vermelho-branca, já saiu ganhado nas prévias.

Nesse pleito, as chances de vitória pareciam ser mais consistentes ao Beija-flor, pois, no anterior, Renato Machado era um novo cidadão no município, com menos de 10 anos de residência na cidade, disputando com um legítimo filho da terra enquanto nesse era conhecido por sua atuação como médico e por suas benfeitorias.

Entre algumas questões que prejudicaram o Jacu nessa eleição, um fato em especial afetou ainda mais o grupo. Segundo algumas narrativas, a despeito de sua ilegalidade, ocorreu um bingo no município. Por conta dessa clandestinidade, a Polícia Federal chegou em Santo Antônio de Jesus e conduziu Faustino de Almeida Cunha até Salvador, onde teve que responder às acusações de prática ilegal de jogo em sua casa. O Beija-flor aproveitou o ensejo para atacar impiedosamente o adversário por esse acontecimento.

A campanha de Renato Machado se aproximou com maior intensidade da população carente do município e a saúde era o carro chefe de sua empreitada. O grupo montava consultórios médicos itinerantes em todos os bairros onde fazia comércio e examinava e medicava muitas pessoas. Com isso, a população socialmente marginalizada via nisso um ato de bondade, retribuído com seus votos. Palmeira e Heredia (2010, p. 129) sinalizam que “não é casual que nesse período multipliquem-se favores e avolumem-se as obras”. As obras não eram exclusivamente na forma de casas, escolas, prédios, pontes e outras; elas também tinham cunho social em vários setores.

Dentre as realizações para a conquista de votos na eleição de 1982, existiu uma inovação, a marcha das mulheres, uma passeata só de mulheres

vestidas de branco pelo Centro da cidade em apoio integral ao Beija-flor e especialmente a Renato Machado, organizada por dona Renilda Dunningham (2016), espécie de marqueteira política e cultural do grupo.

A eleição, como mostram as fontes, não foi disputada só entre o Beija-flor e o Jacu, pois neste ano existiu uma terceira força, o PMDB liderado pelo tenente Geraldo Pessoa Sales, que tinha como candidato a Vice-prefeito o empresário Oseas Guimarães de Souza. O tenente era crítico à polaridade de mais de 20 anos. Para ele, as batalhas travadas pelas duas agremiações em nada contribuía para o desenvolvimento da cidade. Sales (2006, p. 255) diz:

[...] não sou e jamais serei homem de superfície, homens que, por importância ou ignorância, não conseguem atinar para a verdadeira necessidade do povo santoantoniense. O que propomos não é uma luta sem sentido, em torno de símbolos “JACÚ e BEIJA-FLOR” – mas, sim, uma luta em torno de ideias. Ideias que da sua execução floresça o mais profundo desenvolvimento social, político e econômico do nosso município e que a paz no seio da família santoantoniense.

Para Sales, era necessário acabar com o consentimento e o enquadramento do povo entre esses dois grupos da cidade: as pessoas não podiam ficar mais condicionadas a essa regra instituída pelas antigas elites políticas. Acreditava que a polarização desagregava famílias, fazia uma política cujo foco central era o poder e o progresso local nunca estava em primeiro plano.

A eleição municipal de 1982 apresentava de um lado o Beija-flor com sua política populista, do outro, o Jacu com o pensamento desenvolvimentista conservador e o Tenente Geraldo Pessoa Sales, com a proposta de uma nova política capaz de governar para a maioria, sem divisões.

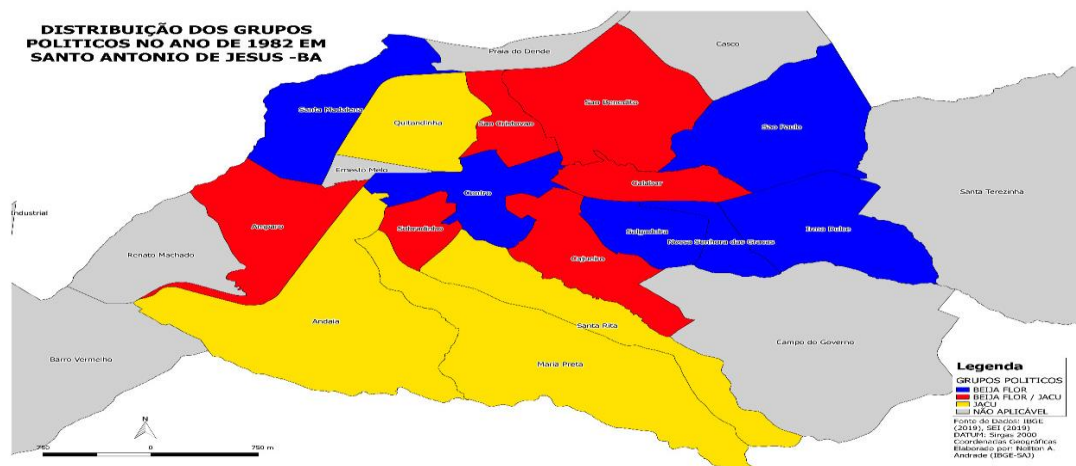
Contudo, o que se via ainda era uma cidade bastante dividida em dois grupos políticos, devido, em parte, às rivalidades dos bairros. Os bairros da cidade eram muito estanques: quem morava na Salgadeira (antiga Matança) não poderia ir ao São Benedito, porque eram inimigos e isso poderia gerar até morte de algum dos lados. Então, essa competitividade se estendia à política: se a comunidade fosse Beija-flor, o indivíduo não poderia se declarar Jacu, pois poderia ser escorraçado ou teria de deixar o bairro de maneira sorrateira.

Essas comunidades tinham lideranças detentoras de algum capital material nos seus respectivos bairros (donos de casas, de terras, de

mercearias, etc.); com isso, a população local gravitava sob seus comandos. Um exemplo de líder político de bairro era Apolinário Teixeira Neto (o major), comerciante de porte pequeno, que fiava a quase todo mundo do Cajueiro em suas compras. Diante disso, ele se tornou uma figura respeitada que conseguia transferir a maioria dos votos para a facção Beija-flor.

Abaixo segue o mapa e suas divisões dos bairros, que mostra os bairros pintados em três cores: a azul representava o Beija-flor, a amarela, o Jacu e a vermelho, os dois grupos. Os bairros de amarelo estavam entre “os melhores lugares da cidade”, pois neles moravam as pessoas de classe média ou até mesmo a elite local (empresários, médicos, fazendeiros entre outros), exceto, o Andaiá, com população em sua maioria de menor poder aquisitivo. O Beija-flor gravitava sobre os bairros populares da cidade, como o Cajueiro, liderado pelo citado major, que controlava a maior parte do lugar, entretanto, no próprio bairro, especificamente na Viriato Lobo, também havia representantes do Jacu, situação também possível em muitos outros espaços da cidade, que acirrou ainda mais a eleição.

**Imagem 12: Distribuições dos grupos políticos nos bairros de Santo Antônio de Jesus em 1982**



Fonte: Andrade (1982)

No pleito de 15/11/1982, o eleitor teria de escolher seis cargos: Governador, Senador (uma vaga), Deputado Federal e Estadual, Prefeito e Vereador. O regime proibiu a coligação (associação eleitoral de duas ou mais legendas) e estabeleceu o voto vinculado, ou seja, exigia que os indicados fossem do mesmo partido. Skidmore (1988, p. 383), ressalta que:

[...] Pela primeira vez desde 1965 os governadores seriam eleitos diretamente. Como as eleições tinham sido adiadas de 1980 para 1982 o eleitor deveria votar em candidatos para todos os níveis exceto o presidencial. Tanto o PDS quanto o PMDB se organizaram para uma propaganda sofisticada pelos meios de comunicação; os partidos menores, como o PT, PDT e PTB, tinham que contar com a boa vontade de grupos voluntários para contatos de rua diretamente com o eleitor, e com os comícios em praça pública. Em muitas localidades, esta eleição, como todas as demais de âmbito federal desde 1974, transformou-se em plebiscito sobre as políticas do governo, exceto onde o PDS podia capitalizar efetivamente o interesse do eleitor por alguma questão local ou estadual.

Essa eleição foi uma demonstração de que parecia estar havendo de fato, um movimento do Estado para o processo de redemocratização no país. Não só pelo voto direto de quase todas as esferas da política, mas também por um maior número de partidos concorrentes e pela liberação de as propagandas e outros artifícios próprios de uma democracia.

Nesse dia, a cidade ficou enfeitada de bandeiras, predominando as azul-vermelho-e-brancas do Beija-flor, segundo o ex-vereador Flomario Santos (2019), como uma prévia do resultado positivo para esse grupo. Também houve muitos carros buzinando, homens montados em cavalos, pessoas com bandeiras amarradas no pescoço, carroças enfeitadas de bolas de sopro com as cores Beija-floristas, etc.

No fim da tarde, a votação acabou, porém, só depois de quase dois dias, a apuração foi finalizada, dando a vitória aos Beija-floristas Renato e Florentino, com 560 votos de frente, num total de 20.718. Alguns entrevistados, como Carlinhos Mercês enfatizou, que “a gente já sabia que Renato estava eleito, o grupo deles também já sabia” (MERCÊS, 2015). Para os menos apaixonados dos jacuristas, como Zé Reis, essa eleição era quase impossível de reverter em vitória para seu grupo.

Para Governador da Bahia, a vitória ficou com o ex-deputado federal João Durval Carneiro, do PDS, com 60,6% dos votos válidos (NICOLAU, 2006), resultado influenciado pelo então governador ACM que queria a continuidade de seu grupo no poder e no controle da máquina do Estado. O resultado do sucesso do PDS na Bahia foi uma representação do efeito eleitoral do Nordeste, que permaneceu com os atores políticos apoiadores do regime civil-

militar, diferente da modificação ampla de vários lugares do país, onde foram eleitos opositores do governo. Reis (1985, p. 82) confirma que:

[...] As candidaturas dos governadores, na eleição pelo voto direto, polarizaram o eleitorado. Mas, em todo Nordeste, do Maranhão à Bahia, a vitória foi do grupo do PDS tradicional, 9 das 12 vitórias. Fica a impressão de que houve, na região, um retorno aos velhos tempos.

Assim, o que parece é que em todos esses anos nada mudou na maioria da região nordestina. Todavia, não quer dizer que a oposição não ganhou em alguns lugares, pois grandes cidades e capitais, com comércio e indústrias, tinham oposição políticas, devido à presença de sindicatos, universidades e maior concentração de lideranças progressistas.

No geral, as eleições em todo Brasil ocorreram de forma supostamente tranquila e dentro da legalidade esperada para época. Porém, houve em algumas tentativas de sabotagem pelo governo federal. Skidmore (1988, p. 453) salienta que “Apesar de tentativas de sabotagem da linha dura e do compreensível pessimismo do público, as eleições foram um impressionante exercício de civismo: mais de 45 milhões de eleitores compareceram às urnas”. Sabe-se que esse número de eleitores fora o maior de todos os tempos, não só no Brasil, como também na América Latina. Além de perceber através do número expressivo de votos e eleitores nessa eleição, pode-se ver em 1982 uma maior participação de cabos eleitorais, distribuição de santinhos em massa e outros meios de informar os partidos e os números dos candidatos de todo país, fazendo revelar a proporção desse pleito, em comparação aos anteriores. O jornal “O Globo” escreveu uma matéria intitulada “Limpeza de lixo da campanha”, que dizia o seguinte:

De 7 às 16 horas de ontem, centenas de garis da Comlurb prosseguiram no trabalho iniciado na véspera de remover das ruas da cidade o material de propaganda eleitoral usado durante a campanha em dois dias, eles recolheram 16.551 cartazes, 15.897 galhardetes e faixas e limpam 558 metros de muros e monumentos pichados pelos cabos eleitorais dos candidatos (O GLOBO, 18/11/1982).

A matéria ocorreu três dias após as eleições, em circulação matutina, na página 18 do jornal. A reportagem se deu na cidade do Rio de Janeiro, porém serviu como amostragem do tamanho das eleições de 1982, que

mobilizaram o país do Oiapoque ao Chuí, gerando cenas eleitorais que não ocorriam desde a implantação do golpe de 1964.

Em Santo Antônio de Jesus, os grupos tradicionais continuavam fortalecidas mesmo depois de partidos opositores, como o PDT, o PTB e o PT, fundados em 1982, no Brasil, ou o MDB, já instituído em Santo Antônio de Jesus, que disputou a eleição desse mesmo ano.

Na Câmara de Vereadores houve uma mudança no quadro, uma vez que na vitória do médico Ursicino Pinto de Queiroz, em 1976, a agremiação Jacu, a sublegenda da ARENA 1, fez a maioria, num resultado que ajudou o prefeito a fazer, segundo alguns entrevistados, uma ótima administração. Porém, nessa eleição (1982), Renato Machado e o Beija-flor ficaram com a sublegenda 1 e o Jacu com a sublegenda 2, todavia, como foi discorrido, agora abrigoando-se no Partido Democrático Social (PDS), em substituição à ARENA, e sua agremiação não teve o mesmo sucesso, pois não fez maioria na Câmara. O Quadro 9 mostra os vereadores eleitos, suas profissões, partidos e grupos:

**Quadro 9: Vereadores eleitos para legislar os anos de 1983 a 1988**

ELEITOS	PARTIDO	GRUPO	VOTOS	PROFISSÃO
Ademário F. dos Santos	PDS 1	Beija-flor	899	funcionário público
Albino M. dos Santos	PDS 2	Jacu	775	agricultor
Antonio B. A. Mercês (reeleito)	PDS 1	Beija-flor	743	eletricista
Antonio Luiz Coelho Oliveira	PDS 1	Beija-flor	742	publicitário
Antônio Fernando R. Albuquerque	PDS 1	Beija-flor	827	engenheiro civil
Durval Samuel de Souza (reeleito)	PDS 2	Jacu	537	funcionário público
João Fróis Prazeres Bastos	PDS 2	Jacu	552	pirotécnico
José Anacleto Filho (reeleito)	PDS 1	Beija-flor	790	funcionário público
José de Oliveira S. Filho	PDS 2	Jacu	570	comerciante
José Reis Filho (reeleito)	PDS 2	Jacu	948	advogado
Manoel José de Souza (reeleito)	PDS 1	Beija-flor	684	comerciante
Pedro Barroso Sobrinho	PMDB	–	302	professor
Valeriano José das Mercês	PDS 2	Jacu	620	motorista

Fonte: Arquivo Público Municipal

Nota-se que de 1 cadeiras na câmara, o Beija-flor e o Jacu ficaram com seis, cada, enquanto o PMDB, representado pelo professor Pedro Barroso Sobrinho, com uma. A vitória do professor Barroso como vereador dentro de um espaço polarizado por dois grupos rivais pode ser justificada porque o PMDB e o PDS se organizaram para uma propaganda sofisticada pelos meios de comunicação em todo país, além de ser um partido que serviu aos eleitores opositores como meio de manifestação contra o governo vigente. Assim,

possivelmente com essa vitória o peemedebista se tornou o parlamentar mais seduzido na casa, pois o seu voto poderia ser decisivo na aprovação de projetos dos dois lados.

Em seu governo, Renato Machado resgatou muitos dos servidores ligados ao Beija-flor, que saíram da prefeitura quando o Jacu assumiu o poder, entre 1977 e 1982. A prioridade dos Beija-floristas era substituir todos os adversários, prática comum até os dias atuais, além de contratar mais funcionários, repetindo as aplicações de governos anteriores da agremiação.

Quanto às contratações para funcionários de baixo escalão, foi instituído a Frente de Serviço, a tática do “o pouco com Deus é muito”, ou seja, em vez de contratar um funcionário e pagar um salário mínimo, contratavam-se dois e pagava-se meio salário a cada. Assim, garantiam empregos para um número maior de pessoas, abonando mais votos e mais apoio. É importante observar como esta forma de clientelismo criava uma rede de fidelidades pessoais. Mastropaolo (apud BOBBIO et al., 1998, p. 77) justificou que, “[...] os políticos de profissão, os quais oferecem, em troca da legitimação e apoio (consenso eleitoral), toda a sorte de ajuda pública que têm ao seu alcance (cargos e empregos públicos, financiamentos, autorizações, etc.)”. De fato, eles utilizavam dos recursos estatais para fidelizar clientes políticos.

Justificava-se também tais práticas dos políticos de Santo Antônio de Jesus, e especialmente de Renato Machado, pela falta de vontade de realizar concurso público no município naquele período. A obrigatoriedade do concurso Brasil, só foi estabelecido na constituição de 1988, ou seja, como era opcional, os prefeitos em sua maioria não faziam o concurso porque temia perder parte significativa de seus clientes/eleitores.

O tipo de contrato que Renato fazia (dois em um) não foi contestado a princípio pela oposição nem pela população, pois a cidade vinha passando por uma crise econômica muito forte, e várias razões colaboram para esse aumento de instabilidade desde o início da década 80. Uma delas foi o final da gestão de Ursicino Queiroz, acima referida, que deixou a cidade abandonada e com falta de pagamento dos servidores. Outra razão veio de fora para dentro, melhor dizendo, do governo federal, que respingou profundamente nos estados e municípios, em função do colapso econômico do final de 1982, em que o



governo quis evitar a inadimplência externa, excedeu todas as demais finalidades econômicas.

Skidmore (1988, p. 380) apontou outras situações que levaram o Brasil à recessão, a começar por numerosos episódios externos, que causaram os arrochos econômicos no Brasil. Segundo o historiador, primeiro foram os choques do petróleo de 1974 e 1979 e, em seguida, a elevação vertiginosa dos juros do mercado do eurodólar de 8,7 por cento em 1978 para 17 por cento em 1981, pulo provocado pela alteração radical na política pecuniária dos Estados Unidos em 1979. Desencadeou-se grave recessão mundial, que diminuiu a ação de exportações do Brasil, com substancial perda no lucro de suas vendas ao exterior. Seguiu-se a queda nos termos de intercâmbio do país que sofreram uma redução de 46 por cento entre 1977 e 1982. Esses fatores acabaram ocasionando efeitos de uma grande crise econômica no mundo. Napolitano (2001, p. 105) sinaliza que:

Os efeitos da grande crise internacional do petróleo, provocada pela guerra entre árabes e israelenses em 1973, logo chegaram no Brasil, decretando a morte do “milagre econômico”. A partir de 1974 seria impossível manter os altos níveis de crescimento econômico, que chegaram a taxas de 10% ao ano, e a inflação baixa, permitindo, assim, manter salários arrochados em impacto imediato na vida dos trabalhadores.

Pode se dizer que essa crise petrolífera tornou a economia do Brasil e também da América Latina bastante fragilidades. Para o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva (2012, p. 255), somente a crise do petróleo de 1973, não poderia levar o país a um colapso, porém, “[...] sua continuidade em meados dos anos 1970 acabou por sangrar fortemente a economia brasileira”. O que depois junto com a crise do mercado financeiro agravou a situação.

Renato Machado usou durante o seu governo uma velha prática da política do município, o **assistencialismo**<sup>53</sup> político ou como muitos adversários chamavam, **paternalismo**<sup>54</sup> demagógico. O método teve seu maior fervor com o grupo fraguista, de 1947 a 1962. O beija-florista em seu

---

<sup>53</sup> Entende-se a assistencialismo como uma prática comum ao modelo capitalista neoliberal, de promoção de políticas públicas de amparo financeiro e social mínimos às populações de baixa renda, até os dias atuais.

<sup>54</sup> Política social orientada ao bem-estar dos cidadãos e do povo, mas que exclui a sua participação direta quase sempre, além de muitas vezes ser uma política autoritária e benévola.

primeiro ano de governo, mandou distribuir alimentos em datas comemorativas, principalmente na quaresma, quando comprava caminhões de peixes, para serem entregues aos munícipes que não tinham condições financeiras. Como essa data era muito religiosa e valorizada pela população católica, a atitude do “doutor” era comparada por uma boa parte dos santo-antonienses a de um homem quase santo, que se preocupava com as pessoas menos favorecidas da sua cidade.

O prefeito também pagava as contas particulares de eleitores do Beija-flor, como recibos de água, energia, botijão de gás, receitas médicas, cestas básicas, entre outras. Faustino Cunha afirmou que na casa do prefeito localizada no Clube dos 100, filas quilométricas se formavam de pessoas que pediam algum amparo ao prefeito. Por sua vez, Reis Filho (2014) informa que:

O Beija-flor sempre fez uma política mais assistencialista, os prefeitos da época pagavam conta de luz, pagava um boião de gás, era uma espécie de bolsa família de hoje, não era esse o papel da prefeitura, mas era esse assistencialismo que ganhava a eleição e faziam com que esse grupo se perpetuasse no poder.

Com essa atitude, ele era chamado por muitos de pai Renato Machado (uma analogia ao pai dos pobres). De fato, narra-se que sua bondade social foi entendida por muitos como a de um pai generoso, que ajudava os filhos em momentos de crises financeiras. Os opositores observavam essa conduta paternal do Prefeito como forma de dominação, uma vez que, através dessa prática, ele ampliava o número de votantes (filhos eleitores) para o seu grupo, pessoas que se comprometiam e estavam com ele para o que desse e viesse. Muitos, de certa maneira, chegavam a adorar o prefeito. Em muitas casas católicas, a imagem do “doutor Renato” disputava espaço com a do padroeiro.

Natural de Jequié, Renilda Magnólia Silveira Dunningham, de 84 anos e moradora em Santo Antônio de Jesus há mais de 60, conta que viu o nascimento dos dois grupos, porém sempre teve uma profunda admiração pelo grupo do Beija-flor, sendo amiga de todos os seus prefeitos e de quase todos os seus vereadores. Afirma que sua relação com Zeca Lobo, Florentino, Ademário Francisco dos Santos (vereador) e Renato Machado era de irmandade. Este último, considerava um pai, um homem humano, que sempre

pensava nos pobres. Segue trecho de seu depoimento sobre as ações de Renato Machado para com o povo humilde:

Teve uma vez que Renato me mandou dar um terreno para uma pessoa pobre, agora bem pobre mesmo. Aí fui ver a situação de uma família, quando eu cheguei lá, vi que a situação da pessoa era precária, pobre mesmo. Voltei e disse: doutor essa família precisa mesmo. Então Renato deu o terreno, ele sempre ajuda as pessoas mais pobres, ele tinha um coração cristão, ele era bondoso e caridoso. (DUNNINGHAM, 2016)

Ao falar de Renato Machado, Dunningham deixava transbordar emoção e carinho. Ao elaborar sua memória sobre ele, falou a respeito das suas virtudes e bondades para com o povo de Santo Antônio de Jesus, só destacando pontos positivos do ex-prefeito, o que nos remete a Halbwachs (1990), segundo o qual “narrações históricas são reconstruções baseadas na memória, porém ligadas às condições de interpretação, de parcialidade e de identidade [...]”. Renilda narrava os eventos centrada na identidade do grupo.

Esse modelo de ordem social (Paternalismo), segundo Thompson (1998), não pode ser analisado só de cima para baixo, pois para o autor, essa é uma relação reciprocamente concedida; em que o pai tem consciência das obrigações e responsabilidades com os filhos, o filho é submisso ou benévolo na sua posição filial. Isso implica em relações de calor humano, de aproximação que subentendem noções de valor.

A insatisfação dos seus adversários era cada vez maior com as práticas do prefeito, a alguns políticos do alto clero do município, como Ursicino Queiroz, Faustino Cunha e outros; reclamavam que o Beija-flor utilizava disso cotidianamente para ganhar as futuras eleições e se perpetuar no poder.

Por outro lado, existiam eleitores que não tinham compromisso identitário com nenhum dos grupos e, sempre aproveitam das benesses de políticos e faziam barganha com seu voto e de seus familiares em troca de empregos ou do pagamento de suas contas. O que acontecia na verdade era uma troca entre o prefeito e os seus eleitores; o primeiro pagava contas de particulares com o dinheiro público e o segundo (os eleitores) votavam no grupo, configurando também, um clientelismo entre as partes.

Para ~~Eduardo Moreira~~ Silva (2007, p. 40), o clientelismo “é caracterizado como marca especialmente distintiva da República Velha, onde exercia uma

relação dominante de articulação entre o sistema político e a sociedade, além de ser referência generalizada para o comportamento político e social daquele tempo”. Entretanto, Queiroz (1975) enfatiza que o clientelismo continua como um modelo cultural de conduta que permanece nos tempos do Brasil urbano e moderno, embora tenha sido estabelecido de acordo com a teoria num momento em que o país ainda era intimamente agrário e prevalecia o retrocesso político no regime de comando oligárquico.

Outra questão que o prefeito introduziu em sua gestão foi a cultural. Em seu governo, as micaretas eram bastante famosas nas cidades vizinhas, com bandas de sucessos do momento, atraindo pessoas de toda região e da capital. Porém, o que ele mais dava atenção era para a cultura local, como os blocos afros, roda de samba e capoeira, sendo esta última atividade, a de maior atenção por parte do prefeito, pois, nessa realização cultural de matriz africana tinha Roque dos Anjos (mestre Roque), seu amigo e um dos grandes cabos eleitorais do Beija-flor. O mestre Roque em entrevista concedida a Madiba (2017) afirma que o doutor Renato doou o material de construção para levantar a Associação Ogunjá (academia de capoeira).

No decorrer de sua administração, ele foi estabelecendo políticas culturais em vários segmentos do município. Construindo patrimônios com características artísticas, a exemplo do Anfiteatro inaugurado em 1985, na Praça Matriz Padre Matheus, que virou um espaço de manifestações culturais de toda ordem na cidade. Segue a imagem da obra do Anfiteatro:

**Imagem 13: Anfiteatro na Praça Padre Matheus**



Fonte: Arquivo público Municipal de Santo Antônio de Jesus.

A obra do Anfiteatro, segundo boletim oficial do município, publicado em abril de 1984, custou aos cofres públicos cerca de 15 milhões de cruzeiros. Ele tinha capacidade para 750 pessoas sentadas e possuía refletores de última geração que ficavam direcionados para o palco. Renato Machado em seus discursos deixava evidenciado sua admiração pela cultura. Assim afirmou no período sobre a prestação de contas de seu governo em 1988:

O grau de civilização de um povo é medido por suas realizações na área da cultura, de suas manifestações culturais, rebuscadas nas origens, e enriquecidas de elementos dinâmicos da própria sociedade, forma-se os valores culturais de um grupo comunitário, entretanto, essa elaboração exige, para sua prática, um instrumento coletivo (biblioteca, teatro, museus etc.) que somente o poder público pode oferecer, embora imprescindível a participação coletiva. (TRIBUNA DO INTERIOR, 1988)

Para o prefeito Beija-florista, a cultura era a base de uma transformação social e essa tarefa deveria ser exercida especialmente pelo poder público; por isso não hesitou em fazer muitas obras que estivesse alinhada com a arte. Além do Anfiteatro, Renato Machado inaugurou o Centro Cultural da cidade, reaproveitando um antigo prédio localizado no Centro, onde funcionou por muito tempo a cadeia pública. O Centro Cultural funcionou como fundação, mantida pela prefeitura e pela comunidade santo-antoniense.

Ao fazer essas obras de cunho cultural, a gestão conseguiu trazer para o seu lado parte expressiva da classe artística da cidade, grupo que por muito tempo reclamava de forma tímida a falta de compromisso de gestores do passado. Devemos lembrar que as reclamações dos integrantes da cultura local eram diretas, porém acanhada, devido ao AI-5 que silenciou através de censuras a cultura brasileira, fazendo com que ela não debatesse problemas políticos ou questões sociais que afligissem a população.

Em contrapartida, integrantes administrativos do Beija-flor, afirmaram que a criação do Centro Cultural “[...] surgiu a partir de uma antiga ideia nossa e sua realização veio atender as expectativas de grande parte da comunidade artística local”. (TRIBUNA DO INTERIOR, 1988, p. 4). Entende-se que essa idealização começou a ser construída no momento em que as reivindicações iam fortalecendo no meio políticos e em outros espaços

Grande parte dos comerciantes da feira-livre também passou a ter em Renato Machado e no grupo Beija-flor uma relação de confiabilidade e de algum sentimento. Isso se deve porque, com o apoio do Ministro de Estado da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente (1987-1988), Prisco Viana<sup>55</sup> (PMDB), o prefeito conseguiu empréstimo na Caixa Econômica Federal e edificou o Mercado Municipal, obra construída em quatro módulos com área coberta de 6.324 m<sup>2</sup> acrescida da área do mercado de farinha com aproximadamente 1.500 m<sup>2</sup>, totalizando 7.824 m<sup>2</sup>, com 28 boxes cobertos, 71 abertos, 96 para comercialização de carnes, 16 para refeições e ainda espaços para 426 barracas, ambientes para confecções com 99 barracas (hoje feira de roupa) e o mercado de farinha com 135 feirantes (A TARDE, 1988, p. 14). Talvez seja por este aspecto que até os dias atuais a feira-livre é considerada o ninho mais fiel do Beija-flor, pois, segundo Mercês (2015), além dessa reforma, quem foi Beija-florista nesse momento teve a prioridade para receber as barracas e boxes inaugurados no local. Os jacuristas “puro sangue”, entenderam que foram perseguidos pela agremiação Beija-flor nessa distribuição.

Prisco Viana, além de ajudar a trazer recursos para o Mercado Municipal, também trouxe obras em diferentes áreas do município, como na saúde, na educação, estrada, segurança, drenagem e outros. Assim como ACM fez na gestão de Ursicino Pinto de Queiroz, o ministro também presenteou Santo Antônio com um pacote de obras e investimentos. Diante disso, já no final de seu governo, Renato Machado e vice, Florentino Firmino de Almeida, realizaram uma solenidade de inaugurações das obras com a presença do ministro. No evento, Renato fez seus agradecimentos a Prisco Viana, alegando que as obras só saíram devido ao apoio do governo federal. Renato Machado ainda salientou que:

[...] Prisco Viana, que trouxe benefícios para o nosso povo e temos que ser eternamente agradecidos aquele que tanto fez por Santo Antônio de Jesus. Aí está uma praça cheia do povo desse município para lhe prestar essa carinhosa homenagem. Povo somente de Santo Antônio de Jesus, repito. (A TARDE, 1988, p. 13)

---

<sup>55</sup> Baiano de Caetité, Luiz Humberto Prisco Viana foi jornalista e político, tendo exercido dez mandatos de Deputado Federal (1971-1987 e 1989-1999) por seu Estado, a cujo governo concorreu em 2002, tendo também ocupado a função de Ministro da Habitação Urbana e Meio Ambiente (1987-1989) do Presidente José Sarney. (GUIDO, 2009)

O discurso de Renato Machado formaliza uma aliança dos santoantonienses com o político Prisco Viana naquela ocasião e enfatiza que na praça só estavam as pessoas do município, o que parece ter sido uma insinuação para outros eventos políticos da oposição que enchiam as praças com pessoas de outras cidades vizinhas.

As zonas rurais como sempre não foram abandonadas nem na campanha eleitoral, nem na gestão de Renato Machado, pois sabe-se que esse espaço sempre era o peso da balança para as vitórias dos Beija-floristas. O “Tribuna do Interior”, em 1988, destacou em sua matéria intitulada do “Do povo. Pelo povo. E para o povo. Uma prestação de contas, sim senhor!”, que o prefeito de Santo Antônio de Jesus deu uma maior evidência às zonas rurais porque elas necessitavam de mais atenção. O jornal dizia que essas áreas eram, “[...] as mais carentes das carentes” (TRIBUNA DO INTERIOR, 1988b, p. 2). Com essa visão, o Beija-flor aproximou ainda mais a zona urbana das zonas rurais, ao criar em 1987, linhas de ônibus circulantes a cada hora da sede para as vias agrárias. Entre as contempladas foram, Vila Bomfim, até o povoado, Areia Grossa, Igreja de Nossa Senhora do Carmo e Povoado do Bomfim, Casaca de Ferro, Alto do Morro até Juerana, o Cocão, Ilha Cunha de Sereém, Vila de Fátima, Distrito de Macacos e Varzedo. Acredita-se que a gestão queria dar uma maior dinâmica ao comércio do campo com a cidade, assim como atender os anseios das famílias e dos estudantes que tanto desejavam concluir os estudos básicos, o que era uma prioridade do grupo Beija-flor.

A agremiação e, especialmente o Prefeito Renato Machado, tentaram mostrar durante seu mandato (1983-1988), que a administração era voltada para os mais carentes. O prefeito não se eximia em dizer em jornais, em discursos e em muitos outros ambientes, que suas maiores ações burocráticas foram feitas em comunidades carentes do município. Obras como creches, escolas, saneamento básico, doação de terrenos, etc., aconteceram em maior quantidade nas periferias da cidade. A “Tribuna do Interior” afirmou na sua reportagem sobre a gestão do Beija-florista que, “o prefeito Renato Machado vem procurando dinamizar as atividades econômicas da região em paralelo com um esquema de trabalho voltado para as realizações de cunho social, particularmente dirigida para as camadas da população de baixa renda” (idem,

p.5). De fato, o Beija-flor ia construindo sua imagem em obras, propaganda e discurso populista, que chegavam as camadas populares da cidade como bondades ofertadas por homens de corações nobres, que se preocupavam com os mais pobres do município.

Os jornais “Tribuna do Interior” e “A Tarde” eram os canais de informação externos que mais atendiam os interesses dos grupos políticos da cidade, talvez por serem organizações de notícias propagadoras de informações de cunho político aos grandes públicos, dentre esses as massas. Ao analisar as atividades dos meios de comunicação na política, Bonavides (2011, p. 605) explica:

Os jornais, as estações de rádio e televisão, seus redatores, seus colaboradores, seus comentaristas, escrevendo as colunas políticas e sociais, programando os noticiários, preparando as emissões radiofônicas, fazendo os grandes êxitos da televisão, constituem os veículos que conduzem a opinião e a elaboram (quando não a recebem já elaborada, com a palavra de ordem, que “vem lá de cima”), pois as massas, salvo parcelas humanas sociologicamente irrelevantes, se cingem simplesmente a recebê-la e adotá-la de maneira passiva, dando-lhe a chancela de “pública”.

Jornais como esses não só tinham métodos eficazes para propagar os resultados de grupos políticos como era feito em Santo Antônio de Jesus, mas também, visavam valorizar e exaltar os que estavam no poder. Por outro lado, de forma até subliminar, criticavam e ridicularizavam os adversários. Napolitano (2001, p. 105) ainda reforça que a imprensa, ao mesmo momento que informa e forma, cumpre uma função de pesquisa da opinião pública e, assim, indiretamente, dirige as análises e estratégias políticas de qualquer governo.

Desde a campanha contra o jacurista Ursicino Pinto de Queiroz, o Beija-flor fez de Renato Machado a maior liderança política que o grupo azul, vermelho e branco já tivera. E a cada ano de sua gestão, o “doutor” ia construindo em torno de si, uma liderança carismática que, como bem salienta Weber (2000, p. 57), é formada como base numa devoção e confiança estritamente pessoal direcionada a alguém com qualidades diferenciadas, nele se encontra o heroísmo ou outras qualidades exemplares que fazem dele um chefe político “carismático” diferenciado, de um certo poder encontrado somente em um profeta. Com o seu carisma, Renato Machado agregou maior eleitorado ao grupo e, se tornou de certa maneira o maior líder do Beija-flor.



## **4 - MEMÓRIAS COMO CONSTRUTORAS BASILARES DAS AGREMIÇÕES E EVENTOS POLÍTICOS MARCANTES NA DÉCADA DE 1980**

### **4.1 O Jacu é da elite e o Beija-flor é do pobre? Discursos construídos sobre os dois grupos políticos.**

Ao se tornarem as mais expressivas vozes e forças políticas das duas agremiações rivais do município a partir dos governos de 1977-1978 e 1983-1988, Ursicino Queiroz e Renato conseguiram de maneira indireta e, por muitas vezes diretas, dar ao Beija-flor e ao Jacu novos direcionamentos políticos. Foram momentos que podemos denominar de “era dos doutores”, quando, aproveitando a área da saúde, os dois médicos tiveram grandes mobilidades verticais na política durante a segunda metade do século XX. O poder político saiu do tradicional setor rural (donos de fazendas) e passou para as mãos dos dois novos atores políticos, os maiores líderes das agremiações e representantes de diferentes grupos sociais de Santo Antônio de Jesus.

É a partir desse cenário que a maior parte da população mais humilde do município pareceu ter entendido que Renato Machado era o seu legítimo chefe político e a agremiação do Beija-flor era o seu lugar. Em contrapartida, o Jacu era taxado como agremiação das elites, situação que seus caciques tentavam desmistificar, lembrando sua gestão e, afirmando que ela foi de cunho popular e progressista; entretanto, suas justificativas demonstravam não ser suficientes para modificarem o apoio e a relação que grande parte das camadas populares davam ao grupo Beija-flor.

Vários componentes podem ser levados em consideração para entender o porquê das paixões quase inabaláveis que as classes populares externavam ao Beija-flor e, ao mesmo tempo, sua aversão para com o Jacu. Alguns entrevistados que viveram o momento em que os dois líderes faziam política profissional, afirmaram que a postura de Renato Machado foi decisiva para contemplar essas paixões, visto que era entendido como um homem simples, que entrava na casa de qualquer munícipe como se fosse um “igual” ou um

amigo de longa data. Oliveira (2019) afirma que, “doutor Renato era de ir para tua casa e abrir a panela e pegar galinha, entrar no fundo de tua casa, do adversário; não importava. A sociabilidade e a integração de doutor Renato eram formidáveis”. Ele narra a postura do “homem simples”, que não tinha besteira em comer da comida do pobre, de entrar pela frente da casa e sair pelos fundos, como se fosse um amigo de longos anos ou até mesmo um parente que estava fazendo uma rápida visita.

A forma “simples” com que Renato Machado se comportava no meio da população de poucos recursos era algo muito relevante para eles, pois estamos falando de um político que virou o líder mais expressivo do Beija-flor e um médico muito famoso na região, ou seja, a presença de Renato significava muitas vezes um prestígio para os visitados. Diante disso, boa parte das pessoas aproveita essa oportunidade para tirar fotos de Dr. Renato Machado para colocar na parede, como se fosse o maior patriarca da família, ou no altar, com os santos de suas preferências, principalmente ao lado de Santo Antônio, padroeiro do município, ou mesmo, no melhor espaço do santuário da casa. Isto, de certa forma caracterizava como devoção mística ao doutor Renato.

Ursicino Pinto de Queiroz, no que lhe concerne, era um homem mais introvertido, contudo, sempre foi muito inteligente e com dom da oratória e da estratégia como poucos políticos que o Recôncavo teve nessa época. Todavia, no aspecto de relação social com a maior parte da população mais humilde, ele foi menos carismático que seu rival, talvez, por ser de sua natureza. Porém, isso não quer dizer que o “doutor Sircino”, como também era chamado, foi um homem grosseiro com a população de baixa renda. Hernane Mercês de Oliveira, técnico de enfermagem no Hospital Luiz Argolo quando os dois médicos trabalharam lá, salienta que:

Ele não foi muito hábil no contexto social, ele até brincava muito com as pessoas. Eu me lembro porque fui técnico graduado em enfermagem pelo Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes e, vivia dentro do Hospital e Maternidade Luiz Argolo como estagiário, ali a gente percebia o tratamento que ele dava. Ele atendia as pessoas, mas tinha um jeito que não chegava, então as pessoas se afastavam. (OLIVEIRA, 2019)

O jeito que não chegava, poderia significar uma relação mais amistosa com aquelas pessoas, entre outras palavras, faltava o abraço, a brincadeira, a

simpatia, o “conforto” e outros afagos; que pudessem transparecer uma relação de pessoas mais próximas e, não de médico e paciente, o que denota em certos momentos hierarquia. Percebe-se que o narrador tem como lugar de memória o Hospital e Maternidade Luiz Argolo. É a partir desse espaço específico que o entrevistado rememora a personalidade de Ursicino; Pollak (1992, p. 2) salienta que:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória [...]

A partir dessa interpretação, evidencia-se que lugares e monumentos, como casa, prédios ou algum outro espaço físico, podem servir de base para uma lembrança de alguma época que a pessoa participou. O Hospital e Maternidade Luiz Argolo, por exemplo, é lembrado por Oliveira (2019), como local em que marca a sua vivência com os dois “doutores” e, assim ele pode perceber a diferença comportamental dos dois políticos.

O senhor João Dias dos Santos (João da madeira), de 73 anos, nascido na zona rural de Vargem Grande (atual município de Varzedo), mora hoje na Rua São Lázaro, Centro de Santo Antônio de Jesus, um dos moradores mais velhos da localidade, foi vendedor de madeira e hoje está aposentado. Para descrever Renato Machado, utiliza o termo “homem do povo”, como a maioria dos santo-antonienses. O senhor João Dias dos Santos (João da madeira) via Renato como o candidato dos pobres que, junto com o Beija-flor, cuidavam dos mais carentes economicamente, e o grupo de Ursicino (Jacu), como o dos ricos. O narrador relembrou com emoção a bolsa de estudos que sua filha (Lurdes), a mais velha, ganhou para poder terminar o 2º Grau na década de 1980 (equivalente ao atual Ensino Médio):

A bolsa da escola de Lurdes quem deu foi Renato Machado. Naquela época ele dava bolsa para a pessoa se formar, se o cara não tivesse dinheiro para concluir os estudos dele, ia pedir ajuda a Renato, e ele dava para a pessoa se formar, como a Lurdes se formou. (SANTOS, 2020)

Renato Machado nessa época, selecionava estudante de baixa renda e ajudava com recursos financeiros para arcar nos materiais escolares. Grande parte das famílias pobres de Santo Antônio de Jesus não viam seus filhos concluírem seus tão sonhados segundo grau. Os poucos que conseguiram, se não fossem pelos próprios esforços recorriam a algum tipo de ajuda vinda de políticos eleitos ou pré-candidatos, os famosos padrinhos de formaturas, entre eles se encontrava com maior frequência o “doutor Renato Machado”.

Abaixo, fotografia da formatura de Lourdes, filha de João da Madeira. Embora não esteja em perfeita condição de visibilidade, dá para identificar as pessoas nela: à esquerda está a formanda, Lurdes, ladeada à direita, por sua mãe, dona Helena e à direita desta, por seu pai, João Dias dos Santos, que lembra que essa formatura ocorreu no Ginásio de Esportes da cidade e, que realizou os sonhos de vários jovens oriundos de escolas públicas local, mas, a data exata do evento não foi lembrada na entrevista. Todavia, acreditamos que a formatura aconteceu na segunda metade da década de 1980, o que coincide com o final do mandato de Renato Machado.

**Imagem 14: Foto da formatura de Lourdes**



Fonte: Arquivo pessoal de João Dias do Santos

Sobre Ursicino Pinto de Queiroz, João da Madeira afirma que era uma pessoa boa e honesta, ele aponta partes das obras realizadas pelo prefeito jacurista (1976-1982), como o Ginásio Esportes, o Complexo Policial, além de muitos outros feitos. Contudo, segundo o entrevistado, “ele não tinha o coração

de Renato. Ursicino era uma coisa e Renato outra” (SANTOS, 2020). Assim, percebe-se que João da madeira diferencia os dois políticos pelos tratamentos e os benefícios que os mesmos davam aos que precisavam deles, uma vez que o coração nesse caso, significava o tamanho da bondade que era transmitida. Como já foi dito em parágrafo anterior, Renato Machado pagava conta de água, de energia, de gás de cozinha, doava sexta básica; também fazia cirurgias, partos e outras coisas do gênero gratuitamente em sua clínica (AME). Ursicino também fazia, porém, em menor escala do que seu rival.

Elizeu Lopes da Mota (Elizeu da Farinha), de 80 anos, nascido e criado em Santo Antônio de Jesus, comerciante do ramo de farinha de mandioca no barracão municipal na feira-livre da cidade e político de ocasião, afirma que conheceu pessoalmente todos os prefeitos do município desde José Trindade Lobo (Zeca Lobo) até André Rogerio de Araújo, eleito para o mandato de 2016 a 2020, pelo PSD. Segundo Elizeu da Farinha, Renato Machado foi inigualável no requisito bondade:

Renato, na verdade, foi o pai da pobreza e, por sinal morreu pobre. A casa dele parecia um comitê de gente, atrás de um remédio e de um botijão. Eu graças a Deus, nessa parte nunca ocupei. Mas quando eu chegava na prefeitura via muita gente, com vale vencido na mão para ele pagar ou na frente do passeio da casa dele. (MOTA, 2020)

Elizeu da Farinha teve uma relação de amizade muito próxima com Renato Machado durante suas administrações (1983-1988 e 1993-1996) e também fora dela. Seu sentimento de lealdade pelo líder Beija-florista era tão grande que o entrevistado disse: “A coisa que eu mais tenho medo é de água, mas ainda arriscava um rio cheio para dar um voto a ele” (idem). A fidelidade foi efetivada de certa maneira quando o médico Renato Machado salvou a vida de um dos filhos de Elizeu da Farinha, que relembra o acontecimento:

Uma vez mesmo eu estava na roça, quando cheguei aqui meu filho Davi estava com um problema de uma dor que não dava sossego. Aí eu liguei para Renato, e ele disse, ô Luizinho eu estou sem o carro agora, dá para tu trazer aqui? Eu disse, dá. Aí eu peguei o menino e levei, ele examinou em cima do sofá da casa dele mesmo, aí disse: é Elizeu, é apendicite aguda e tem que operar hoje. Aí mandou buscar um doutor na ilha e mandou eu procurar doutor Adriano e, resolveu tudo na hora. Essa coisa nada paga, é por isso que tenho essa consideração. (idem)

Elizeu Lopes da Mota tinha um sentimento de gratidão por Renato Machado por salvar o seu filho naquele momento e, depois disso, virou um cabo eleitoral de forma espontânea do líder; o narrador ainda diz que “No tempo que estava por dentro mesmo, eu tinha uma votação boa” (MOTA, 2020). Ele era muito respeitado na zona rural, especialmente onde ele tinha uma roça, assim como também na feira livre, lugar em que trabalhava vendendo farinha por vários anos, nessa situação, tinha uma certa respeitabilidade por parte de muita gente desses lugares. E sobre Ursicino, Mpta (2020) assegura que não era um homem ruim, mas não se comparava a Renato. Não podemos esquecer que sua narrativa está eivada de gratidão pelo o que líder Beija-florista fez pelo seu filho.

Renato Machado poderia ser odiado pelos seus rivais, entretanto, quando se tratava da personalidade do líder Beija-florista, eles comungavam das mesmas opiniões que os admiradores do médico. O ex-Vice-prefeito jacurista de 1977 a 1982, Faustino de Almeida Cunha descreve o líder da agremiação azul-vermelho-branca, da seguinte maneira:

Eu vou te dizer uma coisa, Renato era Beija-flor, agora, ele era um homem popular. Eu tive com Renato várias vezes, politicamente falando, tive na oposição e fui candidato contra ele, depois fiz campanha com ele para ser prefeito de Santo Antônio de Jesus, essa história toda. Mas a popularidade de Renato se tornou porque ele era um cara popular, um homem que estava no meio dos pobres, é tanto, que Renato morreu pobre. Era um homem que parava em qualquer porta de quitanda e de botequim para tomar uma cerveja com um homem pobre, porque antigamente esse pessoal: político e médico era difícil, você batia continência para falar com o doutor naquela época. E Renato era popular demais, gostava de atender efetivamente as classes mais pobres, Renato era um homem voltado para a classe pobre. Não sei por que, se ele veio do meio também, eu não conhecia o princípio dele, mas serviu o pobre diariamente e constantemente como médico e como prefeito. (CUNHA, 2014)

Cunha reforça as narrativas feitas pelos outros entrevistados sobre a personalidade de Renato Machado, principalmente quanto à sua proximidade às classes populares de Santo Antônio de Jesus. Todavia, não esquece de rememorar o seu líder político Ursicino Queiroz, que, para o narrador, foi o melhor gestor e o homem que cuidou dos mais pobres. E ainda salienta que:

Eu sou até suspeito para falar de Ursicino, porque fui o primeiro vice-prefeito da cidade e, por coincidência foi com ele sendo Prefeito. Mas

Ursicino foi quem atendeu a pobreza com mais cuidado e mais carinho em Santo Antônio de Jesus. É de uma família tradicional de Santo Antônio de Jesus, foi prefeito, foi Secretário de Saúde do Estado, foi deputado federal e morreu como conselheiro do tribunal de contas do Estado. Quem conheceu Ursicino e teve aproximação com ele, sabe que é uma lástima até hoje a falta dele, porque Ursicino foi um herói, foi um trabalhador e faz uma grande falta. Santo Antônio de Jesus perdeu um manto sagrado em defesa dos menos favorecidos. (CUNHA, 2014)

Ursicino é relatado por Cunha, como exemplo de político a ser seguido. Ele a todo momento exalta a figura do líder jacurista, a ponto de expressar que o ex-prefeito foi um manto sagrado, o que, no mundo religioso católico, significa o pano limpo de linho que cobriu o corpo de Jesus Cristo, quando foi assassinado (BASTOS, 2015). Ao fazer essa comparação, Faustino iguala Ursicino Queiroz a um profeta dedicado exclusivamente ao povo santoantoniense. Menezes (1992, p. 16) assegura que, “a memória costuma ser automaticamente correlacionada a mecanismos de retenção, depósito e armazenamento, é preciso apontá-la também como dependente de mecanismo de seleção e descarte” de fato, a memória é seletiva, principalmente quando o assunto é atribuído a disputa política.

O filho de Ursicino Pinto de Queiroz, Luiz Alberto Cravo Pinto de Queiroz afirmou que a diferença de Renato para seu pai estava na interlocução de governos, ou seja, para ele o líder Beija-florista teve uma comunicação mais popular e política quando foi prefeito:

Renato tinha uma comunicação mais popular, e ele também fazia aquela política do varejo mais eficiente, da telha, do tijolo e coisinhas mais. Mas não popular no sentido do popular, porém no sentido talvez do populista. Isso sem querer atribuir nenhum tipo de demérito né, então, eu acho que Renato foi muito mais populista. (QUEIRÓZ, 2019)

Queiroz (2019), assim como outros entrevistados, de alguma forma descreve o assistencialismo como prática corriqueira do prefeito Renato Machado, o que lhe favorecia e rendia muitos votos. Já Ursicino Queiroz, que também praticou o assistencialismo em sua gestão, não teve o mesmo êxito que seu opositor. Para Luiz Alberto Queiroz, o governo do jacurista foi realizado para os que mais precisavam e, as obras efetivadas mostram isso, ele ainda assegura que “a pauta era extremamente popular, um governo

bastante popular, inclusive com obras muito importantes como o calçamento da entrada da cidade que era toda lameanda” (idem), o entrevistado está se reportando à Rua do Sapo<sup>56</sup>, que está localizado no Bairro São Paulo e é um dos mais populares da cidade. Luiz Queiroz tenta fazer uma comparação do gestor popular e o populista, para ele o popular é o político que realiza ações para as camadas menos favorecidas na regra institucional estabelecida. Por outro lado, o populista constrói suas ações sem mediar com as instituições representativas, se centraliza no seu carisma e na rede de troca de favores desenvolvida a partir dessa liderança.

A expressão "populista" é ainda uma das mais questionadas da literatura política, possuindo variações e conotações diversas. De modo geral, contudo, é a que tem sido utilizada, no Brasil e em muitos lugares da América Latina, para indicar a liderança política que busca se dirigir pontualmente à população sem a interferência das instituições políticas representativas, a exemplo de partidos e parlamentos, ou ainda, contra elas recorrendo a imagens difusas como as de "povo", "explorados", "descamisados", etc. Em nossa história atual, são pontuados alguns líderes populistas, como Vargas, João Goulart, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, Ademar de Barros, Leonel Brizola, Lula e outros (CASTRO, 2019).

Uma das principais estudiosas do populismo, Gomes (2001) primeiramente buscou compreender o conceito através dos intelectuais conhecidos como grupo de Itatiaia, os quais foram importantes nas primeiras formulações no Brasil, e a partir desse e outros estudos, a historiadora destacou três variáveis na construção da definição de “populismo”: um proletariado sem consciência de classe; uma classe dirigente em crise de hegemonia; um líder carismático. Ela ainda ressalta que:

[...] o populismo é uma política de massas, vale dizer, é um fenômeno vinculado à proletarianização dos trabalhadores na sociedade complexa moderna, sendo indicativo de que tais trabalhadores não adquiriram consciência e sentimento de classe. As massas, interpretadas pelo populismo, são originárias do proletariado, mas dele se distinguem por sua inconsciência das relações de espoliação sob as quais vivem. Só a superação desta condição de massificação permitiria a libertação do populismo ou a aquisição da verdadeira consciência de classe. [...].(GOMES, 2001, p. 124)

---

<sup>56</sup> A rua ficou conhecida devido às poças d'águas que se formavam quando chovia e dentro das quais apareciam muitos sapos.



Assim como Gomes, Ferreira (2001) afirma que esse movimento social aconteceu de maneira acentuada no ano de 1945, precisamente no fim do Estado Novo. Uma ideologia (populismo) advinda da pequena-burguesia, logo buscou movimentar politicamente as massas no começo do desenvolvimento industrial. O autor denominou os trabalhadores brasileiros de “povo em estado embrionário”, em melhores palavras, grupos com pouca prática partidária, assim também, precária consciência de seus devidos direitos enquanto classe trabalhadora.

O populismo era entendido pela maioria dos jacuristas como uma forma de enganação dos Beija-floristas a fim de ter a fidelidade do seu eleitorado em todas as eleições. Para eles (jacuristas), era igual ou parecido as outras ações políticas (clientelismo e assistencialismo), que o seu rival eternizou como plataforma de governo. Os vermelhos, amarelos e brancos, gloriavam-se de não terem como bandeira política, atos e “ideologia populista”. Sobre essas manifestações dos jacuristas, Ferreira (2001, p. 124) assegura que sempre:

O populista é o adversário, o concorrente, o desafeto. O populista é o Outro. Trata-se de uma questão eminentemente política e, muito possivelmente, político-partidária, que poderia ser enunciada da seguinte maneira: o meu candidato, o meu partido, a minha proposta política não são populistas, mas o teu candidato, o teu partido e a tua proposta política, estes, sim, são populistas.

De fato, o populista é sempre o outro, nunca será “o que aponta o dedo”. Como foi mencionado em outros trechos, o Jacu também praticava ações parecidas com as do seu rival. Mas segundo os jacuristas, isso não os faziam populistas, pois o projeto central de governo do grupo político era o desenvolvimento urbano do município e, não uma eterna política paternalista nos modos operantes beija-floristas.

Verificamos que a palavra populista era utilizada de duas maneiras: a primeira para desqualificar o grupo Beija-flor, no sentido de uma política de atraso a cidade, e a segunda, ressignificada pelos beija-floristas em popular, uma prática política de responsabilidade com os menos favorecidos.

O grupo Beija-flor se orgulhava do governo de Renato Machado entre (1983 a 1988), visto que alegava ter feito uma administração que seguia os

trâmites burocráticos de um governo sério que tinha como meta combater as desigualdades no município. Um dos atos realizados e que mais servia de propaganda foi o projeto de regulamentações dos lotes de terras sancionadas pelo prefeito em 1987, que contemplou vários santo-antonienses.

Pode-se afirmar que alguns protocolos de regulamentação de terrenos considerados invadidos foram enviados ao Legislativo do Município para apresentação, tramitação e aprovação no dia 1º/10/1985, sob o n.º 185; o documento dizia:

[...] ao eminente Chefe do Poder Executivo Municipal, sobre a necessidade de ser enviado a esta Câmara, Projeto de Lei solicitando autorização para prefeitura doar quase uma centenas de lotes localizados em terreno de sua propriedade, às pessoas carentes que neles já construíram suas pequenas casas, sito no bairro anteriormente conhecido como "Invasão da Rádio Clube" hoje denominado Nossa Senhora de Fátima, conforme o projeto de Lei de minha autoria, aprovado pela Câmara e sancionado pelo Sr. Prefeito Municipal. (SANTO ANTÔNIO DE JESUS, 1987)

Os terrenos que o vereador Francisco Ademário dos Santos pediu para serem regulamentados pertenciam ao município e foi comprado na primeira gestão do Beija-florista José Trindade Lobo (Zeca Lobo) em 1963-1966 para construir um matadouro, estabelecimento para abate de animais destinados ao consumo público. Porém, quando Prefeito, seguindo os programas sanitários, Ursicino Queiroz não construiu o açougue público dentro da cidade, mas, entendendo que prejudicaria a saúde da população local, optou por colocar o futuro matadouro na estrada entre Santo Antônio de Jesus e Vargem Grande.

Como o terreno do Bairro Nossa Senhora de Fátima (Rádio Clube) pertencia ao Poder Público e o Prefeito não podia doar sem aprovação do Legislativo, Ursicino, de maneira “populista”, segundo os seus rivais, vendeu os lotes a preços simbólicos para pessoas de baixa renda. Todavia, só foi no governo de Renato Machado que os terrenos foram regulamentados. Além dos lotes no Bairro Nossa Senhora de Fátima, o grupo Beija-flor também regulamentou e doou lotes em outros lugares periféricos da cidade, como, por exemplo, o Bairro Irmã Dulce (conhecido popularmente como Mutum), já povoado com “75 (setenta e cinco) pequenas casas construídas [...]” (idem, p. 2), segundo consta no mesmo protocolo de n.º 185, do ano de 1987, em que pedia a regulamentação do Bairro Rádio Clube. A questão de habitação no

município era um problema muito sério, Ademário Francisco dos Santos foi categórico quando disse “Em nossos dias, como bem sabe o ilustre governante, atual escassez de espaço físico das populações carentes é um dos mais cruciantes e pungentes problemas que eles enfrentam e de difícil solução” (SANTO ANTÔNIO DE JESUS, 1987). Sabe-se que habitação no Brasil sempre foi um grande problema a ser solucionado. Para muitos, o grupo Beija-flor estava praticando uma atitude louvável e cristã, melhorando o quadro daquela realidade.

Era evidente que Renato Machado ia se tornando para muitos políticos e especialmente adversários jacuristas, um populista interiorano com características específicas do local. A população santo-antoniense e de algumas cidades vizinhas, por outro lado, enxergavam o doutor Beija-florista como líder carismático, aquele que Weber (2000) diferencia de outros líderes por ter poderes e dons característicos considerados divinos, que não pode ser disponível a todos. Talvez Renato Machado soubesse de seu dom de carisma no campo político, por isso, como já mencionado, ele ajudou a brotar em si de alguma forma esse caráter excepcional. Porém, tudo foi acontecendo de modo gradual, o que é muito comum quando se faz parte de um grupo, sobretudo político. Sandre (apud Bobbio et al, 1998, p. 150), salienta que:

Este muitas vezes não se acha de fato na origem do movimento; em primeiro lugar, é um membro entre outros e só gradualmente desenvolve aquela capacidade, aquela força persuasiva, aqueles resultados capazes de o impor como líder, dotado de dons extraordinários na encarnação da missão própria do movimento.

O autor acredita que um membro de um grupo possuidor de dons carismáticos e de liderança, que deseja chegar em uma posição de comando precisa ser cauteloso nas suas investidas, uma vez que, uma postura radical, ou melhor, um enfrentamento direto com integrantes de menores expressões do próprio grupo, pode provocar fissuras na própria agremiação e resultar em uma nova força, fazendo concorrência direta como aconteceu na década de 1960 com o próprio Beija-flor. Diante disso, ele deveria utilizar de seu carisma de forma gradual para lhe garantir eficácia e, quando conseguisse alcançar o domínio legítimo, poderia exercer o poder para quem até intimamente não o reconhecia de modo algum como líder maior.

No grupo Beija-flor existiram aqueles que não aceitavam Renato Machado como um líder centralizador de toda agremiação azul, vermelha e branca, entretanto como disse Mercês (2015), “Renato era competente com todos do grupo e não deixava ninguém do Beija-flor na mão”, ou seja, o líder repartia as benesses da governança para todos os membros orgânicos do grupo e, conseqüentemente os beneficiados lhe honrariam com suas respectivas lealdades. Max Weber descreve que, mesmo quando tinham as intenções de fortalecer seus comandos, os príncipes carismáticos precisavam fazer concessões. O autor assegura que:

Para o domínio da liderança carismática também é válido o seguinte: conceder honras de guerra e desejos para os guerreiros correligionários, os "spoils", ou seja, espoliação dos dominados por meio de um monopólio das repartições oficiais, lucros praticamente condicionados e prêmios honorários para o séquito demagógico. (WEBER, 2000, p. 66)

Considera-se que, para manutenção do poder de um carismático em qualquer sistema de governo, é preciso conceder os mais diferentes pedidos por aqueles que almejam oferecer em troca a total fidelidade. Nisso, segundo os entrevistados, Renato Machado soube fazer de forma exemplar com os políticos Beija-floristas, principalmente os considerados de peso (políticos renomados), como é o caso de Ademário Francisco dos Santos e outros.

Em contrapartida, Ursicino Pinto de Queiroz não atingiu o nível de um líder carismático como o seu rival, pois como afirmou o próprio Weber, o carisma é um dom que o indivíduo traz consigo. Contudo, ele foi um político com vocação, aquele que nasceu para ser político e, assim como Renato Machado, viraram tipos políticos profissionais no que se refere a viver da política e viver para política. Max Weber (2000, p. 72) salienta:

De maneira completamente normal, [...] se fazem as duas coisas: quem vive "para" a política constrói, no sentido interior, "a sua vida a partir daí" ele goza da posse nua e crua do poder que ele exerce ou alimenta o seu equilíbrio interior e seu orgulho próprio a partir da consciência de emprestar à sua vida, por meio do serviço a uma "coisa", um sentido [...]

Sabe-se que Ursicino Queiroz era sócio da clínica URMEC e Renato Machado, da AME, isso é, clínicas privadas no município, entretanto,

supostamente os lucros adquiridos nas respectivas empresas não davam para sustentar os padrões de vida dos dois políticos, por isso, também viviam da política, o que caracteriza segundo Weber, políticos profissionais que viveram da política e para política. Max Weber (2000, p. 65) ainda deixa claro que “todo homem sério, que vive para uma causa, vive também dela” isto é, partindo dessa concepção, eles não cometeram nenhuma imoralidade.

No decorrer de nossa análise, ficou demonstrado que os líderes tiveram o poder de transformar as agremiações sob suas óticas, suas práticas e seus costumes. Assim, tanto os componentes do Beija-flor quanto os do Jacu tiveram que se readaptar às regras impostas pelos dois “doutores”, o que significou uma nova maneira de praticar a política. Como o líder beija-florista praticava o assistencialismo, de acordo com as interpretações feitas através de entrevistados, o grupo deveria seguir o mesmo caminho.

A professora e advogada Jackeline Póvoas Santos de Andrade<sup>57</sup>, em entrevista sobre sua vivência enquanto neta e filha de políticos profissionais e integrantes do grupo Beija-flor, nos ajuda a entender a dimensão que os membros da agremiação faziam para ganhar as eleições e também assegurar a imagem de grupo dos pobres:

O partido vinha na nossa porta e tirava tudo, dizendo ser investimento, que nós não poderíamos deixar o Beija-flor perder de novo para o Jacu, pois, ele ganhava porque os empresários tinham dinheiro, etc. Já chegaram a arrancar uma porta da minha casa para dar para eleitor. Bloco, cimento, tinta; não podia ter nada em casa que o povo levava, meu pai não tinha controle e não sabia dar não a ninguém. (ANDRADE, 2020)

Fazer o assistencialismo era um dos compromissos que os membros do Beija-flor (os vereadores e outros do alto escalão), deveriam levar a cabo. Por esse motivo, muitos deles não conseguiram se estabilizar financeiramente. Isso quer dizer, enquanto estivessem fiéis à proposta assistencialista de Renato Machado, muitos políticos não conseguiam construir algum tipo de patrimônio, como casa própria ou outras heranças patrimoniais para família. Em alguns casos só poderiam fazer esses compromissos, quando se afastavam da

---

<sup>57</sup> Jackeline Póvoas Santos de Andrade é natural de Santo Antônio de Jesus, tem 45 anos, é filha de senhora Clarice Elizabeth Póvoas e Flomario Santos e neta, pelo lado paterno, de Ademário Francisco dos Santos. Ela faz parte de uma família que pertencia ao primeiro escalão do grupo Beija-flor.

política por velhice ou por outra situação fora do mundo político profissional. O pai da advogada, por exemplo, ainda teve tempo de edificar bens para si e os seus herdeiros, graças a persistência de sua mãe. A entrevistada narra que, “quando eu comecei a ficar moça, ela disse ao meu pai: vamos fazer uma casa para cada filho, porque não tivemos ninguém que nos desse nada” (ANDRADE, 2020). A partir dessa posição, o ex-vereador Flomario dos Santos passou a trabalhar no intuito de deixar posses para os seus filhos. Acreditamos que os seus pais deixaram de se comprometer na política assistencialista do Beija-flor e com isso seus “privilégios” no grupo foram se distanciando.

Ser um grupo político considerado da “elite” em um município com parte significativa da população dependente dos “cabides de empregos” da prefeitura e com a cultura da dependência dos órgãos públicos locais, era desconfortável e sobrecarregou radicalmente na trajetória política dos jacuristas na década de 1980. Por isso, não era difícil encontrar um membro desse grupo se defendendo dessa expressão, quase uma pecha em suas vidas públicas.

O termo elite vem do latim *eligere* ‘escolher’. Com o passar do tempo, o uso da palavra consagrou-se como “a nata”, “a flor” de um determinado grupo, de um país, de uma cultura, etc. Keller (1967) define elite como uma minoria de pessoas que se destacam em uma coletividade e podem ser encontradas em quaisquer camadas e setores sociais. Porém, para a socióloga a elite mais importe são as que ela denominou de estratégicas, que abarcam líderes políticos, econômicos, militares, dos campos morais (religiosos), cultural e também científico, já que a qualificação das respectivas elites estratégicas não depende das atividades, mas “[...] do raio de ação dessas atividades [...]” (KELLER, 1967, p. 31) ou seja, de quantas pessoas da sociedade são por essas elites atingidas.

Criador da teoria das elites, Pareto (1923) afirmou que em todas as sociedades existem grupos de indivíduos com qualidades e dons naturais, ou por intermédio de seu ofício, ou por desempenho, os quais se fazem destacarem dos demais e alcançarem sucessos elevados diante da maioria. Pareto ainda divide as sociedades em dois estratos populacionais: estrato inferior (não elite) composta pelas camadas populares; e o estrato superior (a elite). Para ele, dentro do segundo sempre existirá uma que governa, formada

por pessoas que atuará no governo (elite política) e, a outra engloba os demais componentes das camadas mais ricas e influentes (elite econômica).

Outro italiano e também sociólogo Gaetano Mosca, define uma elite como uma minoria organizada de poderosos favorecidos por meios econômicos e que possuem os maiores poderes nas estruturas sociais. Segundo Mosca e Ferrero (1980), ela pode desempenhar funções políticas e desfrutar das prerrogativas que o poder lhes oferta, um dos pontos principais para a minoria se impor sobre a minoria, para o autor é a sua organização. Assim os três estudiosos consideram que a elite é uma classe social.

Em vários pontos, Mills (1982 [1968]) diverge de Pareto e Mosca, afirmando que a elite é uma coisa e classe social é outra. O autor ainda assegura que existem várias elites, porém as detentoras de maiores poderes são as econômicas, políticas e militares; estas se aliam para formar uma unidade de poder e controlar a sociedade por vias institucionais.

Também Mannheim (1946) apontou novas contribuições para o entendimento do que seria uma elite. Ele salienta que as elites são eternas, em outras palavras, elas sempre estarão proliferando. Em seus estudos, consegue fazer a separação entre dois tipos de elites: a chamada elite integrativa, onde se encontra líderes políticos e administradores; e outra denominada elite sublimativa, composta por líderes moralizadores religiosos, intelectuais, etc. A função basilar do primeiro tipo de elite é integrar um grande número de indivíduos, atuando através de aparelhamentos políticos definidos; a segunda tem como função sublimar as eficácias psíquicas de um povo e, opera por mecanismos de menor aparecimento, como grupo, facções e círculos.

Retornando as disputas sobre quais grupos sociais do município pertenciam ao Beija-flor e ao Jacu, percebemos através das narrativas que o grupo do líder Renato Machado se apropriou da condição de representante do povo, em contrapartida, os jacuristas alegavam em todos os cantos que as verdadeiras elites estavam instaladas no grupo Beija-flor. Essa guerra de pertencimento aos pobres, tornou-se constante no cenário político local. O ex-Presidente da Câmara de Vereadores José Reis Filho, do PDS 2, garante que o verdadeiro grupo da elite era o Beija-flor:

Isso é uma verdadeira falácia, tem rico e pobre nos dois lados. Eu diria até a você que o Beija-flor era mais rico do que o Jacu, porque se você olhar as novas lideranças né, digo assim, os novos-ricos de Santo Antônio eram do Beija-flor. Tinha alguns no Jacu, mas isso era uma falácia. (REIS FILHO, 2014)

Para José Reis Filho o Beija-flor era da elite porque a maioria dos homens ricos da cidade estavam vinculados ao grupo, contudo eles utilizavam de um falso discurso para se promoverem. Mas ele também não nega que no Jacu tinha homens ricos, isto é, os dois lados tinham diferentes classes sociais do município. O marcador da narrativa do ex-vereador parece estar na quantidade de homens ricos, pois, ser da elite nesse caso, era ter uma quantidade maior de donos das riquezas nos seus respectivos grupos.

Outros entrevistados confirmaram a narrativa de José Reis Filho, no aspecto de os dois grupos tinham homens ricos, mas, diferente do que disse o ex-vereador, eles não foram exatos em afirmar quais das agremiações tinham mais indivíduos pertencentes a elite econômica do município:

Onde havia um comércio com dois sócios, um era de um grupo e o outro era do outro grupo, eu vou citar alguns aqui para você ter uma ideia: Transamal e São Luís. Na verdade, cada um tinha vontade de votar em quem quisesse, isso não tinha nada de mais, era porque gostava de doutor Renato ou gostava do doutor Sircino. (OLVEIRA, 2019)

Oliveira nos revela que, quando havia um comércio com dois sócios, certamente os dois grupos teriam apoio, o que não era acontecimento difícil em Santo Antônio de Jesus, visto que, normalmente muitas lojas tinham dois ou mais proprietários. Isso era uma das estratégias dos empresários para não perder os negócios que tinham ou possivelmente iriam fazer com a prefeitura. Também existiram aqueles empresários, conhecidos como financiadores invisíveis, que apoiavam o Jacu e o Beija-flor, mas não apareciam nas campanhas eleitorais, entretanto, depois dos resultados eles queriam colher seus investimentos.

Observamos que a noção de elite para os entrevistados e a maioria da população de Santo Antônio de Jesus era o de elite econômica, ou seja, para eles, só seriam da alta sociedade aqueles que estavam vinculados por laços de família ou por ascensão econômica própria ao um círculo de homens unidos por laços de riqueza. Entretanto, nas sociedades capitalistas pós-revolução



industrial, findou-se esse único critério (riqueza) para fazer parte de uma elite. Contudo, mesmo com o passar do tempo as elites ainda resguardam algumas características específicas, como, por exemplo, o privilégio de estar sempre na frente da maioria da população, no que diz respeito aos melhores setores nos espaços públicos e privados.

Como no passado algumas regras continuam sendo utilizadas, como, por exemplo, a escolha de um candidato para fazer parte de uma determinada elite, que muitas vezes acontecem por meio de um processo criterioso, todavia, não precisa ter todos os requisitos, principalmente o econômico. Keller (1967) salienta que “[...] as elites continuam a compreender minorias selecionadas, e não são necessariamente elites recrutadas no seio de um segmento mais liberal nem mais estrito a ordem social”. Isso implica que a seleção de uma elite estratégica, especialmente a política, muitas vezes acontece através de uma eleição.

De fato, era por meio das agremiações que um “simples” santantonense poderia alcançar uma das elites local, a política, e isso poderia ocorrer de duas maneiras, com indicação dos líderes ou em votação eleitoral. A primeira era quase sempre para um indivíduo conhecido na cidade, em outras palavras, um amigo de políticos ou indicação de empresário. Já a segunda, era através de eleições diretas, entretanto para ser eleito o candidato deveria apresentar uma imagem de um homem dotado de alguma capacidade ou demonstrar certas qualidades morais. Suzanne Keller destaca que a nova forma de acesso às elites políticas na sociedade de classe capitalista industrial, abortara a exclusividade por sucessão, “O declínio da hereditariedade e a ascensão de realização pessoal como princípios de recrutamento aumentaram as oportunidades de galgar acesso às altas posições de elites estratégicas” (KELLER, 1967, p. 185). Contudo, mesmo com novos acessos aos espaços de poder, as elites por nascimentos e riqueza ainda eram maioria.

O que pode se entender a partir do que já foi constatado sobre as duas agremiações locais, especialmente de 1976 a 1988, é que elas são de elites, não necessariamente porque são compostas de homens ricos, mas, por serem minorias e detentoras de privilégios sociais e políticos. Estar em uma dessas agremiações, era frequentar os espaços mais elevados e principalmente de poder local. Como bem afirma a socióloga, o homem que entra na política

deseja ascender socialmente e ter poder, Keller (1967, p. 187) destaca que, “[...] parece razoável supor que os indivíduos que buscam o poder não irão tentar carreira no cinema”. Pode-se então pensar que muitos indivíduos viram nos dois grupos espaços de elevação para lugares de prestígio e influência no município, que possivelmente não alcançariam se não estivessem vinculados a uma dessas duas facções políticas.

Ursicino Queiroz e Renato Machado eram homens com bastante representatividades nas diferentes elites do município, eles pertenciam à classe média, eram indivíduos brancos, médicos e lideravam dois grupos políticos de direita conservadora. Diante disso, podemos afirmar que os relacionados líderes não pertenceram a grupos economicamente marginalizados.

O Beija-flor e o Jacu são irmãos gêmeos, desejam quase sempre as mesmas coisas, brigam constantemente; mas um, não consegue viver sem o outro. É possível afirmar que o Beija-flor só teve sua longevidade porque existiu o seu rival para lhe dar fôlego e sobrevida em muitos momentos, assim também o Jacu. Parece ser uma dependência necessária, Beija-flor e Jacu são como o preto e o branco, a noite e o dia, o bem e o mal. Isto é, aparentemente um difere do outro, porém, os dois fazem parte da mesma conjuntura ideológica e buscam os mesmos fins, o poder.

#### **4.2 Da ditadura à democracia: mudam sistemas, permanecem os grupos**

O governo do General Figueiredo (de 15/03/1979 a 15/03/1985) é considerado o ponto final do regime autoritário militar brasileiro, que durou 21 anos, porque, em seu mandato, muitas coisas aconteceram no país, levando a mudanças conjunturais constantemente, pois ele recebeu quase toda pressão acumulada durante todos esses anos.

Uma das primeiras reivindicações da oposição e da população foi o direito de votar para todos os cargos. Diante disso, despontaram as “Diretas Já”, movimento de organização civil-política que pedia eleições presidenciais diretas no Brasil, uma vez que a última ocorrera em 3/10/1960, quando foi eleito o mato-grossense Jânio Quadros. Porém, o artigo 9º do AI- 2, de 27/10/1965, redefinia o processo eleitoral, passando o Presidente e o Vice-

presidente da República, até então eleitos pelo povo brasileiro, a ser escolhidos por maioria absoluta dos membros do Congresso Nacional.

As “Diretas Já” tinham como aliada em sua pauta a Emenda Constitucional Dante Oliveira, a PEC nº 5 de 2/03/1983<sup>58</sup>, a qual levou esse nome em homenagem ao Deputado Federal homônimo, do PMDB, do Mato Grosso, que, em acordo com alguns partidos, entre eles os da oposição, apresentou ao Congresso Nacional uma emenda constitucional que determinava o fim do Colégio Eleitoral e o retorno às eleições diretas para Presidente e Vice-presidente no pleito seguinte, previstas para 1985.

Pode-se afirmar que esse movimento tomou conta de grande parte do Brasil, pois isso não era apenas um desejo de votar, mas sim, clamores ecoantes pedindo o retorno da Democracia, afastada dos brasileiros no dia 1º/04/1964. Por isso, vários comícios que tinham como agenda principal as “Diretas já” ficaram tomados de pessoas; o principal aconteceu no dia 16/04/1984, no Centro de São Paulo, levando às ruas, segundo o jornal “O Globo”, 1,5 milhões de manifestantes, que pediam em um só coro, eleições diretas para a Presidência da República. Afirma-se que essa concentração popular política foi a maior de todas. Segue abaixo a imagem do comício na Praça da Sé, no Centro paulistano em 1984:

**Imagem 15: Praça da Sé, São Paulo, 1984**



Fonte: CPDOC/FGV. Acesso: 29/07/2020.

---

<sup>58</sup> A Emenda Constitucional (PEC) nº 05/1983, tinha por objetivo reinstaurar as eleições diretas para presidente da República no Brasil, através da alteração dos artigos 74 e 148 da Constituição Federal de 1967. (BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2014)

As manifestações pelas “Diretas Já”, que lotaram os grandes centros das cidades brasileiras, eram comprovações de que a maioria da população não aceitava mais o regime ditatorial civil-militar, além dos civis, o evento contou com adesões dos partidos de esquerda e centro-esquerda, de integrantes do PDS e de todo PMDB, assim como também, muitos setores da sociedade, sobre isso Skidmore (1988, p. 468) afirma que:

[...] foram surgindo, como a das associações de advogados e dos principais jornais como a Folha de S. Paulo. Importante contribuição foi dada também pelos artistas e personalidades do show business que ajudaram a transformar os comícios em grandes happenings culturais. a estrela maior foi Fafá de Belém [...]. Outros artistas populares foram Chico Buarque de Holanda, compositor e cantor; Elba Ramalho, uma nordestina cujas músicas gospel de grande popularidade, e o jogador da seleção brasileira de futebol Sócrates.

Os artistas e jogadores eram os maiores agentes conhecidos de propagações das “Diretas Já”, suas participações foram fundamentais. E a voz que mais teve ressonância foi a da cantora Fafá de Belém, que participou ativamente do movimento e esteve no grande comício de São Paulo, a cantora em entrevista ao site Terra (PINTO; NADEEO, 2014) em 2014, ano que completou 30 anos do movimento, disse que sempre esteve com a democracia. Fafá de Belém juntou-se com inúmeros líderes políticos opositores do regime militar, como Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso, o ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes, etc.

Assim como em grande parte do Brasil, a maioria da população de Santo Antônio de Jesus também aderiu ao movimento das “Diretas Já”. Os comícios em apoio a Emenda Constitucional eram realizados na Praça Félix Gaspar (atual Praça do Rango), que está localizada no centro comercial do município e, que servia de espaço para encontros cívicos e políticos.

Nos atos a favor do voto direto, muitos políticos da esfera local, estadual e federal participavam do evento na cidade de Santo Antônio de Jesus, como Rômulo Almeida, ex-Deputado Federal e, então, Presidente-de-Honra do PMDB baiano, seu irmão Aristeu Barreto de Almeida, ex-Deputado Estadual pelo MDB (1975-1979), Waldir Pires, um dos grandes líderes da esquerda

nacional, naquele momento, Francisco Batista Neves Filho, ex-Deputado Estadual pelo MDB (1967-1971), entre outros, além de músicos e artistas.

Os líderes do Beija-flor e do Jacu não fizeram campanha nem contra, nem a favor das Diretas, deixaram seus eleitores tomarem suas decisões. Alguns políticos dos altos escalões das duas agremiações, afirmaram que seus líderes eram a favor do retorno da democracia:

Quando havia um comício assim das Diretas Já, nós até sem fazer parte e sem ir para cima do palanque, penetrava e olhava como estava a coisa e torcia pela coisa, e quando tinha um amigo nosso aqui, um deputado, uma coisa dessa, que estava fazendo campanha pelas Diretas Já, nós nos aproximávamos e às vezes íamos até pro palanque. (CUNHA, 2014)

A narrativa de Cunha nos faz entender que tanto o Beija-flor como o Jacu estavam desejando a vitória da Emenda Dante de Oliveira e a redemocratização no país. Entretanto, eles não poderiam fazer campanha abertamente porque estavam ligados ao governo baiano de João Durval, “controlado” por ACM, o cacique não favorável à emenda. ACM e parte dos parlamentares carlistas demonstraram serem opositores na noite de 25/04/1984, momento de rejeição da Emenda Dante de Oliveira na Câmara Federal, para a qual concorreu quase todo bloco carlista, composto pelos seguintes parlamentares, todos do PDS: Afrísio Vieira Lima, Ângelo Magalhães, Djalma Bessa, Felix Mendonça, Fernando Magalhães, Gorgônio Neto, Hélio Correia, Ney Ferreira e Wilson Falcão (FOLHA DE SÃO PAULO, 26/04/1984).

A bancada baiana na Câmara era composta de 39 Deputados, sendo do PMDB a minoria (14 parlamentares ou 35,89%) e do PDS a maioria (25 ou 64,10%) das cadeiras baianas no Legislativo Federal. Porém, só 36% do mesmo PDS votaram contra a emenda, seguindo a ordem de ACM; os outros 64% ficaram contados como ausentes.

Percebe-se que diferente da maioria dos brasileiros, ACM era contra aquela emenda, porque as “Diretas Já” possivelmente atrapalhavam seu desejo de ser o futuro Presidente da República, uma vez que o governo militar do qual ele era aliado passava por algumas crises, principalmente econômica, o que desgastou o regime perante a opinião pública. Por essa razão, as eleições diretas não faziam parte da estratégia do líder baiano.

Em seguida o nome de Antônio Carlos Magalhães foi cotado para candidato a Vice-presidente na chapa do gaúcho Mario David Andreazza<sup>59</sup>, o candidato preferencial dos militares, mas também não obteve sucesso, pois, este perdeu para a chapa do seu inimigo político Paulo Salim Maluf<sup>60</sup>, na convenção do PDS realizada em 11/08/1984, quando o paulista ficou com 493 votos contra 350 do gaúcho. O PDS nacional já estava polarizado e, com a derrota de Andreazza, o partido viu sua coesão se dissipar rapidamente. Muitos políticos de renome nacional, como ACM, não apoiou a candidatura Maluf.

O Beija-flor e o Jacu permaneceram unidos com o carlismo e em especial com ACM. Os grupos também deviam lealdades a dois importantes políticos baianos, Ângelo Magalhães (irmão de ACM), ligado ao Beija-flor e, Gorgônio Araujo Neto, Deputado santo-antoniense aliado ao Jacu. Dois deputados representantes diretos das duas agremiações em Brasília, eles conseguiam emendas, recursos e outras benesses federais a pedidos dos beija-floristas e jacuristas. Diante disso, os altos escalões das agremiações locais estiveram calados durante todo o processo de eleição do partido e das “Diretas Já”. Cunha (2014) relata que:

A gente desejava logo a eleição direta porque a democracia é muito mais importante, mas na época ficava calado por que o regime ditatorial era nosso e o governo do estado também, conseqüentemente nós tínhamos influência também lá no governo central, porque tinha o intermédio do governador naquele período, que foi Luiz Viana e o próprio Antônio Carlos, este grupo né. E aí eram ligados a nós em Santo Antônio de Jesus, então nós passamos, por exemplo, a ditadura também controlando a política em Santo Antônio de Jesus.

Faustino em sua fala nos confirma que na busca pelo poder, o Beija-flor e o Jacu sempre procuraram no mandatário central (governo da Bahia) apoio para governar e permanecer no comando local. Por isso, sendo governo de direita, não importava quem fosse o político governasse o Estado, sempre estavam alinhados a ele. Dentre os governadores *esses*, destacou-se o próprio ACM que, a partir do golpe civil-militar de 1964, teve ascensão no cenário político nacional e construiu a imagem do mais importante político da Bahia nos

---

<sup>59</sup> Mario Davi Andreazza (1918-1988), militar, empresário e político brasileiro, tendo sido Ministro dos Transportes (1967-1974) e Ministro do Interior (1979-1985). (FGV, 2009)

<sup>60</sup> Paulo Salim Maluf (1931-), Prefeito de São Paulo (1969-1971; 1993-1997), Governador de São Paulo (1979-1982); Deputado Federal (1983-1987); candidato à Presidente da República (1985). (CAMPOS, ALDÉ, BASTOS, 2009).

“anos de chumbo”. Assim, os dois grupos políticos de Santo Antônio de Jesus circundavam em torno de ACM enquanto ele estava no poder. Ele, por sua vez, independente do grupo no domínio local, sempre procurou agradar às elites políticas simultaneamente, sobretudo com distribuições de cargos do Estado, apoio político, obras, etc. Dessa forma, o “monstro mitológico”, como era chamado pelo escritor Jorge Amado, controlava as duas facções políticas de maneira centralizada, prática que fazia com muita destreza. Dantas Neto (2006, p. 373) assegura que:

O script que fazia descer os municípios era o da unanimidade na política estadual, comandada pelo governador. A centralização do comando era condição que lhe permitia administrar do Estado com sucesso, auferindo, com o mínimo de custo político (...) ao gosto do Gel. Médici, a aclamação das elites e do povo [...]com isso, apresentar-se em Brasília como eficaz quadro político da “Revolução”.

Essa habilidade de ACM era relevante para ter o controle político de Santo Antônio de Jesus. Dantas Neto ainda afirma que “era fundamental assegurar a Antônio Carlos aquilo que mais lhe interessava, isto é, o controle sobre as arenas políticas estaduais e a influência máxima possível no que restava de política nacional [...]” (idem). O governador em pleno fenômeno do carlismo priorizava o controle dos municípios, pois, na maioria das vezes era o interior que o elegia, assim também como os seus pares.

Muitos líderes políticos de direita dos municípios baianos, assim como os de Santo Antônio de Jesus, sabiam que naquele momento deveriam permanecer neutros ou apoiando os carlistas, visto que, além de ACM ser a maior liderança da direita na Bahia nesse momento, tinha sob seu controle o governo do Estado, que nesse período era conduzido por João Durval Carneiro (PDS)<sup>61</sup>, eventualmente eleito graças à influência do “monstro mitológico”. Diante dessa questão, os prefeitos dependentes diretamente do Estado, não se comprometeram em apoiar os movimentos aos quais ACM se opunha.

Com o fim das “Diretas Já”, a pauta central do país ficou por conta da eleição presidencial de 1985, que tinha de um lado o candidato do governo militar, o Deputado Federal paulista Paulo Maluf (PDS) e do outro, o

---

<sup>61</sup> O dentista feirense João Durval Carneiro (1929-) foi Deputado Federal (1975-1979), Governador (1983-1987) e Senador da Bahia (2007-2015). (ZYLBERBERG; MARQUES, 2009)

candidato da oposição, o ex-Governador de Minas Gerais, Tancredo Neves (PMDB). Tal eleição era considerada decisória para a continuação da forma de governo construída pelos militares ou o seu fim.

Após a convenção de 1984, o PDS não era mais o mesmo, pois várias dissidências ocorreram no partido, o que irritou a ala da linha dura dos militares. Pedessistas de inúmeros lugares do país optaram por não apoiar Paulo Maluf, alegando que o candidato era corrupto e o povo brasileiro não aceitava essa categoria de político governando o país. Um dos primeiros a romper internamente com o PDS, depois da vitória do paulista na convenção, ACM dizia em reportagens e em comícios políticos que Maluf não era bem-visto em muitas regiões do Brasil. Segundo Skidmore (1988, p. 477), ACM afirmou que “Maluf era o homem mais odiado do Brasil e que não podia andar um quarteirão sem arriscar sua vida”, afirmação que mostrava como estava desgastada a imagem do político apoiado pelo governo militar.

Na busca pela redemocratização, em oposição aos militares e à vitória de Paulo Maluf, entre outras causas, em 1984 criou-se Aliança Democrática, coligação do PMDB, de dissidentes do PDS, nomeados de Frente Liberal, grupo que atuava em bloco no Congresso e com autonomia equivalente à de um partido político, e de outros oposicionistas. Nomes da elite política brasileira como, os dos senadores Marco Maciel<sup>62</sup>, Jorge Bornhausen e Guilherme Palmeira e José Sarney, fizeram parte desse bloco (FL), assim como o Vice-presidente Aureliano Chaves.

A adesão a Tancredo Neves só fazia aumentar na maior parte do Brasil, e o político mineiro era visto como um grande conciliador daquele momento. Para Silva (apud Ferreira; Delgado, 2012, p. 274), “Tancredo Neves representava um papel chave na estratégia de abertura lenta, gradual e segura”, forma de abertura que a ala moderada dos militares também trilhava, ou seja, passar o controle político do país aos civis, mas, deveria ser de maneira que não alterasse as bases estruturantes políticas e sociais, que os militares haviam sido construídos desde 1964.

---

<sup>62</sup> O advogado recifense Marco Antônio de Oliveira Maciel (1940-) foi Deputado Federal (1971-1979) Governador de Pernambuco (1979-1982) Senador (1983-1985; 1987-1994; 2003-2011), Ministro da Educação e Cultura (1985-1986), Ministro-chefe da Casa Civil (1987-1988) e Vice-presidente da República (1995-2003).



No Nordeste, a maioria das lideranças aderiram à campanha de Tancredo Neves: dos nove governadores da região, só o da Paraíba, Wilson Leite Braga (PDS), deu apoio a Paulo Maluf. Quem estava na linha de frente dos apoiadores de Tancredo no Nordeste, eram José Sarney, Marco Maciel, Miguel Arraes,<sup>63</sup> ACM e outros políticos de renome nacional. Barbosa (1988, p. 79) salienta que:

[...] os mesmos governadores nordestinos deixaram Maluf por Tancredo Neves, na medida em que sentiram o crescimento do seu prestígio, o qual deriva, além da própria capacidade e habilidade do candidato mineiro, das forças que o apoiavam, entre os quais pode-se citar como principal o apoio encabeçado por Aureliano Chaves, também mineiro e principal mentor da candidatura de Tancredo Neves.

A adesão foi fidelizada em 11 de agosto, quando o líder baiano levou os governadores para conversar pessoalmente com o candidato mineiro: “leve todos para o encontro de Tancredo. No outro dia, Tancredo estava reunido comigo, já me oferecendo um ministério. Isto ocorreu no dia 12 de agosto, dia da convenção do PMDB” (MAGALHÃES, 1995, p. 114). O encontro de Tancredo e os governadores, aconteceu na casa do próprio candidato, o que deu mais confiabilidade aos apoiadores.

A Frente Liberal, com o PMDB, ganhava força nos interiores baianos. Santo Antônio de Jesus que, nesse momento, já era o grande protagonista do Recôncavo, principalmente na economia, demonstrou seu apoio através de seus políticos consagrados. O Tenente Geraldo Pessoa Sales, por exemplo, o maior representante do PMDB no período, em nota ao Boletim informativo “A Oposição”, de número 04, afirmou:

Entendemos que o Poder possa ser conquistado, democraticamente, com ajuda dos radicais quer direita quer de esquerda. Todavia dificilmente o poder será exercido, democraticamente, pelas extremas de esquerda ou de direita, isto porque a maioria de nossos homens públicos são conservadores, portanto, homens de centro. (SALES, 2006, p. 217)

---

<sup>63</sup> Advogado cearense radicado em Pernambuco, onde exerceu sua vida pública, Miguel Arrais de Alencar (1916-2005) foi Governador (1963-1964; 1987-1990; 1995-1998), Deputado Federal (1983-1987; 1991-1995; 1995-1998; 2003-2005).

O Tenente Sales, ao se pronunciar a favor de Tancredo Neves, demonstrava ser da ala dos militares moderados, que desejava a redemocratização, independente dos diferentes apoios partidários. Na verdade, o que importava para ele não eram os caminhos, mas a composição estabelecida para se chegar à redemocratização.

Ursicino Queiroz, líder jacurista, também não demorou a apoiar abertamente ACM e conseqüentemente, o candidato a Presidente do líder baiano. O mesmo boletim informativo noticiou que “A nível local o ex-prefeito Ursicino Pinto de Queiroz, inteligentemente também aderiu à candidatura do ex-governador mineiro a presidência da República” (SALES, 2006, p. 217), se posicionar a favor do candidato mineiro nesse momento, para o informativo de Santo Antônio de Jesus, não era só um ato político, mas também de inteligência.

O prefeito beija-florista Renato Machado não aderiu de imediato a Frente Liberal, como muitos outros políticos santo-antonienses, o que não agradou parte da população local, que ela temia ver o prefeito fazendo a mesma coisa que o Deputado Federal jacurista Gorgônio Neto, que surpreendeu muita gente quando decidiu apoiar o pedessista Paulo Maluf. Em nota, o boletim “A oposição” escreveu: “Oxalá o prefeito de nossa terra também se manifeste favorável a candidatura de Tancredo Neves, a não ser que resolva abraçar o turco malufando a exemplo do Dep. Gorgônio Neto” (idem). Renato Machado, associando-se a Maluf, ia na contramão da Bahia, em virtude da maior parte dos políticos baianos terem confirmado seus apoios a Tancredo Neves. Alguns vereadores locais, como o ex-Presidente da Câmara, Reis Filho (2014), destacou que “Renato preferia ficar com Maluf, mas tinha medo de retaliação do Governo Federal”. Parece que Renato não queria atirar erradamente, por isso demorou a dizer quem seria seu candidato.

O líder beija-florista Renato Machado confirmou seu apoio a Tancredo Neves quando inaugurou duas obras em locais bastante conhecidos no município, os bairros Nossa Senhora das Graças e Silvestre Evangelista (Salgadeira). Nas inaugurações, segundo o Boletim Oficial (SANTO ANTÔNIO DE JESUS, 1984-1985), encontravam-se cerca de 7 mil pessoas, entre moradores, correligionários, amigos e admiradores; nas localizações foram realizadas obras de urbanização, sinalização, saneamento e pavimentação,

com total de 9. 539 metros quadrados de paralelepípedos. Além de também, inaugurar a imagem da santa que levou o nome de um dos lugares (Nossa Senhora das Graças), obra realizada pelo artista plástico Zeus.<sup>64</sup>

Ao terminar a inauguração, o prefeito e sua comitiva, ao som do trio elétrico Top 69, saíram em cortejo até a praça Silvestre Evangelista, local da solenidade, e no caminho alguns homens dos bairros contemplados com as obras tomaram Renato Machado nos ombros e carregaram- o até o palanque armado na praça, onde foram proferidos vários discursos.

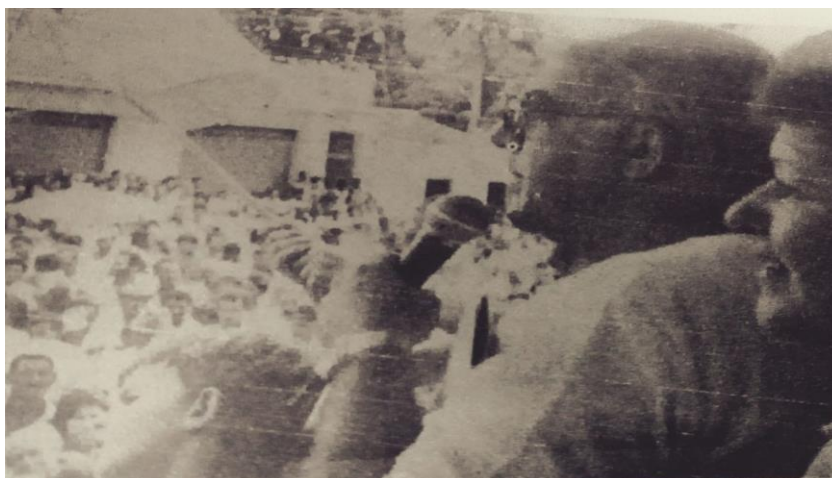
Na solenidade, se encontrava o deputado Ângelo Magalhães e diversas lideranças locais e regionais, personalidades do meio industrial, comercial, social, econômico e político. Se encontravam prefeitos de cidades vizinhas, a saber, José Guedes (PDS), de São Felipe, Isaac Peixoto (PDS), de Nazaré, Carlos Alberto Pacheco (PDS), de Aratuípe, Walfrido Lima (PDS), de Muniz Ferreira e Ademário Vilas Boas (PDS), de São Miguel das Matas. Além dessas lideranças de outros locais, estavam apoiadores do prefeito, como Bonfim Mercês, o assessor para assuntos políticos Enock L. Sampaio, ex-Vereador (ARENA, 1977-1983), o ex-Vereador Antonio Athanagildo Lopes Tourinho (ARENA 2, 1971-1973), João Fróis Prazeres Bastos, jacurista em diálogo intenso com o Beija-flor; todos eles, com Renato Machado.

O prefeito beija-florista fez seu discurso bastante inflamado, uma vez que os seus adversários atacavam sua gestão e diziam ele não tomava posições claras sobre quem iria apoiar para Presidente da República. Depois de seu repúdio contra a oposição, Renato Machado aproveitou o ensejo e declarou o seu apoio ao peemedebista Tancredo Neves. Para afirmar sua posição a favor do mineiro, disse, “na expectativa de que o Brasil, e principalmente os municípios que são células-mater do país, possam almejar alguma melhoria” (TRIBUNA DO INTERIOR, 1988c) Renato confirmou a sua adesão a Tancredo de forma tímida, porém não deixou de fazer críticas aos militares, que pareciam não ter olhado para Santo Antônio de Jesus como os Beija-floristas desejavam. Segue a imagem do prefeito discursando na Praça Evangelista (popular praça da Salgadeira):

---

<sup>64</sup> Jorge Alves Siqueira, mais conhecido como Zeus, nasceu no município sergipano de Itabaiana no dia 08 de abril de 1959. Teve seus primeiros contatos com a arte em Itabaiana, na década de 1970, por influência de Caã e de seu irmão. (BRASIL, 2012)

**Imagem 16: Discurso de Renato Machado na Praça Evangelista**



Fonte: Boletim Oficial NOV./84 a ABRIL/85, p. 3.

Quando aderiu ao candidato do PMDB, Renato Machado juntou-se à maioria dos políticos baianos e especialmente ao carlismo –composto com Eraldo Tinoco, Ângelo Magalhães, Antônio Osório, Félix Mendonça, Fernando Magalhães, Hélio Corrêa e Emanuel Novaes –, além da própria bancada do PMDB, representada por 13 Deputados Federais, o governador João Durval (PDS) e o líder carlista máximo, que comandava parte da linha de frente no Nordeste contra Paulo Maluf. “A Oposição”<sup>65</sup> publicou o texto “A Bahia está com Tancredo”, que descreveu o seguinte trecho:

[...] Verificando assim uma esmagadora maioria que corresponde aos anseios de todos os baianos, desde os da capital até aos que moram nos longínquos rincões do estado. Os votos sobram, ficaram uma maior parte iludidos por Maluf e sua máquina corruptora, e outros seguiram o governador João Durval que, como sertanejo e o homem que foi eleito pelo voto direto do seu povo, não se negará no momento decisivo, a apoiar o nome que representa o fim de tanta perseguição e opressão de toda espécie sobre seu povo. O povo baiano está a governar confia no seu governo. (SALES, 2006, p. 217)

O informativo descreve segundo a sua interpretação que o apoio ao candidato do PMDB não veio só da classe política, mas também, da maior parte da sociedade baiana. Para o Boletim informativo, quem estava com Maluf

<sup>65</sup> “A Oposição” era um boletim informativo de cunho político, criado pelo tenente Sales, em 1984, principal opositor político das agremiações Beija-flor e Jacu. Além de retratar o cenário político local, o informativo também levantava questões variadas, como economia, educação, saúde, festividade e outros, relativas a Santo Antônio e ao Brasil. Sua existência foi dos anos de 1980 e finalizou no início da década de 1990.

eram iludidos e não enxergavam a derrota liquidante do paulistano na Bahia, o informativo ainda salientava que o povo não suportava mais tanta opressão dos ditadores militares.

O resultado dessa corrida política teve seu final em 15/01/ 1985, quando o colégio eleitoral elegeu Tancredo Neves e o maranhense José Sarney com 480 votos e o seu opositor Paulo Maluf ficou com 180 votos, sendo derrotado. Skidmore (1988, p. 486) afirma que “Tancredo obteve todos menos cinco dos 280 votos do PMDB; recebeu também 166 votos do PDS, quase tanto quanto os 174 de Maluf. Foi uma autêntica vitória da coalizão”. A derrota foi o fim do sistema ditatorial civil-militar e o início da redemocratização no País. Na manhã seguinte (16/01/1985), a “Folha de São Paulo” publicou um editorial exclusivo sobre a eleição indireta do Brasil, tendo como capa a seguinte manchete: “acabou o ciclo autoritário; Tancredo é o 1º presidente civil e de oposição desde 64” (FRIAS FILHO, 1985). O jornal foi enfático quando descreveu na mesma matéria que:

A eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República marca o fim de um ciclo na vida política brasileira. Se o momento é o da valorização da democracia, e da esperança de implantá-la em breve, não se trata, contudo, de simplesmente virar uma página na História do País [...] (idem)

O trecho da “Folha de São Paulo” celebrava o fim da era dos militares, porém fazia um alerta para que a população e o próprio Estado brasileiro não esquecessem o quanto foi prejudicial ao país o sistema ditatorial; além disso, afirmava que a vitória de um civil opositor era o primeiro passo de muitos outros para se ter uma verdadeira democracia instaurada no Brasil.

A Bahia, representada pelo PMDB e os dissidentes do PDS, também foi vitoriosa nessa eleição, caso contrário, possivelmente poderia ser alvo de represália que custaria cara a seu povo. Todavia, foi uma aposta estratégica e bem calculada por todos aqueles que fizeram oposição ao regime civil-militar.

Nessa disputa, Jacu e Beija-flor foram “certeiros” no que se refere aos seus apoios, uma vez que ambos seguiram o mesmo caminho (a Redemocratização). Além de não serem tachados como traidores da nação, foram fiéis a ACM, participando algumas vezes das campanhas a favor do

candidato Tancredo Neves. Além dos beija-floristas terem apoiado o presidente vitorioso e não perder a confiança dos caciques baianos, viram o seu prefeito receber um telegrama de Tancredo Neves (apud SANTO ANTÔNIO DE JESUS, 1984-1985, p. 4) dias depois sua vitória, agradecendo a Renato Machado o apoio. A comunicação recebida dizia: “Dr. Renato Machado, prefeito de Santo Antônio de Jesus. Agradeço delicadeza comprimento minha eleição da Presidência da República. Cordialmente. Tancredo Neves”. Aí está a íntegra do telegrama, com algumas falhas de escrita, o que possivelmente poderia ser um problema que ocorreu no envio da mensagem, mas entende-se que o presidente estava agradecendo a adesão de Renato Machado. O telegrama foi motivo de orgulho para os beija-floristas, que o leram na Câmara de Vereadores em 13/02/1985, em sessão extraordinária.

Desde sua formação (1962 e 1964) as agremiações sempre estiveram no poder, participando de todas as alterações políticas ocorridas no país, sem se importar com os sistemas implantados nas diferentes conjunturas; o que parecia valer para eles era “surfando na onda do momento”, ou seja, pegar carona do poder estadual e nacional era o melhor caminho, por isso, mudou-se o regime de governo, mas os grupos continuavam os mesmos e o poder local foi revezado por ambos.

Terminando as disputas políticas para presidente do Brasil, o líder do Jacu, Ursicino Queiroz deixou o PDS em 1985 e ingressou no recém-criado Partido da Frente Liberal (PFL), levando com ele inúmeros políticos e ex-filiados do PDS; sabe-se que até o segundo mês de 1986, já havia mais de 400 filiados no PFL local, segundo edital de filiação, que dizia:

[...] pelo Presidente da Comissão Provisória do Partido da Frente Liberal - P.F.L. de Santo Antônio de Jesus, obedecendo assim o que dispõe o art. 116 e da resolução nº 10.785/80, do Tribunal Superior Eleitoral – T.S.E., estão filiados ao dito Partido 443 eleitores, até o dia 03.02.86. (TSE, 1986)

No PFL local, nomes renomados da política e especialmente do Jacu filiaram-se ao partido, como José Reis Filho, Faustino de Almeida Cunha, Frederico W. de Castro Araújo, Fernando Pinto de Queiroz, Fernando J. Muricy Santana, Aurelino Pereira dos Reis, Belmiro José R. Neto, Edgar Pereira da Silva, Clodoaldo Souza Mercês, entre outros, alguns desses parte do diretório

do PDS, cujo Vice-Presidente em exercício, Enoch Leal Sampaio, em 12/05/1986, enviou as fichas de filiações partidárias para o arquivamento no cartório eleitoral. A solicitação foi feita à Dr<sup>a</sup> Nilda Moreira Araújo, Juíza Eleitoral desta (56<sup>o</sup>) Zona. O ofício continha uma relação de nomes numerados de 001 a 118, de eleitores que se desligaram do PDS e se filiavam ao PFL. Entendemos que os desligamentos deveriam ser feitos para fundar o partido no município e, para os políticos não cometerem ilegalidade de ter dupla filiação.

O PFL de Santo Antônio de Jesus estava sob o controle do Jacu. A presidência do partido local ficou nas mãos do militar José Edmundo Pinto de Queiroz (irmão de Ursicino), Vereador de 1977 a 1982, no governo jacurista. Ursicino Queiroz, estrela maior dessa constelação, não só porque ele era a principal liderança do grupo, mas, em razão de sua participação da tomada da executiva do PFL baiano, nas mãos de políticos como Rui Bacelar,<sup>66</sup> um dos fundadores do partido na Bahia, ligado ao ex-governador Roberto Santos e outros políticos, para entregar Antônio Carlos Magalhães, ao governador João Durval e aos carlistas isolados e afastados do PDS nacional, melhor dizendo, não faziam mais parte dos projetos do partido na prática. Cenário esse que se configurou depois que os políticos baianos apoiaram a candidatura do então eleito Presidente Tancredo Neves, no momento em que os caciques do PDS e apoiadores dos militares liderados por João Figueiredo precisaram. Diante disso, não existia mais clima para a permanência dos baianos, obrigando ACM e seus correligionários buscarem outros partidos.

Fora das atividades orgânicas do PDS, o primeiro pensado foi o PTB, na ocasião dirigido pelo baiano Nelson Carneiro<sup>67</sup>, Senador pelo Rio de Janeiro, que aceitou a ida dos ex-pedessistas para seu partido, negada por outras lideranças. A recusa se deve por eles, em especial ACM e João Durval, serem herdeiros diretos da ditadura, além dos petebistas temerem perderem as suas lideranças no estado baiano.

---

<sup>66</sup> Natural de Entre Rios, o engenheiro e latifundiário Joaquim Rui Paulilo Bacelar (1935-) foi Deputado Federal (1971-1987) e Senador (1987-1995) pela Bahia.

<sup>67</sup> O jornalista, advogado e escritor soteropolitano Nelson de Sousa Carneiro (1910-1996) teve longa carreira parlamentar, tendo sido Deputado Federal pela Bahia (1947, 1951-1955), pelo Rio de Janeiro, então Distrito Federal (1959-1960), pelo antigo Estado da Guanabara (1960-1971), pelo qual também foi Senador (1971-1975), cargo também ocupado em representação ao Rio de Janeiro (1975-1994). (FGC, 2009b)

Com as rejeições dos políticos do PTB da Bahia, uma comitiva liderada por alguns políticos do PFL, inclusive Ursicino Queiroz e Jonival Lucas<sup>68</sup>, então sem partido, foram até Brasília e reuniram-se com Marco Maciel e Aureliano Chaves (presidente-de-honra do PFL), para negociar a entrada dos carlistas no PFL. Todavia, um único encontro não foi suficiente para resolver essas questões, por isso, novas rodas de conversas foram realizadas e, em 11 de dezembro, o presidente do partido, o senador catarinense, Jorge Bornhausen, anunciou os ingressos dos políticos na agremiação. Diante disso, foi convocada uma assembleia no Centro Empresarial do Iguatemi na Bahia, onde discutiram a votação. Nesse momento e Benjamin Fonseca de Carvalho<sup>69</sup>, presidente do partido na Bahia, seguiu a ordem de Jorge Bornhausen, e oficializou as integrações de ACM, João Durval e outros ao partido. Com a entrada do líder carlista, o PFL se tornou majoritário no estado, com a presença do governador da Bahia, um ministro, um senador, nove Deputados Federais, 14 Estaduais, mais de 300 prefeitos, milhares de ex-prefeitos, além de outras lideranças, constituindo uma força amplamente dominante no estado.

A fidelidade de Ursicino a ACM já tinha lhe rendido bons cargos no Estado, como a nomeação para ser coordenador de Habitação do Instituto de Aposentadorias e Pensões do Estado da Bahia (IAPSEB) em 1983, e Assessor da Casa Civil de 1983 a 1986. As duas atividades oficiais foram exercidas no governo de João Durval (PDS). Porém, sua maior conquista veio em 21/01/1986, quando assumiu a Secretaria de Saúde da Bahia, após a chegada de ACM ao PFL. Diante dessa chegada, o senador Jutahy Borges Magalhães,<sup>70</sup> político inimigo de ACM, rompeu com o partido e com o governador João Durval.

Com a cisão de Jutahy, o Secretário de Saúde Nelson Barros<sup>71</sup> perdeu o cargo, visto que a pasta fazia parte da cota do senador Jutahy, uma espécie de recompensa dada pelo governador por ter sido apoiado na disputa política eleitoral. Em tal situação, Ursicino assumiu a vaga até o ano de 1987, o que

---

<sup>68</sup> Natural de Sapeaçu, o empenheiro Jonival Lucas da Silva (1945-2002) foi Deputado Federal pela Bahia (1987-1999). (FGC, 2009c)

<sup>69</sup> O advogado e latifundiário sergipano Francisco Benjamim Fonseca de Carvalho (1938) foi Deputado Federal (1979-1991) e Senador pela Bahia (1998). (ROCHA, 2009)

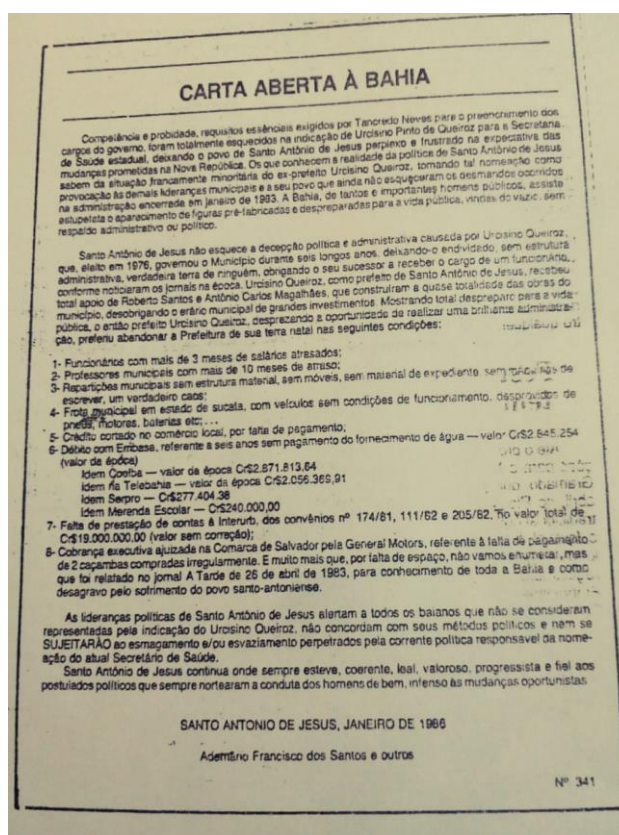
<sup>70</sup> Filho de família tradicional baiana, Jutahy Borges Magalhães (1929-2000), foi Deputado Federal (1975-1979) e Senador (1979-1995) pela Bahia. (TOSTE, MARQUES, 2009)

<sup>71</sup> Nelson de Carvalho Assis Barros, natural de Salvador, era pediatra e professor emérito da UFBA.



deixou os beija-floristas incomodados com notícia. O vereador Ademário Francisco dos Santos, um porta-voz incansável do Beija-flor, manifestou-se diretamente por meio de uma Carta Aberta ao jornal “A Tarde”, abaixo, repudiando a nomeação de Ursino Queiroz:

Imagem 17: Carta Aberta jornal A TARDE- 1986



Fonte: arquivo pessoal de Ademário Francisco dos Santos.

O vereador descreveu na carta que a Nova República advinda com Tancredo Neves não poderia mais aceitar em nenhum lugar do Brasil, uma gestão sem competência e imoral, porém com a indicação de Ursino Queiroz para Secretaria de Saúde da Bahia. O governador não levou a sério o recado proferido no discurso do novo presidente. Ademário ainda completou, dizendo que Santo Antônio de Jesus não esquecia o desapontamento político e administrativo causado por Queiroz que, eleito em 1976, conduziu o município durante seis longos anos, deixando-o endividado, sem estrutura administrativa, virando uma verdadeira terra de ninguém, além de pontuar outras questões negativas do prefeito do grupo vermelho-amarelo-branco.

Os jacuristas afirmaram que o Ursicino foi nomeado porque tinha uma larga experiência na área da saúde. Lembraram que ele recebera convite para subsecretário da mesma pasta no governo de Roberto Santos, mas preferiu continuar como médico e diretor da Santa Casa para atender aos mais necessitados. Sobre a posição dos rivais, Queiroz (2019) afirma que a atitude dos Beija-floristas “foi uma coisa muito provinciana dos santo-antonienses”. Para ele, o Beija-flor e alguns munícipes estavam mais preocupados com a competitividade do que com o prestígio local.

Diante dos fatos ocorridos, o Beija-flor e seus simpatizantes não fizeram como seu rival, ou seja, não romperam de imediato com o PDS local. Ficaram no partido durante a primeira metade do ano de 1986, porém, nesses meses, Renato Machado entrou em contato com o principal partido opositor de ACM, o PMDB, para negociar sua ida e de outros políticos para essa agremiação. Mas, a concretização da filiação dos Beija-floristas só aconteceu após o partido ceder espaço para Renato Machado se candidatar a Deputado Estadual em 1989, já que o PFL apoiaria a candidatura de Ursicino Queiroz. O PMDB baiano aceitou a proposta e lhe deu o ambicionado espaço de candidatura. Oliveira (2019) narrou esse fato da seguinte forma:

Eu participei disso, vivenciei. Eu estive na sede do PMDB na época com doutor Renato em Salvador, ali nos Aflitos, perto do Quartel da Polícia Militar, quando o Presidente do PMDB disse: doutor Renato, está garantido a sua vaga para deputado.

Ao fechar com o PMDB, no mês de abril e em plena micareta do município, Renato Machado subiu no trio elétrico e anunciou o rompimento com o carlismo e sua ida para o PMDB. Sobre tais mudanças de partidos nesse período, Barbosa (1988, p. 74), afirmou que

[...] políticos contidos artificialmente no bipartidarismo durante tanto tempo, surgiu um processo acentuado de troca de siglas que sugeria muito mais o oportunismo da caça às vagas nas convenções e o acerto de interesses eminentemente pessoais de poder pelo poder.

De fato, muito políticos fizeram dos anteriores partidos, um trampolim para disputar os pleitos e alcançar poderes políticos.

Menos de um mês depois, em 15/05/1986, os beija-floristas iniciaram os processos de filiação no partido local. Todos os políticos do alto escalão do grupo seguiram a mesma expedição de Renato Machado, isto é, nenhum ficou no PDS ou foi para o PFL, mas, pelo contrário, seu líder conseguiu levar para o novo partido e, conseqüentemente, para a agremiação azul, vermelha e branca, ex-jacuristas como Albino Martins dos Santos (Bino) e João Fróis Prazeres Bastos. De maio a junho de 1986, o Beija-flor filiou um total de 233 eleitores. (BA. TRE, 1986)

Enoch Leal Sampaio (beija-florista) que já se encontrava na condição de último Presidente da Comissão Executiva do extinto Diretório Municipal do PDS, encaminhou nos mesmos meses (maio e junho), as fichas de filiações do PMDB e de desligamentos do PDS, a Dra. Nilda Moreira de Araujo, juíza Eleitoral da (56<sup>o</sup>) Zona, para arquivar no Cartório Eleitoral.

Pela primeira vez desde sua criação, um dos grupos não esperou o mandato de um governo terminar. Além disso, o Beija-flor logo tratou de aderir à candidatura de Waldir Pires, adversário direto de ACM na Bahia. Para o jacurista Alberto Luiz Queiroz, Renato apoiou Waldir Pires porque sabia que o ex-ministro iria ganhar as eleições. Diante disso, evidencia-se que o líder beija-florista não tinha fidelidade com os partidos, mas com os vencedores. Além da nova aliança, é também a primeira vez que os componentes do Beija-flor se filiam a um partido que é não totalmente de direita, visto que, no período, o PMDB era uma agremiação de centro-direita, uma surpresa para muitos políticos conservadores santo-antonienses e de cidades vizinhas.

O quadro abaixo ajuda a entender que o Jacu e o Beija-flor estiveram no mesmo lado ideológico desde a primeira disputa eleitoral em 1966 e seus partidos até o fim da Ditadura em 1985, foram ARENA e PDS, controlados por aliados do governo militar. Para estarem nas mesmas agremiações partidárias no período, estabeleceram as sublegendas 1, 2 (e até 3). Como Grinberg (2009, p. 70) salienta, as sublegendas eram “[...] uma garantia de modificar o mínimo possível as relações de poder nos municípios, mantendo-se a relação das disputas entre os grupos locais através das eleições”.

**Quadro 10: Posicionamento dos grupos Beija-flor e Jacu no interior de seus partidos durante as eleições municipais entre 1967 e 1982**

PARTIDOS (ANO)	AGREMIações	CANDIDATOS	GRUPO ELEITO
ARENA (1967)	Beija-flor (ARENA 1) X	Florentino F. de Almeida X	Beija-flor
	Jacu (ARENA 2)	Rosalvo de A. Fonseca	
ARENA (1967)	Beija-flor (ARENA 1) X	José Trindade Lobo X	Beija-flor
	Jacu (ARENA 2)	Aurino Leal Santos	
ARENA (1970)	Jacu (ARENA 1) X	Aurino Leal Santos X	Beija-flor
	Beija-flor (ARENA 2)	José Trindade Lobo	
ARENA (1972)	(candidatura única)	Florentino F. de Almeida	Beija-flor
ARENA (1976)	Jacu (ARENA 1) X	Ursicino Pinto de Queiroz X	Jacu
	Beija-flor (ARENA 2)	Renato Machado	
PDS X PMDB (1982)	Beija-flor (PDS 1) X	Renato Machado X	Beija-flor
	Jacu (PDS 2) X	Faustino de A. Cunha X	
	PMDB	Geraldo Pessoa Sales	

Esse recurso eleitoral era mais um dos mecanismos para derrotar políticos opositores, mas, além de tudo, não permitir a fuga de grandes quadros políticos para o partido de oposição, MDB e o seu substituo PMDB na década de 1980.

Em 1986, o PMDB local tinha por presidente o médico Geraldo de Magela Machado Cafezeiro, por vice, o empresário Oséas Barreto Guimarães de Souza, por secretário o farmacêutico Railton Pinheiro Cardoso, por tesoureiro, o pecuarista e madeireiro Luiz Carlos Farias Mesquita, por liderança na Câmara, o Vereador Pedro Barroso Sobrinho e por delegado na convenção estadual, o advogado Jorge Luiz Andrade Bulhões.

A saída de Renato Machado e de todo grupo Beija-flor gerou ódio por parte dos carlistas, especialmente de ACM, que não aceitou de imediato o fato. Oliveira (2019) narra que o “doutor Antônio Carlos fez um discurso terrível contra doutor Renato”, de fato, ACM chegou na Praça Félix Gaspar, e por diversas vezes, chamava o Beija-florista de traidor.

1986 foi ano eleitoral para o Estado, momento que marcou pela primeira vez direções distintas dos grupos rivais, isto é, foi a primeira vez que eles aderiram a candidatos de diferentes partidos para Governador: o Jacu continuou carlista e apoiou o candidato do PFL, de número 25, Josaphat Ramos Marinho<sup>72</sup>, da coligação “Aliança Democrática Progressista” reunindo PFL, PDS, PTB e PDC. O Beija-flor, já no PMDB, apoiou o candidato Waldir Pires, de número 15, da coligação “A Bahia vai mudar”, reunindo PMDB, PCB, PC do B e PSC. O título da coligação era um pedido ao povo baiano para uma modificação de Governo, controlado pelo carlismo desde 1971, ano em que ACM se elegeu pela primeira vez, só ficando fora do poder no intervalo de 1975 a 1979, quando Roberto Santos governou o Estado.

Os grupos rivais santo-antonienses iniciaram suas campanhas políticas por quase todos os cantos do município. O Jacu defendeu a permanência do carlismo, em contrapartida, o Beija-flor, a oposição. Os beija-floristas sempre exploravam o discurso de um novo governo para a uma Bahia melhor.

Nessa campanha, ACM não estava engajado como nas anteriores, pois, parecia estar mais voltado com as questões políticas nacionais. Da mesma forma, Ursicino Queiroz, Secretário de Saúde da Bahia, no mesmo período, possivelmente esteve ocupado com especulações de uma possível greve da área, liderada pelo sindicato ligado a Waldir Pires, o que teria exigido do líder jacurista maiores esforços. De maneira contrária dos jacuristas, os beija-floristas a cada dia intensificavam as campanhas com comícios, reuniões, convocações e muitos outros artifícios legais em apoio à candidatura do peemedebista, como a convocação dos munícipes a comparecer na comunidade de São Roque dos Macacos, na zona rural, em 1º/11/1986, feita pelo vereador beija-florista Ademário Francisco dos Santos, que dizia:

[...] na condição de principal coordenador desse evento, estamos convidando você, sua família e seus amigos para, com as suas presenças, abrilhantar esse encontro político que terá lugar às 14 horas do próximo dia 9 deste mês na pracinha da Igreja de São Roque, em Macacos. Você fica autorizado a convidar todos os moradores da localidade onde reside e de outras regiões que também se façam presentes. Na certeza de seu comparecimento,

---

<sup>72</sup> O jurista Josaphat Ramos Marinho (1915-2002), foi professor de Direito da UFBA e da UnB, Senador (1962-1971, 1991-1999) pela Bahia e seu Secretário do Interior e de Justiça. (TOSTE; MARQUES, 2009a)

antecipadamente agradece o conterrâneo a amigo de sempre (SANTOS, 1986)

Ademário Francisco dos Santos era natural da região de São Roque, em Macacos (Vargem Grande), como já foi dito, essa região era distrito de Santo Antônio de Jesus e, hoje pertence a Varzedo. A localidade de Macacos lhe rendia muitos votos e também ao Beija-flor. O evento aconteceu em 9/11/1986, reuniu várias lideranças locais, como o prefeito Renato Machado, o Vice, Florentino Firmino de Almeida, o Presidente do PMDB local, Geraldo Magela, vereadores e lideranças de cidades vizinhas, em apoio à candidatura de Waldir Pires ao governo da Bahia.

Diferente do que ocorria nas eleições municipais, quando eram vistos nas ruas as bandeiras dos grupos Jacu e Beija-flor, dessa vez, eles estavam com as bandeiras do PMDB (cores, azul, verde, vermelho e preto), ou a do PFL (verde, amarelo, azul e branco). A disputa poderia ser parecida com eleições municipais, já que os grupos estavam apoiando candidatos de diferentes partidos, ou seja, eles não dividiram os mesmos palanques como em processos eleitorais anteriores para governo. Todavia, o acirramento eleitoral que se via em outras disputas políticas não aconteceu em 1986, porque o município, em sua maioria, estava com Waldir Pires. O pemedebista não estava popular só em Santo Antônio de Jesus, ele virou a figura política mais conhecida dos baianos naquele período. Seu *jingle* em ritmo de axé music, intitulado “A Bahia vai mudar com Waldir”, foi bem aceito pelas camadas populares e os artistas amantes do gênero. A letra da canção dizia: “Eu quero ver um tempo novo de crescer e construir, a Bahia vai mudar trabalhando com Waldir” (GRAMACHO, 2018), além de terminar com a frase, “dia 15, vote 15”, o que não saiu da cabeça do eleitor e corroborava o desejo de mudança pós ditadura. Além da estratégia de campanha feita por marqueteiros políticos, uma expressão em tom de piada ecoava na boca do povo durante toda eleição: “Já comi, já bebi, agora vou votar em Waldir”, uma confirmação de que não adiantava Josaphat fazer qualquer tipo de malabarismo, já que a vitória do seu opositor ficava cada dia mais escancarada. Queiroz (2019) assegura que “A perspectiva de derrota de Josaphat sempre se demonstrou desde o primeiro momento. Então, é difícil você apoiar um candidato a eleição que não vai lograr êxito, fazer campanha em 86 para Waldir Pires foi a coisa mais fácil do mundo”.

A palavra de um apoiador de Josaphat Marinho refletia como internamente o PFL se encontrava nas eleições de 1986.

O que já parecia ser evidente foi concretizado no sábado, 15/11/1986, quando o PMDB de Waldir Pires e Nilo Coelho<sup>73</sup> venceram a eleição para o governo do Estado, contra o PFL carlista encabeçado por Josaphat Marinho e José Penedo<sup>74</sup>, com 2.675.108 a 1.218.520 votos, o que deu uma diferença de 36,45%, de Waldir Pires para Josaphat Marinho. O resultado foi esmagador, considerando a força do carlismo e com toda estrutura estatal do Estado a seu favor. O candidato do PFL não conseguiu vencer nem Ubaíra, sua terra natal.

O líder carlista aparentava ter a certeza da derrota de Josaphat Marinho, já que, sua atitude no dia da votação diante da imprensa baiana demonstrou isso visivelmente, quando ele xingou e chutou o jornalista Antônio Fraga da TV Itapoan, uma emissora concorrente da TV Bahia, propriedade da família Magalhães. Reis (2010, p. 326) observou que, “as eleições de 1986, representam um choque no carlismo e o fortalecimento da oposição, em especial na figura do PMDB, estado baiano”. De fato, foi um baque para alguns carlistas, entretanto não constituiu exatamente em surpresa, já que muitos deles inclusive ACM, estavam mais focados nos acontecimentos políticos do Brasil, deixando de fazer campanha como de costume para o seu candidato carlista.

Gomes (2001, p. 32) acredita que o eleitorado baiano se manifestou através de seu voto: o desejo de modificar as práticas políticas e administrativas então vigorantes na Bahia. Para o autor, o carlismo só ficou por muito tempo no poder porque estava fundado em perseguições, retaliações sistemáticas, com obras públicas faraônicas e com alienações publicitárias no intuito de alto se promover. Uma política que corroeu inconsequentemente o capital do Estado, deixando faltar nos colégios, na segurança, nos hospitais, além de não combater a miséria, tudo sacrificado pela compulsão das obras de fachada.

---

<sup>73</sup> Natural de Guanambi e oriundo de tradicional família política pernambucana, o pecuarista Nilo Augusto de Moraes Coelho (1943-) nasceu em Guanambi, foi governador da Bahia entre 1989 e 1991 e Deputado Federal entre 1999 e 2003. (COSTA; MARQUES, 2009).

<sup>74</sup> Natural de Tucano, o advogado José Penedo Cavalcanti de Albuquerque (1931-) foi Deputado Federal pela Bahia (1967-1975, 1979-1987, 1995). (ZYLBERBERG, 2009)

O Beija-flor comemorou muito a vitória, principalmente porque fizera uma aposta supostamente temerária em desembarcar do PFL e do carlismo para apoiar o principal rival de ACM, Waldir Pires. Com o triunfo, a agremiação mostrou que era muito forte no município e que seu apoio era fundamental para qualquer candidato que fosse concorrer ao cargo de governador, do senado, deputado federal e estadual.

Pode-se acreditar, que além da mudança de partido e o conseqüente o apoio a Waldir Pires, as intenções não estavam voltadas tão-somente para questões de alterações conjunturais de governo. Também ficou evidente que o grupo beija-florista queria dar uma certa resposta ao carlismo, por beneficiar com maior seqüência o seu rival, dando cargos de altos escalões do Estado, o que não foi feito com a mesma proporção consigo.

A disputa entre os dois grupos pelo poder político em Santo Antônio de Jesus é tão somente uma herança estabelecida por líderes do passado. Como se diz na canção “Rebichada”, de Chico Buarque de Hollanda (1981): “Não sou eu quem repete essa história. É a história que adora uma repetição”, confrontos políticos polarizados e conduzidos por famílias tradicionais locais eram uma das marcas na primeira metade do século XX. Porém, com o surgimento das novas lideranças, o “poder potencial” foi ainda mais utilizado na busca pelo domínio político de Santo Antônio de Jesus, ou seja, tanto Ursicino Queiroz quanto Renato Machado conseguiram determinar o comportamento das agremiações e dos eleitores, evocando seus prestígios, popularidades e amizade com pessoas de maiores posições na política e na economia da região. Ainda tinham habilidades de convencimento. Stoppino (apud BOBBIO et al, 1998, p. 937), acredita que “Nem todos os homens têm a mesma habilidade em empregar recursos econômicos para exercer o poder”; isto é, não adianta alguns critérios de conquistas ou até mesmo relações com poderosos, se não tiver aptidão para potencializar o poder. Como diz o próprio Stoppino, “homem não é só o sujeito, mas também o objeto do poder social” (idem) A partir de suas capacidades e habilidades, os dois líderes souberam como poucos no município, estabelecer suas ordens e traças novos cenários políticos para chegar ou se manter no poder.



### 4.3 O discurso-adeus do grande pássaro beija-florista: da disputa da presidência da Câmara de Vereadores ao rompimento do Beija-flor e o falecimento de Ademário Francisco dos Santos em 1987.

O Beija-flor por toda sua história sempre passou por crises internas com seus políticos de maiores influências, como qualquer outro grupo ou partido político no Brasil, e isso muitas vezes levou integrantes renomados a deixá-lo, em direção a uma nova empreitada política, como Faustino de Almeida Cunha e Humberto Guedes nos anos de 1960 e, uma década depois, Fernando Araujo, Ursicino Pinto de Queiroz, Frederico Araujo e Gorgônio Neto, para adentrar no Jacu. Talvez isso explique parte dos bastidores do Beija-flor, nos quais muitas vezes valores individuais sobressaiam aos coletivos, isto é, acima do bem-estar do grupo exista por parte de muitos políticos, a busca de privilégios e poder, como bem perceberam Bobbio *et al* (1998, p. 954): “[...] Política, entendida como forma de atividade ou de práxis humana, está estreitamente ligada ao poder”. De fato, os conflitos internos no grupo a maioria das vezes estavam ligados a uma melhor posição de comando.

Entende-se que a política é a relação de amigos-inimigos, ou seja, nessa esfera, os amigos devem se agregar e se defender, já os inimigos, combatê-los constantemente é a tarefa do homem político. Contudo, no Beija-flor a regra não foi bem aplicada, visto que alguns integrantes fizeram de certos amigos, verdadeiros inimigos, e de inimigos, aliados, como os vereadores jacuristas João Fróis Bastos e Albino M. dos Santos, que mudaram de família política.

Para se estar inserido em grupos políticos como os de Santo Antônio de Jesus, é preciso, antes de que qualquer coisa, ser um bom jogador que saiba enfrentar rivais de maiores ou menores potencialidades, entendendo também que no seu próprio *habitat* existem grandes adversários com a mesma potencialidade ou maior que sua. Sobre o cuidado de não perder espaço no campo de disputa do poder político, Bourdieu (2000, p. 173) aponta que:

[...] Para não correrem o risco de se verem excluídos do jogo e dos ganhos que nele se adquirem, quer se trate do simples prazer de jogar e quer se trate de todas as vantagens materiais ou simbólicas associadas a posse de um capital simbólico, aceitam o contrato tácito que está implicado no facto de participar no jogo, de reconhecer deste modo como valendo a pena ser jogado, e que os homens a

todos os outros participantes por uma espécie de conluio originário bem mais poderoso do que todos os acordos abertos ou secretos.

Pierre Bourdieu afirmou que, para o jogo ser jogado da forma como acontece, o jogador político necessita se comprometer aos acordos que muitas vezes implícitos, a que chama de “leis não escritas” (idem), isto é, através dessas combinações que o político tende a assegurar seus ganhos, perpetuar-se ou tentar garantir um tempo mais duradouro possível no espaço de poder.

O homem político, principalmente nas pequenas e médias cidades, deve estar preparado para enfrentar os demônios do jogo do poder diariamente. Todavia, alguns políticos com vários anos de mandatos e conhecidos por sua vasta experiência, muitas vezes podem cair nas armadilhas que o seu inimigo da própria agremiação constrói de maneira sutil.

Em 1987, o Beija-flor ficou com a popularidade tão alta que conseguiu angariar a simpatia e votos de muitos eleitores do Jacu e, ao se tornar uma agremiação que ganhava mais admiradores no município, políticos próximos a Renato Machado começaram a perceber que seu carisma era quase incontestável e não perderam tempo para estar cada vez mais próximos ao líder. Mas, a sombra da popularidade do prefeito beija-florista não contemplava a todos, por isso, logo iniciaram-se os rachas na agremiação.

Dentro dessa busca por notoriedade, o principal alvo foi o vereador Ademário Francisco dos Santos, um dos beija-floristas mais ligado ao prefeito e a principal personagem de articulação das vitórias do grupo, especialmente em 1982, um político que, segundo Sales (2006, p. 81), era “admirado pelos correligionários, temido e respeitado pelos adversários”. Entretanto, seus principais adversários não estavam no Jacu, mas em seu próprio grupo.

Ademário Francisco dos Santos nasceu no povoado de Macacos, em Santo Antônio de Jesus, a 25/01/1923, filho de Sebastião Francisco dos Santos e de Antônia Henrique dos Santos. Alfabetizou-se na mesma localidade e, entre os 13 e os 16 anos, trabalhou como lavrador na fazenda de seu pai; posteriormente, tornou-se caixeiro no armazém de molhados do espanhol Manolo, estabelecido na rua Joaquim Nabuco n.º 52, antiga Rua Nova de São Bento, em Salvador. Com 25 anos, prestou concurso para o Banco Econômico da Bahia, sendo nomeado contador em 19/03/1952 para servir em Itacaré, em fevereiro do ano seguinte, sendo logo foi transferido para sua terra natal, onde

ocupou o cargo de gerente, e no ano de 1956 pediu exoneração do banco (idem). Além de muitas atividades profissionais, foi nomeado em 1949 escrivão de polícia do quadro pessoal da Secretaria de Segurança Pública (SSP), já ocupado em 1943, em Lençóis, município a 418,2 Km de Salvador. Formou-se técnico no curso de auxiliar de laboratório médico na Fundação Gonçalo Muniz do Instituto Osvaldo Cruz em 1958, em Salvador. Ao concluir a formação técnica, licenciou-se do cargo da Polícia Militar e na mesma data foi admitido como laboratorialista-auxiliar da Secretaria de Saúde, através da Portaria de n. 287/58. Decreto de 22/04/1959 o nomeou novamente para o cargo de escrivão de polícia, visto que, por motivos políticos, ele se exonerara. Entretanto, o que mais lhe atraiu foi a vida política partidária, iniciada em 3/02/1958, quando eleito Vereador pela primeira vez, pelo PSD:

**Imagem – 18: Ademário Francisco dos Santos em dando entrevista à Rádio Clube AM.**



Fonte: arquivo pessoal de Ademário F. dos Santos.

A foto acima mostra Ademário em entrevista, na tribuna da Câmara de Vereadores de Santo Antônio de Jesus, ao seu lado o jornalista Laurinho Pinho, captando o pronunciamento e depois fazendo uma entrevista com ele para a Rádio Clube AM (hoje FM), inaugurada em 1979 e considerada a primeira radiodifusão do município santoantoniense.

Muito respeitado em seus respectivos partidos, suas suas ordens quase sempre eram obedecidas por unanimidade, principalmente pelas grandes lideranças do Beija-flor, como Zeca Lobo, Florentino e Renato Machado. Sales (2006, p. 81) destaca que “embora não tivesse frequentado a Universidade, era doutor em política, e com a sua aguda percepção era capaz de calcular os próximos passos dos adversários, e preparar golpes que lhes anulavam as ações”, possivelmente esses atributos e outros, podem explicar sua longevidade na política. O ex-Presidente da Câmara de Vereadores e adversário político, José Reis Filho, assim o descreveu:

Falar do vereador Ademário Santos é tarefa difícil. Principalmente em Santo Antônio de Jesus, onde até os seus desafetos políticos, na falta da possibilidade de atingir-lhe de outra forma, o taxava de maquiavélico e tentavam aplicar-lhe um codinome pejorativo, como se não fosse condição "sine qua non" para um político que viva e faça política, não só com o "P", mais com todas as letras maiúsculas, ser ardiloso, astucioso, articulador e bem articulador, capacitado a engolir "sapos" sem pensar no que pode ocorrer na digestão, capaz de esquecer de si mesmo para lembrar do próximo ao qual representa. (SANTO ANTÔNIO DE JESUS, 1987)

Zé Reis adjectiva Ademário de maneira bastante contundente, mostra sua importância na política de Santo Antônio de Jesus, chegando a dizer que o Beija-florista está na condição de *sine qua non*, termo do latim que se refere a algo ou alguém importante, essencial, quase obrigatório, indispensável, elo para que outras coisas aconteçam. Isto quer dizer que Ademário Francisco dos Santos foi importante nas vitórias do Beija-flor, assim como deu resultados fundamentais na câmara a favor do grupo e dele também. Não foi por acaso que ele foi eleito por cinco vezes vereador do município e diversas vezes como 1º Secretário da Câmara de Vereadores. A tabela demonstrativa abaixo nos ajuda a configurar seus anos de legislação e os cargos de 1º Secretário

assumidos na casa do povo no município de Santo Antônio de Jesus, desde a década de 1950 quando começou a fazer política orgânica:

Quadro 11: Funções do vereador Ademário Francisco dos Santos na Câmara

<b>ANO</b>	<b>ATIVIDADE</b>	<b>PARTIDO</b>
1958	Vereador (1º vez)	PSD
1962	Vereador (2º vez)	UDN
1963	1º Secretário Câmara de Vereadores	UDN
1964	1º Secretário Câmara de Vereadores (reeleito)	UDN
1965	1º Secretário Câmara de Vereadores (reeleito)	UDN
1970	Vereador (3º vez)	Arena
1971	1º Secretário Câmara de Vereadores (reeleito)	Arena
1972	Vereador (4º vez) /1º Secretário da Câmara	Arena
1973	1º Secretário Câmara de Vereadores (reeleito)	Arena
1974	1º Secretário Câmara de Vereadores (reeleito)	Arena
1982	Vereador (5º vez)	PDS

Fonte: arquivo pessoal da família de Ademário Francisco dos Santos

O quadro revela que Ademário Francisco dos Santos teve cinco mandatos e assumiu por sete vezes o cargo de 1º Secretário, função pela qual fazia a chamada dos vereadores no plenário, a leitura de papéis para a deliberação, a recepção e a elaboração de toda correspondência da instituição, o secretariado das reuniões da mesa, além da redação de tudo em ata.

Além dos atributos ortodoxos do cargo, o 1º Secretário é muito importante no legislativo, por isso, a oposição ao Presidente na Câmara quer essa função, pois só assim haverá um equilíbrio na mesa diretora. Geralmente o 1º Secretário é o líder de um partido ou de um grupo, como era Ademário no Beija-flor, o que lhe dava poder de perceber as dinâmicas e as articulações nas assembleias e negociar cargos para os seus pares. O beija-florista quase sempre foi líder do grupo enquanto foi vereador e entendia como poucos a funcionalidade do cargo, dando bons resultados para sua agremiação.

Para os políticos santo-antonienses, Ademário não era só um porta-voz de políticos do legislativo e do executivo, mas também e principalmente, o foi da população mais humilde do município, ou seja, estava envolvido na vida política quase que 24 horas. Sua casa era parecida com a de Renato Machado no aspecto de atendimento ao eleitor, um espaço que recebia diversas pessoas para tentar resolver problemas, como pedidos de empregos, conserto de estrada na zona rural, projetos de doação de terrenos para moradias,

pagamentos de contas pessoais e outros. Quando não resolvia pessoalmente, fazia cartas e pedia para as pessoas levassem ao destinatário (o prefeito). Assim como na sua própria casa, Ademário tinha um gabinete na prefeitura que também atendia os eleitores e líderes de comunidades. A vivência do beija-florista na política foi tão intensa que surpreendia até pessoas da família, como sua neta, que disse:

Meu avô tinha uma rotina de soldado, de manhã ele já se arrumava e atendia o povo, depois ia para a Prefeitura, ficava lá até de noite, depois ia para a Biblioteca, ficava batendo papo com um monte de amigos lá, e ia para casa já umas 19h, jantava e depois reunião atrás de reunião. Toda sexta era dia de ir para a feira ficar o dia todo. Sábado também, mas, só após ir para mato caçar com os compadres dele. Domingo era zona rural o dia todo. (ANDRADE, 2020)

Ela narra o dia-a-dia de seu avô, e em especial a rotina política, à qual ele dava quase toda prioridade, principalmente quanto ao atendimento dos eleitores. Para a entrevistada o comprometimento do seu avô em todo momento era de “soldado”, o que talvez faça sentido, visto que foi escrivão de polícia e possivelmente levou para vida política e privada muitos dos métodos da instituição policial.

A forma de fazer política e a estratégia o levou a consideráveis cargos, mas o seu maior desejo até 1986 ainda não fora realizado – ser Presidente da Câmara de Vereadores de Santo Antônio de Jesus – o que parecia ser tática do Beija-flor para deixar o “águia política”<sup>75</sup> em outros espaços de luta, circunstância que ajudava a manter a hegemonia do grupo, ou afastá-lo da possibilidade de conseguir maiores holofotes do que o do próprio líder, Renato Machado. Prudente nos seus desejos, Ademário deu passos tímidos em direção a busca do maior cargo legislativo local. Sobre a forma de agir do político, Maquiavel (2002 [século XVI]) ensinou que:

Sendo obrigado a saber agir como animal, deve o príncipe valer-se das qualidades da raposa e do leão, pois o leão não sabe se defender das armadilhas e a raposa não consegue defende-se dos lobos. É preciso, portanto, ser raposa para reconhecer as armadilhas, e leão para afugentar os lobos. Aqueles que desejam ser apenas como um leão não compreendem isto. (MAQUIAVEL, 2002, p. 101)

---

<sup>75</sup> Águia política foi o nome dado a Ademário para adjectivar sua qualidade política.

Nesse trecho, Maquiavel fala da prudência de um príncipe, figura pública naquele período, considerada o chefe maior do Estado, atualmente comparável a qualquer político profissional, independente da esfera de poder em que se encontre. Diante da leitura de Maquiavel sobre a postura de um grande político, acreditamos que até a metade do ano de 1986, Ademário soube agregar a qualidade do leão e da raposa, por isso, pôde se manter em lugar de destaque no grupo.

Mesmo não assumindo a função de Presidente da Câmara até aquela ocasião, o que supostamente elevava a posição de um político na região, o Beija-flor recompensou a lealdade e o colocou como candidato a Vice-prefeito na chapa de Renato Machado nas eleições 1976, o que também mostrou a força política do beija-florista em Santo Antônio de Jesus. Todavia, como já foi pontuando, o grupo não obteve sucesso nesse pleito.

Em 1982, com sua agremiação, Ademário Francisco dos Santos se elege pela quinta vez vereador e durante a metade do mandato, articulou, encaminhou projetos em benefício das camadas populares, brigou constantemente pelo grupo e liderou-o no legislativo. Contudo, na segunda metade do mandato, acreditou que chegara a vez de ser o presidente da Câmara, empreendimento em que precisava do grupo para alcançar.

1987 foi o período das eleições para presidente da Câmara de Vereadores, com para o biênio 1987-1988, o último para presidente de uma legislatura que durou seis anos (1983-1988), isto é, momento da corrida por nomes que representassem sua agremiação Beija-florista para o cargo.

Os políticos que a agremiação indicou para subsistir o vereador Albino M. dos Santos (Bino), no cargo de 1985 a 1986, foram Antônio Bonfim A. Mercês, eleito com 743 votos, e Ademário Francisco dos Santos, eleito com 899 votos. Ao comparar os números de votos da última eleição, Ademário levava vantagem; se se fosse confrontar o número de mandatos, também, dado que se elegeu cinco vezes, enquanto Bonfim Mercês, quatro.

Ademário Francisco dos Santos acreditava que os maiores caciques do grupo brigariam para tê-lo representante da disputa no pleito a presidente da Câmara de Vereadores, porque era um dos maiores estrategistas da história política de Santo Antônio de Jesus, segundo José Reis Filho. Mas, o que ficou demonstrado foi um cenário desfavorável, pois o seu adversário político, Bonfim

Mercês, era muito influente na cidade por ser o criador do Jegue-trio, animava diversas festas no município e, além disso, se tornou uma das principais vozes de ligação entre as pessoas de bairros pobres e as esferas do legislativo e executivo de Santo Antônio de Jesus. Na câmara, Bonfim Mercês fora presidente no biênio 1981-1982 e vice-presidente no de 1985-1986, o que, de certa forma poderia favorecê-lo na disputa.

Parte dos vereadores do Beija-flor, os chamados sangues puros, a exemplo de José Anacleto Filho (Leleo do Derba) e Luiz Coelho (o radialista), estiveram à disposição do líder Renato Machado, melhor dizendo, quem o prefeito decidisse apoiar a candidatura, eles seguiriam o mesmo curso, o que levou a uma corrida acirrada. Ademário tentou através da experiência e estratégia convencer os Beija-floristas e principalmente ao líder da agremiação a lhe dar apoio, em contrapartida, Bonfim Mercês se sistematizou com dois nomes muito importantes na política e principalmente na área social do município, o vice-presidente do diretório do PMDB local, o pecuarista e madeireiro Railton Pinheiro Cardoso e o médico Leonel Cafezeiro<sup>76</sup>, recém-rompidos com o líder jacurista Ursicino Pinto de Queiroz.

Em 1987, o Beija-flor se dividiu em duas correntes no legislativo, a primeira denominada de sangue puro<sup>77</sup>, com os já referidos José Anacleto Filho, Luiz Coelho e Ademário Francisco dos Santos, e a outra, os não sangue puros<sup>78</sup>, composta por Antônio Fernando R. Albuquerque, Manoel José de Souza, Albino M. dos Santos (Bino) e próprio Bonfim Mercês. A segunda corrente teve como articuladores, Leonel Cafezeiro e Railton Cardoso, que não queriam, por algum motivo, Ademário como representante do grupo na presidência. Por isso, logo trataram de pressionar Renato Machado a apoiar o nome de Bonfim Mercês para candidato, isto é, eles vetaram o nome do maior porta-voz dos Beija-floristas para presidente da Câmara de Vereadores.

O prefeito ficou entre a “cruz e a espada”, visto que, entrou em jogo a sua amizade com Ademário ou uma derrota na Câmara de Vereadores para oposição, isso porque Leonel Cafezeiro e Railton, tinham dois vereadores

---

<sup>76</sup> Jose Leonel Cafezeiro Argolo, é médico e foi a candidatado a Vice-prefeito pelo grupo Beija-flor em 2004, Secretário de Saúde na gestão (2021-2024), pelo também Beija-flor.

<sup>77</sup> Sangue puro é o termo usado para políticos que iniciaram e continuaram toda sua vida pública no mesmo grupo.

<sup>78</sup> Os não sangue puros são políticos que iniciaram e mudaram de grupo quando era conveniente.



como fortes aliados, Bino e Albuquerque. O primeiro era amigo do médico Leonel, e o segundo de Railton Cardoso, homem muito influente na cidade por ser primo do famoso advogado Givandro Cardoso (hoje juiz)<sup>79</sup> e cunhado de Albuquerque, o que mostrava uma pequena rede de relações social-política capaz de influenciar diretamente no legislativo naquele momento de disputa.

A pressão de Antônio Bonfim Andrade Mercês e sua corrente foi muito forte sob Renato Machado; o vereador lembrava ao prefeito que sua imagem e a sua criação (Jegue-trio), ajudaram quando exploradas na campanha do líder Beija-florista em 1982, em que resultou na vitória contra o Jacu. Em jogo também estava a relação do prefeito com o legislativo, isso porque as aprovações de projetos, leis e as relações políticas que beneficiasse o executivo, passavam em grande parte pela Câmara de Vereadores. Por isso, Renato Machado demonstrava não querer errar em sua posição, uma vez que ele já tinha conquistado a confiança da maioria dos santo-antonienses, algo muito difícil no mundo político. Isso quer dizer que os seus caminhos percorridos na política já estavam pavimentados e, com tal distância atingida, não poderia entrar em atalhos errados e perder popularidade. Maquiavel (apud WEFFORT, 2010, p. 17) salienta que:

[...] deve um indivíduo prudente enveredar sempre pelos caminhos palmilhados por grandes vultos e tomar como exemplo os que mais insignes foram, a fim de que, ainda quando não chegue a igualá-los, possa ao menos aproximá-los, fazer, em suma, como arqueiros precavidos, os quais achando demasiado longe o ponto que querem atingir e conhecendo o alcance do seu arco, fazem pontaria para um lugar muito mais alto que o visado não para sua flecha e a tamanha altura, mas para se acertarem num verdadeiro alvo.

Renato Machado foi um político que sempre calculou suas ações, principalmente em momentos de escolhas como essa, a saber de seu apoio à candidatura de Tancredo Neves para presidente em 1985, e sua própria afiliação ao PMDB um ano depois. Por isso, nessa situação em que deveria escolher entre Ademário ou Bonfim Mercês, ele foi precavido para não tomar decisão errada e que pudesse acabar acarretando prejuízos na sua vida

---

<sup>79</sup> Givandro José Cardoso advogou de 1970 a 1990. Atualmente é magistrado da Comarca de Santo de Santo Antônio de Jesus.

política. A Câmara era composta de 13 vereadores, o Jacu tinha 6, o Beija-flor 6 e o PMDB tinha 1, o Prof. Pedro Barroso Sobrinho que, nesse pleito apoiou a candidatura de Bonfim Mercês. Essa adesão se deve principalmente, porque a maioria dos membros do Partido do Movimento Democrático Brasileiro de Santo Antônio Jesus, já tinham confirmado apoio ao criador do Jegue-trio.

No dia 1º/03/1987 foram apresentadas duas chapas na mesa da Câmara, uma com o nome de Bonfim Mercês apoiada pelo Beija-flor e por Renato Machado e, a outra feita pela oposição. Ao ver que o seu nome não se encontrava na chapa, isto é, não teve o apoio do prefeito, Ademário dos Santos ficou indignado e, no mesmo momento, levantou-se de sua cadeira olhou para todos e chegou próximo ao vereador João Fróis Prazeres Bastos, bateu no ombro dele e disse, “Topa ser o presidente da Câmara de Santo Antônio agora, macho?”. (RECONVALE, 1998) João Bastos<sup>80</sup> ficou como sem entender nada, mas de imediato disse topar. Então, Ademário chamou José Reis Filho, líder do Jacu no legislativo, para o interior da Câmara e elaboraram a terceira chapa com João Bastos como candidato para concorrer à presidência. Diante disso, a chapa de oposição a Bonfim Mercês se dissolveu e aderiu a João Bastos, aumentando o número de votos, incluindo o de Ademário.

O resultado vitorioso da oposição (Jacu), encabeçada por João Fróis Prazeres Bastos e decidido por um dos mais fiéis beija-floristas de todos os tempos, Ademário Francisco dos Santos, fez provocar um clima bastante tenso na Câmara de Vereadores, porque os legisladores beija-floristas ficaram completamente nervosos e se sentiram traídos pelo vereador Ademário. O ex vereador, Flomario Santos, narrou o episódio da seguinte maneira:

Foi uma guerra danada, muita briga, gritaria e bate porta, aquela coisa toda. Foi um clima horrível, horrível mesmo; nunca mais eu quero ver um negócio daquele. Eu tomei uma porrada no braço que foi grande, porque estava atrás da porta de uma sala e, arrombaram de vez. (SANTOS, 2009)

---

<sup>80</sup> João Fróis Prazeres Bastos foi eleito vereador pelo grupo Jacu, na sublegenda PDS 2, com 552 votos, candidato sem que não tinha experiência na política porque estava no seu primeiro mandato. De família de classe média alta, produtores e comerciantes de fogos, João Bastos era muito novo e considerado por diversos políticos da época um indivíduo sem expressão para o cargo que ocupava. Todavia, no meio de seu mandato como Vereador para o pleito de 1983 -1988, especialmente a partir de 1985, o vereador, passou a ter maiores relações com o prefeito beija-florista, o que desagradou o grupo Jacu.

Os Beija-floristas perderam a cabeça”, pois, pela lógica, acreditavam que a vitória era certa se todos os membros do grupo votassem em Bonfim Mercês. A guerra mencionada por Flomario, orquestrada pelo grupo perdedor, deixou a Câmara de Vereadores um caos, muitas pessoas se encontravam no local aderiram ao conflito, ou seja, partindo para agressões físicas, e muito outros saíram rapidamente para não serem agredidos.

A estratégia do beija-florista não só custou bate-bocas, olhares tortos, apontamentos de dedos e desprezos por partes de alguns membros da agremiação como também provocou o rompimento com o prefeito Renato Machado, um acontecimento que jamais cogitável na política do Beija-flor daquele período. Diante disso, a águia política perdeu seu gabinete na prefeitura, espaço que lhe rendia muitos votos e visibilidade.

A fama de Ademário Francisco dos Santo como traidor saiu dos ambientes internos do legislativo e passou a circular em quase todas as esquinas do município. O vereador passou a ser odiado por alguns beija-floristas e afagado por jacuristas, situação anormal na cidade. Porém, mesmo com todos os acontecimentos, Ademário afirmou na sessão da Câmara de 26/06/1987, que ainda estava caminhando ao lado do líder beija-florista Renato Machado; suas palavras sobre a união com o prefeito foram, “Devo dizer também que jamais pedi a alguém para me reaproximar politicamente do prefeito, mesmo porque ainda estamos no mesmo barco” (RECONVALE, 1988, p. 4). Para não deixar dúvida de sua permanência no grupo, ele finalizou afirmando “quem não estiver satisfeito que se retire” (idem). Ademário entendia que o seu tempo no grupo, cabia a ele e não a outros políticos do Beija-flor decidirem.

Muitas pessoas de variados locais da cidade, como em supermercado, farmácia, praças, bares e principalmente no famoso ninho beija-florista (feira-livre), quando falavam do Beija-flor, questionavam o porquê de Ademário ainda fazer parte do grupo, já que que muitos deles viram a ação do legislador negativamente ou uma traição, como afirmavam os vereadores e apoiadores derrotados na votação da Câmara.

Integrantes do grupo Beija-flor começaram a usar métodos de depreciação da imagem da águia política no município, dizendo que diversos bens do vereador foram conquistados com o dinheiro público, inclusive o carro

e casa. Em resposta, Ademário disse, “isso é comprometedor. Se eu não tivesse todas as notas fiscais do que comprei e paguei para construí minha casa, como o Sr. Prefeito se defenderia dessas calúnias” (SANTO ANTÔNIO DE JESUS. CÂMARA, 1987). Além de se proteger, o vereador também fez questão de lembrar que os golpes desfilados contra ele poderia respingar duramente em Renato Machado.

Para o parlamentar, todo esse episódio foi acontecendo em sua vida porque parte significativa do grupo ficou com ciúmes de sua amizade com o prefeito e tal situação não fazia bem ao Beija-flor, principalmente a Renato Machado. Segundo o vereador, a aliança entre o grupo e ele, beneficiava mais ao prefeito do que a si. Em discurso na Câmara, revelou que, “politicamente, o senhor prefeito está carente de mim do que eu dele, ele não tem voto para mim dar e eu tenho para dar a ele” (ROCANVALE, 1987, p.4). O vereador fazia questão de demonstrar sua força no grupo e na política como todo.

O vereador foi vivendo um conflito atrás do outro, sempre tendo de se defender dos ataques, mas além disso, ele contra-atacava os adversários pertencentes a seu próprio grupo. O Beija-flor viveu um dos maiores conflitos internos e parecia que não achava o caminho sensato para solucionar o problema, que durou exatamente três meses e seis dias, pois, na noite de sexta feira, 7/08/1987, o parlamentar se dirigiu a tribuna com vários documentos em mão e começou seu aparte, com uma duração de 32 minutos, pouco convencional no legislativo. Segundo Rocanvale (1987, p.4), o discurso de Ademário ocupou 11 páginas do livro de atas. Na ocasião, o vereador aproveitou para falar do seu sofrimento, o jornal ainda enfatiza que foi “um testemunho dos dramas e pressões políticas que vinham fustigando seu íntimo, após a eleição da Câmara no dia 1º de março”. Naquele momento, ele falou quase tudo que estava acontecendo em sua vida e de sua família, ou seja, perseguições constantes. Todavia, isso não o fez arrepender da sua votação contra o grupo Beija-flor. No mesmo dia, o vereador afirmou que:

Eu repetiria tudo outra vez, porque não teria como encarar os meus filhos depois. Eu não queria, pessoalmente, deixar o grupo Beija-flor e nem atingir Renato. Mas Railton chegou a dizer que eu sirvo para ser votado, mas não presto para votar e isso não dá para aguentar. (Ademário dos Santos, apud GAZETA POPULAR, 1987)

Através do discurso de Ademário Francisco dos Santos, percebe-se que entre vários fatores, o principal seria a sua honra, uma vez que para ele, as palavras de Railton eram bem pesadas para um homem com a trajetória de Ademário, político de enorme experiência e que ajudou a elevar o nome do grupo Beija-flor ao seu mais alto nível no município e na região.

Por conta da longa duração, a sessão teve de ser prorrogada para que o vereador pudesse fazer o discurso-desabafo. A fala estava programada para ser proferida dois meses atrás, porém, por motivos políticos e particulares não foi realizado, o que talvez tenha mexido mais com questões emocionais do vereador.

Após a extensa comunicação de repúdio, a suposta perseguição que aconteceu em sua vida, exatamente dez minutos depois, o vereador sentou-se ao lado do então colega de partido Prof. Pedro Barroso Sobrinho, conversou alguns minutos e em seguida colocou a cabeça sobre o ombro do companheiro, deu alguns fortes suspiros e veio a óbito.

Reconvale (1987, p. 4) descreveu que ele, “não deu um aí, conversava com um colega e despediu-se da vida dando apenas uma arquejada”. A morte de Ademário Francisco dos Santos, em plena sessão da Câmara de Vereadores, comoveu parte significativa da população santo-antoniense e muitas outras cidades. Reconvale (1987) assegurou que a morte do vereador foi fruto de pressões que vinha sofrendo, depois de seu voto no dia da eleição. Na página 4 da edição do mês de setembro de 1987, o jornal descreveu, “Era muita pressão para um peito humilde suportar. E Ademário deu seu último suspiro, deixando cair sobre o ombro do colega Barroso, sua cabeça desvencilhada”. Assim como Reconvale, outros meios de comunicações da cidade e da região, noticiavam a morte do parlamentar com grande surpresa, pois o mesmo estava com apenas 64 anos e aparentava ter boa saúde.

Vereadores de cidades próximas a Santo Antônio de Jesus, se sensibilizaram com a morte repentina do Beija-florista e, enviaram para Câmara Municipal santo-antoniense diversas moções representando os seus respectivos legislativos, a saber de municípios como Gandú, localizada na região Sul da Bahia e com a distância de 106, 4 Km, expediu uma moção de número 12/87, de 10-08-1987, em que os parlamentares ganduenses diziam:

A edilidade Ganduense, consternada com a morte do amigo e companheiro Vereador Ademário Francisco dos Santos, eminente político com 30 anos de vida pública dedicados ao desenvolvimento de seu município, Santo Antônio de Jesus, aos seus superiores interesses e a causa pública da qual foi um legítimo e permanente defensor, o fazendo sempre com lealdade e verdadeiro espírito público. Pela sua vida e pela sua obra política, as homenagens do legislativo ganduense, consubstanciada na admiração e respeito que lhe são e serão sempre tributados. Dê-se conhecimento do inteiro teor desta moção a família ilustada, e a venerada Câmara Municipal de Santo Antônio de Jesus. (GANDU. Câmara, 1987)

O texto da moção dos vereadores do município de Gandú, traz como pano de fundo o homem político que Ademário se tornou ao longo dos seus quase 30 anos, além de pontuar sua lealdade nessa esfera. O documento também, relata o respeito que inúmeros vereadores tinham pelo Beija-florista, enquanto ele estava como político no sistema representativo de Santo Antônio de Jesus. Assim também como o legislativo de Nazaré (NAZARÉ. Câmara, 1987), que enviou uma moção e o de Valença (VALENÇA. Câmara, 1987):

Em sessão ordinária desta Câmara municipal realizada no dia 11 do oito de 87, foi aprovada por unanimidade uma moção de pesar homenageando a memória do cidadão Ademário Francisco dos Santos, ilustre Vereador desta edilidade, a pouco falecido. [...] Ao dar conhecimento a V. excia., desta homenagem/póstumas e associando-me as tristezas dessa edilidade, formulo para a alma do falecido muita paz.

A moção de nº165/87, enviada no dia 26 de agosto, foi proposta pelo vereador valenciano Levi Reis Vasconcelos, e aprovada por unanimidade pelos edis do legislativo. De certa maneira, pode-se dizer que a figura de Ademário Francisco dos Santos na cidade da Costa do Dendê (Valença), como o município é conhecido, era muito bem vista entre os seus pares.

Por fim, no dia 11 de agosto, na sala das sessões da Câmara municipal de Santo Antônio de Jesus, os vereadores protocolaram a moção de profundo pesar de nº 26/87, escrito pelo jacurista José Reis Filho, que disse

[...] no momento em que sofremos essa lamentável perda, é que propomos a sábia apreciação do Douto Plenário dessa Augusta casa, a presente *MOÇÃO DE PROFUNDO PESAR* pelo falecimento do nobre Vereador Ademário Francisco dos Santos. (SANTO ANTÔNIO DE JESUS, Câmara, 1987).

Zé Reis não escreveu uma moção simples e burocrática, ele tentou escrever o máximo possível da pessoa de Ademário, ou seja, tanto de sua vida política como de sua vida pessoal. A considerar a parte que ele minutou:

Como esposo, como pai, como amigo, como soldado e escrivão de polícia, como funcionário da área da saúde, como funcionário do CERIN, como cidadão e vereador [...], em nenhum momento se pode negar a Ademário qualidades essenciais ao ser humano: inteligência, coragem e honestidade. (SANTO ANTÔNIO DE JESUS, Câmara, 1987)

O jacurista apresenta o falecido Ademário, como um cidadão de múltiplas qualidades no sentido do bom homem cristão ocidental, em que presava com moral e ética as variadas ocupações, sobretudo, a do pai de família e do cidadão santo-antoniense que ocupou funções públicas. Percebemos que os elogios na moção vêm do maior opositor político do grupo Beija-flor no legislativo, o advogado José Reis Filho, vereador que desde 1984 já despontava como a nova liderança do Jacu. Por isso, esse fato parecia ser contraditório no campo político, pois, geralmente, o máximo que um adversário faz é um mero pesar burocrático. Entretanto, Zé Reis demonstrava ter um nível de amizade com Ademário que ultrapassava a esfera política.

Ainda na mesma moção, o jacurista aproveitou o ensejo para politizar e tentar desestabilizar o grupo Beija-florista, quando responsabilizou incisivamente os membros do grupo que estavam envolvidos no episódio da eleição na Câmara e outros políticos que abandonaram Ademário no momento em que ele necessitava. Reis Neto escreveu:

Que Deus na sua infinita bondade perdoe aos que contribuíram para o falecimento de Ademário, o nosso amigo "Dema". Aqueles que o magoaram que o constrangeram, que fizeram menos alegre e mais melancólico, a nossa Piedade. Afinal, se foi Ademário para eternidade, deixando entre nós um exemplo digno de como atuar em favor dos mais carentes de nossa comunidade, ensinando que tudo só depende de nós e que "A FÉ REMOVE MONTANHAS", deixou na terra os pobres de espírito que pelo resto das suas existências lamentaram o que fizeram a um homem de bem. (idem)

A moção tem três laudas e pedia que fosse dado conhecimento a presente família enlutada. O texto veio direcionado especialmente para aqueles que possivelmente causaram danos emocionais em Ademário durante o

afastamento do vereador da agremiação azul, vermelho e branco. Além de exaltar o Beija-florista, José Reis Filho descreveu o seu opositor político como um homem público que se dedicava aos mais desprovidos economicamente e, deixou um aviso aos legisladores santoantonienses, para se comprometerem com os mais necessitados de Santo Antônio de Jesus, uma vez que, essa prática daria seguimento a principal causa de Ademário Francisco dos Santos.

O que pode ser entendido em todo esse acontecimento é que o grupo Beija-flor, especialmente o poder legislativo, estava dividido entre duas forças, a que estava disposta a tomar e a controlar o jogo político nos domínios da vereança, e a outra liderada por Ademário, que não queria perder o seu *status* e ser controlado pela primeira força, pois, eventualmente sabia que ao deixar os opositores internos chegarem ao topo, jamais o Beija-florista poderia retornar ao seu lugar de exposição e visibilidade popular que até aquele momento tinha alcançado. Como bem lembra Bourdieu (2000, p. 72), “o político avisado é o que consegue dominar praticamente o sentido objetivo e o efeito social das suas tomadas de posição graças ao domínio que ele possui do espaço das tomadas de posição atuais e, sobretudo, potenciais [...]”. E a águia político, sabia dominar e se posicionar no campo político de maneira considerável, segundo muitos Beija-floristas e adversários.

Ademário Francisco dos Santos marcou a política de Santo Antônio de Jesus durante quase três décadas, ficando ausente 4 anos apenas. Sua prática enquanto político provocou muitos admiradores, principalmente por ser um dos fundadores do grupo Beija-flor e ser um incansável defensor da agremiação, também provocou muitos oponentes, já que ele era visto como um grande obstáculo para derrotar os azuis, vermelhos e brancos.

O vereador era o que podemos chamar de político profissional hábil, estrategista e que não temia adversário, tinha uma comunicação acessível a todos; dialogava intensamente quando desejava ter êxito em seus compromissos. Foi amigo inseparável e também um conselheiro privado do maior líder do Beija-flor (Renato Machado). Todavia, dentro dessas relações e dinâmicas, o parlamentar também parecia buscar o poder e a satisfação pessoal, que talvez só a política poderia o proporcionar, atitude entendida como normal. Segundo Weber (2000, p. 6), “[...]toda ação humana é realizada visando a determinadas metas, concepções afetivas do desejável ou valores”,



ou seja, todos seres humanos têm objetivos a alcançar, porém nem sempre os desejos resultam em boa eficácia, principalmente na política, já que a ação do homem muitas vezes percorre variados cursos não ambicionados. Ademário com toda experiência e estratégia adquirida por muitos anos, parece não ter percebido que em política é obrigado a realizar opções, e que algumas delas pode levar a ruínas sem precedentes.

E sobre essa crise do Beija-flor, pode se afirmar que diferente do que ocorreu em outros momentos quando alguns membros romperam com agremiação por motivos de não aceitar a forma de governabilidade praticada pelos seus prefeitos, com Ademário foi o contrário, a maior parte do grupo é que rompeu com o vereador. O episódio ainda mostrou de certa forma, que os Beija-floristas nunca viveram em um perfeito “mar de harmonia”, visto que, diversos pensamentos opostos estavam sempre na ordem do dia pela busca de privilégio e visibilidade popular, que o Beija-flor proporcionava em seus momentos dourados.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a disputa pelo poder local entre as duas agremiações políticas, Beija-flor e Jacu, em Santo Antônio de Jesus – BA, nos anos de 1976 a 1988, percebemos que não era suficiente entender apenas as tramas realizadas pelos grupos nas esferas municipal, estadual e nacional; ou seja, precisou sair da “superficialidade política” e aprofundarmos na estrutura, em que abarca as relações sociais, econômicas, religiosas, culturais e outras. Pois, como bem diz Ferreira (2002), “o importante não é aquilo que é manifesto, aquilo que se vê, mas o que está por trás do manifesto. Tudo o que é manifesto é ao mesmo tempo mais superficial”; isto é, se não adentrássemos nas estruturas sociais do município daquele período, iríamos negligenciar as articulações, os eventos e as causas mais densos. Em suma, seria mais uma mera narrativa linear histórica das elites políticas e de suas lideranças.

Assim, percebeu-se que a parte superior da estrutura social, a elite local, deram sustentabilidades para as agremiações permanecerem no poder durante todo o período estudado, como, por exemplo, o alinhamento estabelecido com o setor agrário (os grandes fazendeiros) de 1962 a 1976, aliança que fortaleceu o apoio dos políticos ao golpe e a ditadura civil-militar no município, tal adesão pode ser confirmada na passeata comemorativa (citada por Cristiane Motta), nas mudanças de nomes de ruas, como a Rua 24 de agosto que passou a ser denominada Rua 31 de março. E posteriormente os novos ricos (comerciantes) dos anos de 1970 e 1980, assumiram protagonismo de principais patrocinadores e apoiadores do Beija-flor e do Jacu, percebendo-se dessa forma que todas as partes tinham lucros e privilégios nesse contexto.

Já na “estrutura inferior”, onde se encontravam os grupos populares, viu-se em quase todos os momentos as relações sendo estabelecidas através de práticas clientelistas e assistencialistas. No primeiro momento (1962 a 1976), o Beija-flor e o Jacu priorizaram políticas clientelista que concediam cargos públicos em diversas áreas, como escolas (diretoria, professores, serviços gerais e administrativos), na saúde (técnicos em enfermagem, médicos, vigias, tesouraria, etc.), na segurança dos patrimônios públicos e indicações de agente de polícia em variados níveis e diferentes instituições (Militar e Civil). Além de

prover benefícios na esfera privada com pagamentos de recibos de água e energia, vales de compras, de botijão, calçamentos de ruas, em que os representantes locais estavam vinculados a alguma das agremiações, doações de espaços e barracas na feira-livre e entre outros benefícios, na condição de criar clientelas consistentes.

No segundo momento (1976 a 1988), o assistencialismo, construído a partir da prática da medicina exercida na Santa Casa de Misericórdia Hospital Luiz Argolo, instituição secularmente ligada à Igreja e à noção de caridade, que Ursicino Queiroz e Renato Gordilho Machado criaram suas lideranças políticas, prática levado a cabo pela a maioria dos políticos ditos liberais e, que tem como bandeira principal o Estado mínimo, contudo pouco se fez para acabar com o assistencialismo, ao contrário, foi a partir dessas condições de manipulações sucessivas das massas, que a maioria dos antigos governantes tiveram suas longevidades no poder.

A partir do surgimento dessas duas novas lideranças na segunda metade dos anos de 1970, observamos que as disputas pelo poder ultrapassaram as práticas políticas tradicionais do assistencialismo e do clientelismo no município, melhor dizendo, estrategicamente os dois grupos passaram a utilizar narrativas em que pudessem serem melhores aceitas pela população mais pobre do município. Porém, o que ficou evidenciado era que o grupo azul, vermelho e branco; obteve maiores resultados, visto que esse embate passou a ser travado nas duas figuras políticas de maiores lideranças e, Renato Machado levou vantagem por falar e ter alguns costumes de “homem comum do povo”, diferente de Ursicino, que também era um político que tinha aproximação com as pessoas simples, mas não atingia grandes parcelas como seu rival.

Na década de 1980, os dois grupos uniram-se em torno do projeto de poder de ACM e o Carlismo, para não saírem dos holofotes políticos e social daquela conjuntura. Para tanto, primeiramente fez-se necessário se afastarem do movimento das “Diretas Já” realizado no ano de 1983 em todo Brasil, o qual ACM era contra. Ainda seguindo a ordem do “monstro mitológico” no ano de 1985, não apoiaram o candidato dos militares (Paulo Maluf) para Presidente da República. Porém, na mesma década, o grupo Beija-flor liderado por Renato Machado rompeu com o governo do estado baiano comandado por João

Durval Carneiro e com o grupo carlista, para aderirem aos políticos de centro-direita e centro-esquerda, a saber de Waldir Pires, que na ocasião era o maior adversário de Antônio Carlos Magalhães, oposição executivo estadual jamais exercida durante toda história da agremiação.

Ainda pode-se observar as frequentes disputas internas dos grupos políticos, sobretudo no Beija-flor, que desde 1962 ficou mais tempo no poder do que o seu rival. Por isso, algumas dissidências aconteceram durante esses anos, como a que levou a construir o próprio Jacu, o rompimento de Ursicino Pinto de Queiroz e outras. Todavia, fontes jornalísticas e atas da câmara nos conduziram a revelações nos bastidores do grupo, os quais foram possíveis perceber uma intensa disputa pela presidência da câmara de vereadores em 1987, também levando ao afastamento de Ademário Francisco dos Santos do Beija-flor e, possivelmente sendo uma das causas de sua morte em plena sessão três meses depois.

Diante das análises feitas sobre a política local no respectivo recorte temporal, descobrimos que a permanência das agremiações é fundamental para a manutenção da ordem social, ou seja, em que cada classe se mantenha nos seus devidos lugares como de costume. Os presentes grupos políticos que substituíram famílias tradicionais de Santo Antônio de Jesus, nada mudou no que se refere aos problemas sociais, sobretudo para os que mais precisavam, pois, o Beija-flor e o Jacu foram constituídos e se sustentam através do conservadorismo e no discurso populista.

Esta dissertação partiu de uma problemática que necessitou fazer investigações de ordem teórica e prática. Na investigação teórica, a natureza da pesquisa foi exploratória com base em levantamentos bibliográficos e no estudo sobre história política e do Brasil recente, com atenção para os conceitos de clientelismo, assistencialismo, populismo e para a teoria das elites. Na investigação prática, escolhemos a metodologia da história oral, que nos ajudou na realização das entrevistas e no entendimento das experiências e vivências dos indivíduos entrevistados. Além das entrevistas, trabalhamos com livros de memórias escritos por cidadãos de Santo Antônio, com as atas produzidas pela câmara de vereadores, jornais, projetos de lei, decretos e com algumas imagens cedidas por pessoas que colaboraram com a construção

deste trabalho, que espero fazer contribuições com a historiografia sobre o município e com a própria história política do estado da Bahia.

Nesse sentido, chegamos ao final desta pesquisa com a satisfação de termos conseguido responder algumas perguntas colocadas desde da minha adolescência, quando minha mãe e o meu pai defendiam os seus grupos dos “corações”. Com isso, esperamos que essa dissertação responda também alguns questionamentos a respeito das agremiações e a dinâmica da política local. Por outro lado, sabemos que deixamos questões ainda sem respostas, porém, foram abertos alguns para futuras pesquisas e outros interesses no campo da história política do município de Santo Antônio de Jesus.

## REFERÊNCIAS

### 1. Fontes Primárias

#### 1.1 Documentos oficiais

ANDRADE, Neilton A. **Distribuição dos grupos políticos no ano de 1982 em Santo Antônio de Jesus-BA**. Santo Antônio de Jesus: IBGE, 1982.

BAHIA. Assembleia Legislativa da Bahia. “Dep. Humberto Guedes”. In: Id. **Conheça os deputados**. 2019. Fonte: <<https://www.al.ba.gov.br/deputados/ex-deputado-estadual/5000256>>. Acesso: 7.ago.2019.

BAHIA. Poder Executivo. Santo Antônio de Jesus ganha faculdade na comemoração de seu centenário. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Salvador, 30/05/1980.

BAHIA. Tribunal Regional Eleitoral. **Boletim da 56ª Zona Eleitoral**. Santo Antônio de Jesus: TRE, 1986.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. “Diretas-Já: 30 anos do movimento”. In: Id. **Registros das sessões: escrevendo a história**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2014. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/diretas-ja>>. Acesso: 11.set.2020.

BRASIL. Senado Federal. **Partidos políticos**. Brasília: Agência Senado, 2019. Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/jornal/cidadania/partidos/not002.htm>>. Acesso: 9.ago.2019.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Editais de filiação partidária**. Brasília: TSE, 1986.

GANDU. Câmara de Vereadores. **Moção de Profundo Pesar nº 12/87**. Gandu: Câmara de Vereadores, 1987.

MAGALHÃES, Antônio Carlos. Discurso do Governador da Bahia. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Salvador, ano 64, n. 11554, 30/05/1980.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Câmara de Vereadores. **Ata da sessão ordinária do 2º período legislativo da Câmara Municipal de Santo Antônio de Jesus, Estado federado da Bahia, realizada no dia 26 de junho de 1987**. Santo Antônio de Jesus: Câmara de Vereadores, 1987.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Câmara de Vereadores. **Fichas de assentamento individual de vereador: 1947-1988**. Santo Antônio de Jesus: Câmara de Vereadores, 1947-1988.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Câmara de Vereadores. **Livros de Atas: 1963-1988**. Santo Antônio de Jesus: Câmara de Vereadores, 1963-1988.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Câmara de Vereadores. **Moção de Profundo Pesar nº 26/87**. Santo Antônio de Jesus: Câmara de Vereadores, 1987.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Câmara de Vereadores. **Projeto de lei nº 34, junho de 1964**: Que altera o nome da rua 24 de agosto para rua 31 de março. Santo Antônio de Jesus: Câmara de Vereadores, 1964.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Prefeitura. **Portaria nº 12/63, de 24/04/1963**: Pagamento do funcionalismo municipal feito no dia 30 de cada mês. Santo Antônio de Jesus: Gabinete do Prefeito, 1963a.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Prefeitura. **Portaria nº 125, de 16/01/1963**: Aumento do salário em 100%. Santo Antônio de Jesus: Gabinete do Prefeito, 1963b.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Prefeitura. **Portaria nº 127, de 15/03/1963**: Aumento de salário família de 25,00 (vinte e cinco cruzeiros) para 250,00 (duzentos e cinquenta cruzeiros). Santo Antônio de Jesus: Gabinete do Prefeito, 1963c.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Prefeitura. **Portaria nº 129, de 10/05/1964**: Lançamento e a cobrança de imposto territorial rural. Santo Antônio de Jesus: Gabinete do Prefeito, 1964.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Prefeitura. **Protocolo n. 185, de 1º/10/1987**: Projeto de regulamentação e autorização de doação de lotes terras. **Diário Oficial do Município**, Santo Antônio de Jesus, 1º/10/1987.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Renato machado comemora com festa segundo ano de sua administração. **Boletim Oficial**, Santo Antônio de Jesus. n. 4, p. 1-4, nov./1984-abr./1985.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS. Tancredo Neves envia telegrama de agradecimento. **Boletim Oficial**, Santo Antônio de Jesus, nov./1984-abr./1985.

SANTOS, Ademário Francisco dos. **Ofício de Convocação à população para comparecer em São Roque, em Macacos no dia 1º/11/1986**. Santo Antônio de Jesus: Câmara de Vereadores, 1986.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **UNEB, DCH, Campus V – Santo Antônio de Jesus**. 2019. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/santoantoniodejesus/dch>>. Acesso: 31.ago.2019.

VALENÇA. Câmara de Vereadores. **Moção de Profundo Pesar nº 165/87**. Valença: Câmara de Vereadores, 1987.

VIANA NETO, Luiz. Discurso do Vice-governador da Bahia. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Salvador, ano 64, n. 11554, 30/05/1980.

## 1.2 Fontes jornalísticas

A TARDE. Uma administração voltada para o social. **A Tarde**, Salvador, ano 76, [s.n.], 1988, p. 14.

BASTOS, Larissa. Desvendando o Manto Sagrado. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 17/07/ 2015.

FRIAS FILHO, Otavio. “Acabou o ciclo autoritário; Tancredo é o 1º presidente civil e de oposição desde 64”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16/01/1985. Disponível em: <<http://passadoemmanchetes.blogspot.com/2015/04/trinta-anos-da-morte-de-tancredo-neves.html>>. Acesso: 10.ago.2020.

GAZETA POPULAR. Santo Antônio perde Ademário. **Gazeta Popular**, Santo Antônio de Jesus, p. 6, set./1987.

GRAMACHO, Lucas. **Jingle da campanha de Waldir Pires, PMDB, para Governador do Estado da Bahia, 1986**. 1'.03". 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VrsrOquT4ps>>. Acesso em: 14.set.2019.

MENEZES, Raul. Na boca do povo. **Tribuna Liberal**, Santo Antônio de Jesus, junho/1979, Caderno Social, p.1.

O GLOBO. Limpeza de lixo da campanha. **O Globo**, Rio de Janeiro, n. 17915, p. 18, 18/11/1982.

RECONVALE. Último Discurso de Ademário confessa amizade política. **Reconvale**, Santo Antônio de Jesus, p. 4, set./1988.

TRIBUNA DO INTERIOR. Prefeito Nota 10! **Tribuna do Interior**, Feira de Santana, [s/n.], p. 3, 1988a.

TRIBUNA DO INTERIOR. Do povo. Pelo povo. E para o povo. Uma prestação de contas, sim senhor!. **Tribuna do Interior**. Feira de Santana, [s/n.], 1988b.

TRIBUNA DO INTERIOR. Santo Antônio de Jesus: Renato Machado inaugura mais obras em bairros populares. **Tribuna do Interior**. Feira de Santana, [s/n.], 1988c.

### 1.3 Livros de memória

COSTA, Alex Andrade. **História e memória da administração pública municipal de Santo Antônio de Jesus**. Santo Antônio de Jesus: Secretaria Municipal de Educação, 2012.

GOMES, João Carlos T. **Memórias das Trevas**. São Paulo: Geração, 2001.

MAGALHÃES, Antônio Carlos. **Política é paixão**. Rio de Janeiro: Revan, 1995.

SALES, Geraldo Pessoa. “O parlamentar”. In: Id. **A oposição**. Santo Antônio de Jesus: Santo Antônio de Jesus: Gráfica Real, 2006.

SALES, Geraldo Pessoa. **Santo Antônio de Jesus, 1965: a cidade que encontrei**. Santo Antônio de Jesus: Gráfica Real, 2006.

VALADÃO, Hélio. **Saga de um mineiro baiano**. Salvador: Fast Design, 2016.

VALADÃO, Hélio. **Santo Antônio de Jesus, sua gente e suas origens**. Santo Antônio de Jesus: Academia de Letras do Recôncavo. 2005.

### 1.4 Documentos artísticos

ALMEIDA, Onildo. “Meu Beija-flor”. In: MARINÊS. **Marinês**. São Paulo: RCA Victor, p 1962, 4-LP. faixa 7.



BUTINA, Pedro; MENIN, Walter. "Candidato caô caô". In: SILVA, Bezerra da. **Violência gera violência**. São Paulo: BMG/Ariola, 1988, faixa 7. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/bezerra-da-silva/44553/>>. Acesso: 3.ago.2021.

HOLANDA, Francisco Buarque de (Chico Buarque). **Rebichada**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1981, 2:06H.

MADIBA, Helder Geovanny (Prod.). **Mestre Roque dos Anjos**. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2017, 30'13".

SILVA, Jony Guimarães da (Prod.). **Mina do Sapé**. Brasil: [produção independente], 2010, 30 min.

### 1.5 Fontes orais

ANDRADE, Jackeline Póvoas Santos de. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 6/07/2020.

BARROSO SOBRINHO, Pedro. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 2016.

BASTOS, Larissa. Desvendando o Manto Sagrado. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 17/07/2015.

CUNHA, Faustino de Almeida. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 2/10/2014.

DUNNINGHAM, Renilda Magnólia Silveira. **Entrevista** Santo Antônio de Jesus, 9/04/2016.

MERCÊS, Carlos Alberto de Andrade (Carlinhos Mercês). **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 11/04/2015.

MERCÊS, Paulo Cezar. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 4/02/2016.

MOTA, Elizeu Lopes da. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 8/06/2020.

OLIVEIRA, Antônio Luiz Coelho. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 2018.

OLIVEIRA, Hernane Mercês de. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 27/98/2019.

PINTO, Marcus Vinicius; NADDEO, André. Fafá de Belém revela: foi 'penetra' em comício das diretas. **Site Terra**, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/fafa-de-belem-revela-foi-penetra-em-comicio-das-diretas,c1b73aff59b45410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso: 19.fev.2021.

QUEIROZ, Luiz Alberto Cravo Pinto de. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 23/08/2019.

REIS FILHO, José. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 20/09/2014.

RODRIGUES, Rosangela Machado Freitas. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 9/04/2019.

ROSA, Euvaldo de Almeida. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 11/02/2016.

SANTOS, Flomario. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 9/04/2019.

SANTOS, João Dias dos. **Entrevista**. Santo Antônio de Jesus, 18/03/2020.

## 2. Fontes secundárias

### 2.1 Verbetes e obras de referência

ALBIN, Ricardo Cravo (Sup.). “Walter Queiroz Jr.”. In: Id. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/ Instituto Cultural Cravo Albin / Paracatu, 2019 Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/walter-queiroz>>. Acesso: 9.dez.2019.

ARAGÃO, Miriam. “Ursicino Queirós”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/ursicino-pinto-de-queiros](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/ursicino-pinto-de-queiros)>. Acesso em 29.nov.2019.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e GIANFRANCO, Pasquino (Org). **Dicionário de política**. Brasília: EDUNB, 1998.

BRASIL, Arte Popular do. **José Alves Siqueira (Zeus)**. 2012. Disponível em: <<http://artepopularbrasil.blogspot.com/2012/10/jose-alves-siqueira-zeus.html>>. Acesso: 14.jul.2020.

CAMPOS, Patrícia; ALDÉ, Lorenzo; BASTOS, Manoel Dourado. “Paulo Salim Maluf”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/paulo-salim-maluf](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/paulo-salim-maluf)>. Acesso em 14.set.2020.

COSTA, Marcelo. MARQUES, Ana Amélia. “Nilo Coelho”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/nilo-augusto-de-morais-coelho](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/nilo-augusto-de-morais-coelho)> Acesso: 15.set.2020.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. “Mario Davi Andreazza”. In: Id. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009a. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/mario-davi-andreazza](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/mario-davi-andreazza)>. Acesso: 14.set.2020.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. “Nelson Carneiro”. In: Id. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2009b. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/nelson-de-sousa-carneiro>>. Acesso: 14.set./2020.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. “Jonival Lucas da Silva”. In: Id. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009c. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/jonival-lucas-da-silva](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/jonival-lucas-da-silva)>. Acesso em 14.set.2020.

GUIDO, Maria Cristina. “Prisco Viana”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em:

<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-humberto-prisco-viana>>. Acesso: 14.set.2020.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro Jorge Zahar. 1997.

LEMOS, Renato. “Antônio Carlos Magalhães”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGC/SPDOC, 2019. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-carlos-peixoto-de-magalhaes](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-carlos-peixoto-de-magalhaes)>. Acesso: 14.set.2019.

MONTEIRO, Maria Carmina; COUTO, André. “Marco Antônio de Oliveira Maciel”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marco-antonio-de-oliveira-maciel-1](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marco-antonio-de-oliveira-maciel-1)>. Acesso: 14.set.2020.

PANTOJA, Sílvia; LEMOS, Renato. “Miguel Arrais de Alencar”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/miguel-arrais-de-alencar](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/miguel-arrais-de-alencar)>. Acesso: 14.set.2020.

RAMOS, Plínio de Abreu. “Golbery do Couto e Silva”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGC/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/silva-golberi-do-couto-e](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/silva-golberi-do-couto-e)>. Acesso: 6.abr.2021.

ROCHA, Fernando. “Francisco Benjamim Fonseca de Carvalho”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-benjamim-fonseca-de-carvalho](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-benjamim-fonseca-de-carvalho)>. Acesso em 14.set.2020.

SOUSA, Juliana. “Rui Bacelar”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGC/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joaquim-rui-paulilo-bacelar](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joaquim-rui-paulilo-bacelar)> Acesso: 14.set.2020.

TOSTE, Alexandra; MARQUES, Ana Amélia. “Josaphat Marinho”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009a. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marinho-josafa](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marinho-josafa)> Acesso: 14.set.2020.

TOSTE, Alexandra; MARQUES, Ana Amélia. “Jutahy Borges Magalhães”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009b. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jutahy-borges-magalhaes](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jutahy-borges-magalhaes)> Acesso: 14.set.2020.

VELASQUÉZ, Musa; ARAGÃO, Miriam; CORREIA, Maria Leticia. “Waldir Pires”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História**

**Contemporânea do Brasil.** Rio de Janeiro FGV, 2019. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-waldir-pires-de-sousa](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-waldir-pires-de-sousa)>. Acesso: 14set.2019.

ZYLBERBERG, Sonia. “José Penedo”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-penedo-cavalcanti-de-albuquerque](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-penedo-cavalcanti-de-albuquerque)>. Acesso: 15.set.2020.

ZYLBERBERG, Sônia; MARQUES, Ana Amélia. João Durval Carneiro. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Biográfico da História Contemporânea do Brasil.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-durval-carneiro](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-durval-carneiro)>. Acesso: 14.set.2020.

## 2.2 Trabalhos acadêmicos

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. As Sombras do Tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo. In: ERTZOGUE, M. H; PARENTE, T. G. (Org.). **História e sensibilidades.** Brasília: Paralelo 15, 2006.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil: 1964-1984.** Petrópolis, Vozes, 1964.

AMORIM<sup>1</sup>, Antônio Jorge Souza. **Poder dos “doutores”, continuísmo e favoritismo: 1985-1995.** 1998. 83 f. TCC – Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 1998.

AMORIM<sup>2</sup>, Antônio Souza. **A política Renatista: as práticas “neocoronelistas” e “neopopulista” em Santo Antônio de Jesus; poder dos “doutores”, continuísmo e favoritismo 1985-1995.** 1998. TCC: Licenciatura em História. UNEB, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: introdução à filosofia.** São Paulo: Moderna, 1993.

ARAUJO, Carla Côrte de. **Os carcarás: política e sociedade na cidade de Jacobina (1966-1973).** 2012. 230 p. Dissertação: Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

ASSIS, Cristina da Anunciação da Silva. Memórias e narrativas dos trabalhadores dos armazéns de fumo: Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil, 1950-70. **Temática:** Población, género e identidade. Cuba, 2013.

ASSIS, Cristina da Anunciação da Silva. **Memórias e narrativas dos trabalhadores dos armazéns de fumo: Santo Antônio de Jesus, Bahia (1950-1960).** 2015. Dissertação: Mestrado em História Social e Local. Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2015.

AZAMBUJA, Darcy. **Introdução a ciência política.** 7e. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

BARBOSA, Maria Lucia Victor. **O voto da pobreza e a pobreza do voto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ UEL, 1988.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A política de perto: recortes etnográficos de campanhas eleitorais. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, no.74, p. 177-194, mar./2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/SXFVwcK3FdXvxxYqmf4DvN/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso: 12.abr.2020

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.

BLUNTSCHLI, Johann Kaspar. **Allgemeine Staatslehre**. 6e. Stuttgart: Verlag der Literarische Artifitischen Unstalt, 1886 [1852].

BOMENY, Helena Maria. Educação e desenvolvimento: o debate nos anos 1950. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O Governo de Juscelino Kubitschek**. Rio de Janeiro: FGC/CPDOC, 2019. Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/Anos1950>>. Acesso: 8.out.2019.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência política**. 18e. São Paulo: Malheiros, 2011.

BOSI, Cléa (Apud). MENEZES, Jaci Ferreira; SANTANA, Elizabete Conceição (Org). **Processos civilizatórios: educação, memória e pluralidade cultural**. Salvador, EDUNEB, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2e. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CAMARGO, Carla Souza. Entre partidos políticos, facções, redes e famílias: o que são os grupos políticos no sertão de Pernambuco? **Caderno de Campo**, São Paulo, n. 23, p. 1-381, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/80087/97131/170987>>. Acesso: 13.jul.2020.

CARVALHO, José Murilo de. “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual”. In: Id. **Pontos e bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 15e. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASTRO, Celso. O golpe de 1964 e a instauração do regime militar. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Fatos e Imagens: o golpe de 1964**. Rio de Janeiro: FGC/CPDOC, 2019. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>>. Acesso: 8.jan.2019.

COSTA, Alex Andrade. **Uma cidade, várias histórias: Santo Antônio de Jesus século XIX e XX**. Santo Antônio de Jesus: União, 2010.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. **Tradição, autocracia e carisma: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974)**. Belo Horizonte: UFMG/ IUPERJ, 2006.

DREIFUSS, René. **A conquista do Estado: ação política e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. **História da Educação/ASPHE**, Pelotas, n. 8, p. 140-174, 2000.

FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº 331, p. 314-332, dez;/2002.

FICO, Carlos. “Censura e propaganda: os pilares básicos da repressão”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O tempo da ditadura**: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 2e. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org). **O Brasil republicano**: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fim do século XX. 5e. Brasília: Civilização Brasileira, 2012. vol. 4, p.274

FRAZÃO, Dilva. “Santo Antônio de Pádua: santo da Igreja católica”. In: Id; AIDAR, Laura (Org.). **E-biografia**: biografias de famosos, resumo da vida, obras, carreira e legado. 2019. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/santo\\_antonio\\_de\\_lisboa/](https://www.ebiografia.com/santo_antonio_de_lisboa/)>. Acesso: 27.nov.2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49e. São Paulo: Global, 2004 [1933].

GOMES, Ângela de Castro. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”. In: FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRINBERG, Lucia. **Partido político ou bode expiatório**: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979. Rio de Janeiro: Maud X, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. [Tradução de Laurent Léon Schaffter]. São Paulo, Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1936].

HUME, David. **Essays**: moral, political, and literary. São Paulo: Abril, 1985.

JACOBINA, André Teixeira. **Clivagens partidárias**: ARENA e MDB baianos em tempos de distensão (1974-1979). 2010. 93p. Dissertação: Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

JANOTI, Maria de Lourdes Mônaco. **O coronelismo**: uma política de compromissos. São Paulo: Brasiliense, 1992.

KELLER, Suzanne. **O destino das elites**. Rio de Janeiro, Forense, 1967.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/ EDPUC-RIO, 2006.

MAGALHÃES, Antônio Carlos. **Discurso do governador da Bahia**. Diário Oficial do Estado da Bahia, Salvador, ano 64, n. 11554, 30/05/1980.

MANNHEIM, Karl. **Man and society in age of reconstruction**: studies in modern social structure; with a bibliographical guide to the study of modern society. 2<sup>nd</sup>e. London: K. Paul, Trench, Trubner & Co., 1946.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**: comentado por Napoleão Bonaparte. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARROU, Henri-Irénée. **Do conhecimento histórico**. Lisboa: Editorial Aster, 1975.

MASCARENHAS, Antônio. Morre, em Santo Antônio de Jesus, o ex-vereador Bomfim Mercês, o criador do folclórico “Jegue Trio”. **TV SAJ**, Santo Antônio de Jesus, 17/10/2011. Disponível em: <<https://www.tvsaj.com/2011/10/morre-em-santo-antonio-de-jesus-o-ex.html>>. Acesso: 15.jan.2020.

MATHIAS, Maíra. **Antes do SUS**: Como se (des)organizava a saúde no Brasil sob a ditadura. 2018. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=antes-do-sus>>. Acesso: 30.set.2019.

MATHIAS, Suzeley Kalil. **A militarização da burocracia**: a participação militar na administração federal das Comunicações e da Educação 1963-1990. São Paulo: UNESP, 2004.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9-23, 1992. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497>>. Acesso: 15.jun.2020.

MOREIRA, Jeovanio. **Poder local e clientelismo político**: a experiência eleitoral no município de Dom Macedo Costa (1988-2016). 2018. Trabalho de Conclusão de Curso: Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2018.

MILLS, Wright C. **A elite do poder**. 4e. Rio de Janeiro: Zahar, 1982 [1968].

MOSCA, Gaetano. “A teoria da classe política dirigente”. In: Id; BOUTHOU, Gaston. **História das doutrinas políticas**: desde a antiguidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MOSCA, Gaetano; FERRERO, Guglielmo. “Storia di un’amicizia”. In: MONGARDINI, Carlo (Org.). **Il carteggio**: 1896-1934. Milano, Dott. A. Giuffrè, 1980.

MOTA, Cristiane Lopes da. **O golpe de 1964 e suas reverberações em Santo Antônio de Jesus**: 1960-1983. 2013. Dissertação – Mestrado em História Regional e Local. Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira**: utopia e massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2001.

NERCOLINI, Marildo José. A Música Popular Brasileira repensa identidade e nação. Revista **FAMECOS**, Porto Alegre, ano 13, n. 31, p. 125-132. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3402>>. Acesso: 10.maio.2020.

NICOLAU, Jairo César Marconi. O sistema eleitoral de lista aberta no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, p. 689-720, 2006. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/e5cvscx>>. Acesso: 9.dez.2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática do lugar. [Tradução: Yara Aun Houry]. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez./1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso: 12.dez.2019.

PALMEIRA, Moacir, HEREDIA, Beatriz M. de. **Política Ambígua**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2010.

PARETO, Vilfredo. **Trattato di sociologia generale**. Firenze: G. Barbera, 1923.

PASSOS, Ana Lucia Santos dos. **Santo Antônio de Jesus numa perspectiva geográfica: memórias e paisagens**. 2010. 150f.: il. Dissertação – Mestrado em Geografia. Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

POLLAK. Michel. Memória, esquecimento, silêncio. [Tradução: Dora Flaksman]. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso: 21.jul.2020.

PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luta e senso comum”. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

QUADROS, Edilma Oliveira Souza. **Transformações na cidade: vivências urbanas em Santo Antonio de Jesus/Ba (1950-1970)**. 2009. Dissertação – Mestrado em História Regional e Local. Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, 2009.

QUEIROZ JR., Walter Pinheiro de. **Jacu Afoxé**. Arranjos: Ruy Quaresma. Carnaval. Salvador- BA, 1981.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “O coronelismo numa interpretação sociológica”. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: DIFEL, tomo 3, vol.3, 1975.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Toponímia dos municípios baianos: descrição, história, mudanças**. 2008. 572p. il. Tese – Doutorado em Letras e Linguística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31683>>. Acesso: 18.set.2020.

REIS, Fernanda Teixeira. **Política mandonista no estado da Bahia: o fenômeno político do carlismo e as sucessivas estratégias de adaptação da elite política baiana**. 2010. 130 p. Dissertação: Mestrado em Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

REIS, Palhares Moreira. **As duras eleições nordestinas**. Recife. Asa, 1985.

RÉMOND, René. **O século XIX: 1815-1914**. 8e. São Paulo: Cultrix, 2002.

REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: EDUFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 1997.

ROCHA SOBRINHO, João. **Uma história da cidadania de exercício no Brasil**. Feira de Santana: Ed. do Autor, 2010.

SANTOS, Daniel Francisco dos; SANTANA, Maria da Conceição de. As irmãs mercedárias e a sua influência na educação santantoniense. In: I ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2002, Ilhéus. **História, Cidades e Sertões**. Ilhéus: ANPUH-BA, 2002. p. 175-176. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/6830488-As-irmas-mercedarias-e-a-sua-influencia->



na-educacao-santantoniense-santos-daniel-francisco-dos-santana-maria-da-conceicao-de.html>. Acesso: 13.ago.2020

SANTOS, Miguel Cerqueira dos. **O dinamismo urbano e suas implicações regionais**: o exemplo de Santo Antônio de Jesus, BA. Salvador: EDUNEB, 2012.

SILVA, Eduardo Moreira. **Clientelismo, cultura política e desigualdades sociais**: tópicos do caso brasileiro após a redemocratização. 2007. Dissertação – Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “O governo Geisel e a abertura política”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org). **O Brasil republicano**: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fim do século XX. 5e. Brasília: Civilização Brasileira, 2012, vol. 4, p. 1-35.

SILVA, Suely Braga da. “50 anos em 5: o plano de metas”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O Governo de Juscelino Kubitschek**. Rio de Janeiro: FGC/CPDOC, 2019. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/PlanodeMetas>>. Acesso: 8.out.2019.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Castelo a Tancredo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava-jato, São Paulo: Leya, 2017.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALESCO, Maria Cecília e Cruz; LEAL, Maria das Graças de Andrade; PINHO, José Ricardo Moreno. **Histórias e espaços portuários**: Salvador e outros portos. Salvador: EDUFBA, 2016.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história**. 3.e. [Tradução: Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp]. Brasília: UnB, 1995.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. [Tradução de Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota]. 16e. São Paulo: Cultrix, 2000 [1985].

WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os clássicos da política**. 3e. São Paulo: Ática, 2010 [1991].

ZIRKER, Daniel. Hugo Abreu e Afonso de Albuquerque Lima: a mudança quixotesca da linha dura para o centro. **História**, Rio Grande, ano 5, n. 2, p. 325-360, 2014.